



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

“SENHORES DO ORVALHO” NA BAGAGEM
A LITERATURA NAS EXPERIÊNCIAS DE HAITIANOS NO BRASIL

TAÍSE STAUDT

Foz do Iguaçu

2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS
LATINO-AMERICANOS (PPG IELA)**

“SENHORES DO ORVALHO” NA BAGAGEM
A LITERATURA NAS EXPERIÊNCIAS DE HAITIANOS NO BRASIL

TAÍSE STAUDT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientadora: Profa. Dra. Lívia Santos de Souza

Foz do Iguaçu

2022

TAÍSE STAUDT

“SENHORES DO ORVALHO” NA BAGAGEM

A LITERATURA NAS EXPERIÊNCIAS DE HAITIANOS NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa.Dra. Lívia dos Santos de Souza
UNILA

Prof. Prof. Dr. Handerson Joseph
UFRGS

Prof. Prof. Dr. Ricardo Machado
UFFS

Profa. Dra. Vanessa Massoni da Rocha
UFF

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

S798

Staudt, Taíse.

"Senhores do Orvalho" na bagagem: a literatura nas experiências de haitianos no Brasil / Taíse Staudt. - Foz do Iguaçu-PR, 2022.

180 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu-PR, 2022.

Orientador: Profa. Dra. Lívia Santos de Souza.

1. Literatura Haitiana. 2. Diáspora. 3. Identidade. 4. Caribe. I. Souza, Lívia Santos de. II. Título.

CDU 821.133.1(729.4)

Dedico este trabalho a todos os Manueis,
Annaïses e Déliras em mobilidade pelo
mundo.

AGRADECIMENTOS

Sou grata pelas pessoas que me acompanham nas caminhadas da vida, assim como sou grata pelas pessoas que impulsionam movimentos. Quero agradecer, neste sentido, meu amigo Roberson Damis, que está comigo desde o início da minha caminhada pelo universo haitiano, me guiando, andando comigo, descobrindo e compartilhando. Da mesma maneira, agradeço à Marie Merlande Divers e a Louis Sainne Bernadel, que compartilharam comigo suas memórias e histórias de vida e, certamente, sem toda a caminhada com vocês esta pesquisa não seria possível.

Agradeço profundamente a Loudmia, o Eddy, o Wendy, a Asmara, o Clefaude, o Alix, a Djanami e o Christopher. Obrigada pela abertura, pelos compartilhamentos, pelos aprendizados. Certamente cada um de vocês tem um papel muito importante nesse trabalho e a partir de agora, na minha vida.

Agradeço a todas as pessoas que participaram do Clube Leia-Haiti e que construíram junto comigo e com os autores haitianos um pouco dessa bonita relação que tento trazer nesta pesquisa. Agradeço em especial as pessoas que realizaram as mediações: Jean Dieumettre, Christopher Rive St Vill, Tathiana Gonzaga de Lacerda Abreu e Vanessa Massoni Rocha.

Agradeço às professoras e professores que sempre incentivaram e abriram caminhos para mim. Professora Claudete Gomes Soares, professor Ricardo Machado, professor Bruno Miranda e professor Handerson Joseph. Atualmente, incluo nessa rede a professora Vanessa Massoni Rocha que vem me ensinando sobre a beleza da literatura caribenha, da qual não pretendo mais me desvincular. Um agradecimento muito especial para minha orientadora, professora Lívia Santos de Souza, que apesar de todas as desaventuras de uma dissertação durante uma pandemia, deixou tudo mais fácil através da literatura e do afeto. Agradeço imensamente pelas descobertas que fizemos juntas e por tudo que realizamos. Uma parceria acadêmica e de vida, que certamente não termina com essa dissertação, foi apenas o início.

Agradeço a CAPES e as políticas públicas que possibilitam que pessoas como eu cheguem até aqui. Agradeço à família e amigos pelo suporte, pelo carinho e pelos desabafos. Obrigada a cada uma e a cada um!

“Sim, é bem verdade”, pensa Manuel. “A vida é a vida: por mais que se tomem atalhos, que se faça um longo desvio, a vida é um retorno contínuo. Os mortos, dizem, voltam à Guiné e mesmo a morte é apenas outro nome para a vida. O fruto apodrece na terra e alimenta a esperança da árvore nova.”

“Senhores do Orvalho”, Jacques Roumain

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a relação da comunidade haitiana em mobilidade no Brasil com a obra literária “Senhores do Orvalho” (1944), escrita pelo político, escritor e pesquisador haitiano Jacques Roumain, estabelecendo a relevância identitária da obra em relação aos elementos culturais e políticos do Haiti para sujeitos atualmente em condição de diáspora. Para alcançar estes objetivos, realizo entrevistas e utilizo a metodologia de História Oral com oito haitianos/as que vivem em diferentes lugares do Brasil, e parto das informações relatadas dos entrevistados para refletir sobre os elementos históricos, sociais, políticos e identitários que a obra possui para a comunidade haitiana. Utilizo como ferramenta metodológica a atitude interdisciplinar e me dedico ao referencial bibliográfico produzido por intelectuais caribenhos e latino-americanos, que abrangem da melhor forma o universo que me proponho a analisar e refletir. Os principais resultados da pesquisa demonstram como a historicidade e as disputas coloniais estão representadas no universo literário - escrito e oral – haitiano. Nesse sentido, a obra “Senhores do Orvalho” carrega uma expressão importante tanto sobre a identidade revolucionária haitiana quanto em relação à comunidade imaginada que se pretende para o país. Para os sujeitos em mobilidade, o enredo e potência da obra e do personagem principal, Manuel, são uma forma de estar próximos à realidade diária do Haiti, mas também integram um projeto de transformação que cada sujeito haitiano carrega, como sonho de melhorar e transformar a realidade ao seu redor e como plano de melhorar o Haiti. A literatura aparece como uma forma de relação direta com a história, identidade e ancestralidade do Haiti, uma ligação com a potência da Revolução que ocorreu no país e media os planos de futuro da nação. A pesquisa busca contribuir com um projeto de valorização da produção intelectual, cultural e literária haitiana proporcionando produção sobre esta área no Brasil, além de propor novos olhares sobre o espaço da literatura no cenário haitiano, da multiplicidade e beleza da literatura caribenha e do espaço destas na diáspora.

Palavras-chave: Literatura haitiana. Diáspora. Identidade. Caribe.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo comprender la relación de la comunidad haitiana en movilidad en Brasil con la obra literaria "Gobernadores del Rocío" (1944), escrita por el político, escritor e investigador haitiano Jacques Roumain, estableciendo la relevancia identitaria de la obra en relación con los elementos culturales y políticos de Haití, para los sujetos actualmente en condición de diáspora. Para lograr estos objetivos, realice entrevistas utilizando la metodología de la Historia Oral con ocho haitianos que viven en diferentes lugares de Brasil y utilizo la información reportada por los entrevistados para reflexionar sobre los elementos históricos, sociales, políticos y de identidad que el trabajo tiene para la comunidad haitiana. Utilizo como herramienta metodológica la actitud interdisciplinaria y me dedico al referencial bibliográfico producido por intelectuales caribeños y latinoamericanos, que cubren de la mejor manera el universo que me propongo analizar y reflexionar. Los principales resultados de la investigación demuestran cómo se representan la historicidad y las disputas coloniales en el universo literario -escrito y oral- haitiano. En este sentido, la obra "Gobernadores del Rocío" conlleva una importante expresión tanto de la identidad revolucionaria haitiana como de la comunidad imaginada que se pretende para el país. Para los sujetos en movimiento, la trama y la fuerza de la obra y del personaje principal, Manuel, son una forma de estar cerca de la realidad cotidiana de Haití, pero también integran un proyecto de transformación que cada sujeto haitiano lleva consigo, como un sueño de mejorar y transformar la realidad que le rodea, y como un plan para mejorar Haití. La literatura resulta ser una forma de relación directa con la historia, la identidad y la ascendencia de Haití, un vínculo con el poder de la Revolución que tuvo lugar en el país y media en los planes de la nación para el futuro. La investigación busca contribuir a un proyecto de valorización de la producción intelectual, cultural y literaria haitiana, aportando producción sobre esta área en Brasil, además de proponer nuevas miradas sobre el espacio de la literatura en el escenario haitiano, la multiplicidad y la belleza de la literatura caribeña y su espacio en la diáspora.

Palabras clave: Literatura haitiana. Diáspora. Identidad. Caribe.

REZIME

Rechèch sa a gen pou objektif konprann relasyon kominote ayisyen an ki an mobilite nan peyi Brezil ak zèv literè "Mèt Lawouze" (1944) ekri pa politisyen, ekriven ak chèchè ayisyen Jacques Roumain, ki tabli enpòtans idantite zèv la pa rapò ak eleman kiltirèl ak politik Ayiti, pou sila yo ki nan kondisyon dyaspora kounye a. Pou atenn objektif sa yo, mwen fè entèvyou kote mwen itilize metodoloji Istwa Oral la ak uit ayisyen ki abite diferan kote nan peyi Brezil e ki mwen baze sou enfòmasyon yo rapòte mwen pou m reflechi sou eleman istorik, sosyal, politik ak idantite zèv la genyen pou kominote ayisyen an. Mwen sèvi ak entèdisiplinè kòm zouti metodolojik e mwen konsakre tèt mwen nan referans bibliyografik entelektyèl Karayib ak Amerik Latin yo pwodui, ki pi byen kouvri linivè mwen pwopoze analize ak reflekte. Rezilta prensipal rechèch la montre kijan istorikite ak diskisyon kolonyal yo reprezante nan linivè literè - ekri ak oral - ayisyen an. Nan sans sa a, travay "Mèt Lawouze" pote yon ekspresyon enpòtan ni sou idantite revolisyonè ayisyen an, ni pa rapò ak kominote imajine ki destine pou peyi a. Pou sila yo ki an mouvman, istwa ak puisans zèv la ak pèsonej prensipal la, Manuel, se yon fason pou yo pi pre reyalyte chak jou an Ayiti, men tou, yon pati nan yon pwojè transfòmasyon ke chak sitwayen ayisyen pote, kòm yon rèv pou amelyore ak transfòme reyalyte antouraj li, e kòm plan pou amelyore Ayiti. Literati pwouve se yon fòm relasyon dirèk ak istwa, idantite ak zansèt peyi Dayiti, yon lyen ak pouvwa Revolisyon na ki te fèt nan peyi a ak medyatè plan pou lavni nasyon an. Rechèch la ap chèche kontribye nan yon pwojè valorizasyon pwodiksyon entelektyèl, kiltirèl ak literè ayisyen an, bay pwodiksyon sou domèn sa a nan peyi Brezil, anplis pwopoze nouvo pèspektiv sou espas literati a nan senaryo ayisyen an, miltiplisite ak bote literati Karayib la ak espas sa yo nan dyaspora a.

Mo kle: Literati ayisyen. dyaspora. Idantite. Karayib.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
Percursos, encontros e caminhos que levam à literatura haitiana	8
Oralidade e interdisciplinaridade: metodologias e entrevistadas/os	10
Estrutura e debates: uma pesquisa em/sobre movimentos	22
2 O HAITI: HISTÓRIA E LITERATURA	29
2.1 HISTORICIDADE E SILENCIAMENTO	30
2.2 A LITERATURA E A POLÍTICA DE JACQUES ROUMAIN	35
2.3 QUEM SÃO OS “SENHORES DO ORVALHO”?	41
2.4 AS LÍNGUAS, ORALIDADE, LEITURA E LITERATURA	51
3 MOBILIDADE E IDENTIDADE: MANUEL FOI UM DIÁSPORA	64
3.1 ESTAR EM MOVIMENTO É UMA IDENTIDADE	65
3.2 A LITERATURA E O CARIBE NA BAGAGEM	69
3.3 “FOI DE CUBA QUE VOCÊ TROUXE ESSAS IDEIAS?”	86
3.4 "SENHORES DO ORVALHO" É O HAITI	97
4 ESTAR NO BRASIL: A LITERATURA COMO ALICERCE IDENTITÁRIO	109
4.1 O BRASIL SONHADO E O BRASIL REAL	111
4.2 O QUE MAIS VEM NA BAGAGEM? MANUEL ESTÁ NO BRASIL	124
4.3 LITERATURA COMO FORMA DE RELAÇÃO COM A HISTÓRIA	134
4.4 FONDS-ROUGE COMO UM PROJETO DE HAITI	148
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
Um pouco sobre o percurso percorrido: as limitações e as expansões	155
As descobertas: ligações temporais e afetivas da literatura	159
Perguntas que são deixadas para o futuro: o fim e o começo	162
REFERÊNCIAS	168
APÊNDICE A – ROTEIRO BASE DE PERGUNTAS	175
APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO APLICADO	179

1 INTRODUÇÃO

Percursos, encontros e caminhos que levam à literatura haitiana

Em agosto de 2016, quando cursava o quinto semestre de Licenciatura em História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Chapecó, tive a oportunidade de participar como bolsista de um projeto de pesquisa que buscava aproximar-se dos processos de integração da comunidade haitiana na cidade de Chapecó-SC, analisando como a racialização da branquitude e da negritude influenciavam a sociabilidade e a integração da comunidade migrante. Esta pesquisa de extrema importância para o contexto em que foi realizada, abriu para mim um universo de conhecimentos e contatos. Para iniciar a pesquisa, era necessário nos aproximar primeiramente do Haiti e da comunidade haitiana que vivia na cidade e que estava presente com força no espaço da universidade.

A partir deste momento, o Haiti, o Caribe e a mobilidade transformaram a minha formação. Passei a me dedicar a pesquisas e à realização de outros projetos culturais com a comunidade haitiana residente em Chapecó. A literatura haitiana então surgiu nos diálogos, e com a primeira leitura da obra “País sem Chapéu” de Dany Laferrière, em 2017, uma realidade se projetou facilmente em meu imaginário com os cenários urbanos e rurais, com os diálogos e expressões que só podem ser ditas em crioulo, com a presença forte e constante do vodu. Antes, eu estava conhecendo o universo haitiano através de trabalhos acadêmicos, entrevistas e conversas. Com a literatura, todo esse universo me foi apresentado de outra forma, passei a me aproximar da língua, da música, dos ritmos, dos provérbios, dos espaços dos vivos e dos mortos, dos *loás*¹.

Para o trabalho de conclusão de curso de graduação realizei entrevistas de histórias de vida com migrantes haitianos que vivem (viveram) na região oeste de Santa Catarina, entrevistas longas que buscam memórias e sentimentos. Foi durante uma destas entrevistas que o nome de Jacques Roumain foi citado e percebi que não era a primeira vez que ouvia da comunidade haitiana este nome. Um romance de Roumain, “*Gouverneurs de la Rosée*”, foi escolhido para ocupar o limitado espaço da pequena mala

¹Os *loás* são as divindades da religiosidade Vodou, praticada no Haiti.

que acompanharia este jovem de apenas 19 anos para a sua jornada de mobilidade. Um livro que, segundo ele, necessitava ser relido constantemente, independente do lugar do mundo que estivesse e quanto tempo tivesse passado. A forma como aquela literatura era importante para aquele jovem, me fascinou. Passei a buscar e dialogar mais com a comunidade haitiana sobre a literatura do Haiti e ela se apresentou como um grande orgulho para o país. Jacques Roumain passou a ser um tema frequente nas conversas e sempre citado com muita admiração. Com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) da UFFS, juntamente com a comunidade de estudantes e pesquisadores haitianos, realizamos encontros para conversar sobre algumas obras literárias haitianas, entre elas, o famoso romance de Jacques Roumain.

Após a graduação, com incentivo e apoio de professores, eu e aquele jovem que trouxe o livro de Roumain na sua mala, hoje meu grande amigo Roberson Damis, submetemos um projeto ao Edital das Linguagens da cidade de Chapecó. Fomos aprovados neste edital com propósito a subsidiar projetos culturais, e realizamos durante o ano de 2019 e início de 2020, um projeto que teve como proposta maior aproximação e integração da comunidade de brasileiros e haitianos na cidade de Chapecó - através de eventos culturais que nos aproximaram da história, cultura, língua, música, comida, religião e outros aspectos considerados importantes pela comunidade - e a publicação, em forma de livro, da minha pesquisa de monografia com as histórias de vida de três destes diásporas, publicada com o título “Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil”.

Concomitantemente, havia outra questão que era colocada com frequência pela comunidade haitiana nas entrevistas e conversas: a forma como nós, o restante do mundo, olha para o Haiti. Por que a insistência em ouvir (e falar) apenas sobre as suas dificuldades? Era visivelmente um incômodo muito grande que perguntas sobre a fome, pobreza, guerra e terremotos ocupassem uma posição tão central no imaginário sobre o país. Não que estas questões não representem duras realidades, mas porque o Haiti não se reduz a estes elementos. Há belezas naturais incomparáveis, eles e elas diziam, as praias, os intelectuais e artistas importantes, uma cultura popular repleta de características interessantes e uma história de revolução e resistência. Passei a me questionar sobre o que seria interessante investigar no sentido de algo que tratasse do

universo histórico, político e social do Haiti e também gerasse orgulho e representasse a potência silenciada desta população. O caminho da literatura se trilhou quase que por si só.

É deste movimento, brevemente apresentado, que surgem os questionamentos que levaram a esta pesquisa. O que pretendo com a realização deste trabalho é aproximar-me da importância e da relação de haitianos em mobilidade no Brasil com a literatura do seu país de origem, entendendo a relação com a leitura, a literatura e os significados que elas adquirem para sujeitos em mobilidade. Como forma de aprofundamento e em reflexo as minhas experiências anteriores, optei por debruçar-me sobre a obra “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain e investigar que elementos deste romance possuem tamanha relevância para que fosse tão frequentemente lembrado, lido e ocupasse os espaços tão limitados das bagagens de haitianos que vêm para o Brasil.

Oralidade e interdisciplinaridade: metodologias e entrevistadas/os

Este trabalho de investigação, é necessário pontuar, está carregado de afeto. A minha caminhada de pesquisa, relacionada aos processos migratórios e de sociabilidade da população haitiana no Brasil, envolve um universo de laços, ligações, conexões e aprendizados que me levaram a esta pesquisa. Para tentar me aproximar desta conexão entre as pessoas em mobilidade (sujeitos que vivem enfrentando dificuldades desde a comunicação linguística até sofrendo grandes ataques xenofóbicos e racistas) com uma obra literária que lhes é muito simbólica em seus significados e representações, é necessário determinada sensibilidade e afeto. Me determino como pesquisadora, mas não uma pesquisadora sem posicionamento ou envolvimento com a obra literária ou os entrevistados. Acredito na necessidade do envolvimento, da ligação e sobretudo, no afeto. Sendo esta pesquisa interdisciplinar e que pretende romper com a estrutura colonialista de relações e formas de realizar pesquisas, nada mais necessário do que posicionamentos explícitos e uma postura preocupada com a humanização da investigação, o que envolve poder sentir.

A ideia de afastamento do “objeto” de pesquisa carrega uma concepção ultrapassada, que coloca a pesquisadora no papel de intelectual e produtora de conhecimento, enquanto aquilo ou aqueles que se pesquisa num papel de objeto, passivo, observado. Esta perspectiva não cabe para esta pesquisa. É importante ressaltar que não me proponho a “dar voz” à população haitiana que vive no Brasil, já que possuem sua própria voz e total capacidade de contar suas próprias histórias. Afinal de contas, estamos falando de uma população que nasce em um país que escreve sua própria história, única e potente desde a Revolução Haitiana. A minha proposta como pesquisadora é a de me colocar no papel de escuta, de utilizar os meus espaços e a partir do meu lugar, ouvir, investigar e divulgar o que a comunidade haitiana tem a dizer sobre o tema.

É minha proposta também incentivar a circulação e divulgação da produção literária haitiana no Brasil, entre a comunidade acadêmica e não acadêmica. É intenção de, junto com a comunidade haitiana, aproximar um pouco mais o Brasil de toda a beleza do Haiti e de sua população que atualmente compartilha território, universidades, trabalhos e vidas conosco. Segundo Leonor Arfuch, é neste movimento de diálogo que, como pesquisadoras, nos colocamos de forma mais aberta perante a experiência, voz e palavra do outro:

E é justamente a concepção bakhtiniana da linguagem e da comunicação, sua elaborada percepção de dialogismo como movimento constitutivo do sujeito, que permite que nos situemos diante dessa materialidade discursiva da *palavra do outro*, numa posição de escuta compreensiva e aberta à pluralidade. Pluralidade de línguas - *heteroglosia* -, dialetos, gírias, registros que, longe de constituir compartimentos estanques, se intersectam, criando, em sua diferença, um sincretismo inventivo das culturas. Pluralidade das vozes - *polifonia* -, que marcam os cruzamentos, as heranças, as valorações cunhadas pela história e pela tradição, que não deixam de falar na sua própria voz (ARFUCH, 2010. p.259).

Parto da proposta de investigação de entender a relevância da obra literária, “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain para a comunidade haitiana que está atualmente em mobilidade no Brasil. Para isto, optei pela realização de entrevistas e utilizo da metodologia de História Oral, baseando-me principalmente na produção teórica de Verena Alberti (2004; 2011; 2013). A autora enfatiza em sua produção a relevância cada vez mais eminente da fonte oral como uma forma de acessar determinadas questões históricas e contemporâneas, trazendo como parte integrante das pesquisas

não apenas o documental que podemos acessar pelo escrito, mas as memórias e a oralidade, a maior inclusão de sujeitos históricos comuns que por muitos anos foram diminuimos pela historiografia tradicional e pela ciência elitista.

Como continuidade do debate em relação às posições de pesquisadora perante o tema, enfatizo a escolha da metodologia da História Oral como um aparato que possibilita o desenvolvimento e alcance dos objetivos da pesquisa na mesma medida em que respeita profundamente o caráter sensível que se pretende estabelecer. Para representação, trago uma passagem de Aspásia Camargo, no texto de apresentação da primeira edição do Manual de História Oral de Verena Alberti, organizado pelo Programa de História Oral do CPDOC:

E este talvez seja também um trabalho essencial do programa: pensar a história oral como um esforço *interdisciplinar* e de equipe, no qual não devem faltar os rigores da pesquisa histórica e da etnografia, a visão global da sociologia e a sensibilidade de abordagem da psicanálise e da psicologia. Este último é aspecto dos mais relevantes, tendo em vista que a entrevista ganha maior dimensão quando resulta da cumplicidade prolongada entre entrevistador e entrevistado, cabendo ao pesquisador construir ao mesmo tempo, com seu entrevistado, uma relação de sensibilidade e de rigor; de adesão no processo de compreender e de crítica atenta no processo de indagar; de reconstrução e questionamento (ALBERTI, 2004. p.14).

Desta forma, tanto a atitude interdisciplinar, quanto a sensibilidade para olhar ao tema e a intenção de valorização das experiências e da oralidade, trabalham de forma conjunta e em harmonia com a metodologia de história oral.

Localizo esta pesquisa em uma linha interdisciplinar utilizando como referência os estudos de Ivani Fazenda (2008; 2012). Para Fazenda, a interdisciplinaridade é uma prática que não é responsabilidade de uma área específica da ciência, mas está relacionada à atitude interdisciplinar, ato de diálogo entre diversas áreas do conhecimento sobre determinado tema ou com objetivo de responder determinadas perguntas. Para a autora, a interdisciplinaridade é construída no processo, é uma categoria de ação perante o conhecimento e é um dos posicionamentos que assumo. As principais áreas a dialogar nesta pesquisa são as de ciências humanas, análises historiográficas e história do tempo presente, a antropologia, ciência política, geopolítica, a sociologia, linguística e literatura comparada. A finalidade da utilização da interdisciplinaridade se dá ao próprio tema de pesquisa, pois envolve universos completos e em movimento, e o olhar interdisciplinar

para ele pode possibilitar uma análise mais próxima aos objetivos. Para além disso, a interdisciplinaridade é também o movimento de questionamento à produção do conhecimento de forma fragmentada, individualista e racionalista ainda predominante, que não é menos importante, mas por vezes, limitada.

Os dois conceitos principais que serão citados no decorrer da pesquisa são o da identidade e da mobilidade. Identidade é um conjunto de características individuais de um sujeito ou grupo social, que compartilha de determinados aspectos, e mobilidade processos migratórios de sujeitos ou grupos por diferentes razões. Para Stuart Hall (2015; 2003), pensar as identidades caribenhas, grupo no qual se inclui a haitiana, é também investigar uma pluralidade imensa que está diretamente ligada com a mobilidade na sua formação. O autor aponta para o fato de que, no caso do Caribe, todos pertenciam originalmente a outro lugar; é grande a quantidade de povos diferentes que se encontram aí. Estas identidades não estão marcadas por continuidades familiares ou de memória, mas por rupturas, violência, escravidão e tutela colonial. Neste sentido, é impossível desvincular as análises de identidade e de mobilidade das experiências caribenhas, sendo que sua ligação está historicamente atrelada.

Frisadas estas questões metodológicas importantes, descrevo um pouco mais sobre como se deu o processo de organização e realização das entrevistas. Antes de mais nada, é importante ressaltar que esta pesquisa foi atravessada pela pandemia global acarretada pelo vírus COVID-19 ainda no primeiro mês de realização. Isto significa que todo o processo de campo - que envolve organização, abordagens de entrevistados, explicações, realização das entrevistas, preenchimentos de documentos, etc - precisou ser repensado e realizado exclusivamente por meio de redes sociais e plataformas digitais. A pandemia dificultou e limitou de forma severa todas as etapas desta pesquisa, mas com as adequações necessárias e apoio de uma rede de pesquisadoras/pesquisadores brasileiros e haitianos, foi possível realizar as etapas fundamentais e alcançar os objetivos.

Realizei um total de oito entrevistas com haitianos/as em mobilidades no Brasil. Estes sujeitos, que vivem atualmente em diferentes cidades do país e atuam em diversas áreas profissionais, foram escolhidas de acordo com o interesse, disponibilidade e

proximidade com o tema de pesquisa. A grande maioria das entrevistas foi realizada com pessoas que me foram indicadas por colegas, amigos haitianos e haitianas e outras que demonstraram interesse ao saber sobre a pesquisa. Como indica o material teórico, dialoguei previamente com todas/os as/os participantes explicando os objetivos da pesquisa e a metodologia. Todos/as receberam documento de Termo de Consentimento, que foi preenchido e assinado, lhes dando as informações sobre a pesquisa e pesquisadora, e informando seus direitos. Optei pela utilização de nomes fictícios para preservação da identidade dos participantes e evitar eventuais constrangimentos.

Considerando que a pesquisa foi realizada durante o contexto de pandemia do COVID-19, diante das adversidades, diversas adequações foram necessárias. A principal delas está relacionada à realização das entrevistas, que precisaram ser feitas por meio de plataformas digitais. A não possibilidade de contato pessoal presencial dificultou muito uma das etapas mais importantes do processo de realização de entrevistas, que é a aproximação entre pesquisadora e entrevistado, antes da ligação do gravador ou da assinatura de documentos. Em minhas experiências anteriores, pude perceber a importância que o diálogo inicial possui, pois é o momento onde convenço o participante da relevância de sua participação na pesquisa e de que meus objetivos são positivos para ele/a e para a comunidade que ali representa. Além disso, depois do desenrolar da entrevista, existe o momento após o desligar do gravador, que quando presencial, dá maiores margens para a continuidade do diálogo tomando um café, na caminhada até o ônibus, etc. Estes momentos, mesmo que não gravados e utilizados diretamente no texto, são extremamente importantes para a aproximação, para a formação e fortificação dos laços. Com a pandemia e realização das entrevistas de forma virtual, este momento foi afetado, pois o diálogo através de uma tela não permite a mesma pessoalidade.

O contexto também limitou o conjunto e características dos e das entrevistados. Inicialmente, o projeto objetivava entrevistar um número maior de pessoas e com uma variedade maior de características, como por exemplo, variação de gênero, idade e profissão. No entanto, houve uma dificuldade de estabelecer contato (pré e pós entrevista) apenas de forma digital e o fato de encontrar pessoas dispostas a este processo de pesquisa durante um momento tão conturbado que gerou tantas dificuldades sociais e psicológicas a todas as pessoas. Pelo acesso necessário a uma estrutura

(computador/celular, microfone, câmera, internet estável, conhecimentos básicos da tecnologia), foi mais difícil encontrar pessoas com possibilidade de realizar a entrevista, e o grupo se limitando mais a comunidade mais jovem e envolvida com o meio acadêmico. Quanto a variação de gênero, busquei ao máximo uma divisão igualitária, mas foi também difícil de alcançar, pois além das limitações já citadas anteriormente, o contingente de mulheres haitianas no meio acadêmico é ainda inferior ao masculino e existem outras estruturas linguísticas e de poder que limitam ainda mais o acesso das mulheres haitianas aos espaços de estudo, trabalho e sociabilidade².

Há outras questões importantes a ressaltar quanto ao grupo de entrevistados. Para a realização da entrevista em português e também pelo intuito de investigar sobre as experiências de sociabilidade no Brasil, opto por pessoas que já estejam vivendo no Brasil há alguns anos. O fator linguístico é importante e percorre toda esta pesquisa. Certamente que para obter um diálogo mais informativo e confortável para o/a entrevistado/a seria interessante que pudesse ser realizado em crioulo (ou até mesmo em francês, língua aprendida na escola no Haiti, como veremos adiante). Mas interferem aí as minhas limitações, tanto no fato de não dialogar de forma fluente nestas línguas quanto na dificuldade posterior de tradução para a escrita do trabalho. Vale registrar, no entanto, que tanto a quantidade de entrevistas realizadas quanto a forma (digital e em português) conseguiram cumprir muito bem com os objetivos que buscava para a pesquisa e inclusive foram muito mais densas e longas do que eu poderia prever. Todas as entrevistas trouxeram questões muito interessantes e foi necessário selecionar que temáticas seriam priorizadas neste momento de discussão.

Apesar da escolha de utilização de nomes fictícios, como forma de garantir a preservação da identidade das/os entrevistadas/os, realizo agora uma breve apresentação de cada uma e cada um, para que quem lê, possa conhecer e avizinhar-se um pouco das experiências de cada pessoa que colabora, possibilita, direciona e escreve comigo esta pesquisa:

²Para aprofundar as questões relacionadas às experiências das mulheres haitianas no processo diaspórico e de sociabilidade no Brasil, indico a leitura do artigo “As Relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil” de Joseph e Handerson (2015), da dissertação “Mawonaj fanm: mulheres haitianas estudantes da Unila” de Karina Schiavini (2018) e do livro “Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil” de minha autoria (2020). Todas as referências completas estão listadas ao final.

Jorge nasceu em 1994 na cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, onde viveu sua infância e juventude. Finalizou os estudos básicos no Haiti e iniciou uma graduação em Serviço Social na Universidade do Estado do Haiti, que cursou por dois anos. Pelas crises políticas e econômicas frequentes no país com planos de conseguir unir trabalho e estudos, Jorge migra ao Brasil em maio de 2016 com a intenção de entrar na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). Morou e trabalhou por oito meses na cidade de Florianópolis enquanto aprendeu português, quando foi informado por um amigo sobre os processos seletivos na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) específicos para alunos haitianos (PROHAITI) e conseguiu passar para cursar Ciências Sociais. Atualmente, Jorge tem 27 anos, está finalizando o curso de graduação, vivendo na cidade de Chapecó e trabalhando como bolsista em projeto da prefeitura municipal como intérprete e mediador cultural (entrevistado no dia 04 de fevereiro de 2021).

Sarah nasceu em 1996 na capital Porto Príncipe - Haiti, cidade na qual cresceu, e atualmente tem 24 anos de idade. Ela estudou parte do Ensino Fundamental no Haiti, até o 7º ano, mas depois do terremoto, em 2012, sua família migrou para a República Dominicana e posteriormente ao Brasil, mesmo sem pretensões ou planejamentos prévios de migrar. Finalizou seus estudos básicos em Guarulhos-SP, onde morou com sua família até o ano de 2016, quando veio ao Paraná estudar na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) em Foz do Iguaçu. Atualmente é mestranda em História na mesma universidade e vive com sua família que também se mudou a Foz do Iguaçu após o início da pandemia do COVID-19 (entrevistada no dia 24 de fevereiro de 2021).

Alfred nasceu em Porto Príncipe, capital do Haiti, no ano de 1998. Ele cresceu numa família de classe baixa em um bairro distante do centro, ou como chamam no Haiti, *une banlieue*. Realizou a maior parte dos estudos do ensino básico no país, mas não chegou a finalizar o Ensino Médio. Com 17 anos veio ao Brasil com o apoio do irmão que buscava uma melhor chance de estudos para o entrevistado. Chegou ao Brasil em 2016, morou na cidade de Macapá - AP por dois anos, enquanto aprendia português e finalizava o Ensino Médio através da prova do ENEM. Em 2018, se mudou para Pelotas -RS onde estuda

Letras - Português/Francês na UFPEL. Alfred atualmente tem 23 anos, está finalizando a graduação e também é poeta, intérprete, apaixonado por literatura e escritor (entrevistado no dia 13 de junho de 2021).

Alexi nasceu em 1981 na cidade de Marchand Dessalines, a primeira capital do Haiti, que fica a cerca de 130km da atual capital Porto Príncipe. Alexi finalizou o Ensino Médio no Haiti e a partir de um concurso que selecionou alguns jovens para estudar no Brasil, foi selecionado e veio ao Brasil em 2006 estudar Engenharia da Computação no Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista (IPA), depois realizou mestrado em Administração e Recursos Humanos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Morou apenas alguns meses em Passo Fundo (RS) no ano de 2011, mas o restante do período viveu e vive até atualmente na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Atualmente o entrevistado trabalha em empresa privada na função de líder de equipe de programadores, mas executa diversas outras atividades, sendo também músico (compositor e cantor), produtor cultural, ativista, político (vereador suplente na cidade de Porto Alegre) entre outras atividades. Possui atualmente 40 anos de idade (entrevistado no dia 22 de junho de 2021).

lonel nasceu no ano de 1983 em Mont-Organisé, uma cidade que fica no nordeste do Haiti e faz fronteira com a República Dominicana. Graças a esta característica, o entrevistado desde a infância fala três línguas, o crioulo, francês e o espanhol. lonel terminou os seus estudos básicos no Haiti e iniciou um curso de Direito, mas acabou trancando para continuar os estudos no México na área social e teológica, oportunidade que veio graças a sua ligação com uma instituição internacional em 2007. Depois continuou os estudos e experiências em países europeus, vivendo por um tempo na Itália e na Suíça, retornando para a fases de estágio ao México, onde também iniciou estudos em Letras Francesas pela Universidade Autônoma do México (UNAM), mas não finalizou. No México recebeu o convite para vir trabalhar no Brasil como intérprete e mediador cultural graças à crescente presença de haitianos no Brasil. Então, desde 2016, lonel vive e trabalha no Brasil na área de Cultura, linguística e saúde (migração e refúgio), na cidade de Florianópolis, onde também realiza uma graduação em Psicologia na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Atualmente, o entrevistado tem 38 anos (entrevistado no

dia 02 de julho de 2021).

Joseph nasceu em Gonaïves, conhecida como a cidade da independência no Haiti, no ano de 1992. Sua cidade fica a cerca de 140km da capital Porto Príncipe. O entrevistado finalizou o ensino médio no Haiti e iniciou os cursos de Direito e Administração no país, mas seu sonho sempre foi poder atuar na área da saúde. Três anos depois do terremoto, com as dificuldades nas condições e acesso a estudos no Haiti, Joseph interrompeu suas atividades e veio ao Brasil, país pelo qual já carregava bastante afeto e estava facilitando os processos burocráticos para receber haitianos. No Brasil, o entrevistado viveu por alguns anos em Foz do Iguaçu-PR onde se graduou em Saúde Coletiva. No ano de 2019 se mudou para a cidade de São Paulo- SP onde está finalizando seu mestrado na área de Saúde Pública. Atualmente possui 29 anos (entrevistado no dia 07 de julho de 2021).

Marie nasceu em 1998 em Léogâne, uma cidade que fica a 32km da capital Porto Príncipe no Haiti. Marie estudou e finalizou o Ensino Médio no Haiti e em 2018 veio para o Brasil com seu irmão mais novo. Ela já havia conhecido o país em 2016 quando veio visitar seus pais: seu pai vive no Brasil desde 2012 e sua mãe desde 2015, enquanto ela e seu irmão viviam com uma tia e a avó no Haiti. Morou com sua família na cidade de Sinop, no Mato Grosso por um ano e em 2019 se mudou para Foz do Iguaçu- PR onde estuda Medicina na Unila e vive com sua família que também se mudou para a cidade em 2020. Ela atualmente tem 24 anos e apesar de inicialmente não ter planos de vir ao Brasil, hoje em dia gosta muito da experiência que está vivendo (entrevistada no dia 08 de julho de 2021).

Micheline nasceu e cresceu em Porto Príncipe, capital do Haiti. Nasceu no ano de 1998 e realizou todo o estudo básico em escolas haitianas. A entrevistada planejava migrar futuramente para estudar fora do Haiti, mas não imaginava o Brasil como destino até que um primo, que morava no Brasil e estudava na Unila, falou sobre a universidade e sobre as vagas para haitianos. Em fevereiro de 2020 ela chegou ao Brasil para estudar Administração Pública e Políticas Públicas na Unila, curso que está realizando. Teve apenas duas semanas de aula presencial e compartilha na entrevista a dificuldade de realizar os estudos e aprender a língua portuguesa através do ensino remoto emergencial

e de atravessar a pandemia longe de sua família logo após deixar o Haiti. Atualmente possui 23 anos de idade(entrevistada no dia 09 de setembro de 2021).³

Todas as pessoas entrevistadas possuem nível de escolarização de ensino superior, finalizadas ou em andamento, e passaram em algum momento por instituições de ensino brasileiras e a grande maioria por instituições públicas. Isso demonstra, juntamente com os relatos das entrevistas, que o grupo que participa desta pesquisa passou pelo processo de escolarização na infância no Haiti, em uma realidade onde os índices indicam que grande parte das crianças não possui acesso à escola ou a outros tipos de educação formal (MARQUES, 2012; JOINT, 2008). Esta característica implica também que este grupo teve maior acesso ao aprendizado de línguas e a outros conhecimentos, incluindo entre eles o acesso à leitura e à literatura. Sendo assim, quando trago informações referentes às respostas de meus entrevistados, elas dizem respeito às características deste grupo e não deve ser assimilada como uma totalidade da comunidade migrante haitiana no Brasil. Quando falamos das experiências no Haiti, estas também estão atreladas e relacionadas com as condições sociais, de localização, familiares, etc.

Se de uma perspectiva as condições impostas pela pandemia dificultaram e reduziram a margem de acesso a diferentes experiências de mobilidade, atividades e sociabilidade, a restrição a este grupo com algumas especificidades mais definidas possibilitou o aprofundamento em outros aspectos que se mostraram bastante interessantes para os objetivos da pesquisa. Algumas características foram as de pensar as questões do colonialismo dentro das instituições de ensino haitianas, explorar as questões linguísticas do crioulo e do francês, a oralidade e a leitura e seus diferentes significados, assim como o papel da literatura para esse grupo que enfrenta grandes desafios dentro do meio acadêmico (mas não somente) brasileiro.

Desta forma, determinado grupo de entrevistados possibilita determinadas questões a serem debatidas, informações relacionadas com suas particularidades e vinculadas a grupos e estruturas maiores dos quais fazem parte. A partir das condições

³Saliento que os nomes dos entrevistados são fictícios em respeito a sua identidade. O restante das informações são verdadeiras e organizadas nessa mini biografia de acordo com os dados que foram indicados e ressaltados por eles durante as realizações das entrevistas.

enfrentadas para a realização da pesquisa e do uso da metodologia de História Oral, fui desenvolvendo novos caminhos para a pesquisa. Considero esta característica positiva e grande efeito da metodologia, que ao envolver pesquisador e indivíduo narrador, constrói caminhos e formas de observar as realidades:

Considerando a subjetividade como apropriação da objetividade social, parte-se de que a primeira potencialidade do método da História Oral reside em sua capacidade de vislumbrar a história individual concatenada com a história coletiva, ou seja, antes da interseção do particular e do universal está o aspecto revelador do conteúdo universal no âmago do conteúdo particular. É na relação dialógica que emerge do encontro entre pesquisador e entrevistado que reside a reivindicação do indivíduo (não realizado) por espaços nas configurações universais. Ao ser solicitado como narrador da própria história, o sujeito tem a possibilidade de se perceber como sujeito social e, nisto, revelar as condições das práticas sociais e as diversas formas de se perguntar qual lugar ocupa na realidade social (SALGADO; FRANCISCATTI, 2014. p.308).

Como forma de análise das entrevistas, a metodologia busca dialogar com outras fontes e com a produção bibliográfica produzida sobre o tema, localizando as narrativas das entrevistas dentro dos contextos históricos e sociais (ALBERTI, 2013). Quanto ao material teórico-metodológico que utilizo juntamente com o material das entrevistas e da obra literária, busco focar na produção haitiana, caribenha e latino-americana, em uma postura decolonial/pós-colonial de pensamento e produção de conhecimento, de forma que seja coerente com a temática pesquisada.

Esta pesquisa é também possível graças a diversos pesquisadores e pesquisadoras e é de extrema importância mostrar meu reconhecimento a outras pesquisas que possuem relação temática e metodológica com esta. No campo temático da diáspora haitiana, assim como sobre temáticas voltadas a intelectualidade, cultura e presença haitiana no Brasil, me aproximo e utilizo as pesquisas extremamente relevantes do antropólogo Joseph Handerson, como sua tese “Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa” (2015a) e seu artigo “Diásporas negras no contexto pós-colonial: dialogando com intelectuais haitianos” (2015b). No campo da literatura, ressalto a pesquisa de Jean Dieumettre nominada “Donos do Orvalho de Jacques Roumain: um projeto social para o Haiti pós-terremoto” (2015), o trabalho bastante importante de Márcio Antônio de Santana na área da historiografia denominado “Literatura e construção da comunidade imaginada haitiana: uma leitura de Jacques Stephen Alexis e Jacques Roumain (1915-1971)” (2003), o trabalho de Waldson de

Almeida Dias com a dissertação “Migração, oralidade e literatura na experiência com estudantes do Haiti na tríplice-fronteira” (2018), a produção como de Vanessa Massoni Rocha com o artigo “O Haiti (não) é aqui”?: Silêncios, regateios e estilhaços nos diálogos Haiti-Brasil” (2020) e análises necessárias como de Eurídice Figueiredo em “O Haiti: história, literatura, cultura” (2006) e no próprio posfácio da recente tradução de “Senhores do orvalho” (2020). No campo metodológico, da utilização de entrevistas com a comunidade haitiana no Brasil são importantes obras como a de José Ailton Rodrigues dos Santos: “Haitianos em São Paulo - exclusão e invisibilidade social no contexto da mobilidade urbana” (2018) e o trabalho de Karina Schiavani: “Mawonaj fanm: mulheres haitianas estudantes da Unila” (2018). Faço essas menções considerando apenas algumas produções realizadas no Brasil que utilizo, não havendo a intenção de esgotar neste momento as menções às grandes pesquisas relacionadas e importantes para esta, considerando que trabalho com várias fontes e áreas do conhecimento na perspectiva interdisciplinar, são muitas as pesquisas e pesquisadoras/es que de alguma maneira colaboram para este trabalho.

Aproveito dessa discussão para salientar a originalidade que busco realizar nesta pesquisa, que é a partir da utilização da metodologia de entrevistas da história oral, pensar as relações afetivas, políticas, históricas, geográficas, sociais e culturais que determinada obra literária possui para uma determinada população que se encontra em situação de mobilidade. Neste sentido, com o auxílio destas e muitas outras pesquisas, não pretendo realizar uma pesquisa analítica de uma obra literária ou analisar um movimento migratório, mas uma pesquisa que conecte também todas essas questões e tudo o que a relação da comunidade migrante haitiana com a obra “Senhores do Orvalho” pôde revelar.

Esta formulação metodológica, de pensar estas características através de interlocutores e sua percepção sobre uma obra literária, é um movimento que se demonstrou bastante interessante e um caminho de pesquisa possível para alcançar os objetivos. No entanto, é um movimento também novo, do qual não possuo muitas referências para me basear, de forma organizacional, metodológica e analítica. Desta forma, este texto é também um movimento bastante autoral e em alguns momentos, me armo da escrita ensaística para descrever aqui o que encontro neste conjunto de

experiências. Como salienta Pedro Duarte:

os caminhos da narrativa ensaística, portanto, não são legitimados, na sua importância, pelas conclusões, pelos fins, pelo que se alcança. Eles valem por seu próprio caminhar, que é o movimento do pensamento. Esse caminhar não tem o automatismo compulsório do método sistemático (DUARTE, 2015. p. 197).

O caminhar, o dialogar, o ouvir, o ler e o sentir são os caminhos desta pesquisa, e a escrita mais livre, ensaística, principalmente nos momentos de diálogo com os entrevistados sobre seus sentimentos e experiências, foi a forma que encontrei de dar a este texto uma assinatura muito minha, mas também muito deles e delas. As longas citações de entrevistas com as minhas intervenções e contextualizações são uma forma de que as e os leitores possam também ouvir, assim como sentir, o que se passa entre este grupo de entrevistados e esta obra literária.

Estrutura e debates: uma pesquisa em/sobre movimentos

Tendo elucidado como se forma o problema de pesquisa e as metodologias que utilizo para buscar as respostas, apresento os debates que percorro durante o texto. É importante destacar que esta pesquisa se desenvolve na mobilidade. Ela só é possível graças a um movimento migratório intenso que trouxe milhares de haitianos ao Brasil durante a década de 2010. Este movimento é também resultado de uma tradição migrante (MAGALHÃES, 2017) que foi formada historicamente e é parte importante de todos os aspectos da vida e identidade haitiana. Assim como haitianos que migraram para o Brasil, esta pesquisa se forma a partir de um movimento e um deslocamento que é ao mesmo tempo geográfico, como cultural e identitário e como sinaliza Sayad (1998), a migração é um processo completo, que não pode ser analisado apenas a partir da saída, da viagem, ou do destino, mas como um movimento totalizado, com uma quantidade gigantesca de influências de todas as perspectivas.

Para realizar este movimento e poder acessar informações que possam responder às grandes questões da pesquisa, é necessário inicialmente uma aproximação a processos históricos haitianos, acesso ao seu universo literário, descobrir qual o espaço da literatura no ambiente social e as relações da produção literária com o universo

histórico do Haiti. Também é evidente a necessidade de conhecer a vida e trajetória de Jacques Roumain, o contexto de escrita do romance “Senhores do Orvalho”, conhecer o enredo presente na obra, seus principais personagens e elementos que serão importantes para entender a relevância da obra na atualidade.

Esta aproximação e contextualização acontece utilizando de material bibliográfico produzido principalmente por pessoas de origem caribenha ou latino-americana, e este é um ponto muito importante para a produção do conhecimento contemporâneo que pretende afastar os vícios e silenciamentos implantados pelo colonialismo. Tratarei nesta pesquisa sobre identidades e histórias que se baseiam principalmente na sua luta contra a desumanização e a violência colonial. São literaturas, relatos e sujeitos que carregam consigo uma carga e potência de revolta contra aqueles que ousaram tirar o direito à sua memória e liberdade.

Realizo um retorno e uma contextualização histórica da Revolução Haitiana neste trabalho não apenas pela sua importância e marco de passado, mas pela sua presença extremamente viva no cotidiano de cada haitiano e haitiana, caribenhos e latinos. Sendo assim, é de extrema relevância que a caminhada de pesquisa, assim como o suporte teórico utilizado nela, carregue ideais e narrativas da mesma índole, não como objetivo de desmerecimento das outras, mas como reconhecimento destas. A narrativa que foi produzida sobre o Haiti e sua história é resultado do poder que tem a possibilidade de distorcer, distanciar e principalmente silenciar (TROUILLOT, 2016). Grada Kilomba, em “Memórias da Plantação” (2019, p. 53) nos diz que “qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível”, e é nosso papel como intelectuais utilizar dos espaços acadêmicos para inverter esta ordem.

As informações coletadas nas entrevistas são utilizadas durante vários momentos do texto. Esta escolha metodológica se dá no sentido de que a participação da comunidade migrante haitiana nesta pesquisa não possui um fator meramente informativo, mas é a comunidade que possibilita o acontecimento dela e quem dá os indícios das questões que interessam ser refletidas. Neste sentido, parto das narrativas da comunidade haitiana no Brasil, realizo a investigação com o auxílio teórico também de

haitianos no Brasil e pretendo, desta forma, realizar um trabalho investigativo e coerente com os objetivos.

Durante o ano de 2021 realizei juntamente com minha orientadora o projeto de extensão Clube do Livro: Leia Haiti, com encontros mensais destinados à leitura e debate de obras literárias haitianas traduzidas para o português. O Clube recebeu uma quantidade grande de inscrições e foi um espaço muito importante no amadurecimento das discussões que estão presentes no cenário literário haitiano, nas interpretações de haitianos no Brasil sobre as obras e no grande interesse de brasileiras e brasileiros em descobrir mais sobre o universo haitiano. As diferentes interpretações e temas trazidos no Clube possibilitam novos olhares sobre os debates que realizo nesta pesquisa.

Quanto à estrutura da dissertação, a primeira parte desta pesquisa está voltada ao Haiti. Neste momento, vou adentrar inicialmente em alguns aspectos mais históricos do país para refletir sobre elementos que são importantes para contextualização dos debates que estarão por vir. Neste ponto, trago os elementos históricos da colonização, revolução e pós-revolução, pois tem significativo papel na formação da identidade nacional, cenário literário e também nos aspectos do tempo presente que interessam à pesquisa. Contextualizo, em seguida, a vida e produção de Jacques Roumain e sua marcante presença no cenário político e literário haitiano. O autor da obra que encanta até atualmente os haitianos, possui uma atuação notável em diversos cenários sociais: mulato, intelectual, resistência contra a ocupação estadunidense no Haiti, fundador do Partido Comunista Haitiano, fundador do movimento literário Indigenista, Etnólogo, Embaixador. Todas essas atividades, apesar de uma morte muito precoce, são de extrema importância para entender o papel que o autor possui no universo haitiano atual.

Em seguida, parto para a obra "*Gouverneurs de La Rosée*", traduzida no Brasil como "Senhores do Orvalho". A obra, escrita durante o último ano de vida de seu autor e publicada após a sua morte, repercute e é traduzida em larga escala já durante a década seguinte a sua publicação. Realizo no decorrer deste momento uma explanação sobre a enredo e mergulho em alguns elementos principais voltados principalmente para a mobilidade, a relevância e experiência política da narrativa e a construção da figura do Manuel, herói e personagem principal. Esta reflexão, além de apresentar o romance,

busca refletir sobre a construção da narrativa, as possíveis influências que teve o autor, os elementos representativos e simbólicos e a presença da cultura popular e rural.

Ainda pensando o Haiti no quarto momento deste capítulo, realizo reflexões sobre a ligação identitária nacional e individual no Haiti com as experiências de leitura e acesso à literatura. Esta reflexão partirá dos relatos coletados nas entrevistas sobre as experiências sociais e escolares, sobre o papel da literatura na formação enquanto criança e jovem e a relevância destes na formação intelectual. Saliento neste momento a relevância dos espaços privados e sociais no incentivo à leitura, mas também os laços com as histórias orais - reais ou ficcionais - ligadas aos ambientes afetivos e à identidade.

Após este momento voltado para o Haiti, o movimento de pesquisa nos leva a mobilidade haitiana. Nesta etapa, realizo uma contextualização sobre o histórico da diáspora haitiana, uma prática que é incorporada à identidade e é resultado de um longo processo econômico, político e social que acabou por expulsar a população haitiana de seu país pela falta de oportunidades e busca por uma vida digna (MAGALHÃES, 2017). Este movimento está diretamente ligado com as consequências enfrentadas pelo Haiti por ter efetuado uma revolução vencedora contra os exércitos imperialistas e sistema colonial, pois como frequentemente lembra Handerson (2020), o Haiti não é um país pobre, mas um país empobrecido. Neste momento aprofundo a discussão teórica em relação à diáspora e às particularidades debatidas sobre a mobilidade caribenha. Busco dialogar com intelectuais para refletir sobre o espaço da mobilidade dentro das experiências caribenhas e de que forma ela está ligada com a circulação de ideias, com a intelectualidade e com a literatura.

Realizo neste capítulo uma reflexão sobre a influência da diáspora na produção literária caribenha e principalmente haitiana. Para além disso, dialogando com os entrevistados, observo como o caribe e a literatura haitiana acompanham estes sujeitos atualmente em mobilidade, espalhando um pouco das características caribenhas pelo Brasil e pelo mundo. Aprofundo como a diáspora é também um espaço de conhecer, de experimentar o outro e a partir disso, refletir sobre si: como as experiências de mobilidade estão ligadas às ideias e as movimentações de transformação no próprio Caribe. Por fim, finalizo esse capítulo com um texto mais livre, onde ouço e dialogo com os entrevistados

quando eles, nas entrevistas, relatam os motivos pelos quais a obra literária “Senhores do Orvalho” é o Haiti, tanto do século XX quanto atual.

O terceiro momento do movimento de pesquisa é voltado ao Brasil e é neste espaço que a literatura, o Haiti, a identidade e a mobilidade se unem para que se possa refletir sobre os significados da literatura de Jacques Roumain para haitianos. Neste momento, quando já identificada e visualizada a estreita relação entre a identidade e a mobilidade, vou analisar de que maneira a literatura haitiana pode ser considerada um dos alicerces desta identidade e da ligação cultural com o Haiti. No primeiro trecho, apresento como o Brasil se coloca no movimento de mobilidade, relacionando a partir das entrevistas o Brasil sonhado que se pretendia encontrar, com base naquilo que se conhecia pelas mídias, e o Brasil real, aquele que foi encontrado efetivamente. Estes relatos são muito valiosos para compreender não apenas a forma como o Brasil é divulgado no exterior, mas principalmente os significados que são construídos sobre o Brasil num país como o Haiti e de que forma este Brasil real se relaciona com o que Jacques Roumain fala em seu romance.

Quando a comunidade haitiana está no Brasil, a obra de Roumain e o Caribe em si, também estão. Neste capítulo, dialogando com os interlocutores, observo como o Haiti está presente no Brasil através dos sujeitos e de que forma a experiência e narrativa do romance de Roumain são um alicerce identitário e de enfrentamento às dificuldades presentes nessas experiências. Analiso a forma como a literatura de Jacques Roumain, “Senhores do Orvalho”, é interpretada e prestigiada pela comunidade haitiana no Brasil. Identifico quais questões e personagens do romance são citadas e apresentadas como parte constituinte da identidade haitiana e de que maneira os simbolismos políticos e ativistas presentes no romance são interpretados e relacionados com a história e realidade do país. Neste momento, observo também nas narrativas coletadas as expressões relacionadas à mobilidade, com a identificação com o personagem principal da trama, Manuel, e com a construção da narrativa do herói que retorna e faz grandes mudanças e sacrifícios pela sua população. Pretendo identificar qual a importância desta literatura para sujeitos em mobilidade e de que forma ela possibilita uma relação direta com os sentidos da Revolução e da história haitiana de ligação com o passado, e como desta forma proporciona e impulsiona as ações e projeções de futuro de cada sujeito e

como país.

Por fim, busco observar como a literatura de Roumain continua atual na leitura, discurso e ação da comunidade haitiana, identificando como a relação estreita da comunidade migrante com esta literatura é um elemento ativo de expressão identitária e de lembrar no presente, que esta identidade está atrelada a uma ancestralidade potente de luta e de transformação da realidade social. Finalizo o capítulo salientando como a literatura, para os entrevistados, é uma forma de atrelar-se a história do Haiti e seus heróis, atrelar-se ao presente, e como “Senhores do Orvalho” é também um projeto de futuro para o Haiti.

Os objetivos desta pesquisa compreendem a área de concentração dos estudos latino-americanos, unindo e convergindo em várias áreas do conhecimento dentro das ciências humanas e sociais. Para análise de material e processos de circulação social e de conhecimento, é preciso pensar em categorias epistêmicas latino-caribenhas que se encontram em caráter de necessidade e premência. A linha de pesquisa ao qual o trabalho é vinculado é Trânsitos Culturais já que a investigação busca entender processos identitários culturais que ocorrem em trânsitos tanto físicos, com a mobilidade, quanto intelectuais, unindo escritas e leituras. Nesta linha, indico diálogos por meio de manifestações artístico-literárias e manifestações políticas e sociais que extrapolam fronteiras e buscam evidenciar intelectualidades, saberes e identidades que aproximam América Latina e Caribe. Da mesma maneira, opto por horizontes metodológicos que unam conhecimentos históricos e sua relação direta com a realidade vivida e convivida em espaços acadêmicos e de sociabilidade em geral.

Considero como o desafio principal da pesquisa atual o fator de pensar além dos elementos da obra, buscando perceber a partir dos leitores haitianos atuais - que estão fora do Haiti -, a forma com que a literatura está ligada às experiências individuais e coletivas da política, mobilidade e identidade dos sujeitos, assim como a maneira como ela se coloca como elemento relacional com a história da revolução, a identidade e realidade atual, e com um futuro sonhado para o Haiti. Tudo isso, relacionado e realizado dentro de uma perspectiva interdisciplinar e durante uma pandemia mundial.

Esta pesquisa é feita de movimentos, de encontros e de trocas. Conhecer o

universo haitiano através de sua literatura é um caminho repleto de metáforas, de ditados populares, de magia, de belezas, de sorrisos, de expressões, e um caminho no qual sigo de olhos, ouvidos e coração abertos, sem presunção de desviar. Cada conversa realizada nas entrevistas revelou emoções por trás de palavras e sorrisos ao falar daquilo que lembram, que ouviram, que leram, e da alegria de falar com orgulho da sua literatura. A bagagem trazida na empreitada da mobilidade carrega nela um universo sensível, fantástico, representada em elementos que não podem ser vistos, ou que podem, em forma de livro. Manuel, Annaïse e Délira demonstram ser muito mais do que personagens criados por Roumain que sonham com um mundo diferente. Ele e elas são reais, existem, resistem e estão no Brasil.

2 O HAITI: HISTÓRIA E LITERATURA

“Atravessamos oceanos há séculos, através das águas, partindo do continente do lado de lá. Partimos de muitas terras. Partimos de muitos lugares, de diferente cores, de diferentes vozes, de diferentes falares, por diferentes ondas, de terra e de mar, de florestas e de savanas, de planícies e de montanhas. Partimos muitas vezes acompanhados de multidões, partimos em pequenos grupos, mas quase sempre partimos conosco. Partimos para fecundar a América. Partimos para perecer na América. Nascimento e morte: América. Viajamos o Atlântico, viagem nunca desejada, quase nunca sonhada, mas quase sempre necessária. Deixamos histórias, carregamos histórias, tudo o que trazemos é o que pode ser comportado em nosso espírito, para que nossa terra não se acabe, para que floresça e seja presente, para que, talvez daqui a alguns anos ou séculos, possamos regressar e refundar nossas vidas, unir os fios partidos e caminhar sobre as águas.”
Meu mar (fé), Itamar Vieira Junior

Início as reflexões desta pesquisa sobre o Haiti com uma contextualização histórica que tem por objetivo expressar importantes marcos e processos que ocorreram no território e com a população. Opto por realizar este movimento por algumas razões: uma delas é relacionada a um projeto de silenciamento que pretende omitir importantes momentos e informações da História do Haiti. Isso para que se possa justificar e perpetuar uma narrativa histórica que posicione determinados poderes e sistemas políticos como possuidores e vencedores da História (TROUILLOT, 2016).

O segundo motivo, decorrente do primeiro, é que a partir das entrevistas e da pesquisa bibliográfica foi possível verificar a ligação estreita entre a literatura, a identidade e a história do país, sendo necessário então que este trabalho se comprometa também em observar as construções em torno e em consequência da Revolução que ocorreu no país entre 1791 e 1804. Além disso, a História é essencial para se pensar a produção literária haitiana, a trajetória de Roumain e o contexto de “Senhores do Orvalho”, pois para ser possível compreender as produções literárias do Haiti é necessário considerar decisivos acontecimentos da história nacional, já que eles afetam diretamente esta produção (JEAN, 2015).

Após a reflexão histórica, adentro o universo literário haitiano indicando alguns movimentos principais e sinalizando o contexto do século XX, no qual escreve e atua Jacques Roumain. Aponto questões relevantes sobre a biografia do autor e influências políticas e literárias e contextualizo a escrita da obra “Senhores do Orvalho”, refletindo sobre alguns temas centrais. Por fim, assinalo a relação da comunidade haitiana com a

literatura a partir das entrevistas, refletindo sobre os espaços de leitura e valorização literária no Haiti.

2.1 HISTORICIDADE E SILENCIAMENTO

*“Farto de percorrer
caminhos acidentados
vuelas tortuosas
e a geometria sinistra de céus cheios de cólera
tu desejarias partir
Farto dessas estações dementes
da impossível claridade
do silêncio cúmplice
e das mordanças mais apreciadas
que o apelo do poeta
Farto da tua terra presa nas redes
das humilhações seculares
terra onde cada recém-nascido
com a primeira mamada
estreia de um gole
para dentro
as cinzas já arrefecidas”
Poemas sem idade II, Marie-Célie Agnant*

“Onde fica o Haiti?”, “O Haiti fica na África?”, “Vocês têm carros lá?” “Como é possível viver lá?”. São perguntas frequentemente ouvidas pelos entrevistados e entrevistadas que colaboraram para esta pesquisa. O que significa uma pessoa brasileira não saber onde se localiza o Haiti, achar que o país fica no continente africano, ou não ter nenhum tipo de informação sobre o país? Como reflete Heloisa Moreira, tradutora das obras em português do escritor haitiano Dany Laferrière, em seu posfácio na obra “País sem chapéu”, a grande maioria dos brasileiros não consegue conceber, sem esforços, que há uma vasta tradição literária no Haiti, já que este tipo de característica não é frequentemente citada no Brasil no ensino básico ou nos meios de informação. Isso forma um imaginário direcionado sobre o país: “diante das informações que chegam até aqui, parece uma utopia falar em literatura haitiana. Será que existem escritores por lá?” (LAFERRIÈRE, 2011. p. 219). Este fator não se coloca apenas na área literária, mas nas manifestações artísticas, culturais e na própria produção de conhecimento no Haiti, que segundo Barros (2017), são controladas por potências exteriores até a atualidade.

Antes de mais nada é necessário então localizar o Haiti, não apenas

geograficamente, mas também de forma histórica e política. O Haiti ocupa parte oeste da Ilha de São Domingos, uma das maiores ilhas das Antilhas, e divide o território com a República Dominicana, país com o qual possui desavenças históricas. Banhado pelo Mar do Caribe, é geograficamente próximo a Cuba e Porto Rico. A ilha, batizada pelos colonizadores europeus de Hispaniola, é considerada por aqueles o início do Novo Mundo, já que foi possivelmente o primeiro território americano alcançado pelos navios espanhóis comandados por Colombo. Mas aquela ilha não começava a existir com a chegada dos colonizadores e também mostraria, mais tarde, que fazia questão de existir sem a presença deles.

Anterior à colonização, a ilha era povoada pelos ameríndios Aruaques, população que foi escravizada e dizimada em poucos anos após a invasão de Colombo e das tropas expansionistas espanholas no final do século XV. Já no início do século seguinte, iniciou-se o processo de escravização da mão-de-obra africana na ilha para a plantação de cana-de-açúcar. Após conflitos de disputa com a França pelo território da Ilha, ela acaba por ser dividida e a parte oeste passa a ser domínio francês, em 1697. A partir daí se instaura nela o modelo colonial agroexportador - de monocultura e escravidão - e recebe o nome de São Domingos, se tornando em pouco tempo uma das mais produtivas colônias francesas (MATIJASCIC, 2010).

A manutenção da colônia era extremamente rígida e com uma grande desigualdade social. Muito desigual era também o contingente populacional, pois, calcula-se, no século XVIII, brancos, entre proprietários de terras e trabalhadores pobres, contabilizavam cerca de 40 mil pessoas; os mulatos⁴, 28 mil; a população negra escravizada somava mais de 452 mil pessoas (MATIJASCIC, 2010). Insurgências instigadas por mulatos iniciam-se e são todas as vezes contidas pela milícia colonial, mas passam a desestabilizar a estrutura sólida da colônia e a promover organizações cada vez maiores entre os escravizados. Isso ocorria no final do século XVIII, e quando as estruturas coloniais se tornam fragilizadas em favor da Revolução Francesa que ocorria na metrópole (1789-1799), os negros escravizados, liderados agora por Toussaint L'Ouverture, solicitam uma série de transformações em suas condições, como mudança

⁴A denominação de mulatos no contexto haitiano é utilizada para representar os mestiços, filhos dos colonizadores brancos com negros escravizados. Esta categoria geralmente não era escravizada e possuía alguns privilégios na colônia, mas não desfrutavam dos mesmos privilégios e direitos políticos dos brancos.

da posição de escravizados para trabalhadores assalariados (JAMES, 2010).

A revolução aconteceu entre 1791 e 1804. O exército dos negros organizou-se em escala nacional e derrotou exércitos franceses, ingleses e espanhóis, incluindo o temido exército de Napoleão Bonaparte. De forma coordenada, queimaram as plantações, que simbolizavam o seu trabalho que seria apropriado pelos colonos, e assassinaram e expulsaram seus senhores, que impunham a escravização e violência. A independência foi concretizada em 1 de janeiro de 1804, representando o primeiro evento de abolição da escravatura na América, a primeira insurreição de negros a alcançar vitória, a primeira e única república negra da América e o segundo país independente do continente.

Dois elementos culturais desenvolvidos pela população africana e descendente no Haiti foram centrais para a realização da Revolução: a língua crioula e a religiosidade vodu. Ambos são resultados de sincretismos entre elementos trazidos das diferentes localidades do continente africano com o catolicismo e língua francesa, implantada pelos brancos. Através da língua e religiosidade formada entre os negros, foi possível uma comunicação que não pôde ser compreendida pelos senhores e práticas que uniram escravizados, mesmo que de culturas e lugares muito diferentes da África. Os encontros para praticar o vodu foram também os espaços para organizar a Revolução que viria (HANDERSON, 2010).

Este momento histórico da revolução haitiana está representado na literatura na obra de Alejo Carpentier, “El reino de este mundo”, publicada em 1949, na qual conta a história de Ti Noel, um negro cuja a vida, pelo destino, se insere dentro dos grandes momentos históricos do país. Nesta obra, de realismo maravilhoso que conta a história da Revolução observada por um sujeito comum, toda a potência e presença da força da religiosidade vodu é representada no enredo e na história que segundo o próprio Carpentier diz na apresentação da obra, seria impossível ser localizada na europa: “¿Pero qué es la historia de América toda sino una crónica de lo real-maravilloso?” (CARPENTIER, 1973, p. 3).

Llegado a este punto, Bouckman dejó caer la lluvia sobre los árboles durante algunos segundos, como para esperar un rayo que se abrió sobre el mar. Entonces, cuando hubo pasado el retumbo, declaró que un Pacto se había sellado entre los iniciados de acá y los grandes Loas del África, para que la guerra se iniciara bajo los signos propicios. Y de las aclamaciones que ahora lo rodeaban

brotó la admonición final:

—El Dios de los blancos ordena el crimen. Nuestros dioses nos piden venganza. Ellos conducirán nuestros brazos y nos darán la asistencia. ¡Rompan la imagen del Dios de los blancos, que tiene sed de nuestras lágrimas; escuchemos en nosotros mismos la llamada de la libertad! (CARPENTIER, 1973, p. 22).

Os reflexos da Revolução Haitiana para o sistema colonial implantado na América são diversos, pois ela expõe questões que a Europa, como colonizadora, se negava a pensar. A Revolução expõe a capacidade intelectual, racional e militar dos escravizados, e conseqüentemente sua humanidade, cabendo a estes negros o espaço no centro do universo como os iluministas vinham discutindo, e não no papel de escravizados sem alma e sem razão. A Revolução Haitiana dá novo sentido ao lema da Revolução Francesa de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, demonstrando sua conotação racial e geográfica, pois estes termos não se estenderam aos negros da colônia caribenha, nem mesmo ao grande líder e diplomata Toussaint, que foi preso e morto pelos franceses revolucionários.

Havia um temor eminente que colabora para a estrutura que silencia a Revolução: o medo de que os ideais da Revolta e principalmente, da vitória de uma insurreição negra, alcançasse outras colônias. Chamado de haitianismo, este movimento poderia influenciar outros grupos de escravizados a organizar-se contra seus senhores e acabar com os grandes lucros possibilitados pela estrutura colonial. Estes fatores levaram a um isolamento do Haiti no momento seguinte à sua independência e criando uma estrutura externa de controle e dominação das ideias e da população.

O Haiti como país independente passa rapidamente para uma condição de dependência econômica da França e de outras potências. Além disso, permanece um conflito interno de poder entre negros e mulatos que favorece uma instabilidade política. O século XX continua marcado pela instabilidade que favoreceu a presença de potências estrangeiras, como os Estados Unidos, que ocuparam militarmente o país de 1915 a 1934. Em sequência ocorrem as ditaduras dos Duvalier (1962-1986), eleição e golpe do popular Jean-Bertrand Aristide (1991), missões internacionais e forte presença militar estrangeira.

Esta reflexão em torno da Revolução e da instabilidade política e econômica

do Haiti no pós-independência é importante para revelar que existe uma dinâmica de controle como resposta à Revolução que venceu as maiores potências imperialistas colonizadoras do século XVII e XVIII, e que os reflexos deste movimento podem ser vistos ainda no século XXI. Na véspera da Revolução, o país era considerado a colônia mais produtiva da França, sendo que no século atual é considerado o país mais pobre do continente. Neste sentido, houve um empobrecimento planejado para o território, de forma a torná-lo dependente e facilitar assim o acesso e controle das potências estrangeiras na forma de neocolonização (HANDERSON, 2020).

Michel-Rolph Trouillot (2016) demonstra como, no imaginário dos colonizadores, era inconcebível a ideia de uma revolta entre os escravizados na ilha de São Domingos, frequentemente citados como obedientes e calmos, pois circulava entre esta elite a ideia de que africanos e descendentes não tinham noção do que significava a liberdade ou capacidade de formular estratégias para alcançá-la. Mesmo enquanto a revolução já acontecia, ela era inconcebível para muitos contemporâneos na metrópole, não havia situações anteriores à qual compará-la e nem termos para compreender uma revolução escrava. Neste mesmo caminho foram escritas as narrativas construídas pelos historiadores sobre o evento, com apagamento do fato da Revolução e com o esvaziamento de informações. Estas questões, para o Trouillot, tornaram a Revolução Haitiana um não evento no contexto da historiografia ocidental. Este conceito de não evento desenvolvido por Trouillot é referente a forma como a Revolução Haitiana foi e é silenciada na historiografia ou no ensino de história no ocidente, como não existente ou como um evento não relevante para grandes estruturas internacionais do período. Segundo o autor, é forma de também silenciar e negar no plano da história os temas relacionados ao racismo, escravidão e o colonialismo.

O processo colonizador não deixou passar livremente o conhecimento. Como afirma Aníbal Quijano:

Como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento (QUIJANO, 2005. p.110).

Assim, a produção das narrativas reconhecidas em torno da História do Haiti

são as ocidentais, contada pelos colonizadores e estas narrativas, consequentemente, defendem a sua posição e o seu sistema colonial. Também faz parte desse controle sobre o conhecimento o questionamento da tradutora Heloisa comentado no início deste capítulo sobre a produção literária no Haiti ser muito distante da realidade que nos chega sobre o país pelos meios de informação. Handerson (2015b) salienta que assim como foi negada a humanidade e a memória a população escravizada, as novas formas de dominação negam a produção intelectual e cultural do Haiti, utilizando do silenciamento para manutenção do poder.

Estas construções em relação às narrativas criadas sobre o Haiti são relevantes para esta pesquisa pois dialogamos com uma figura intelectual muito importante no país, Jacques Roumain, refletindo sobre a que é uma de suas produções literárias mais relevantes: “Senhores do Orvalho”. Nesse sentido, creio que seja interessante entender sua importância para determinado grupo de leitores contemporâneos, neste caso, haitianos em mobilidade no Brasil. Todos estes segmentos e sujeitos são afetados pelas condições impostas por este sistema e simbolizam também determinada resistência a ela, como veremos nas próximas etapas do trabalho. A Revolução Haitiana, considerada um não evento na historiografia ocidental, é para estes a condição de sua identidade e liberdade.

2.2 A LITERATURA E A POLÍTICA DE JACQUES ROUMAIN

*“Como la contradicción de los rasgos
se resuelve en la armonía del rostro
proclamamos la unidad del sufrimiento
y de la rebelión
de todos los pueblos en toda la superficie de la tierra
y agitamos el mortero de los tiempos fraternales
en el polvo de los ídolos.”
Madera de ébano, Jacques Roumain*

A produção literária, assim como seus autores e leitores, fazem parte, necessariamente, de um contexto social e período histórico. Neste sentido, antes de dialogar sobre a biografia e obra de Jacques Roumain, pertencentes à primeira metade do século XX, cabe uma breve aproximação da presença e da produção literária no Haiti.

É recorrente em análises de estudiosos da literatura haitiana a avaliação de que durante o período colonial, que vai até 1803, não existe uma produção literária escrita no território. Isso se deve a uma estrutura social colonial que visava unicamente o comércio e a economia, para os brancos e parte de mulatos, e a condição de escravização e trabalho forçado da população negra. No entanto, é possível admitir a possível (e provável) tradição oral e popular, além da existência de teatro. Desta forma, “é fundamental pensar que é a independência que abre a porta às atividades literárias no Haiti” (JEAN, 2015. p.18), e a partir de então, os movimentos literários são estudados em períodos que andam e transformam-se juntamente com grandes marcos históricos do país.

Nos momentos da literatura haitiana pós-independência não há um consenso no que diz respeito a datas de início e término de cada diferente momento da produção literária, mas é possível observar algumas linhas gerais. Logo após a independência em 1804 até cerca do final dos anos 1830, a produção literária voltou-se a expressar os sentimentos de luta, refletidas pela vitória ao exército napoleônico, mas também ao temor de uma possível tentativa da França de retomar o poder sobre o país. Após o reconhecimento da independência pela França (1825), retoma-se o contato comercial com franceses e o acesso também se dá à produção cultural francesa. A partir deste momento, existe a sinalização para uma “imitação” a forma de escrita literária francesa, mas destinados a causas haitianas e é já parte do segundo período que pode ser compreendido entre o início dos anos 1940 e estende-se até 1960. Apesar de todos estes anos de produção literária, o primeiro romance escrito por haitiano publicado no Haiti teria sido em 1859, “Stella” de Émeric Bergaud (JEAN, 2015).

Outra das linhas de força da literatura haitiana está relacionado ao momento de grande crise política que ocorria no Haiti após a chegada de Sylvain Salnave⁵ ao poder e a crescente ridicularização do Haiti no exterior. Projetam-se então escritas literárias exaltando as belezas naturais que pretendem proteger o país dos ataques estrangeiros.

⁵Sylvain Salnave foi um general haitiano que chegou à presidência entre os anos de 1867 a 1869. Seu mandato foi marcado com confrontos civis, aumento das facções no país e grandes desavenças entre os poderes e partidos. Foi derrubado do poder com um golpe articulado por seu sucessor, Nissage Saget. Salnave acabou sendo julgado por traição, condenado a morte e fuzilado no ano de 1870.

Este movimento é conhecido como patriótico e pode ser observado na produção do período que vai de 1860 a meados de 1898. Após este, até 1915, uma nova tendência literária é influenciada pela revista *La Ronde* e tem duas linhas principais: denúncias do poder e das situações econômicas e políticas abaladas do Haiti, e a outra que objetivava promover a literatura haitiana fora do país. O movimento é marcado fortemente pelo pessimismo e drama, mas também pelos romances realistas, nacionalistas e de caráter sociológicos (JEAN, 2015).

A situação de instabilidade política no Haiti é agravada nos primeiros anos do século XX e em 1915, o poder militar estadunidense ocupa o território haitiano e transforma o país em uma espécie de colônia, que é completamente submissa às ordens e decisões do governo dos Estados Unidos. Esta ocupação é um cenário penoso da história haitiana e é neste momento que a figura de Jacques Roumain, juntamente com outros jovens da época, entra no cenário literário com um movimento de grande importância para a história do país: o indigenismo. Estes jovens, geralmente mulatos filhos de grandes proprietários que se estabeleceram logo após o processo de independência - apesar de já possuírem privilégios dentro das estruturas coloniais -, têm as condições e a soberania abalada pelos estadunidenses. Este processo tem grande influência sobre a literatura produzida por esses jovens, como explica Eurídice Figueiredo:

A alienação dos mulatos, cujas bases se encontram no processo colonial, é colocada em xeque, pelo menos parcialmente, durante a ocupação americana (1915-1934), já que estas elites foram afastadas do poder pelos ianques, para os quais negros e mulatos se igualavam. Muitas famílias mulatas, constituídas de grandes produtores rurais que exportavam seus produtos, foram alijadas do negócio de importação-exportação, partindo para a Europa. Os jovens, que criariam a *Revue Indigène* em 1927, eram filhos destes grandes negociantes, que haviam partido para a Europa no início do século devido à ocupação americana, aproveitando para usufruir os enormes ganhos advindos do *boom* do café (FIGUEIREDO, 2006. p.376).

Roumain nasceu em Porto Príncipe, capital haitiana, em 04 de junho de 1907 e é descendente da elite mulata com grande concentração de poderes econômicos e políticos, tendo sido seu avô materno, Tancredi Auguste, presidente do Haiti entre 1912 e 1913. Roumain dedicou grande parte da sua juventude aos estudos, que iniciaram no Haiti e depois continuaram em diferentes países do exterior. Entre estudos e viagens, percorreu Suíça, França, Alemanha, Inglaterra e Espanha e falava e praticava várias línguas, além do crioulo haitiano e francês, espanhol, inglês e alemão. Durante a sua

curta vida, Roumain praticou diversas profissões, ativismos e estudos que tiveram diferentes influências na sua produção literária.⁶

Em 1927, tendo finalizado seus estudos na Europa, Roumain retorna ao Haiti e inicia sua jornada na militância política do país, partindo principalmente de pressupostos comunistas com os quais teve acesso e estudo durante sua jornada de estudos na Europa. Considerando o contexto político do país no início do século XX, o autor se envolve na frente dos movimentos nacionalistas que efervescia e funda uma liga patriótica com diversos jovens intelectuais de elite que objetiva lutar contra a ocupação estadunidense no país.

Um dos principais movimentos idealizados e realizados por Roumain foi o Movimento Indigenista (*Revue Indigène*), juntamente com outros jovens intelectuais de classe alta que retornavam de seus estudos na Europa. O indigenismo foi um movimento literário concretizado pelo lançamento da revista em 1927 e é considerado um grande marco na história literária do país. Baseado nos ideais dos movimentos europeus pela valorização da negritude e da cultura popular, trazidos por esses jovens escritores, eles passam então a olhar de forma diferente para seu próprio país e a priorizar na sua produção literária as características populares haitianas, que até aquele momento foram tratadas de forma pejorativa na literatura sobre o país.

Educados nos melhores colégios europeus, estes mulatos vão descobrir o valor e o encanto do primitivismo e da *art nègre*, tão cultivados pelos artistas de vanguarda. De volta ao país natal com suas famílias nos anos 20, devido à queda, tanto no volume de vendas quanto nos preços do café, eles passam a ver o país com novos olhos. Como outros artistas latino-americanos, eles descobrem o próprio país pela mediação do olhar europeu das vanguardas (FIGUEIREDO, 2006. p.376).

Este é um movimento que não ocorre apenas no Haiti. O processo de reconhecimento e valorização das características populares, como crenças, línguas, modo de vida, música e danças, ocorreu também em grande parte da América Latina e do Caribe durante o início do século XX e está ligado com o andamento da formação das identidades nacionais e o rompimento com a visão estabelecida pelos colonizadores. Sendo assim, o indigenismo representa o início de um novo movimento de escrita literária

⁶Alguns trechos dos textos dos itens 2.2 e 2.3 desta pesquisa foram publicados em forma de resenha que pode ser acessada pelo seguinte link: [O romance político haitiano que perpassa décadas | Em Tempo de Histórias](#). A referência completa está listada ao final.

e de registro e valorização cultural. O próprio nome, *Indigène*, não é utilizado no Haiti como referência à população indígena como na América do Sul, mas leva o simbolismo de nacional, autóctone, os que constroem a nação:

O termo não evocava, portanto, o “indígena” ou o “índio” natural da América, sendo empregado nos textos haitianos da época como sinônimo de nacional, podendo ser associado a nativismo, particularmente reativado por causa da ocupação americana, episódio traumático na história do país (FIGUEIREDO, 2006. p. 380).

Por bastante tempo, a literatura produzida por franceses utilizou o termo para tratar de forma pejorativa a comunidade negra haitiana e seu conjunto de práticas culturais. Sendo assim, o nome tem como intenção ressignificar o termo no meio literário além de simbolizar aos novos invasores, que naquele momento era representada pela ocupação militar e política dos Estados Unidos no Haiti, que não eram parte e nem bem-vindos no país.

Desta forma, a produção literária a partir do movimento passa a tratar sobre a língua crioula, a prática religiosa do Vodou, a vida dos camponeses, a relação com a dança, os tambores e a terra. Tudo isso tem grande influência sobre os jovens da geração e de várias décadas seguintes, tendo ligação com a formação da identidade nacional haitiana e influenciando diversos artistas e autores até a atualidade. Como explicita Figueiredo no posfácio de “Senhores do Orvalho”:

O indigenismo constituiu uma guinada, por parte de escritores e artistas, incorporando a cultura popular, até então relegada à margem da sociedade; portanto, percebe-se uma homologia entre indigenismo, nacionalismo e haitianidade (ROUMAIN, 2020. p. 225).

Roumain participava também ativamente de centros e grupos de pesquisa e debates relacionados a estudos sociais sobre americanidades e era um ativista prático no meio político e cultural atuando nos movimentos de conscientização negra e de trabalhadores, podendo ser considerado uma das principais figuras da vida cultural no Haiti na época.

Durante a ocupação estadunidense no Haiti, as funções de presidência no país atuaram apenas com o intuito de ocultar o caráter ditatorial violento praticado pelos militares estadunidenses. Roumain foi um grande crítico desta ocupação e seus movimentos de conscientização política nos grupos e classes menos favorecidas não

agradou estas autoridades, por essa razão ele foi em diversas ocasiões preso e posteriormente exilado. Em 1934, quando militares estadunidenses retiravam-se do Haiti, o autor retorna ao país mas é novamente preso no governo de Sténio Vincent e conduzido ao exílio posteriormente. No entanto, ainda em 1934, Roumain funda o Partido Comunista Haitiano no qual atua como secretário-geral, considerado o primeiro partido de teor socialista/comunista no país que após dois anos, em 1936, é dissolvido pelo mesmo presidente. No exílio, Roumain parte novamente para a Europa onde inicia seus estudos também na área de etnologia e paleontologia humana, dedicando-se mais tarde a pesquisas voltadas para o Vodou praticado no Haiti.

Com a vitória de Elie Lescot para presidência do Haiti, que era simpatizante de Roumain, o autor pôde voltar ao país e foi indicado pelo presidente para exercer o cargo de Embaixador no México. Neste momento, Roumain que já estava com a saúde afetada por consequência das condições que enfrentou em seu segundo cárcere, viveu os últimos anos de sua vida nesta função e na produção de duas obras que foram consideradas seus melhores escritos pelos críticos, entre eles, “Senhores do Orvalho”. Jacques Roumain faleceu com 37 anos em 1944, no México.

Roumain representa, tanto na sua figura e ação política quanto na sua produção literária, um grande movimento dentro do universo haitiano que ainda lutava contra tentativas de dominação estrangeira sobre o território e população. A história de luta e revolução negra haitiana, da formação de uma sociedade que rompeu com o poder colonialista, seguiu-se de planos intermináveis de dominação e silenciamento contra essa população, os golpes políticos, econômicos e formação de um dos países mais pobres da América Latina. Roumain e o movimento indigenista convertem um olhar ensinado a ver apenas para além do Atlântico para um olhar interno que possa perceber, finalmente, a potência que foi apagada com o silenciamento, e transformar em orgulho os elementos que dão identidade à comunidade haitiana. Os elementos centrais da narrativa pretendem valorizar a experiência interiorana da população negra como digna de reconhecimento e respeito.

No contexto caribenho, o escritor é parte de um processo no qual diversos movimentos artísticos e culturais negros se formam: jovens estudantes que na Europa se

deparam com movimentos organizados, que descobrem quem são na perspectiva do colonizador e retornam para iniciar um movimento de descobrir quem são a partir de si mesmos. Nesse caminho, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Léon-Gontran Damas e outros produziram reflexões de extrema importância e são atualmente referências centrais para pensar realidades colonizadas e caribenhas. Muitos destes, também, se debruçaram em algum momento a falar sobre o Haiti:

Como nenhum outro país do Caribe tinha uma história tão espetacular quanto o Haiti — sendo que alguns ainda eram colônias ou mantinham uma relação de dependência com os Estados Unidos — o Haiti desempenhou um papel de ícone da revolução. A epopéia da luta pela independência foi tematizada por diversos escritores. C.L.R. James traça a história da revolução em *Os jacobinos negros* enquanto Aimé Césaire se refere ao Haiti no *Cahier d'un retour au pays natal* como o país *où la negritude se mit debout pour la première fois*. A viagem de Césaire no Haiti em 1944, que o marcou profundamente, vai transparecer em obras publicadas nos anos 60: a peça *La tragédie du roi Christophe* e o ensaio histórico *Toussaint Louverture*. Edouard Glissant também retomou a história do herói da independência na peça *Monsieur Toussaint*. O cubano Alejo Carpentier recriou a grande epopéia negra no romance *O reino deste mundo*, em cujo prefácio ele forjou o conceito de realismo maravilhoso, inspirado justamente pelas forças mágicas do vodu, que ele conheceu em sua viagem ao Haiti em 1943 (FIGUEIREDO, 2006. p.383).

A trajetória e contexto de vida de Roumain também é central para a leitura de “Senhores do Orvalho”, considerada a obra que representa com maior potência o que os movimentos idealizados e realizados por Roumain representam para o momento histórico e para a identidade do Haiti. Neste sentido, a trajetória de Roumain é também um elemento essencial para pensar a relevância e a atualidade da obra para leitores haitianos atuais e também simboliza as motivações que fazem com que Roumain seja trazido até hoje como um dos grandes nomes da literatura do país.

2.3 QUEM SÃO OS “SENHORES DO ORVALHO”?

“E de repente o sol aparecia. Borbulhava como uma espuma de orvalho sobre o campo de capim. Honra e respeito, mestre sol, sol nascente. Mais terno e quente do que penugem de pintinho no dorso redondo do morro, todo azulado, por mais um instante, na frieza da madrugada. Aqueles homens negros o saúdam, com um balanço das enxadas que arranca do céu vivas lascas de luz. E a folhagem rasgada dos pés de fruta-pão, remendada de azul, e fogo do flamboyant por tanto tempo latente sob a cinza da noite e que, agora, explodem numa fogueira de pétalas na orla das

algarobas.”
Senhores do orvalho, Jacques Roumain

“Senhores do Orvalho” é considerada a obra de maior prestígio de Jacques Roumain e foi escrita em seu último ano de vida, enquanto vivia no México como embaixador. A obra, foi publicada logo após a sua morte, ainda no ano de 1944, no Haiti, com a versão original escrita em francês. Foi aclamada pela elite intelectual e política como uma obra-prima, pelo seu senso de humanismo e realismo, além do romantismo revolucionário, ganhando ainda maior notoriedade nacional enquanto fazia grande sucesso no exterior. Roumain teria transportado a cultura camponesa haitiana de forma inédita a um escrito literário, unindo nele a sua paixão pelos elementos cotidianos, religiosos e linguísticos e oferecendo um sentido político e de transformação. Como afirma Jean (2015), pois “a notoriedade do Roumain é devida, sobretudo, pelo fato de expor através da sua obra a grande miséria da massa popular haitiana e sua fé em um futuro melhor”. Através de Roumain que a literatura e produção haitiana passa a ter maior notoriedade internacional.

Esta primeira metade do século XX é um momento de grande aceitação das ideias comunistas e na maior parte do globo, somado ao fato de que Roumain havia realizado ligações intelectuais e afetivas com muitos membros de organizações políticas e literárias pelo mundo. A obra publicada logo após a sua precoce morte teve grande número de traduções (cerca de 20 línguas) na década que seguiu seu lançamento, adaptação para o crioulo haitiano, além de adaptação para publicação de capítulos em jornal (L’Humanité, na França, em 1947), adaptações para teatro e duas adaptações para o cinema (“Cumbite” de 1964, em espanhol dirigido pelo cubano Tomás Gutiérrez Alea, e “Gouverneurs de la Rosée” de 1974, gravado em francês, dirigido pelo francês Maurice Failevi). A produção de Roumain está inserida em um contexto mundial de grandes guerras, desenvolvimento de ideais e governos fascistas e estratégias desumanizantes, como o Holocausto. Com base nisso, produções literárias que concediam fios de esperança de transformação da realidade, como a obra “Senhores do Orvalho”, podem ter se tornado extremamente relevantes para aquele momento histórico.

No Brasil, a primeira tradução foi realizada por Emmo Duarte, denominada “Donos do Orvalho”, de 1954, e foi publicada na coleção “Romances do Povo”,

organizada por Jorge Amado na década de 1950 pela Editorial Vitória, editora vinculada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) na época. O livro de Roumain foi o quinto livro a ser publicado pela coleção e teve cerca de dez mil exemplares impressos. A Coleção teve como objetivo traduzir ao público leitor brasileiro romances internacionais que expressam realidades populares, escritos por prestigiados autores e com posicionamentos políticos alinhados com o partido. O organizador da coleção, Jorge Amado, foi um dos literatos mais reconhecidos da modernidade brasileira e da geração literária “regionalista” - que tinha como aporte principal expressar a realidade brasileira - com objetivos parecidos com os objetivos do indigenismo, no Haiti. As informações presentes nesta edição salientam que Roumain já era conhecido no Brasil pela sua poesia, considerado como um dos maiores romancistas da América Latina e maior intelectual do Haiti até aquele momento.



Foto 1- Donos do Orvalho de Jacques Roumain, Editorial Vitória Limitada, 1954. Coleção Romances do Povo. (Acervo pessoal)

Em 2020, sessenta e seis anos depois da coleção de Jorge Amado, a editora Carambaia lança uma nova tradução e edição em português brasileiro, intitulando o romance "Senhores do Orvalho". Monica Stahel traduz a obra de Roumain para um(a) leitor(a) atual, ao mesmo tempo em que respeita muito fielmente os ideais e a linguagem do texto. A nova edição conta ainda com um posfácio da professora Eurídice Figueiredo, pesquisadora atualmente vinculada à Universidade Federal Fluminense. O texto de Eurídice se coloca de extrema importância considerando que ela localiza o(a) leitor(a) dentro da produção literária haitiana, na história do país e na vida do próprio Jacques Roumain, colaborando na análise em relação a produção literária caribenha do período. Além disso, essa versão conta, ainda, com um projeto gráfico que se preocupa em pensar em cores e texturas que aproximam o leitor do cenário descrito no romance: a terra seca e vermelha corroída pelo sol, a textura árida de um solo sem contato com a água, a inexistência da vida e de plantas, que reflete o sentimento das pessoas que ali vivem.

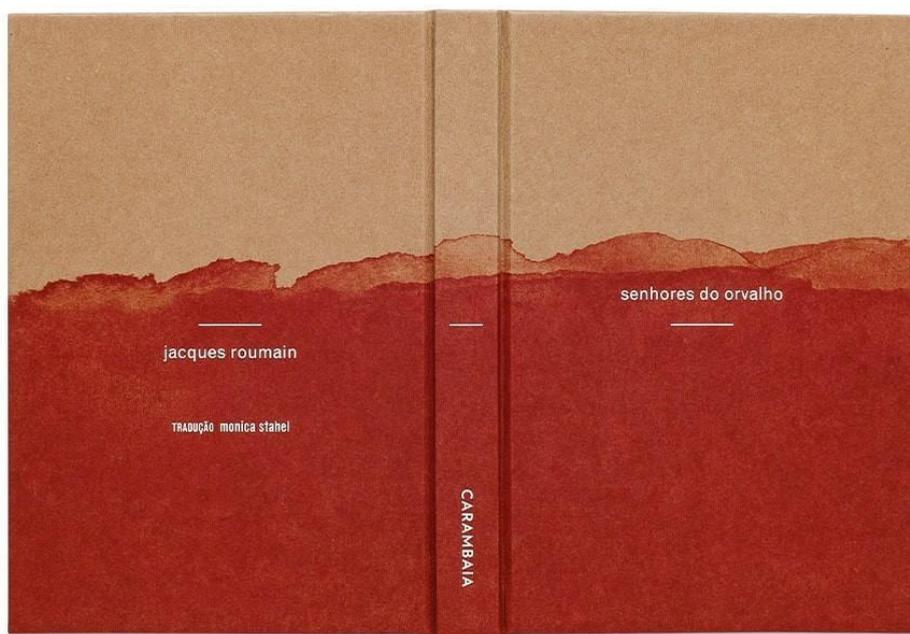


Foto 2- "Senhores do Orvalho" de Jacques Roumain, Editora Carambaia, 2020. (Acervo Editora Carambaia)

A recente tradução e publicação no Brasil é de grande valia, pois representa

um caso ainda infrequente de retradução de literatura caribenha e possibilita aos brasileiros o acesso a uma obra culturalmente muito importante para a população haitiana. A editora Carambaia já anunciou o lançamento de uma segunda edição desta tradução para o ano de 2022, reflexo do sucesso de vendas e de procura. Considerando a vasta presença da comunidade haitiana no Brasil atualmente, a aproximação com a realidade sociocultural dessa população, por meio da obra, é extremamente valorosa para garantir sua integração nos espaços de cidadania e socialização no país. Outro fator relevante é que uma nova tradução pode também simbolizar um novo momento em torno das traduções de obras haitianas⁷ como um passo ao movimento de aumentar estas produções no Brasil. O Haiti é alvo de uma ideia estigmatizante voltada à miséria econômica e social e tal ideia se perpetua na medida em que não conhecemos as reais estruturas históricas, culturais, intelectuais e as produções artísticas produzidas no país ou por sua população em situação de migração.

Apesar de ser uma difícil decisão, assumo neste trabalho, como título e tradução, a obra mais recente, de 2020, por alguns fatores que valem a pena serem ressaltados. A primeira tradução da obra carrega um marco como a primeira obra caribenha de expressão francesa traduzida no Brasil⁸, um pioneirismo considerável dentro da perspectiva de publicações caribenhas no Brasil, tanto no campo teórico quanto literário. É um destes exemplares de 1954, que inicia comigo o projeto desta pesquisa (ainda em 2019) e seria ela, a princípio, a versão que eu utilizaria como análise. Foi uma surpresa inesperada para mim a nova tradução e lançamento que ocorreu na parte final do ano de 2020, sendo que apenas soube dela quando já estava à venda. Essa retradução também carrega pioneirismo: um romance que é retraduzido quase 70 anos depois no Brasil. Assumo a partir deste momento essa nova edição e tradução pois acredito que o movimento dessa publicação está atrelado à temática que trabalho nesta pesquisa: a presença cultural e intelectual de haitianos no Brasil. Assumo também pois, apesar de ser uma edição limitada e de luxo, o simbolismo de uma nova tradução de

⁷ Algumas das principais obras literárias de autoria haitiana traduzidas no Brasil, além desta de Roumain são as de René Depestre como “O Pau de Sebo” e “Aleluia para uma Mulher-jardim”, as de Dany Laferrière com “Como fazer amor com um negro sem se cansar” e “País sem chapéu”, a autobiografia de Edwidge Danticat, traduzida como “Adeus, Haiti”, o livro “Falhas” de Yanick Lahens e “O lápis do bom Deus não tem borracha” de Louis-Phillippe Dalembert.

⁸ As próximas obras seriam publicadas apenas décadas mais tarde, como a obra “Pele negra, máscaras brancas” de Frantz Fanon em 1963 e a obra “Pau de Sebo” de René Depestre em 1983.

Roumain, em 2020, demonstra o quanto esse romance permanece atual, tema que abordarei nos próximos capítulos.

O enredo de “Senhores do Orvalho” aborda uma comunidade rural haitiana que está passando por um momento de extrema dificuldade: há um grande período de seca, uma paisagem morta de terra vermelha e seca, na qual apenas algumas plantas baixas e rasteiras sobrevivem. As descrições das paisagens são frequentes e intensas na escrita do autor a ponto de criar um desconforto ao descrever à(ao) leitor(a) a imagem de um sol ardente queimando um chão, plantas e um povo. Manuel, um homem jovem que havia migrado para trabalhar como cortador de cana em Cuba, retorna e encontra essa lamentável cena de sofrimento de seus velhos pais e de seu povoado. Nesses quinze anos em que viveu em Cuba o personagem envolveu-se e conheceu movimentos trabalhistas e ideais socialistas revolucionários que o incentivaram a iniciar sua luta para transformar a situação de seu povo no Haiti.

A trama gira em torno de Manuel e de sua meta em conseguir trazer água para seu povoado de *Fonds-Rouge*. O protagonista acredita que a salvação dessa população só seria possível a partir da união e trabalho coletivo de todos e todas e, para isso, ele precisa fazer com que sua comunidade se una novamente, já que está dividida em dois grupos depois de desavenças brutais entre familiares. Durante esse cenário central, diversos elementos culturais se fazem presentes e proporcionam um passeio pelas paisagens rurais haitianas, uma conversa com as pessoas do povoado e um modo de se aproximar das religiosidades, da linguagem crioula e das formas de relação e socialização desse espaço rural.

Os camponeses entoaram a ação de graças, pois era o sinal visível de que Legba [*divindade do vodu afro-haitiano que tem a função de intermediário, mensageiro*] aceitava o sacrifício.

Com uma torção violenta, Dorméus arranca a cabeça do galo e apresentou seu corpo às quatro direções cardiais.

Abobo

ulularam as *hounsi* [*iniciadas do vodu*].

O *houngan* [*sacerdote do vodu haitiano*] repetiu o mesmo gesto de orientação e deixou cair no chão três gotas de sangue.

Sangra, sangra, sangra.

cantaram os camponeses.

Durante todo o tempo, Délira mantinha-se ajoelhada ao lado de Bienaimé,

com as mãos juntas na altura do rosto. Procurava Manuel com os olhos, mas ele, naquele momento, estava dentro da choupana tomando um copo de pinga com Laurélien e Lhérisson Célhomme.

- Ah, é preciso servir os velhos da Guiné, sim – dizia Laurélien.

- Nossa vida está entre as mãos deles - respondeu Lhérisson.

Manuel esvaziou o copo. O martelar rouco dos tambores sustentava a exaltação do canto. (ROUMAIN, 2020, p.67) [Descrições adicionadas por mim de acordo com notas explicativas da tradução].

O movimento literário indigenista tinha como centralidade a valorização da cultura popular haitiana, o reconhecimento do crioulo como língua e o respeito às práticas religiosas do vodu em suas obras. Tanto o vodu quanto o crioulo foram elementos de extrema importância na organização da Revolução de 1804 e tiveram um papel central na formação da sociedade haitiana, mas que foram extremamente perseguidos e discriminados no país⁹ (HANDERSON, 2010). Segundo o posfácio de Figueiredo, Roumain escreve sua obra em um francês levemente criouloizado, na fonética e na semântica, que podem ser compreendidos como uma forma de manter o francês e, com isso, possibilitando maior acessibilidade à obra sem perder a característica popular dos diálogos. O crioulo, por sua vez, é mais presente nos cânticos descritos e nos rituais vodu. A religiosidade popular também está presente em toda a obra, em pequenas oferendas, pedidos de chuvas e proteção às entidades/divindades vodu, denominados *loás*, ou no grande ritual realizado para celebrar o retorno de Manuel, descrito com detalhamento por Roumain.

A linha ideológica marxista do autor também percorre o texto: além do personagem Manuel e sua formação política dentro dos movimentos trabalhistas cubanos, a trama desenvolve como a inserção dos ideais coletivos de transformação social podem colaborar para a criação de “consciência de classe” em realidades rurais e isoladas, diferentes dos tradicionais trabalhos realizados pelos movimentos sindicais europeus, majoritariamente urbanos e industriais. Há uma forte presença de elementos que criam um cenário de miséria material, de abandono das estruturas governamentais e o forte apelo ao imaginário espiritual das comunidades camponesas - que eram maioria no período de escrita da obra no Haiti.

O título, “Senhores do Orvalho”, se refere às antigas práticas de *combite*

⁹ Será pontuado no item 2.4 que as entrevistas realizadas demonstram que em alguns aspectos sociais, a expressão da religiosidade vodu e a fala da língua crioula ainda são censuradas no Haiti.

realizadas no contexto rural haitiano. A *combite* é uma atividade de trabalho coletivo onde as famílias se organizam de forma a realizar trabalhos nas lavouras de todas as famílias do vilarejo, tornando muito mais rápido e dinâmico do que se apenas a família trabalhasse naquele terreno. É uma espécie de rodízio, hoje todos trabalham na plantação de uma família, e no outro dia todos trabalham na plantação do outro, e assim por diante. Este trabalho, iniciado geralmente antes do amanhecer para evitar o calor depois do nascer do sol, fazia com que todos estivessem trabalhando no momento do orvalho matinal. No romance, a *combite* aparece principalmente em uma lembrança de Bienaimé, pai de Manuel, de tempos remotos onde todos eram unidos e trabalhavam coletivamente guiados pelo som do tambor e voz do *simidor*, pessoa responsável por dar o ritmo do trabalho. Nada disso é possível agora, pela briga que separa o vilarejo e a falta de água para plantar.

A prática da *Combite* pode ser o exemplo de maior expressão na obra sobre esta forma de quebrar com a logística colonial e individualista de produção e organização. A prática que representa as características da negritude, da resistência, a força espiritual do vodu e do tambor acaba por ser a saída para a sobrevivência e uma forma de compreender a importância da coletividade mas também de identificação de classe. De forma muito poética, o romance termina com uma *Combite* que conta com a ajuda de toda a comunidade, organizada por Délira e Annaïse, que cava as valas para que a água e a vida cheguem ao vilarejo.

Uma questão interessante que aparece no romance é o baixo índice de acesso à educação no Haiti. Manuel, o inteligente político é analfabeto, assim como a maioria da população do país, cerca de 90% em 1950 (SANTANA, 2003), mas o personagem fala sobre a importância do acesso do letramento e educação como forma de autoproteção contra ações que tentam enganar a população camponesa.

Manuel sempre lamentara não conhecer a escrita. Mas quando, graças à irrigação, a vida melhorasse, pediriam ao Magistrado Comunal do povoado que instalasse uma escola em Fonds-Rouge. Ele proporia aos camponeses construírem voluntariamente uma choupana para abrigá-la. É preciso ter instrução, ajuda a compreender a vida. [...] E, se o camponês fosse à escola, com certeza não seria tão fácil enganá-lo, abusar dele e tratá-lo como burro (ROUMAIN, 2020. p. 168-169).

Em 1941, alguns anos antes da publicação de “Senhores do Orvalho”, a Igreja

Católica promoveu no Haiti uma campanha anti-supersticiosa que perseguiu praticantes do vodu e destruiu os locais onde era praticada a religião. Roumain lançou no ano seguinte uma campanha contra esse ataque e ressaltou a importância da prática para a cultura do país. No entanto, Roumain acreditava, através do marxismo, que a crença não poderia ser benéfica para a transformação social, e acreditava que com maior acesso à educação os laços dos camponeses com a religiosidade diminuiriam. Como este caminho em direção a educação só seria possível com uma melhora nas condições básicas da população, o autor confiava que a campanha principal no país deveria ser anti-miséria. De fato, a campanha da Igreja Católica foi uma forma de justificar a grande expropriação de terras dos camponeses naquele período em benefício aos grandes proprietários do país e das forças estadunidenses (SANTANA, 2003).

A ideia cristã, além de presente no sincretismo vodu, está representada na obra de uma maneira mais tradicional, gerando diálogos sobre Deus e seu esquecimento à população negra. O ideal cristão e a forte ligação com a religiosidade (inclusive a vodu) são constantemente criticados por Manuel, que coloca a responsabilidade de transformação no ser humano e em alguns momentos se posiciona muito contrariamente à moralidade religiosa (sutilmente colocada). Apesar da crítica aos apelos sobrenaturais, o personagem Manuel desenvolve na trama um caráter de santificação, messiânico e de sacrifício, trazendo elementos bíblicos que vão muito além de seu nome. Quanto a isso, Figueiredo nos diz que não há como negar a ligação estreita entre o marxismo e a religião.

A informalidade dos diálogos de “Senhores do Orvalho” pode nos demonstrar, mesmo que brevemente, os papéis de gênero que permeiam o espaço representado na obra. Além de Manuel, há outras duas personagens principais: Délira, mãe de Manuel, e Annaïse, sua companheira. Essas mulheres desempenham a força que carrega Manuel para cumprir com sua missão. Apesar de alguns cantos e passagens representarem situações e expressões machistas, as personagens mulheres têm um papel fundamental e central na trama, ou seja, sendo as confidentes e disseminadoras das ideias que possibilitam a esperança para *Fonds-Rouge*. Délira, se analisada na perspectiva cristã, é a base sólida da atuação de Manuel, assim como Maria seria de Jesus, a protetora, incentivadora, cuidadora e a que cuida de seu legado.

A força do papel feminino presente na obra não é característica apenas na produção de Roumain e pode ser observada em outros escritos haitianos. A ligação forte com mães, tias e outras personagens pode ser um reflexo da questão social no Haiti já que as mulheres desempenham um papel central na presença afetiva, nas mediações sociais e no giro econômico do país. Há muitas gerações, os homens haitianos tendem a migrar, nacional ou internacionalmente, em busca de trabalho. Nesta logística, as mulheres geralmente permanecem cuidando do crescimento dos filhos e realizando alguma forma de trabalho, geralmente envolvida com o comércio, perto de casa. Assim, o poder na comunidade, representado principalmente por Délira e Annaïse, reforça a ligação e importância das mulheres na comunidade.

“Senhores do Orvalho” pode ser lido como um livro de esperança, um romance sobre como ideias podem tomar grandes proporções e transformar realidades miseráveis em vidas menos sofridas. A trama é um chamado de “uni-vos” para o povoado de Fonds-Rogue, uma aclamação para que as diferenças sejam esquecidas para que se possa alcançar o bem coletivo que, nesse caso, simbolicamente, é a água. A água é uma personagem central no romance, sendo a motivação de todos os acontecimentos e pode ser lida como a simbologia da própria vida, visto que frequentemente durante a trama os moradores do vilarejo questionam se ainda existe vida por lá. É possível justificar tal análise por meio das primeiras palavras do romance em que Délira, observando a terra seca, diz: “- Todos nós vamos morrer...”. A seca simboliza antagonicamente a própria morte, que toma lentamente cada pedaço de vida da comunidade, destrói cada semente que não nasce, inclusive a da esperança.

A obra de Roumain representa o sofrimento de uma comunidade, mas que pode ser interpretada como toda a população haitiana. A história de luta e revolução negra haitiana, da formação de uma sociedade que rompeu com o poder colonialista, seguiu-se de planos intermináveis de dominação e silenciamento contra essa população. Roumain e o movimento indigenista converte um olhar ensinado a ver apenas para além do Atlântico para um olhar interno que possa perceber, finalmente, a potência que foi apagada com o silenciamento, e transformar em orgulho os elementos populares tratados de forma pejorativa pela literatura francesa. Os elementos centrais da narrativa pretendem valorizar

a experiência interiorana da população negra como digna de reconhecimento e respeito. Os senhores do orvalho são homens e mulheres simples, trabalhadores/as haitianos/as, que sonham com uma vida melhor para si e para os seus, uma maior abundância de água, uma esperança de vida.

2.4 AS LÍNGUAS, ORALIDADE, LEITURA E LITERATURA

*“Sua voz
mais que um rumor surdo
emergindo das águas turvas da memórias
Seu canto morto pelo tempo
Sua fala outrora reclusa
hoje rebelde
torturada pela urgência
busca obstinadamente
nos escombros de um país perdido
esta língua de luz”
Poemas sem idade II, Marie-Célie Agnant*

Para realizar o movimento de pensar a relação da comunidade haitiana no Brasil com a obra “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain, acredito ser necessário entender determinadas questões que envolvem o processo de escolarização, acesso e incentivo à leitura durante a infância e adolescência. Durante a realização das entrevistas alguns aspectos se destacaram e se repetiram nas falas dos entrevistados, e é destas questões que parto para refletir sobre alguns aspectos de como se dá, no Haiti, o incentivo à leitura, o acesso à literatura nacional e internacional e como a questão das línguas, crioulo e francês, é colocada nestes processos.

Sobre a infância e as práticas de leituras, as entrevistas destacam dois espaços principais, um deles é o ambiente escolar e o outro é a casa, o ambiente familiar. Segundo as entrevistas, o incentivo à leitura na escola acontecia através de dinâmicas que ocupavam o espaço da biblioteca, aulas destinadas à leitura e atividades avaliativas que “obrigavam” a leitura frequente, interpretação e relato oral ou escrito do conteúdo. Esta atividade, apesar de aparecer como obrigatória nas entrevistas, é também citada como uma experiência muito interessante e de abertura para o universo da leitura e da ficção.

Eu acho que foi uma experiência bastante bonita, porque, por exemplo, quando a

gente pegava algum livro que tinha algum poema nele, depois a gente tinha que entregar o livro e a resenha, a gente também tinha que, por exemplo, recitar aquele poema na sala de aula, sabe? Então meio que a gente tinha esse espaço né, de mais criatividade, porque a gente recitava do nosso jeito, fazia os gestos, enfim. Foi uma época boa, posso dizer (entrevistada Sarah, 2021).

Quanto aos conteúdos e a língua destes livros, as falas dos entrevistados demonstram elementos mais críticos. Segundo os relatos, os livros estavam quase que unicamente em francês e apresentavam histórias nas quais prevaleciam o olhar francês e colonizador sobre o haitiano. Vale ressaltar que a educação institucional é ainda um desafio muito grande no Haiti, como mostram as observações realizadas por Marques (2012) referentes aos primeiros anos do século XXI, salienta-se que apenas cerca de 50% das crianças estão dentro das escolas haitianas, e mais de 80% destas em escolas privadas. Considerar o pagamento de ensino formal em um país onde a maior parte da população vive com uma renda diária abaixo de um dólar reflete a forma como a educação é prioridade nos caminhos para um futuro diferente, como ressalta o entrevistado Joseph (2021) “a educação é uma das formas que você consegue chegar na vida”.

Na primeira constituição haitiana (1805), a educação já aparece como responsabilidade do Estado, sendo definida como direito universal, obrigatório e gratuito nas legislações que seguiram. No entanto, nos primeiros anos após a independência, poucas escolas foram efetivadas e todas em espaços urbanos, o que acentuou as desigualdades e os filhos e filhas de camponeses permaneceram iletrados e trabalhando nas terras em favor da elite. Em 1860, um acordo entre o Estado haitiano e o Vaticano deu total responsabilidade da implementação educacional no país para a Igreja Católica, acentuando ainda mais as desigualdades no acesso à educação e direcionando interesses de conteúdos e doutrinas religiosas e comportamentais (ANTOINE; AMARAL, 2019). Sobre essa relação entre a educação e o Vaticano, o entrevistado Alexi faz a seguinte análise:

E antes de 1860, o Haiti tinha 5% de pessoas letradas, porque, claro, uma sociedade que foi construída à base de todo mundo ex-escravos. Então a possibilidade de uma pessoa ser alfabetizada, ocidentalmente, eu digo ocidentalmente letrada, eram poucas. Então para o Haiti voltar a se relacionar com os outros países no mundo, o Haiti teve que fazer apelo ao Vaticano, e o Vaticano, uma das condições era que o Haiti, que eles investissem na educação do Haiti e que eles controlassem a educação do Haiti. Então, a partir daí, quem controla a educação no Haiti foi o Vaticano. Então o que eles fizeram? Óbvio, catequismo,

né. Enfia o cristianismo e faz perseguição contra o vodu, por isso que tu vê essa rixa entre o Manuel, porque o Manuel mais ou menos foi ocidentalizado, sabe. E tu vê na obra muitos termos que são usados, são termos do cristianismo... Jesus, Maria, José, etc. Sim, claro, porque a educação e o autor também foi influenciado pelo cristianismo, e todo haitiano que é alfabetizado tem uma influência do catolicismo, do cristianismo. Porque 80% das escolas do Haiti são escolas privadas, e 90% dessas escolas privadas são da igreja, algum tipo de igreja. Então todo haitiano sabe o pai nosso (entrevistado Alexi, 2021).

Segundo Antoine e Amaral (2019), com a ocupação dos estadunidenses (1915-1934) e a Ditadura dos Duvalier (1957-1986) novas alterações foram realizadas, mas pouco foi alterado na estrutura curricular. A política dos estadunidenses foi a de diferenciar a educação no setor rural e urbano para direcionar a educação rural para agrícola e a urbana para a técnica. No entanto, é importante ressaltar aqui que o acesso à educação no ambiente rural era praticamente nulo, sendo que em 1952 ainda 90,4% desta população era analfabeta. Neste ponto, abro um parêntese para relacionar estes dados com o enredo de “Senhores do Orvalho”, que representa uma realidade rural do Haiti onde a população é completamente iletrada e abandonada pelo Estado, e a escola aparece nas falas de Manuel como um sonho de futuro, parte da revolução que planeja para o vilarejo.

As tentativas de reformas educacionais depois deste período continuaram falhando em seus planos, em parte como projeto de Estado controlado por governos estrangeiros e conseqüentemente, baixo investimento econômico e democratização do acesso. Gradualmente, o Estado passou a desvincular-se das atividades sociais e educacionais, com a iniciativa privada ganhando cada vez mais espaço e o acesso às famílias menos favorecidas permanece dificultado (ANTOINE; AMARAL, 2019). Considerando esta condição educacional no contexto político e econômico no Haiti, existe uma relação complexa das famílias com a educação, pois ao mesmo tempo em que as escolas são caras e demandam investimento grande das famílias, a educação é um dos poucos meios de alcançar uma forma diferente de futuro. A fala de um entrevistado pode representar bem esta relação:

O Haiti é um país empobrecido, então o modo da escola do Haiti é diferente do do Brasil. [...] A escola pública do Haiti não é paga, mas às vezes é mal vista e, principalmente, porque não tem professores, não tem uma educação adequada, mas tem escola pública que é muito boa. No Haiti o importante é ter uma boa educação. Para quê? [...] Os pais sabem que é difícil se tornar um engenheiro, um médico, um professor, mas eles te ajudam, te dão essa motivação, tu tem que estudar para ter uma boa educação, para se tornar alguém melhor na vida, melhor

que os pais. Então, nessa questão de se tornar melhor que os pais, que os parentes, então os parentes acabam trabalhando mais duro pra enviar seu filho pra escola privada. Por que? Porque na escola privada, a criança, o filho, vai ter uma boa educação (entrevistado Alfred, 2021).

Desta forma, a educação formal é um investimento e financiamento coletivo, geralmente incentivado e promovido pelo restante da família, muitas vezes a cargo daquele que vive fora do país (HANDERSON, 2015a).

Esta fala do entrevistado Alfred também nos direciona a olhar para o outro ambiente de acesso e incentivo à leitura que é o ambiente familiar, a casa. O estudo visto como uma das poucas possibilidades de ascensão social se torna também demanda dos familiares que convivem com as crianças. Em diversas entrevistas, existe pelo menos uma pessoa da família que sempre incentivou a leitura, seja presenteando com livros, acompanhando a bibliotecas ou pedindo para que contasse as histórias que lê. No caso da entrevistada Sarah esse incentivo veio do pai que fez ela se recordar com bastante afeto seus primeiros contatos com a leitura. Ela nos conta: “Meu pai costumava comprar bastante livro pra gente, porque a princípio era só eu e minha irmã né então, a gente tinha essa coisa dele ler pra gente, dele comprar livro pra nós” (entrevistada Sarah, 2021). No caso da entrevistada Michelene, quando questionada sobre seus primeiros contatos com a leitura na infância ela nos diz:

Isso é uma boa pergunta e traz muita lembrança ao mesmo tempo quando você está perguntando. Quando eu era bem pequena, sabe, eu venho de uma grande família, eu tenho sete irmãos mais velhos, então, eu não estava sozinha nesse caminho, eu cresci e vi que meus irmãos também gostavam de ler. Até tenho um dos meus irmãos que me ensinava, me ajudava a aprender minhas lições e eu tive que estudar o dicionário quando eu estava pequena. [...] e ele era o único irmão que, na verdade, que estava comigo nessa jornada, para me ensinar e pra me incentivar também (entrevistada Michelene, 2021).

Os relatos em relação ao incentivo à leitura nos ambientes familiares sempre relacionados a momentos afetivos com membros da família, relatados como memórias e momentos bons, confortantes e de proximidade. Estes são diferentes daqueles comentados em relação à escola, pois nos ambientes escolares as memórias estão mais relacionadas a obrigatoriedade, necessidade de ler por condição imposta, mas não vistas necessariamente como uma coisa negativa, apenas algo que para eles, como crianças, não fazia muito sentido naquele momento.

Três pontos se destacam nas entrevistas quanto a este acesso ao mundo literário em casa que se diferenciam completamente do ambiente escolar, e o primeiro deles é em relação à forma como acessam estas histórias. Ao contrário da escola, onde o acesso é muito relacionado à leitura, nos ambientes familiares as histórias geralmente chegam de forma oral, em momentos onde se reúnem as pessoas mais velhas da família com as crianças e são narradas, aos jovens, histórias que atravessam gerações. Existem diversos aspectos que podem ser refletidos sobre esta informação da predominância da oralidade e uma delas pode ser parte do rompimento com o projeto colonial e ocidental de apagar e desumanizar a população negra africana trazida forçosamente para a realização de trabalho escravo. A oralidade como forma de transmissão de conhecimentos ancestrais é uma prática africana que foi também elemento importante para a manutenção, organização e sobrevivência das comunidades negras na América.

Esta prática de contar histórias é representada por uma expressão antilhana: “*Krik? Krak!*”¹⁰. *Krik?* simboliza o pedido para que uma história seja contada, e *Krak!* a resposta positiva, de que uma história será contada. É um ritual muito antigo que demanda um público intencionado a ouvir com atenção e um contador, geralmente mais experiente e respeitado, que conta histórias e lendas de indígenas e negros africanos que viveram no território (DALEMBERT, 2010). Para Dias (2018, p.25), o ritual do “*Krik? Krak!*” é pertencente ao conjunto patrimonial da oralidade de todo o Caribe e “é a representação de que Haiti, sua cultura e sua gente estão presentes onde exista um contador de histórias”.

A contação de histórias em forma oral nos ambientes familiares possui então um caráter de identificação e formação identitária, pois são as histórias contadas pelos seus ancestrais e na língua materna. A língua utilizada é o segundo ponto que se destaca na fala dos entrevistados sobre o acesso às histórias, pois diferente da escola, no caso das contações em casa e na comunidade, a língua utilizada é a crioula, a língua primária e falada por toda a população. A oralidade e o crioulo são elementos indissociáveis no

¹⁰“*Krik? Krak!*” é o título de um livro de contos de Edwidge Danticat, escritora que nasceu no Haiti e migrou ainda criança para os Estados Unidos com sua família durante o período ditatorial de Baby Doc, Jean-Claude Duvalier. A obra contém diversos contos que falam sobre a realidade das ditaduras no Haiti, histórias sobre haitianos/as que migram para os Estados Unidos e outras temáticas relacionadas.

universo haitiano e a transmissão do conhecimento, da história e da literatura por este viés reúnem elementos que remontam a ancestralidade e a negação à imposição ocidental. Apesar da violência imposta pelo colonialismo, que negou a memória e a humanidade a população africana escravizada, através da língua crioula e da oralidade as memórias e a ancestralidade puderam ser resgatadas e transmitidas para as próximas gerações. Como nos explicita a entrevistada Michelene (2021): “na nossa tradição haitiana a gente tem os contos, os provérbios e o teatro. Então o laço, o sentimento de beleza, passa em primeiro lugar pela oralidade, antes mesmo de ser escrita”.

Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant defendem em “*L’Éloge de la créolité*”, manifesto que pretende identificar e reivindicar a crioula e a identidade crioula no Caribe, que a oralidade é elemento essencial a formação antilhana e das próprias línguas crioulas, forjadas nas plantações a partir da necessidade, a oralidade é o ponto de partida das Antilhas:

Nossa cultura crioula foi forjada em um sistema de plantações, através de uma dinâmica questionadora de aceitações e de recusas, de demissões e de assunções. Verdadeira galáxia em formação em torno da língua crioula como núcleo, a Crioulidade conhece ainda hoje, um modo privilegiado: a oralidade. Fornecedora de contos, provérbios, “titim”, cantigas, canções..., etc., a oralidade é a nossa inteligência, ela é nossa leitura de mundo, o balbucio, ainda cego, de nossa complexidade. A oralidade crioula, mesmo contrariada na sua expressão estética, apresenta um sistema de contra valores, uma contra-cultura; ela apresenta o testemunho do gênio ordinário aplicado à resistência, dedicado à sobrevivência (CHAMOISEAU; BERNABÉ; CONFIANT, 2017. p.121).

A língua francesa, considerada por muito tempo a única língua oficial do Haiti, possui caráter obrigatório nas instituições formais com o domínio da Igreja sobre as unidades educacionais, e conseqüentemente, é a língua utilizada na alfabetização e na maioria das vezes, falar crioulo nas escolas é proibido e reprimido. Com a proibição da utilização da língua materna na escola, os espaços familiares, nos quais o conhecimento é transmitido de forma oral e em crioulo se tornam ainda mais prazerosos e afetivos, pois não há obrigatoriedades e não há penalização pelo uso de determinada língua.

O momento que você tem pra escutar histórias em crioulo é o momento de alegria, sabe? É um momento de alegria. É comum você chegar na escola e você ver na porta "o crioulo é proibido". [...] Hoje em dia eu percebo que isso faz parte de uma repressão linguística. Impediam você falar a tua língua nativa e também tinha pena pra isso. [...] Então eu tive que saber e na marra. Então era muito gostoso [os momentos de ouvir histórias em crioulo]. Às vezes a gente cutucava, a gente "ah, não vai ter história hoje?" E respondiam "Teremos!", entendeu? Então era sempre bom (entrevistado Joseph, 2021).

A questão das línguas no Haiti é um processo histórico que está ligado diretamente aos efeitos da colonialidade no país. O crioulo, língua formada através dos diversos elementos linguísticos trazidos pelos negros africanos e com influência do francês, foi uma das ferramentas principais para a Revolução que ocorreu no Haiti e a língua predominante em todo o processo pós-revolução. Com as institucionalizações do país e do Estado haitiano, o francês foi a língua considerada formal e até 1961 era a única língua oficial do país. Neste ano, após a oficialização do crioulo, o processo de inserção no meio escolar ocorreu aos poucos, mas é ainda uma língua subalternizada no processo de diglossia com o francês. A entrevistada Sarah (2021) nos diz que “isso diz muito sobre os próprios efeitos da colonialidade dentro do Haiti”, pois a proibição de falar a própria língua é uma forma de calar e perpetuar o silenciamento planejado para o país.

Diglossia é um termo utilizado para representar que existe uma diferença de status e de poder social entre duas línguas, neste caso do Haiti, esta diferença está na valorização social dada à língua francesa frente ao menosprezo dado à língua crioula e a população que a utiliza. Frantz Fanon (2008) nos diz que a partir do momento em que um sujeito fala, ele assume uma cultura e o peso de uma civilização e, conseqüentemente, existe. No universo caribenho francófono, Fanon descreve como a imposição do francês acontece nos ambientes institucionais e sociais, e falar francês é uma estratégia de aproximar-se da humanidade, o que chama de zona do Ser. Para o autor, a zona do Ser representa o espaço social daquelas pessoas que são consideradas humanas e conseqüentemente, acessam a cidadania plena. A zona do Não-Ser é onde se localizam os sujeitos que por um conjunto de subalternidades não acessam os direitos teoricamente garantidos a eles.

o negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. Não ignoramos que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser. Um homem que possui uma linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê aonde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência (FANON, 2008. p. 34).

Falar a língua do colonizador, segundo Fanon, aproxima o sujeito negro da experiência de ser branco, e o branco está na zona do Ser. A entrevistada Sarah (2021) nos diz que “no Haiti você chega num lugar e fala francês, você é atendido de um jeito.

Outra pessoa chega e fala crioulo e é atendida de um jeito totalmente diferente, desprezível”. Falar francês neste sentido, para Fanon, é também uma forma estratégica de ampliar suas possibilidades de acesso e atitudes para os sujeitos colonizados. Quanto da produção literária haitiana, um entrevistado fala sobre esta manobra com o francês:

Mas é uma técnica também produzir em francês. Quando você produz, quando o autor produz em francês pra ele, na mentalidade dele, ou da maioria, a obra vai ser mais lida, sabe, então é um jogo político e já define a classe, porque a classe intelectual, os estudantes vão entender a linguagem dele, então quando eles querem conversar com o povo eles escrevem em crioulo, sabe, tipo poemas, outras coisas, artigos, alguns discursos patrióticos, então eles escrevem em crioulo. A língua é uma ferramenta política (entrevistado Joseph, 2021).

Neste sentido, há estes dois pontos complexos quanto a utilização das línguas no Haiti e no Caribe francófono, um deles é a imposição do francês através dos reflexos da colonização e a subalternização e silenciamento perante a língua crioula e a diglossia entre elas, e o outro refere-se à ampliação das possibilidades de leitores e dos acessos que o uso da língua do colonizador possibilita.

No caso do acesso dos entrevistados quando crianças as histórias e a literatura, existe essa nítida divisão referente a quem fala, para quem e com qual teor. Na escola, instituição com grande influência francesa, obriga-se que este acesso seja em francês, língua aprendida apenas na escola e que uma pequena porcentagem da população possui acesso. Já nos ambientes familiares o acesso à literatura se dá de forma oral e em crioulo, pois é a língua daqueles que contam, daqueles que ouvem e das histórias que são contadas. Neste sentido, o entrevistado Joseph comenta sobre os atuais processos de emancipação do crioulo e valorização do mesmo no universo haitiano e afirma que “para todos os haitianos, falar crioulo é confortável. Pros conscientes, falar crioulo já é um ato revolucionário” (entrevistado Joseph, 2021).

A natureza das narrativas é o terceiro ponto que diferencia os dois principais locais de acesso à literatura quando crianças. Nas entrevistas, as falas direcionam aos sentidos de que, nos ambientes escolares, as histórias das quais possuem acesso são geralmente de universos que não condizem com a realidade dos estudantes que leem, e que focam na França e na literatura francesa, além de muitas vezes negar ou criar uma impressão negativa sobre si; enquanto que nas histórias que ouvem em crioulo nos ambientes familiares, as histórias orais têm como temas os elementos africanos, histórias

sobre a Revolução, sobre as realidades vividas pelos seus antepassados e com personagens que podem ser ressignificados na realidade presente do país. Assim, a relação identitária dos haitianos com o acesso à literatura se dá de forma diferente com os heterogêneos espaços que frequentam na infância, mas ambos formam a relação dos sujeitos com a leitura, a literatura e a língua, definindo a importância delas para a sua identificação com o próprio Haiti.

Eu lembro de muitos momentos de histórias em crioulo. Têm histórias através de contos, da própria história do Haiti, através de contos [...] Então os velhos, quando você tá no interior, as vezes eu passava minhas férias ou feriados no interior e como é um país que não tem energia elétrica. À luz da lua o pessoal se reúne pra contar contos, e aí eles falavam dessas histórias pra nós, os velhos, que a gente chama de sábios né, os mais sábios do vilarejo, então eles contavam as histórias. [...] essa aproximação que eu tenho com contos, com histórias em crioulo é tanto nos clubes literários que a gente fala, como nas minhas conversas com sábios dos vilarejos, os meus tios às vezes eles contavam histórias pra nós quando eles nos queriam ver mais amedrontados, eles contavam histórias de terror da Revolução Haitiana, da cerimônia, do Bois Caiman, né, que deu origem ao Haiti, eles contavam assim, com cenas, tipo, "o cara pegou a faca e aí pá!" E a gente com medo. Então eu acho que isso era muito interessante. [...] Então essa é minha aproximação com contos e histórias em crioulo porque a maioria dos mais sábios falam apenas crioulo, então eles contam em crioulo (entrevistado Joseph, 2021).

Na adolescência e durante o período final de escolarização no Haiti, que pode ser comparado ao ensino médio do Brasil, os incentivos e influências se alteram um pouco. Segundo as entrevistas, é neste momento do ensino que a literatura é aprofundada, tanto a haitiana quanto a internacional, geralmente francesa, pelo fator da língua. Muitos relatam como conhecem mais da literatura a partir das disciplinas escolares de Literatura Francesa e Literatura Haitiana, e desenvolvem um afeto com a leitura, tanto em francês como crioulo. Alguns entrevistados associam a primeira leitura de Jacques Roumain a este período escolar, como parte deste processo de formação.

Mas para além da escola, espaços públicos e coletivos passam a ser citados como espaços formativos. Um destes espaços são as bibliotecas públicas que além de promover a acessibilidade a livros, eram espaços formativos e artísticos.

Eu frequentava essa biblioteca e a biblioteca desempenhava um outro papel pra mim. Era um espaço de conhecimento porque eu tinha a possibilidade de ler, mas era um espaço de formação em outro sentido, porque a biblioteca me deu uma formação em poesia, como escrever poesia, como fazer poesia, o que é. Tinha professores pra realizar isso e tem uma formação, tem teatro também, uma formação em teatro que eu aprendi o teatro lá na biblioteca, então desempenhava um papel muito importante na minha vida (entrevistado Jorge, 2021).

Segundo o entrevistado, algumas bibliotecas são espaços de sociabilidade onde toda a população pode acessar algum tipo de arte, informação e dialogar sobre a situação do país. Estes espaços são acessíveis inclusive para pessoas analfabetas pois além dos livros, promove exposições de filmes, peças teatrais e musicais, por exemplo. Uma forma de acessar a arte e a literatura sem ler. “Mesmo que não seja pra leitura, esses lugares possibilitam outras formações e outros momentos pra se divertir também. [...] pra dar uma parada na vida das pessoas pra que parem pra pensar em outras coisas” (entrevistado Jorge, 2021).

Outro fator formador durante a adolescência são os projetos realizados de forma autônoma, por grupos de jovens que se organizam para pensar determinadas questões. Alguns entrevistados citam que realizavam clubes de leitura durante a adolescência, onde sem grandes pretensões, escolhiam obras literárias e depois se reuniam em praças ou outros espaços públicos para conversar sobre. Principalmente entrevistados acima dos 30 anos falam sobre esta prática e revelam como o pouco acesso à tecnologia e a outras formas de distração aumentavam o interesse em ler.

A gente tinha clube de literatura. Quando eu era jovem, no Haiti, a gente não tinha tecnologia pra ficar no Facebook, então nosso prazer era ler. E aliás, até agora, se tu for pro Haiti, tu vai pra praça pública e vai ver um monte de gente aí discutindo literatura. "Ah, mas eu li Trotsky, e tu, o que tu leu? Que tu entendeu quando ele fala tal coisa aí?", sabe? E a gente fazia clube literário, onde que cada semana alguém vai ler um autor e aí vamos discutir a respeito (entrevistado Alexi, 2021).

Na minha infância uma das coisas que eu mais fazia era leitura e esporte. Eu não tinha tecnologia, eu nasci num local que não tinha tecnologia, então, eu brincava na minha infância, eu fabricava meu próprio brinquedo. E leitura, eu ganhei muito livro. Mas o que eu lia só cultura francesa e haitiana, grandes poetas infantil, lia bastante no Haiti. [...] Na época, um país como o Haiti, que não tem nem energia, não tinha tecnologia para ficar no whatsapp, mergulhar sozinho. Nossas atividades era todas coletivas, acaba influenciando por outro também. (entrevistado Ionel, 2021).

Debater literatura se mostra uma forma de interação social, de conhecer o mundo sem sair do Haiti. A maioria dos entrevistados revela que os hábitos e os afetos com a literatura iniciam nesta fase da vida e que também na adolescência, leram pela primeira vez a obra “Senhores do Orvalho”. Todas as pessoas entrevistadas falam desta obra antes que seja citada por mim, como uma referência central da literatura haitiana e muitas a citam como transformadora da sua visão de mundo na juventude.

É importante salientar como a relação e o acesso à leitura e à literatura possui um caráter de classe social. Apesar das dificuldades relatadas, todos os entrevistados tiveram acesso à educação formal no Haiti e este dado, se comparado com a porcentagem de crianças que possui acesso às escolas no país, demonstra que todos tinham as mínimas condições para tal processo. O entrevistado Alfred nos relata sobre seu tardio acesso à literatura no Haiti e como isso está relacionada a sua posição social e a língua:

No Ensino Médio, alguns amigos já tinham esse hábito de leitura, mas eu não tinha, porque eu cresci numa classe, eu cresci numa sociedade onde eu fazia parte da classe baixa, então a classe baixa não tem condição de comprar um livro. [...] Quem lê mais é quem está na classe média, um pouco na classe média e para cima, na classe alta, porque essas pessoas têm mais contato, mais oportunidade para ler, a ter esse hábito de leitura. Desde criança essas pessoas começam a falar, são educadas em francês e depois aprendem crioulo, é o inverso (entrevistado Joseph, 2021).

Desta forma, não apenas a escola e o incentivo vindo do ambiente familiar são formador de leitores, mas as condições sociais em que cada criança nasce é um fator definidor de diversas condições. Como o entrevistado ressalta, aquelas pessoas de classe média e alta aprendem a falar francês juntamente ou até mesmo antes de crioulo, e conseqüentemente, são leitores mais cedo, já que a maior parte da produção escrita acessível é em francês. O restante da população, geralmente classe média e baixa, aprende a língua francesa apenas quando tem acesso à escola.

Deste momento das entrevistas, sobre memórias e afetos com as histórias, leituras e livros, pontuo que é facilmente perceptível como os episódios que envolvem estas atividades são memórias muito prazerosas, que constituem leitores que afetam e são afetados pela literatura, pela oralidade, pela história, pelos livros, pelo crioulo. A Revolução aparece constantemente nestes trechos das entrevistas, pois o ensino institucional aborda a geopolítica sob a ótica ocidental, evidenciando como se forma a nação haitiana, mas os sentidos da revolução de forma plena aparecem nas falas sobre as histórias que ouvem em crioulo, que falam sobre os tambores, sobre os encontros noturnos, os quilombos e os rituais vodu. Neste sentido, vale arriscar supor que a formação identitária e sócio histórica se dá principalmente fora dos meios institucionais, por meio de elementos que ligam os leitores-ouvintes atuais com a ancestralidade.

A relação identitária dos entrevistados com a obra de Jacques Roumain está permeada por todos estes aspectos. O autor escreve em francês - talvez como ferramenta política - sem deixar de introduzir os elementos linguísticos do crioulo. Roumain escreve sobre revolução numa perspectiva marxista, sem deixar de salientar que ela é possível numa realidade rural abandonada pelo estado e realizada por negros analfabetos, como na Revolução. Roumain escreve, mas a oralidade está intrinsecamente presente em cada diálogo. O autor fala de Deus, mas o ritual e as divindades que abrem os caminhos de Manuel são do Vodou. O teor narrativo pode ter elementos ocidentais, mas a celebração da obra é o olhar do haitiano revolucionário sobre si, o lembrar que apesar das seguidas tentativas de dominação, o interior de cada haitiano guiado pelos tambores e pelos *loás* é o da vitória. Roumain, em “Senhores do Orvalho”, reúne os elementos que provêm de diferentes influências e assim afeta os leitores atuais por todas elas.

Sendo assim, identifico a literatura escrita e oral como espaço de formação identitária e da identidade nacional, identificada principalmente neste processo formativo que ocorre em espaços institucionais, familiares e sociais do Haiti. Os elementos ligados a estes espaços formativos têm papel fundador no sentido de pensar no Haiti que se conhece e um possível Haiti do futuro, já que se baseiam na experiência coletiva e estão diretamente ligadas a disputas narrativas sobre o país e questões ligadas às condições e estruturas nacionais. A relação da comunidade haitiana com as literaturas em todos os espaços e, principalmente, a carga histórica e da Revolução presentes, podem ser elementos a corroborar para a formação da comunidade imaginada haitiana que reúne os elementos emocionais e o histórico - passado -, ambos muito citados pelos entrevistados.

O ingrediente agregador poderoso apresentado como responsável pelo surgimento da idéia de nação é o elemento emocional – o elemento catalisador que quando utilizado pelos construtores das nacionalidades, consegue mobilizar o sentimento de co-pertencimento, de existência de vínculo a uma coletividade maior, da qual se faz parte, pela qual se deve ter responsabilidades e com a qual se compartilha o passado e o destino – sejam eles de glórias ou de insucessos. Uma comunidade para conseguir ser imaginada de uma determinada forma pelo seu corpo social tem que conseguir despertar em seus membros a idéia de fraternidade que se realiza através do componente psicológico (emocional). É este elemento, amalgamado com o histórico, que fornece a liga cimentadora das contradições internas, funcionando como mecanismo agregador e direcionador do imaginário coletivo rumo à construção de uma determinada idéia de como esta comunidade se percebe e se imagina no tempo e no espaço (SANTANA, 2003).

Por comunidade imaginada, nesse contexto, utilizo da conceituação de Benedict Anderson (2008) que ressalta em sua produção a forma como o capitalismo, a produção escrita e as mídias passaram a ter importante papel na formação de uma identidade coletiva: mesmo que nem todas as pessoas e grupos que ocupam determinado território se conheçam, elas possuem traços coletivos que as unem, que segundo o autor, são semelhanças criadas, imaginadas. Dentro das estruturas nacionalistas atuais, a concepção de Anderson dá uma nova dimensão da identidade nacional, que não está atrelada necessariamente ao território, mas às características compartilhadas por pessoas de diferentes grupos. Para ele:

o que tornou possível imaginar as novas comunidades, num sentido positivo, foi uma interação mais ou menos casual, porém explosiva, entre um modo de produção e de relações de produção (o capitalismo), uma tecnologia de comunicação (a imprensa) e a fatalidade da diversidade linguística humana [...] As línguas particulares podem morrer ou ser exterminadas, mas não havia e não há nenhuma possibilidade de uma unificação linguística geral da humanidade. No entanto, historicamente, essa mútua incomunicabilidade não foi de grande importância até o momento em que o capitalismo e a imprensa criaram públicos leitores de massa e monoglotas (ANDERSON, 2008. p.78).

Desta forma, uma das questões que esta pesquisa pode perceber através das entrevistas é este caráter importante dos espaços de formação e da maneira como são construídas as noções do passado e como a contação-leitura de histórias está diretamente ligada com este processo, pois é por este meio que muito da história e dos sentidos da Revolução são passados entre gerações. A forma como a obra de Roumain é lida, geralmente na adolescência, possui também caráter de determinar a forma com que se imagina o país do futuro e de como se imaginam os Manuéis.

3 MOBILIDADE E IDENTIDADE: MANUEL FOI UM DIÁSPORA

“Eles dizem que atrás das montanhas há mais montanhas. Agora sei que isso é verdade. Eu também sei que há águas eternas, mares sem fim, e muitas pessoas nesse mundo cujos nomes não importam para ninguém a não ser para si próprios.”
Filhos do Mar, Edwidge Danticat

A diáspora percorre esta pesquisa em diversos âmbitos. Manuel, o herói da trama de “Senhores do Orvalho” teve a experiência de migrar. O movimento que instigou esta pesquisa é o da mobilidade haitiana ao Brasil. E, neste trabalho, objetivo entender uma ligação entre sujeitos e literatura que ocorre na experiência de mobilidade. Falar de processos identitários, sociais e culturais haitianos envolve pensar necessariamente como a mobilidade se coloca como indispensável para esta população e realizar o exercício de compreender de que maneira a migração se torna parte indissociável das características tradicionais no Haiti e do Caribe.

A expressiva presença haitiana no Brasil na última década despertou uma série de reflexões em relação às migrações contemporâneas e ao impacto delas, tanto no país de emigração, o Haiti, quanto no país de chegada, o Brasil. Estas reflexões não apenas formaram o atual problema de pesquisa como também são parte constante da reflexão que realizo. O movimento de pesquisa proposto inicia no Haiti e vem até o Brasil, mas o que liga estes locais e culturas é a mobilidade. Algumas perguntas que pretendo responder neste capítulo são: de que forma a mobilidade se apresenta no contexto social e cultural haitiano? Qual o significado da mobilidade para os haitianos e caribenhos? De que forma a literatura e o Caribe se relacionam com as experiências de migração? Que ligação possui a mobilidade haitiana com intelectualidade? E por fim, a obra de Roumain, “Senhores do Orvalho”, possui uma identificação com todas essas questões para os haitianos atualmente em mobilidade? A Obra possui uma relação com a realidade do país?

A diáspora e os significados que ela carrega são centrais para que se possa entender a importância da literatura e da obra de Jacques Roumain para pessoas em mobilidade no Brasil, tanto pelas experiências que estas pessoas estão experimentando, de estar inseridos em um país tão diferente do seu, quanto da resignificação e

importância da obra literária. “Senhores do Orvalho” carrega em suas linhas as experiências haitianas de sociedade, de religião e de língua, mas também a experiência de um sujeito que migrou, conheceu o mundo e as injustiças e regressou para transformar a realidade de seu próprio lugar. A proposta da diáspora haitiana, segundo as entrevistas, tem muito da experiência de Manuel e este é um caminho importante para entender o afeto literário com a obra de Roumain para os diásporas.

Sendo assim, este capítulo conta com uma reflexão sócio-histórica sobre a formação da tradição migrante no universo haitiano, demonstrando como a mobilidade é estratégia de organização e subsistência há muito tempo no país e forma integrada da identidade caribenha. Sigo as reflexões do capítulo pensando a forma como as experiências de mobilidade estão relacionadas aos movimentos de trocas de conhecimento, com a intelectualidade caribenha e com as ideias de transformações de realidade. Observo os sentidos que a diáspora influencia nas formas de observar o mundo e a si mesmos, nas produções acadêmicas e literárias, e como o Caribe, apesar de estar sempre ligado pelo mar ao restante do mundo, está também realizando um constante movimento de retorno a si mesmo. Por fim, este capítulo aborda as reflexões dos entrevistados sobre a obra de Jacques Roumain e de que forma ela representa, em diversos sentidos, uma identidade haitiana, uma realidade que, apesar de dura, é absolutamente plural e poética.

3.1 ESTAR EM MOVIMENTO É UMA IDENTIDADE

*“Mas hoje minha ilha dobrou sua asa e eu recolho nela
minha pena de pássaro dilacerado entre a incerteza e o
voo na beleza esmeralda de sua história palpitante.”
Um dia, Évelyne Trouillot*

O conceito de diáspora, ligado inicialmente aos processos de mobilidade judaicas em consequência de perseguições político-religiosas, possui características distintas quando se referem a populações negras na América. Esta diáspora, também conhecida como a diáspora negra, é resultante de processo de mobilidade forçada, baseada na violência, e com objetivos de dar lucro ao modelo agroexportador de comércio utilizado pelas potências europeias colonizadoras durante o período

expansionista (século XVI, perdurante até o século XIX). Esse caráter de diáspora que foi forçada, sem consentimento e a base de torturas físicas e psicológicas por parte dos colonizadores, precisa ser salientado quando falamos sobre situações do presente, pois cada momento da América está diretamente ancorado nestes processos históricos. Neste sentido, as populações negras na América foram retiradas de forma forçada de seu lugar, transformadas em instrumentos mercantis e de trabalho não-humano, consideradas sem memórias, história ou afeto e cada situação atual de luta por igualdade e cidadania é ainda uma forma de reduzir os danos incontáveis da violência colonial sobre esta população. Nesse sentido, vale a pena sempre ressaltar o que diz o martiniquenho Aimé Césaire em seu “Discurso sobre o Colonialismo” (2010), quando diz que a Europa é indefensável e responsável pelo maior massacre da história, pela pilha de corpos, pela coisificação dos seres:

Eu, eu falo de sociedades esvaziadas delas mesmas, de culturas pisoteadas, de instituições minadas, de terras confiscadas, de religiões assassinadas, de magnificências artísticas aniquiladas, de extraordinárias possibilidades suprimidas. [...] Falo de milhões de homens aos quais sabiamente se lhes inculcou o medo, o complexo de inferioridade, o temor, o pôr-se de joelhos, o desespero, o servilismo (CÉSAIRE, 2010. p. 32).

A mobilidade e a reinvenção necessária neste novo lugar são parte importante da formação das Américas e da história das populações negras. Quando falamos de Caribe, estamos falando não apenas de um conjunto de ilhas, mas do local onde a América como colônia iniciou. Dessa forma, existem questões e relações intensas com a mobilidade e a violência nesse espaço. Para Édouard Glissant (2005), o Caribe pode ser entendido como uma espécie de introdução, o prefácio para aquilo que viria a acontecer no restante da América, foi onde o primeiro navio negreiro desembarcou africanos escravizados e onde iniciou-se a violência, mas também a resistência.

Para Antonio Benítez Rojo (1989), é o Caribe que mantém as maiores feridas do colonialismo e é ele que dá nome ao Atlântico de hoje. O autor salienta como o Caribe é de certa forma o início do mundo como o vemos hoje, mas que por esta experiência enfrenta até a atualidade as dores das feridas que ainda não foram cicatrizadas:

(...)el Atlántico es hoy el Atlántico (el espacio del capitalismo) porque Europa, en su laboratorio mercantilista, concibió el proyecto de insembrar la matriz caribeña con la sangre de África, y aún de Asia; el Atlántico es hoy el Atlántico (NATO, Mercado Común Europeo, etc.) porque fue el parto doloroso del Caribe, su vagina distendida entre ganchos continentales, entre la encomienda de indios y la

plantación esclavista, entre la servidumbre del coolie y la discriminación del criollo, entre el monopolio comercial y la piratería, entre la fortaleza y la capitulación; toda Europa tirando de los ganchos para ayudar al parto del Atlántico: Colón, Cabral, Cortés, de Soto, Hawkins, Drake, Hein, Rodney, Surcouf... Después del flujo de sangre y de agua salada, enseguida coser los colgajos y aplicar la tintura antiséptica, la gasa y el esparadrapo quirúrgico; entonces la espera febril por la cicatriz: supuración, siempre la supuración (ROJO, 1989, p.117).

Quando falamos de identidade e diáspora caribenha é preciso reconhecer e identificar as limitações e violências impostas pelo colonialismo. Para Hall (2013), existe uma diferenciação necessária a ser realizada quanto à diáspora caribenha no tocante à formação das populações, pois elas têm origens nos quatro cantos do globo, já que a “distinção de nossa cultura [*caribenha*] é manifestante o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus” (HALL, 2013. p.34). Essa formação tão diversa acaba por diminuir os efeitos dos binarismos de pertencimento, sendo que toda a população é de alguma forma “de outro lugar”, mas também “daqui”. São sujeitos que se moldam no entre-lugar e a mobilidade diaspórica não deixa de ser “sua casa”.

Como já aprofundado aqui, o Haiti, depois de muito tempo de exploração colonial, se tornou independente da coroa Francesa em 1804, após anos de organização e revoltas da população negra escravizada. O temor de que os ideais de revolta (e de vitória) chegassem às pessoas escravizadas de outras colônias, as cobranças realizadas pela coroa francesa pelo território e a desigualdade que perdurou na estrutura de poder no Haiti após independência, acabaram por gerar um país isolado social e economicamente.

Após a independência, as medidas de controlar o país continuaram refletidas principalmente na sua estrutura política, sendo elas: poder político-econômico concentrado em pequeno grupo mulato, grande instabilidade, diversos governos autoritários, ditaduras, ocupação e controle estadunidense, golpes de estado, altos índices de corrupção e poucas políticas públicas e sociais. Como consequência destes processos, o Haiti acabou por criar uma dinâmica de expulsão da população do seu país, no sentido de que as possibilidades de boas condições de vida e de ascendência social foram constantemente retiradas da população. Os eixos de dependência criados para o Haiti a partir de um conjunto de subalternidades podem ser vistos hoje de forma concreta

em dados de marginalidade e miséria dentro da estrutura capitalista. Desse modo:

Analisando em perspectiva histórica, o Haiti reproduz sistematicamente fatores estruturais de expulsão de sua força de trabalho: não se trata de um país que não é capitalista, mas sim de um país capitalista dependente, que ocupa posição das mais subalternas na divisão internacional do trabalho, cujas relações de produção são incapazes de incorporar as massas haitianas à produção, ao consumo e as formas dignas de existência (MAGALHÃES, 2014. p. 9).

Sendo assim, por diversas gerações, a população haitiana busca, através da mobilidade a outros países, acesso a condições que o Estado haitiano, pelo processo de empobrecimento e controle estrangeiro, não consegue dar à população. Handerson (2015, p. 187), nos confirma que a partir desta estrutura, para a comunidade haitiana, a mobilidade “se impõe como uma realidade social de primeira ordem”, já que é por muito tempo um modelo econômico e social incorporado a cultura do país como possibilidade de acesso a direitos básicos, de cidadania e de sobrevivência. Neste sentido, é comum ouvir da comunidade haitiana no Brasil que não há outra possibilidade de vida, que a fórmula do sucesso, que alcançar uma base sólida de vida, necessita imprescindivelmente, em deixar o Haiti¹¹.

Posso analisar, neste sentido, que dadas as condições precárias que foram sendo experienciadas pela comunidade haitiana ao longo de sua história, e, considerando a análise de Hall (2013) sobre o pertencimento ao “não-lugar”, ao seu lugar mas também aos outros lugares, além ainda da história de reinvenção vivida pela comunidade haitiana pela língua crioula e pelo vodu, por exemplo, a mobilidade se constitui como estratégia para sobrevivência, mas também como forma de luta e resistência pela ocupação do seu espaço no mundo, que não pode ser definido pelos binarismos implantados pelo ocidente. A mobilidade é uma identidade e um movimento constante e estar em determinado lugar hoje, não significa que este é agora um lugar permanente (HANDERSON, 2015a). Inclusive, pesquisas demonstram como haitianos em mobilidade no Brasil tem como ideias de futuro planos que tem ligação direta com continuar em diáspora¹². Desta forma,

¹¹Em minha pesquisa com histórias de vidas de imigrantes haitianos no Brasil, as entrevistas demonstraram como funciona a idealização de que a saída do Haiti, a mobilidade, é uma das únicas formas de se obter sucesso na vida. Citando um trecho de uma entrevista daquela pesquisa, o entrevistado Damis (2017) diz que ele e seu pai tiveram que seguir a mesma fórmula do sucesso: “Porque ele [seu pai] saiu do país para que? Pra ter uma vida melhor, é uma fórmula né: pra crescer para ter uma boa oportunidade lá no Haiti às vezes tem que sair, infelizmente [...] o país às vezes não dá oportunidade” (STAUDT, 2020. p.116).

¹²Também em pesquisa anterior, todos os entrevistados demonstraram ter como planos de futuros continuar

estar em mobilidade é além de estar fora do seu país por questões de necessidade, é uma forma de vida e uma característica identitária.

É neste movimento de análise que fica evidente a centralidade da diáspora para entender a história do Caribe e definir a mobilidade como elemento identitário e cultural, de forma que ela molda as diversas formas de relação, de estrutura social, econômicas, familiares, além das políticas e sociais. A diáspora, movimento que formou o Haiti e o Caribe, é ainda o movimento e o modelo organizacional que define não apenas aqueles que deixam o país, mas também aqueles que ficam.

3.2 A LITERATURA E O CARIBE NA BAGAGEM

*“Para dizer minha tão doce ilha
queria poemas em botões de fagulhas
e palavras pirilampas no fundo do poço
mas minha língua em más tintas
se rebela
Queria fontes caprichosas e ternas
a miséria esquarteja a alegria
A praça se dobra em pesadas placas cinza
e meus sonhos de amarelinha me sobram
na sola da botina*

*Face ao assombro das mãos nuas
a Poesia
soberana exigência”
Penacho, Évelyne Trouillot*

Quando há muito tempo se caminha pelo mundo, há muito tempo se leva seu mundo a outros mundos. A mobilidade como parte constituinte da identidade caribenha está ligada diretamente com a formação histórica do conjunto de ilhas, na mesma medida em que forma as novas relações do Caribe com o restante do mundo. Quando um sujeito carrega uma obra literária caribenha em sua bagagem, no seu processo de mobilidade no século XXI, ele está carregando consigo traços culturais e parte daquilo que forma e informa de onde veio. O livro é uma forma de ver, tocar e sentir um pouco do país que se deixa, mas também de mostrar, nos lugares pelos quais se passa, coisas bonitas sobre o lugar de onde veio.

em mobilidade, viver em outros lugares e também retornar ao Haiti. O entrevistado Damis diz: “Posso ter alguma coisa no Haiti, mas preciso ter algo além disso fora do país. Os meus planos são mundiais, não é pra um país só.” (STAUDT, 2020. p.109).

No entanto, muito do que o Caribe carrega em sua mobilidade não pode ser visto necessariamente em forma física, dentro das mochilas e malas, em formato de livros, fotografias e objetos. Muito do Caribe é carregado por estes sujeitos em si, em suas crenças, suas expressões artísticas, sua intelectualidade, sua forma de se relacionar com o outro, de escrever e poetizar o mundo. Nesta reflexão, pretendo observar o que se leva e o que se produz do Caribe fora dele e de que forma a mobilidade como característica faz com que todos os lugares tenham um pouco de Caribe em si.

A princípio, é importante observar como se forma o próprio Caribe que hoje se movimenta pelo mundo. Segundo as reflexões de Édouard Glissant (2005), como já dito, o Caribe foi uma espécie de prefácio das Américas, onde ocorreu de início a introdução do que aconteceria mais tarde no restante do continente. Segundo ele, durante o processo de colonização neste espaço havia três povos diferentes: os *meso-américa*, que sempre estiveram aqui (populações ameríndias), os *euro-américa*, que são os europeus que vieram para a América, no entanto continuam praticando sua própria cultura, e os *neo-américa*, populações africanas que através da violência são obrigadas a absorver das outras duas culturas, ao mesmo tempo em que as influencia. Seguindo a reflexão, Glissant nos diz que existiram 3 tipos de imigrantes nas Américas: o *migrante armado*, que chega com suas armas e barcos e se diz fundador, o *migrante familiar*, sujeito que chega com os hábitos, panelas e fotografias de família, e por fim, o *migrante nu*, que são os sujeitos trazidos de forma forçada. Enquanto os imigrantes armados e familiares puderam migrar com tudo que lhes cabia, como canções, tradições, instrumentos, deuses e línguas, os migrantes nus africanos nada puderam trazer com eles e era garantida a separação de pessoas que vinham dos mesmos lugares para que não sustentassem possíveis tradições (GLISSANT, 2005).

A partir disso, estes migrantes nus realizam o que o autor denomina *crioulização*: através de rastros e resíduos que cada sujeito possuía em sua memória, compuseram uma cultura completamente nova e que pudesse contemplar todos, com seus próprios instrumentos, religião, língua, tradições, músicas e danças. Glissant explica que, diferente da forma colonizadora de influenciar, que é em sentido de flecha, apenas em uma direção, o migrante nu influencia em forma de circularidade, espiralidade,

radiação, que adquire e engloba todos os sentidos. Para ocorrer a criouliização, o autor enfatiza a necessidade de equivalência entre as culturas que se influenciam, não podendo haver uma hierarquia entre elas, ou o sentido de influência acaba por ser de flecha. Desta forma, Glissant destaca que este processo não aconteceu em muitos locais da América, já que a cultura africana era pisada e subalternizada, mas ocorreu no Caribe e no nordeste do Brasil, por exemplo, mesmo que não de modo justo e equilibrado. Para o autor, este movimento de criouliização continua ocorrendo nos processos de migração e se dá com a equilibração, valorizando a herança africana e de seu próprio ser inferiorizado (GLISSANT, 2005).

Esta reflexão de Glissant se manifesta de duas formas importantes para a reflexão em torno do Caribe e sua atual expansão através da mobilidade: uma delas, é compreender que o próprio Caribe é formado por um conjunto de culturas que formaram nela uma cultura completamente nova que existe através do processo de criouliização, nomenclatura que vem das próprias línguas crioulas, que não são variações ou dialetos, mas línguas completamente novas criadas de diversas outras diferentes entre si. Outra questão importante é que o Caribe desenvolve um processo influenciador em forma de espiral, ou seja, possibilita que mesmo em contato com qualquer outra cultura, quando em equidade de valorização entre elas, tem o poder de influenciar e ser influenciada de forma a contemplar todas as culturas envolvidas, o que pode dizer muito sobre os processos atuais de mobilidade caribenha. Como expõe Glissant:

Os fenômenos de criouliização são fenômenos importantes porque permitem praticar uma nova abordagem da dimensão espiritual das humanidades. Uma abordagem que passa por uma recomposição da paisagem mental das humanidades presentes hoje no mundo. Porque a criouliização supõe que, os elementos culturais colocados em presença uns dos outros devam ser obrigatoriamente “equivalentes em valor” para que a criouliização se efetue realmente (GLISSANT, 2005. pp. 20-21).

A reflexão de Glissant também nos possibilita observar que, atualmente, a comunidade haitiana que migra ao Brasil, por exemplo, não é um migrante nu, pois traz consigo toda a bagagem cultural e espiritual de seu país e com ela, influencia e é influenciada nos novos espaços que ocupa. A valorização desta, dos traços caribenhos e africanos que carrega, é também uma forma de possibilitar que o processo de criouliização continue. A interpretação de Glissant é de que o mundo está em processo de

crioulização na modernidade com o grande movimento de culturas distintas em contato e relação, nesse sentido, os resultados são imprevisíveis.

Cabe também neste momento em que estamos observando o Caribe como formação e expansão, a percepção trazida por Antonio Benítez Rojo (1989) de que o Caribe seria na verdade um *meta-arquipélago*, isto é, diferente da estrutura de arquipélago que é conceituado como um conjunto de ilhas próximas em superfície marítima, o Caribe ultrapassa esta conceituação em teoria e também geograficamente. Para o autor, o Caribe não possui uma definição fixa de início e fim e também não possui um centro. Rojo defende que o Caribe ultrapassa as fronteiras definidas pelo mapa, que está historicamente e geograficamente posicionado no cenário universal com muito mais importância do que é cientificamente evidenciado. Para dar alguns exemplos, Rojo nos diz que não existiria o mar Atlântico, na forma que o conhecemos hoje, sem o Caribe. Também cita a importância do Caribe para a constituição do próprio capitalismo: sem a acumulação de capital gerada a partir da colonização do Caribe, a Europa não teria tido forças para realizar tão rapidamente a Revolução Industrial.

O autor salienta que o Caribe não pode ser visto por vias binárias, em estruturas fixas, retas -convergindo aqui com a ideias de crioulização/espiral de Glissant (2005) e a ideias de não binariedade de Hall (2013)-, mas como um movimento constante, uma presença universal que possui sua sede física no conjunto antilhano do Caribe, mas que esta não é sua definição ou localização, o Caribe está em todo lugar.

La cultura de los archipiélagos no es terrestre —como son casi todas las culturas—; es fluvial y marina. Se trata de una cultura de rumbos, no de rutas; de aproximaciones, no de resultados exactos. Aquí el mundo de las líneas rectas y los ángulos (la esquina, el plano inclinado, la encrucijada) no domina; el que domina es el mundo fluido de las curvas. La cultura de los meta-archipiélagos es un eterno retorno, un *detour* sin propósito o meta, un rodeo que no lleva a otro lugar que a sí mismo; es una máquina *feed-back*, como es el mar, el viento, la Vía Láctea, la novela, la naturaleza, la cadena biológica, la música (ROJO, 1989. p.121).

Estes autores nos ajudam então a localizar melhor não apenas os aspectos da mobilidade visível de sujeitos caribenhos pelo mundo, mas uma forma de observar a presença do Caribe como um participante ativo da história universal, que por muito tempo produz, registra e deixa suas marcas pelo mundo. A estrutura de *meta-arquipélago* de Rojo (1989) nos ajuda a enxergar pelo mundo o movimento de um Caribe não tão visível,

por pura falta de observação, e que não se limita as suas fronteiras geográficas rodeadas pelo mar, mas que utiliza delas para espalhar-se pelo mundo.

Muito desse movimento pode ser observado na produção intelectual e literária caribenha, que é frequentemente produzida fora do espaço territorial. Grandes intelectuais, principalmente a partir do século XX, deixam o Caribe para estudar em países europeus, e apesar de muitos retornarem e produzirem no país natal, também muita elaboração ocorre na mobilidade. É possível observar esse movimento na composição do próprio Jacques Roumain, que depois de estudar em diversos países europeus retorna, produz no Haiti, mas é exilado pelas condições políticas e obrigado novamente a deixar o país. A própria obra “Senhores do Orvalho” foi produzida no México. Essa produção torna a obra menos haitiana ou menos caribenha? As dimensões da mobilidade na produção escrita são bastante evidentes em termos físicos, no sentido que muita produção caribenha ocorre fora do Caribe, mas também demonstrada na forma como são elaboradas as narrativas, teorias e literaturas.

Nesta linha de análise, outra reflexão teórica, dessa vez elaborada por Nicolas Bourriaud (2009), pode colaborar para entender de que forma a mobilidade interfere na forma de produção dos escritores e leitores ou como os escritores e leitores interferem no espaço que ocupam na mobilidade. Bourriaud usa de uma metáfora biológica para representar formas estéticas que segundo ele, nascem do movimento e do contato entre diversas culturas. O autor então utiliza na sua reflexão determinadas raízes de plantas: algumas plantas são *radicais*, estas são determinadas pela sua fixação no solo e apenas se desenvolvem nessa forma específica de relação com a terra. Outras plantas são *radicantes*, estas crescem de acordo com o solo que as recebe, se adequando ao terreno e fazendo com que suas raízes cresçam para diversos lados. O autor utiliza dessa explicação biológica para dividir momentos históricos da produção artística e cultural: segundo ele, a cultura moderna atuou como radical, idolatrando a origem, buscando raízes, pureza, monolinguismo, etc. Já a cultura contemporânea se assemelha às raízes radicantes, formadas no itinerário, crescendo para diversos lados ao mesmo tempo, buscando o entre-lugar, o entre-línguas, sendo influenciado pelo espaço no qual ocupa.

el adjetivo radicante califica a ese sujeto contemporáneo atormentado entre la necesidad de un vínculo con su entorno y las fuerzas del desarraigo, entre la globalización y la singularidad, entre la identidad y el aprendizaje del Otro. Define

al sujeto como un objeto de negociaciones (BOURRIAUD, 2009. p.57).

Com o auxílio das reflexões de Bourriaud é possível observar que a produção artística e cultural produzida na mobilidade pode ser identificada como radicante, no sentido de que, apesar de completamente envolvida com a cultura e espaço onde sujeito foi formado socialmente, toda a experiência transitória que vivencia conhecendo outras culturas pelo mundo, fazem agora parte intrínseca do que o sujeito é e conseqüentemente, do que produz. Bourriaud utiliza da sua análise para pensar a produção artística na contemporaneidade e é possível observar aquilo que o autor sinaliza na produção de Roumain, um sujeito com diversas influências e contatos culturais que podem ser observadas na sua obra. No entanto, a análise de radicante pode ser também estendida para os sujeitos entrevistados/leitores dessa pesquisa: a forma com que lêem e recebem a obra em questão é muito diferente antes e depois do processo de mobilidade, ou seja, antes e depois do momento em que deixam o seu local físico e cultural e passam a conviver com outras culturas e espaços. O espaço em que vivem os sujeitos contemporâneos, um entre-lugar, interfere não apenas na sua produção, mas na sua leitura de mundo.

El radicante puede sin daño separarse de sus raíces primeras, volver a aclimatarse: no existe un origen único, sino arraigamientos sucesivos, simultáneos o cruzados. Cuando el artista radical quería volver a un lugar originario, el radicante se pone en camino, y sin disponer de ningún espacio adonde volver, no existe en su universo ni origen, ni fin, excepto los que decida fijarse para sí mismo. Se puede llevar consigo fragmentos de identidad, a condición de que se los trasplante en otros suelos y que se acepte su permanente metamorfosis. (BOURRIAUD, 2009. pp. 57-58)

Na produção literária haitiana no século XXI é possível observar a dimensão da mobilidade, das influências exteriores e de como a produção não pode ser restrita ao território da ilha, convergindo com as noções das teorias expostas. Podemos observar em autores contemporâneos como as experiências de mobilidade influenciam não apenas na sua produção, mas nas suas leituras de mundo, nas línguas que utilizam e nos sentimentos sobre as culturas. Um dos autores contemporâneos mais reconhecidos, Dany Laferrière, que possui renomada notabilidade e representabilidade midiática, saiu do Haiti ainda muito jovem em fuga do governo ditatorial de Jean-Claude Duvalier (BabyDoc) e vive até a atualidade no Canadá, onde já possui nacionalidade. Em 2013, Laferrière foi eleito a Academia Francesa, sendo o primeiro cidadão não-Francês e o segundo negro a

receber esse título. O autor que produz em francês, faz de toda forma, literatura haitiana e é assim reconhecido internacionalmente.

Interessante observar que a produção não é escrita necessariamente na língua falada ou utilizada no país natal. Dany Laferrière escreve em francês e em diversas obras realiza uma ligação estreita com o crioulo haitiano. Inclusive em uma de suas obras autobiográficas, “País sem Chapéu”, o personagem diz que “tem coisas que eu só saberia dizer em crioulo” (LAFERRIÈRE, 2011. p.162). Nesta obra traduzida para português, o autor faz também a relação da língua como a sua casa, de como é falar crioulo no Haiti quando retorna, depois de 20 anos fora:

A língua

Mergulho de cabeça nesse mar de sons familiares. Uma melodia conhecida que cantarolamos facilmente, mesmo se há muito não ouvimos a canção. Confusão de palavras, de ritmos na cabeça. Eu nado sem esforço. A palavra líquida. Não procuro entender. Enfim, meu espírito descansa. Parece que as palavras foram mastigadas antes de me serem servidas. Nem um osso. Os gestos, os sons, os ritmos, tudo faz parte da minha carne. O silêncio também.

Estou em casa, quer dizer, na minha língua (LAFERRIÈRE, 2011. p.72).

Laferrière carrega em sua escrita essas características radicantes, expressando em suas obras muito do Haiti que deixou e muito de sua trajetória, de sua vida itinerante. Expressa também muito do meta-arquipélago de Rojo, de forma que ao mesmo tempo em que está fora, está dentro, vive no entre-lugar (geográfico, de culturas e de línguas) e realiza sempre um retorno a si. A tradutora de Laferrière no Brasil, Heloisa Moreira, escreve no posfácio da obra “País sem Chapéu” o seguinte parágrafo, que demonstra essa característica do autor, onde as fronteiras, territórios e continentes têm diferentes significados, se unem e se repelem:

No exílio, nasceu o escritor. Um escritor que se expressa numa língua que não é a sua e vive em um país que não é o seu. Contudo, o exílio não é só um afastamento, é também uma aproximação com o novo. Não é só um lugar que desenraíza, mas também uma ponte possível para outras culturas, o que permite aproximar dois mundos diferentes. Aliás, Laferrière costuma afirmar que o único exílio que conhece é o do tempo: sente-se exilado de sua infância, pois já não pode mais alcançá-la (LAFERRIÈRE, 2011. p.222).

Em contrapartida, outra autora haitiana contemporânea muito reconhecida, Edwidge Danticat, que vive desde os 12 anos de idade nos Estados Unidos, produz unicamente em inglês. Sua produção é frequentemente premiada e as temáticas de sua

escrita voltadas para a política haitiana, a diáspora e as histórias de pessoas comuns que viveram o exílio, a mobilidade, os horrores das ditaduras e os amores do Haiti. Além da produção caribenha acontecer em diversos lugares do mundo, ela ocorre também em diversas línguas, o que faz com que alcance também diferentes públicos e leitoras/es.

Danticat possui também uma trajetória muito interessante, retratada em sua obra autobiográfica traduzida no Brasil como “Adeus, Haiti” em 2010. A autora, que representa em sua obra também a sua trajetória e o seus movimentos, assim como Laferrière, não concorda com nomenclaturas que foram impostas a ela que desconsideravam esse transitório:

Por ter, em grande parte de suas publicações, a temática do Haiti como um dos pontos focais, a autora chegou a ser rotulada pela crítica norte-americana como “a voz literária do Haiti”. No entanto, Danticat acredita que ser tida como a voz do Haiti silencia a multiplicidade de vozes e trajetórias haitianas e generaliza a sua escrita, que, na verdade, reflete a singularidade de suas preocupações tanto enquanto haitiana, mas também como imigrante e estadunidense. É possível também perceber nessa ênfase que a crítica dá a sua origem haitiana um intuito de separar Danticat dos autores cânones norte-americanos e exotiza-la, colocando-a em um local mais bem estabelecido, distanciado e confortável. A autora desafia essas críticas e mostra em sua escrita toda a complexidade e multiplicidade de sua perspectiva (ABREU; FERREIRA, 2016. p.2).

Neste sentido, para autores em diáspora, não é possível separar o lugar onde nasceram e formaram-se socialmente, daqueles que transitaram. O reflexo desses autores na sua escrita radicante, que cresce para todos os lados de acordo com as possibilidades do lugar onde estão, é um dos elementos que torna a produção literária diaspórica tão interessante, e um reflexo e identificação de nosso momento histórico de movimentos, encontros, trocas, criouliização. Como escreve o autor congolês Alain Mabanckou:

Quando me perguntam se a emigração - o deslocamento - influi sobre minha escrita, é impossível para mim dar uma resposta precisa e definitiva... Talvez por eu estar cada vez mais persuadido de que o deslocamento, o cruzamento das fronteiras, nutre minhas angústias, contribui para criar um país imaginário que, finalmente, se parece com minha terra de origem. Isso vem da minha própria busca interior, da minha maneira de conceber o universo. Optei há muito tempo por não me fechar, por emprestar meus ouvidos ao barulho e ao furor do mundo, por jamais considerar as coisas de maneira inflexível (MABANCKOU, 2021. p 123).

Estes exemplos de autores e autoras que produzem e são premiados fora do Caribe demonstra também o alcance que a produção caribenha tem através da

mobilidade. A presença destes sujeitos haitianos nestes diferentes territórios geram diferentes espaços para a cultura e produção destes. A exemplo, também podemos observar o que ocorre no Brasil a partir do momento em que a presença haitiana cresce no país: as produções intelectuais que pensam questões relacionadas ao Haiti e ao Caribe aumentam consideravelmente nas universidades, produzidas tanto por haitianas/os quanto brasileiras/os. Este movimento, no qual a minha relação com a temática se inclui, é um dos aspectos ligados diretamente à circulação intelectual que parte da mobilidade.

Pode ser considerada uma consequência da circulação de pessoas, da cultura e da intelectualidade haitiana no Brasil a iniciativa da retradução da obra de Jacques Roumain trabalhada nesta pesquisa. Não há indícios de retradução de obras literárias haitianas no Brasil e a nova tradução de “Senhores do Orvalho”, depois de quase 70 anos da coletânea de Jorge Amado, demonstra um interesse renovado pelo Haiti, pela sua produção literária e por sua cultura. A tiragem da Editora Carambaia em 2020 foi de 1000 exemplares em um valor alto de mercado, e mesmo assim, esgotou em poucos meses. Os significados disso para a circulação dos saberes em torno do Haiti e do Caribe é gigantesco: a mobilidade gera uma necessidade e um interesse e conseqüentemente, possibilita traduções e espaços.

A exemplo destes novos espaços da literatura haitiana no cenário brasileiro, temos também a personagem Dominique, uma imigrante haitiana retratada no conto “Meu mar (fé)”, de Itamar Vieira Junior, presente na obra “Doramar ou a Odisseia” (2021); temos a recente Antologia de poesia haitiana contemporânea, traduzida por Henrique Provinzano Amaral, na obra “Estilhaços”¹³, de 2020, e a tradução de mais uma obra de Edwidge Danticat, lançada pela TAG Livros e traduzida por Ana Ban, em 2021, “Clara da Luz do Mar”.

Esta circularidade de intelectualidade, produção literária e cultura haitiana não se restringe aos autores reconhecidos, mas ocorre em todos os espaços de sociabilidade possibilitados a partir da mobilidade. No caso do Brasil, alguns entrevistados salientam

¹³Os trechos das poesias de René Depestre, Frankétienne, Marie-Célie Agnant, Evelyne Trouillot e James Noel utilizados nas aberturas de subtítulos neste trabalho, são destas traduções de Henrique Provinzano Amaral.

que produzem também textos literários enquanto estão no Brasil. A entrevistada Michelene relaciona sua relação com a escrita com a sua boa relação com a leitura, e salienta que continua escrevendo depois de vir ao Brasil, mesmo que não compartilhe seus textos com outras pessoas:

Me encontrei, porque ao mesmo tempo que eu tava lendo, eu tava aprendendo essas histórias, eu desenvolvi a aptidão de escrever também. E aí eu comecei a escrever textos, poemas, mas em francês e em crioulo. Eu tenho um caderno que tá cheio de textos, mas nunca compartilhei com ninguém. Eu falei “mas quem vai se interessar pelos meus textos?” Mas até agora eu escrevo, as vezes eu escrevo sobre assuntos pessoais, mesmo que eu não uso o “eu”, mas “a gente”, de preferência. Eu gosto de escrever assim. É isso. Hoje eu posso falar que o resultado tá muito bom, porque me encontrei. À medida que eu tava fazendo essas leituras eu me encontrei. E eu vi que eu posso, é uma atitude que eu posso desenvolver mais. Eu amo a escrita, eu amo a literatura, a oralidade também (entrevistada Michelene, 2021).

Apenas duas pessoas entrevistadas não relatam nas entrevistas que costumam escrever textos poéticos no Brasil, enquanto as outras seis pessoas descrevem um pouco da sua experiência: de como escrever, estando em diáspora, é um momento de reflexão sobre suas experiências, uma forma de conectar-se com o que deixaram no Haiti e uma forma de registrar suas vivências. O entrevistado Ionel comenta que escrever, para ele, é uma forma de reviver as boas experiências do Haiti, de matar a saudade das coisas simples como o cheiro do café, mas também de passar para as futuras gerações o que aprendeu com seus ancestrais e como forma de registrar que esteve em diáspora:

Eu escrevo textos também e é sobre a minha terra. O Danny Laferrière, um grande escritor, ele falava do café, ele descreve sobre quando as crianças subiam na árvore comer manga. Eu escrevo poesia sobre isso também. Do café. Meu pai cultivava café. A gente sentia o perfume do café, o odor do café. Escrevo também sobre o rio. Onde eu nasci tem muito rio, aí no verão você vai seguir os rios, e a água acaricia tua pele, são coisas maravilhosas, você vai escrevendo o que você não encontra aqui ou nos outros países. [...] Eu faço isso por três motivos. Uma coisa prazerosa né, que me conecto com a minha origem. Outra coisa é que, vou transmitir o que aprendi com os outros, é transmitir os conhecimentos que aprendi com meus ancestrais para as novas gerações. Então ao escrever você tem uma coisa já garantida que outros que vem, vão poder ler sobre você. Vão poder ler sobre o teu país, vão poder ler sobre a tua família. E o terceiro motivo é uma questão de identidade cultural. Eu não posso falar da identidade cultural dos outros lugares onde morei, porque sou haitiano, a minha identidade é haitiana, então tudo o que eu faço, eu faço a favor do Haiti. Então esses três motivos me levam a produzir alguma coisa, se no futuro não vivo mais, alguém pode encontrar isso e falar “aqui passou um haitiano e deixou isso escrito” (entrevistado Ionel, 2021).

Este trecho citado pelo entrevistado traz outro elemento importante sobre a produção na diáspora, que é, apesar das influências do local atual e das outras ligações

culturais realizadas, a escrita e produção tem também um sentido de evocar aquilo que não se tem mais contato, aquilo que foi deixado, mas que ainda faz parte das lembranças afetivas. Mabanckou (2021, pp. 124-125) diz que ao migrar, “o lugar no qual vivemos é tão oposto a nosso “meio natural” que ressurgem de repente as imagens de nossa própria infância, o clamor de nossas ruas, o sofrimento e as alegrias de nosso povo”, e assim elas podem ser expressas na escrita. O entrevistado Ionel também nos dá o exemplo de Roumain, quando diz:

Você viu o Jacques Roumain, o autor que você está estudando, não sei se você lê história, ele esteve na França, Alemanha, outros países, mas ele escreve sobre o Haiti. Percebeu isso? Todos os autores escrevendo sobre o Haiti. Porque? Esta conexão nos falta estando longe. Isso possibilita que agora você está fazendo pesquisa sobre o Haiti e está estudando um autor haitiano (entrevistado Ionel, 2021).

Pode-se interpretar esta reflexão do entrevistado, pensando a escrita literária caribenha, como movimento a si mesmo, um eterno retorno àquilo que é a memória e a identidade das antilhas. A afetividade e a saudade, temas também recorrentes quando se fala de sujeitos que migram, são motivações e inspiração frequente quando tratamos de literatura diaspórica. Apesar da característica radicante, que cria novas raízes, existem as raízes que ainda estão ligadas à terra, ao mar e às pessoas no Caribe. Dany Laferrière é bastante reconhecido por relatar em suas obras esses sentimentos de ligação com o diário, com o comum, com as banalidades. Em sua obra “País sem Chapéu” (2011), o autor abre o livro com uma espécie de prefácio denominado “Um escritor primitivo”, onde fala sobre como é estar de volta e escrever não apenas sobre o Haiti, mas no Haiti, e de como o conjunto de cheiros, sons e paisagens fizeram falta durante os vinte anos que passou em exílio:

Há muito tempo que espero este momento: poder sentar à minha mesa de trabalho (uma mesinha bamba debaixo de uma mangueira, no fundo do quintal) para falar do Haiti com calma, com tempo. E o que é ainda melhor: falar do Haiti, no Haiti. Eu não escrevo, falo. Escrevemos com o espírito. Falamos com o corpo. Sinto esse país fisicamente. Até o calcanhar. Reconheço, aqui, cada som, cada grito, cada riso, cada silêncio.[...] Estou em casa nesta música de moscas varejeiras atacando esse cachorro morto, a poucos metros da mangueira. Estou em casa com esta ralé que se entrededora como cães raivosos. Instalo minha velha Remington neste bairro popular, no meio desta multidão suada. Multidão barulhenta. A cacofonia incessante, a desordem permanente - hoje percebo - de fato me fez falta nos últimos anos (LAFERRIÈRE, 2011. p.11).

O entrevistado Alfred também fala sobre como ler escritores em diáspora faz

com que ele conheça e descubra mais do Haiti e dele próprio, como cada um deles demonstra as características de suas experiências e ao mesmo tempo, essa conexão com o Haiti:

Principalmente em “País sem Chapéu” [de Dany Laferrière] eu descobro o Haiti que eu vivencio, que é a pobreza haitiana, que é a cultura haitiana, o vodu haitiano. A literatura haitiana é rica, é muito rica nessas questões culturais. Não sei, mas eu descobro uma identidade cultural diferente em cada escritor. Porque os escritores que eu mais leio são escritores migrantes, então que contam, igual o Gonçalves Dias que fala do exílio, “lá tem isso, mas aqui não tem”[...]. Na literatura haitiana eu descobro uma identidade cultural múltipla, uma identidade multicultural, que cada um trouxe o seu saber, a sua região, etc. (entrevistado Alfred, 2021).

Outro entrevistado, que além de escrever textos e poesias, é músico e escreve também letras musicais, Alexi (2021), salienta como em suas letras ele retrata também a sua trajetória, fala sobre o Haiti e o Brasil, e tenta, através de sua produção, descrever sentimentos e desejos em relação aos dois lugares. Esta produção haitiana ocorre no Brasil e indica que os entrevistados se identificam, sentem e buscam para si e seu país, mas também seu pertencimento a outros lugares, seus sentimentos e expressões referentes a convivência com outras culturas. Neste sentido, o escritor Alain Mabanckou fala sobre a sua concepção identitária, como um escritor e um migrante:

Minha concepção de *identidade* ultrapassa em muito as noções de *território* e de *sangue*. Cada encontro me alimenta. De nada valeria se limitar ao território, ignorar a multiplicidade das interferências e, além disso, a complexidade dessa era nova que nos liga uns aos outros, longe das considerações geográficas (MABANCKOU, 2021. p.129).

Pensando na migração e na produção literária, Mabanckou (2021. p.123) diz que “eu não me tornei escritor por ter emigrado, mas, em contrapartida, passei a ter um outro olhar sobre a minha pátria quando dela me distanciei”. Alain Mabanckou, um autor contemporâneo que nasceu na República do Congo e viveu em trânsito entre o país africano e a França e os Estados Unidos, fala sobre a mobilidade na sua formação como escritor. Ele questiona se: “O pássaro que não voou da árvore sobre a qual nasceu compreenderá o canto de seu compadre migratório?” (2021. p.134). O escritor comenta como observa as influências que a sua própria forma de escrever é influenciada com a mobilidade e a globalização:

Com a multiplicação dos meios de comunicação, criamos então aldeias, ramificações através do mundo. “Roma não está mais em Roma”, o escritor se torna então esse pássaro migratório que se lembra de sua terra distante, mas

começa também a cantar do galho da árvore no qual está pendurado. Esses cantos de pássaros migratórios ainda fazem parte das literaturas nacionais? Não tenho certeza, tampouco estou convencido de que a literatura se contentaria com um espaço definido. Eu moraria em qualquer lugar do mundo desde que ele acomodasse meus sonhos e me deixasse reinventar meu universo. Eu sou ao mesmo tempo um escritor e um pássaro migratório... (MABANCKOU, 2021. pp. 128-129).

A mobilidade gera uma dinâmica diferenciada sobre o alcance da produção haitiana e principalmente a partir da década de 2010, ela vem crescendo muito dentro do território brasileiro. Um exemplo muito interessante desta produção que vem ocorrendo no Brasil foi a publicação do primeiro livro bilingue crioulo haitiano/português, publicado em 2014 pela Unicamp através do programa Aluno-Artista, com as poesias de dois estudantes no período, Johny Hilaire e Wesner Saint Juste. Denominado “JepyePyeje - Fulano fulano”, o livro contou com a produção de uma equipe contendo tradutoras, ilustrador, organizadores que objetivaram salientar a importância da língua crioula para a comunidade haitiana e divulgar sua produção literária no Brasil. As poesias de Hilaire e Saint Juste, traduzidas para português, são uma possibilidade para que brasileiras/os conheçam interpretações e emoções de haitianos sobre o mundo, sua própria língua e seu próprio país, como por exemplo, no poema “*Fro vrè*” - “Falsa verdade”, de Johny Hilaire:

Fo vrè

*Ansanm rakwen kat fasad pwen kadino tyelele
vag lanmè
Pa filyè zouti radyoteledyòl pètpèt mayi aparèy
ideyolojik jakopèt
Estatistik grandizè lemonn ap bege langay*

*depaman povrete dayiti
Kistwa kolonyal bout di demanti kon chendemè
dansan laloz sou pwòp bwatye*

*Jiskalèkile zantray espas jewografik pote mak
plaka maleng
Krabinay bòt desanlye dwèt tou nan manch kolon
panyòl
K'ap gouye ak panyen lò vòl sou tèt anba
vomisman dlo larivyè
Ki trangle nan zo pekaw san'l koule nan lonbrik
mètsiyen*

*Memwa chimi biyolojik sou fòm vapè kapte selil
tras bokit san endye Ekzekisyon panyòl
Albòm foto kamera astrolojik konsève pòz*

Falsa verdade

Até o presente as víceras do espaço geográfico
Carregam as manchas das cicatrizes
Das botas da colonização espanhola em busca de ouro

A memória da química biológica
Sob a forma de vapor capta a célula
Traço de sangue dos nativos executados

O álbum de fotos da câmera astrológica
Guarda imagens da França explorando
Cargas de cana-de-açúcar, café, cacau..

Da força e coragem dos ancestrais do Haiti
Entre o suspiro e a morte
O sangue da dívida da independência
Jorra sob uma fachada francesa na economia haitiana
Faca de dois gumes: o traidor do norte com ajuda da nação

*Lafrans k'ap dechèpiye
 Kagezon kann kafe kakawo digo fòs kouray
 zansèt tè dayiti
 Ant ti souf e lanmò san dèt endepandans vèse
 anba kout kouto ekonomi Lafrans
 Kouto debò trèt nò konkou sousou miske
 anvlimen
 Kangrennen mode blesi'n angiz pansman*

*Antretan estetik diskou mal abiye brandi mo
 lapòpòt pòv ou pannkat
 Lojik filozofik pa temwen listwa, jewografi, chimi
 biyolojik, kamera astrolojik
 Prefere diskou: Ayiti pa't pòv men te apovri
 Ayiti pa pòv men apovri*

Morde nossas cicatrizes abrindo a ferida

Entretanto, a estética do discurso mal
 aembrado
 Grita a palavra POBRE sobre o mural do
 mundo
 E a lógica filosófica por meio do testemunho
 da História,
 Da química, Biológica, da câmara
 Astrológica

Prefere dizer:
 O Haiti não foi pobre
 O Haiti foi empobrecido
 O Haiti não é pobre
 O Haiti é empobrecido

(HILAIRE; JUSTE, 2014. pp. 75-76).

Neste poema, Johny Hilaire denuncia os reflexos da colonização na situação atual econômica e social do Haiti e na construção do discurso sobre um Haiti que é pobre. Este texto literário, escrito por um haitiano em crioulo e que fala sobre o Haiti, publicado no Brasil, é evidentemente um reflexo desta circularização da produção literária e intelectual produzida pela mobilidade. Os autores comentam que alguns destes poemas foram escritos no Haiti e trazidos em cadernos nas bagagens durante a mobilidade, e que outros, foram escritos já no Brasil. De toda forma, o livro “JepyePyeje - Fulano Fulano” é uma produção da diáspora e uma forma de acessar o Haiti através da literatura.

Como outro exemplo, temos a bela produção de poesia de Christopher Rive St Vil, que escreve no Brasil, em português. O autor, na poesia denominada “O sufocante lugar de fala de quem não tem voz” faz uma crítica aos preconceitos que sofre como migrante negro e a sua intelectualidade e voz não reconhecidas/ouvidas:

Sou o que sou menos no olhar do OUTRO, cego, afogado no meu próprio sangue.
 A minha voz, por isso, impera num túnel obscurecido, mas não ligo para esta vida,
 pois vivo num lugar assombroso de violência e num mundo patético,
 XENOFÓBICO, em que os indivíduos só olham para si sem ÉTICA.
 De onde venho, tenebroso, sinistro, macambúzio, não existe esse LÉXICO, quem
 me descreve apenas num TÓPICO.
 Não sou essa pintura AFÔNICA, pois os atos racistas não são inatos, negá-los é
 perpetuá-los.
 Com tanto ódio, os costumes continuam/rão a ser IDÊNTICOS, já que a
 humanidade não se metamorfoseou, permaneceu egoísta, imperialista, misógina,
 EGOCÊNTRICA.
 Certo, não é porque sou descendente de um grupo ÉTNICO e moro num barraco
 que, simples assim, carrego vários PREFIXOS ou sou vendedor de substância
 orgânica, ao contrário, essas hipóteses cheias de lacunas discriminatórias não me

caracterizam.

A minha inteligência só cria PÂNICO numa sociedade desigual, marginalizada, DISTÓPICA. Enxurrada de egoístas sem lógica, com atraso mental.

Por causa da cor da minha pele, apresentam-me como um ser sem cultura, sem mente; um SÁDICO, num verso CRÍTICO.

Meu caro leitor! Neste sol melancólico, não me importa, aparência não significa sinceridade, são apenas palavras IRÔNICAS.

O que é raça?

"Eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o outro e a prata"

O que é união? Se eles querem encher seu bolso e logo me colocam à margem (ST VIL, 2020. p.204).

Essa produção na diáspora está ligada, segundo Roland Walter, à mensagem que se quer passar aos leitores, o compartilhamento da condição em que se encontra o presente para sujeitos subalternizados, como reflexo dos processos históricos. Uma forma de compartilhar memórias e sentimentos em busca de um diferente destino.

Um dos objetivos principais da escrita negra na diáspora é o de voltar às raízes das ideias de subalternização (de hoje e ontem) para conscientizar os leitores da injustiça sofrida. O que constitui a poética-política desta transescrita mnemônica, portanto, é uma democratização da memória cultural distorcida, falsificada e silenciada pelos diversos discursos hegemônicos. Neste sentido, a volta aos horrores do Atlântico Negro na ficção contemporânea dos escritores afrodescendentes das Américas, por exemplo, envolve a recuperação de um senso de responsabilidade sincera e compartilhada pelo passado, presente e futuro (WALTER, 2021. p.11).

Os espaços universitários têm sido também frequentes ambientes que possibilitam a circulação dos saberes e trocas culturais provenientes da diáspora. A comunidade haitiana, desde o seu processo de chegada ao Brasil, vem ocupando cada vez mais as universidades, seja em instituições públicas ou privadas, e conseqüentemente, produzindo material intelectual e promovendo debates de acordo com seus próprios interesses. Na mesma medida, cresce o interesse de pesquisadoras/es brasileiros sobre os processos migratórios do país, sua população e o próprio Caribe. Realizando uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações¹⁴, o número de pesquisas entre os anos de 2000 e 2010 que possuem a palavra "Haiti" no título é 18, enquanto se alterada a busca para os anos entre 2010 e 2020, momento de crescimento da migração haitiana para o Brasil, o número aumenta para 81 pesquisas. Apesar de um dado simples e que é atravessado por diversas outras questões, o fator da crescente presença haitiana no Brasil certamente é um dos principais.

¹⁴ Sistema criado e mantido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia para facilitar o acesso a produção das pesquisas de pós-graduação das instituições de ensino e pesquisa brasileiras: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>.

Apesar deste crescimento numérico referente às pesquisas realizadas no Brasil, os entrevistados e entrevistadas em sua totalidade se dizem insatisfeitos em alguma medida com os debates voltados ao Caribe e ao Haiti dentro das instituições, no sentido de que os debates ainda são poucos e restrito à temáticas muitas vezes estigmatizantes. Estudantes da Unila falam de como o Caribe francófono geralmente não é visto como parte integrante da América Latina e citado nas disciplinas apenas em comentários:

Quando se fala do Caribe o único país assim, geralmente, que tratam, é a Cuba, a Revolução Cubana, sabe, então a gente fala muito pouco do Caribe na Unila, a não ser o Caribe continental, Colômbia, Costa Rica e essas coisas. Mas mesmo assim falando desses países eles são geralmente vistos como somente Latino-Americanos, então o debate mesmo sobre o Caribe, é muito pouco, quase inexistente assim. E assim quando se fala do Haiti é um comentário, sabe, mas não é tipo uma aula específica. Não tem. Os debates sobre o Haiti que acontecem na Unila são organizados por nós, os estudantes, no dia da bandeira, por exemplo, atividades que nós mesmos fazemos (entrevistada Sarah, 2021).

A fala da entrevistada Sarah revela que, apesar dos processos de inclusão da comunidade haitiana dentro dos espaços universitários - através de processos seletivos, cursos de língua portuguesa, etc -, não há um processo de inclusão das temáticas sobre o Haiti e Caribe nas grades curriculares dos cursos, mesmo em instituições e cursos que pensem o processo de integração latino-americana. Isso demonstra como ainda estamos distantes de ultrapassar os processos colonizadores sobre o conhecimento e sobre os silenciamentos. A entrevistada Marie, estudante da mesma universidade, diz ter ficado desconfortável em algumas ocasiões pela postura de determinados colegas em diminuir o Haiti:

E em relação ao meu país, um dia, numa aula, eu fiquei muito envergonhada, assim a gente tava fazendo uma roda viva né, dos países da América Latina e do Caribe, daí era pra a gente pegar um país pra analisar, daí quando eles tavam falando do Haiti era pra analisar o sistema de saúde, daí eu fiquei muito envergonhada, embora que eles tavam falando verdade, as informações estão nos artigos e tal, mas era uma vergonha pra mim. Mesmo que eu sei que a gente não tem só o lado ruim mas infelizmente, as mídias assim, as redes sociais, só mostram o lado do ruim do Haiti. “Ah, o Haiti, é miséria, é pobreza e tal”, mas tipo, muita gente não sabe que a gente, tem praia bonita, tem tipo uma gastronomia maravilhosa, tipo essas coisas a mídia não mostra. É muito... tipo é uma vergonha pra mim, é muito triste né, que quando a gente fala do Haiti aqui no Brasil tem bastante gente que estão te perguntando: “ah, o Haiti tem carro?” “a gente tem tal coisa?” “A gente tem fogão?” Não sei, é uma coisa louca. É porque eles tão vendo um lado único né. [...] É uma coisa que é, que parece absurda é que até os alunos que, por exemplo, até os alunos da América Latina, sabemos que os países da América Latina não tem uma boa condição assim, eles tão achando que tipo “ah, é

o Haiti, eu venho da Venezuela, venho da Colômbia, venho de tal país, é melhor do que o Haiti, o Haiti é tal tal”, tentando colocar o Haiti no nível mais baixo possível (entrevistada Marie, 2021).

Os entrevistados e entrevistadas que estudam/estudaram em outras universidades ou faculdades brasileiras também comentam que não há muito fomento para atividades e debates que pensem Caribe ou Haiti, que conhecem projetos e pesquisas específicas, mas poucas. Todos concordam que há a necessidade de introduzir mais o Caribe e o próprio Haiti dentro dos conteúdos pensados nas universidades brasileiras. A maioria dos entrevistados aponta a necessidade de pensar mais a Revolução Haitiana nos currículos brasileiros, pela sua relação com os processos de independência na América Latina, pela aproximação com as temáticas voltadas a negritude no Brasil e também como forma de ressignificar a visão que se coloca sobre o Haiti contemporâneo.

Como a entrevistada Marie ressalta na sua fala, muitos brasileiros ainda não conhecem as riquezas que o Haiti possui, não sabem das suas praias, da sua gastronomia, da sua intelectualidade, da sua literatura. A entrevistada Michelene realiza um desabafo em relação a essa questão durante a entrevista, a história que o Haiti carrega é gigantesca, e é muito triste que as pessoas não conheçam tudo o que o país tem para oferecer:

Ah, um dia uma pessoa me perguntou "mas o que tem no Haiti? Tem sol no Haiti? Como que as pessoas conseguem viver no Haiti?", e tem um outro colega que falou que ele só ouviu falar do Haiti quando teve o terremoto de 2010, somente isso. Então, pra uma nação que tem tantas coisas pra oferecer, essa história só fica no Haiti. Nossa história, eu sei do que eu to falando, mas as outras histórias que os outros sabem são histórias decoradas. No fundo, no fundo, temos uma riqueza e eu faço parte das pessoas que querem lutar pra que essa riqueza, pra que toda essa beleza consegue ser vista de verdade, pro mundo todo (entrevistada Michelene, 2021).

Todas essas características se movem juntamente com aqueles/as que migram e o Haiti está presente no Brasil também nestas formas não tão visíveis e palpáveis como os livros. Muitas das coisas que orgulham a comunidade haitiana que vive no Brasil só é possível sentir, seja nos sabores da comida do dia-a-dia, na forma de se relacionar com seus vizinhos, na música e ritmo de suas músicas ou na espiritualidade dos *loás*.

A produção e a presença haitiana nos espaços, sejam literários, musicais,

acadêmicos ou nos outros espaços sociais no Brasil, é um movimento que carrega consigo o Caribe e que adquire novas características, influencia e é influenciado. Pode-se dizer que estes movimentos demonstram um processo de crioulização a partir dos compartilhamentos que ocorrem através da migração, mas as críticas realizadas pelas entrevistadas também mostram que existe uma sobreposição da cultura brasileira (e de outras) sobre a da população que migra, e que é necessária a valorização da cultura haitiana e da sua herança para que as influenciam ocorram de forma espiral, que beneficie todas as culturas e pessoas em contato. É necessário ainda que cada sujeito em suas características, pertencentes a aqui, lá, ou ao entre-lugar, sejam vistas como possibilidades de construção e não como barreiras.

A presença e produção da comunidade haitiana no Brasil é uma produção caribenha, haitiana, mas é também brasileira, latino-americana. É uma produção radicante (Bourriaud, 2009) que produz raízes em movimento, que carrega e que coleta, que vão e que retornam, que levam e que trazem. As produções da diáspora são forças que carregam histórias que não cabem em territórios, mas são movimentos, curvas, ligação, o ir, o voltar, o estar aqui e lá, as vezes ao mesmo tempo. A produção diaspórica é como o mar, um mar que ao contrário de isolar, expande.

3.3 “FOI DE CUBA QUE VOCÊ TROUXE ESSAS IDEIAS?”¹⁵

“A voz que fala em você, deixe-a falar. Deixe-a falar mais que o razoável, até que ela se parta e faça eco do lado de fora.”

Kana sutra, James Noël

A obra “Senhores do Orvalho”, de Jacques Roumain, inicia com o retorno do personagem principal, Manuel, ao Haiti. Manuel havia passado cerca de 15 anos vivendo em Cuba, onde foi trabalhar ainda muito jovem como cortador de cana. Durante esse período, Manuel conheceu e participou de sindicatos onde aprendeu sobre a luta coletiva dos trabalhadores, o poder das greves, a necessidade que os patrões têm de seus funcionários. O personagem demonstra durante a trama que, apesar de analfabeto, teve

¹⁵(Roumain, 2020. p. 93) Passagem no qual, Annaïse, moradora do vilarejo *Fond-Rouge* realiza esta pergunta para Manuel depois que ele explana algumas ideias em discordância com o que acontece no vilarejo.

uma formação política e intelectual enquanto esteve em Cuba, realizada pelos seus próprios companheiros sindicais.

Manuel, quando retorna, passa então a ver a situação do que acontece na sua comunidade no Haiti, *Fonds-Rouge*, que está completamente abandonada pelas autoridades - que inclusive planejam estrategicamente este abandono como forma de tomar posse de suas terras -, assolada por uma rivalidade que torna a situação da população ainda mais vulnerável à grande seca que assola a região. Manuel, por ter estado distante não se afetou pessoalmente da situação que gerou desavenças e por sua formação no processo de mobilidade, vê toda a situação como um grande problema para o próprio vilarejo de *Fonds-Rouge*, que, segundo descreve na obra, “seria um milagre se vivessem, mas vocês estão é morrendo lentamente” (ROUMAIN, 2020.p.93). A partir disso, Manuel organiza seu plano para unir a população do vilarejo, pois acredita fielmente que apenas a união é capaz de salvá-los. O entrevistado Jorge, durante a entrevista, comenta sobre este enredo de Roumain:

É um texto marcante, marcante porque é um texto que atravessa a pessoa que faz a leitura, no sentido de que conta a história de um homem que deixou o Haiti pra ir pra Cuba, morar, trabalhar nas plantações de cana de açúcar e ele teve uma formação, mas não é uma formação acadêmica, mas uma formação enquanto trabalhador, enquanto proletário, no proletariado ele teve essa formação. Nas greves que os trabalhadores faziam, na abordagem que eles tinham dos proprietários. E quando ele voltou pro Haiti ele queria passar essa formação que ele teve lá em Cuba, só que ele morreu. Ele morreu porque foi assassinado por um dos membros da comunidade. E antes de morrer, ele falou pra mãe dele “eu não quero vingança” porque o importante pra ele era a reconciliação porque a comunidade tava com problemas, conflitos e na comunidade as pessoas estavam morrendo de fome e não tinha água. Ele foi buscar a água, ele encontrou, ele falou onde era a água e quando um membro da comunidade matou ele, antes de morrer ele falou pra mãe dele “não quero vingança, eu quero a reconciliação entre todas as pessoas e que Fonds-Rouge”, o nome do local, “Fonds-Rouge, volte a ter a vida que merece” (entrevistado Jorge, 2021).

Esta explanação referente a estruturação do enredo e da formação do papel do herói na figura do Manuel é interessante pois ela demonstra a relevância do fato do personagem ter migrado influenciar a sua forma de ver e reagir perante a realidade que encontra no Haiti. Neste sentido, a mobilidade, para além de gerar um processo de levar o Caribe e o Haiti para outros lugares, é uma forma também de utilizar da formação de experiência, política e intelectualidade adquirida na mobilidade para, de alguma forma, melhorar ou transformar a realidade do local de partida, do país que consideram seu.

Uma exemplificação deste processo é o movimento, já anteriormente citado, realizado por jovens intelectuais caribenhos no início do século XX, que realizam o processo de mobilidade para a Europa com o propósito, geralmente, de adquirir estudos, incluindo o próprio Jacques Roumain. Neste movimento de chegar ao outro espaço (e neste caso, no do colonizador), estes jovens passam a relatar que conheceram não apenas a realidade europeia, mas passaram a compreender melhor a sua própria realidade, compreender suas experiências, seu lugar histórico e social e como outros espaços e culturas enxergam a eles próprios.

Frantz Fanon, na obra “Pele negra, máscaras brancas” (2008), reflete em diversos momentos sobre a sua própria experiência como um homem negro Antilhano, que nasceu na Martinica, e mais tarde tem a oportunidade de estudar na Europa, em seu caso, na França, metrópole colonizadora que ainda hoje possui poderes administrativos sobre a ilha. Fanon nos diz:

O negro, na medida em que fica no seu país [*antilhano*], tem quase o mesmo destino do menino branco. Mas indo à Europa terá de reconsiderar a vida. Pois o preto, na França, seu país, se sentirá diferente dos outros. Já pretenderam apressadamente: o preto se inferioriza. A verdade é que ele é inferiorizado (FANON, 2008. p 133).

Nas reflexões do autor, no momento em que sai da Martinica e vai viver na França, é quando percebe-se negro e percebe-se colonizado. Fanon, a partir disso, reavalia como era a sua relação com essas questões enquanto vivia no Caribe e como as ideias foram formuladas nele, enquanto vivia no seu país. Ele reflete:

Nas Antilhas, o jovem negro que, na escola, não para de repetir “nossos pais, os gauleses”, identifica-se com o explorador, com o civilizador, com o branco que traz a verdade aos selvagens, uma verdade toda branca. Há identificação, isto é, o jovem negro adota subjetivamente uma atitude de branco. [...] Quando, na escola, acontece-lhe ler histórias de selvagens nas obras dos brancos, ele logo pensa nos senegaleses. Quando éramos estudantes, discutíamos durante horas inteiras sobre os supostos costumes dos selvagens senegaleses. Havia, no nosso discurso, uma inconsciência pelo menos paradoxal. O antilhano não se considerava negro; considerava-se antilhano. O preto vivia na África. Subjetivamente, intelectualmente, o antilhano comportava-se como um branco. Ora, ele é preto. E só perceberá quando estiver na Europa; e quando por lá alguém falar de preto, ele saberá que se está referindo tanto a ele como ao senegalês (FANON, 2008. p. 132).

Neste sentido, deixar a Martinica faz com que, necessariamente, Fanon repense a sua realidade: não apenas a nova realidade que vive no exterior, onde passa a

perceber-se como um sujeito colonizado e negro, mas repensa a realidade que viveu na Martinica, as questões que percebe, a partir da mobilidade, que formaram algumas de suas características. Reflete sobre questões que acredita ser o problema da educação e da formação social na Martinica. Neste sentido, estar em mobilidade é necessariamente, repensar e reconsiderar a vida, como pontua o autor. O entrevistado Alfred realiza um comentário neste sentido quando diz que “ser um migrante é ser um pensante, porque tu vai pensar sobre a sua cultura, de onde tu vem, pensar nessa diversidade com a cultura, esse impacto cultural que tu vai ter” (entrevistado Alfred, 2021). Ser um ser pensante, conhecendo a realidade do outro, é um impulso para repensar a própria realidade.

Como escreve Rocha (2017), desde o processo de colonização é construída fora das Antilhas uma perspectiva de lugar paradisíaco, majestoso, mas um lugar de passagem, para visitar e desfrutar das suas belezas naturais. A visão do *outro*, para a autora, não considera a população ou as expressões culturais dos países caribenhos. A pesquisadora realiza uma reflexão em torno das Antilhas a partir da ideia do “O conto da ilha desconhecida” de José Saramago, para demonstrar o papel do deslocamento na literatura pós-colonial nas Antilhas. Segundo as reflexões de Rocha (2017), o conto demonstra como sair, deslocar-se geograficamente, é um movimento também de olhar para si próprio:

A fábula insiste sobre a necessidade de quebra de paradigmas, de saída das numerosas zonas de conforto para ancorar em espaços plurais marcados por dúvidas, descobertas, ressignificações e reapropriações das mais diversas. Entrar no barco rumo à ilha desconhecida consiste em perceber o imperativo de se ver o outro e a si mesmo sob outros ângulos, de mudar as perspectivas, de reivindicar múltiplas facetas e interpretações para si mesmo e para o que nos cerca (ROCHA, 2017. p.221).

O conto trabalhado pela pesquisadora, evoca também um pouco da reflexão que é possível realizar com a comunidade haitiana que está no Brasil, pois, a partir do momento em que entram em contato com outra cultura, as entrevistas mostram como eles passam a refletir sobre si. Rocha ressalta que o seguinte trecho do conto de Saramago tornou-se muito reconhecido mesmo para quem não lê o autor:

quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei, quando não tinha que fazer, ia sentar-se ao pé de mim, a ver-me passar as peúgas dos pajens, e às vezes dava-lhe para filosofar, dizia que todo o homem é uma ilha, eu, como aquilo não era comigo, visto que sou mulher, não lhe dava

importância, tu que achas, Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós (SARAMAGO, 1980. p.10-11).

Neste sentido, estes jovens intelectuais que deixaram o Haiti no início do século XX, realizaram produções intelectuais e literárias pensando a sua própria realidade, formas de utilizar o conhecimento, tanto intelectual como pessoal, para repensar a realidade em que cresceram.

Como o entrevistado Joseph reflete na citação a seguir, hoje a internet nos possibilita conhecer e ver muito do restante do mundo, mas no século passado, para conhecer era preciso ir:

E a maioria desses escritores [haitianos] já viveram na diáspora, e eles escrevem muitos livros na diáspora, inclusive livros sobre o Haiti, fora, porque eles acabam tendo uma visão mais panorâmica do país. Naquela época não tinha internet não viu, mas a partir das outras realidades eles repensavam a realidade local. A realidade da terra natal, entendeu? Na época do Manuel não tinha internet mas ele pensou "ah, vou voltar, mesmo sabendo que tá tudo confuso, mas é preciso ter confusão pra gente arrumar". Então ele voltou. Jacques Roumain é um caldeirão de todos os... eu diria, da maioria, não quero exagerar, da maioria das obras literárias haitianas (entrevistado Joseph, 2021).

No caso haitiano, Roumain, que nasceu apenas 18 anos antes de Fanon, também é um exemplo deste movimento, junto com seus contemporâneos no início do século XX. Comentando sobre esses jovens intelectuais haitianos que deixam as antilhas, o entrevistado Joseph salienta que não é relevante apenas o fato de que estudaram fora do país, mas o retorno destes com diferentes ideias que foram muitas vezes manifestadas na literatura:

Eles eram ativistas, eles estudaram em muitos países, eles já tinham uma visão de mundo assim, ampla. É por isso que eles voltavam pro Haiti, fazendo clubes literários. Então eles já tem uma visão de mundo mais ampla, e eles voltavam. É por isso que eu eu quero voltar em algum momento da minha vida (entrevistado Joseph, 2021).

Essas experiências são importantes marcos e frequentemente citadas nas entrevistas: a importância de retornar algum dia para o Haiti, para que se possa de alguma forma trazer ideias novas, colhidas na diáspora, para por em prática no Haiti. A motivação, a persistência em enfrentar as dificuldades que fazem parte das experiências da diáspora é, muitas vezes, dar o retorno para as pessoas que ajudaram no Haiti, dar o retorno para o país.

Eu quero ir [para o Haiti] para poder ajudar os outro que me ajudaram, para devolver tudo que eu aprendi, tudo o que os outros me fortaleceram, pra devolver isso pra amigos, pra família, [...] que sempre me faz pensar "eu tenho que vencer na vida, eu tenho que ser o orgulho da família". Tudo que me motiva mais é essa

questão de que, quando tu olha pro teu país tu viu que teus amigos não tã tendo essa oportunidade, que te faz crescer, amadurecer mais pra poder ajudar os outros, porque quando eu ingressei na universidade, eu no primeiro dia falei, eu estou lá [fora do país], estou lá para poder vencer a vida, pra poder ajudar os outros, porque ajudar os outros, isso te dá uma alívio que você está fazendo uma coisa boa, então claro que vai ter um retorno pro Haiti (entrevistado Alfred, 2021).

A mobilidade está ligada então a diversos propósitos e cenários para os entrevistados, e para eles, o processo diaspórico e a literatura possuem também esse papel de autodescobrimento, de olhar para si mesmos e de repensar a realidade como o que foi citado por Fanon (2008). As transformações e os retornos estão diretamente ligados com esses momentos de descobrir-se quando entra em contato com o outro. No caso dos haitianos no Brasil, existem as singularidades formadas pelo contato específico entre as culturas haitianas e brasileira, que serão discutidas posteriormente, mas que apesar de ocorrer no século XXI, em país latino-americano e também colonizado, olhar para si após viver inserido dentro de outra formação cultural é uma viagem também de autoconhecimento. O entrevistado Alfred comenta a sua relação com a literatura de Dany Laferrière e como ter contato com literaturas escritas também por sujeitos em mobilidades, ajudou com que ele descobrisse mais sobre ele próprio e a cultura haitiana.

Eu posso dizer que esses escritores que escrevem sobre o Haiti, mas sobre o Haiti quando eles estão fora, te faz pensar de onde tu vem, sobre a sua própria cultura. É no exterior que acredito que a maioria dos haitianos vai se descobrir, descobrir sua cultura propriamente dita. [...] Eu conheci muita coisa e lendo isso na obra de Dany Laferrière é uma coisa incrível, vendo sua cidade, do jeito que tu vivenciou, do jeito que tu experimentou, como é a comida, como tem poeira, como tem as bananas. Dany Laferrière vai dizer que as bananas não mudam, que as coisas não mudam, mas quem muda somos nós, imigrantes, que passam 20, 30, 5 anos fora, mas quando a gente chega tem esse contato lá fora com essas coisas, isso nos motiva mais a ser quem somos, né, a nos descobrir. Eu me descobri com a escrita de Dany Laferrière. A literatura, essa questão da coletividade, descobrir o outro mas o outro te faz pensar em ti. Então essa mobilidade, essa literatura sobre a mobilidade haitiana nos faz pensar sobre isso: quem somos? De onde viemos? (entrevistado Alfred, 2021).

A comunidade haitiana então salienta que amplia a visão de mundo, sobre o outro e sobre si, a partir da mobilidade, e para alguns entrevistados desta pesquisa, a literatura também exerce parte importante deste processo. Os textos literários, com suas características de sensibilidade e identificação, podem representar esse caminho de perceber-se e vivenciar a experiência do outro, ao mesmo tempo em que, a partir da nossa subjetividade, faz com que olhemos para a nossa própria experiência. Itamar Vieira

Junior fala de forma muito elucidativa sobre esse poder da literatura:

Há algo poderoso na literatura como expressão artística: a cada leitura, fazemos com a criadora ou o criador um pacto de que, durante o tempo em que estivermos decifrando as histórias, os eventos e os sentimentos humanos de cada texto, vivemos aquelas vidas. É como se cada leitor subisse ao palco de um teatro imaginário e, num solilóquio, interpretasse a vida da outra e do outro, experimentando suas venturas e desventuras, encontrando respostas para situações e sentimentos sobre os quais nem sequer havíamos pensado. Exercitaremos a alteridade e a empatia, comunicaremos o que há de mais profundo em nossa existência humana. Ao revisitarmos períodos da história que não vivemos, culturas e espaços diversos, somos capazes não apenas de vivê-los, mas também de adentrar as subjetividades humanas dos implicados em sua trama. E não vivemos apenas as subjetividades do outro: ao tentarmos alcançar tais sentimentos, conseguimos ler a nós mesmos (VIEIRA JUNIOR, 2021a. pp. 36-37).

Esse movimento de conhecimento se dá simplesmente pelo ato de viajar e conviver com diferentes culturas, mas a comunidade caribenha não deixou de lado esta prática de migrar em busca de conhecimento institucional, e os entrevistados representam este grupo. Entre os entrevistados da atual pesquisa, todos vieram ao Brasil também com a intenção de alcançar alguma formação acadêmica. É interessante que a atividade escolar é muito valorizada no Haiti, como já citado anteriormente nesta pesquisa, e com as poucas condições de conseguir vagas em boas universidades no Haiti, a mobilidade torna-se um espaço de buscar formas de formações institucionais.

Por que as universidades fazem essa internacionalização? Por que é sempre bom conhecer outras realidades, porque as pesquisas internacionais ou as pesquisas de comparações de dois sistemas, por exemplo, no Brasil e em outro país, essas pesquisas são sempre mais relevantes. É porque entender, é porque quando você entende, tem uma ideia mais abrangente de uma situação, você acaba enxergando mais longe, tipo, quando alguém que vive na diáspora, que já fez outras experiências, quando ele volta com essas ideias novas... Porque o Manuel no livro "Senhores do Orvalho", ele fez experiências novas em outro país e pegou e voltou pro país com uma outra cabeça, é por isso que eu digo, quando você sai de um país você acaba tendo uma visão panorâmica do seu próprio país, tipo, hoje em dia no Brasil, não só pela internet, mas eu acabo tendo uma visão mais panorâmica do Haiti (entrevistado Joseph, 2021).

Assim, como cita o entrevistado Joseph, a experiência de mobilidade possibilita com que ele tenha uma visão diferente e mais panorâmica do próprio Haiti. No entanto, na diáspora, não são apenas as experiências institucionais que proporcionam acesso a conhecimentos. A experiência de trocas culturais, conhecer outras formas de convivência, relacionamentos, outras expressões culturais, musicais, religiosas, culinárias, toda a experiência do dia a dia da mobilidade é uma forma de realizar trocas culturais e de

compartilhar conhecimentos. A partir do momento em que se conhecem outras experiências é possível observar a sua e o que nela poderia ser diferente, o que poderia ser ensinado compartilhado com a outra cultura. Continuando as reflexões do entrevistado Joseph, ele nos diz que:

Eu passei por uma fase de desconstrução no Brasil, entendeu? Eu passei por uma fase de desconstrução e reconstrução. Então, voltando pro país [Haiti] pra falar com uma pessoa que pensava do jeito que eu pensava quando eu estava no país, se eu contar um pouco da minha experiência aqui, a pessoa pode ter uma outra consciência também. [...] Chegando no Brasil, você acaba conversando, convivendo com as pessoas e você acaba conhecendo outros movimentos[...]. Então essa questão de trazer a diáspora, e aí você sai do tradicional encardido, sabe? Você sai dessa mesmice que você tava e você acaba tendo uma ideia mais abrangente da vida, você acaba tendo outras ideias (entrevistado Joseph, 2021).

Desta forma, quando o personagem Manuel começa a conversar com os moradores de *Fonds-Rouge* e começa a compartilhar a sua ideia sobre o mundo e sobre como deveriam agir e enfrentar a situação que eles vivem, ele escuta a seguinte pergunta: “Foi de Cuba que você trouxe essas ideias?” (ROUMAIN, 2020. p.93). Essa pergunta demonstra que a forma como o personagem observa a realidade enfrentada é diferente da local e provavelmente influenciada pela experiência de vida que Manuel teve em Cuba durante a mobilidade e é, aparentemente, a mensagem que Roumain quer evidenciar neste cenário: a formação sindical e política que Manuel teve em Cuba foi capaz de transformar a realidade do vilarejo *Fonds-Rouge*, no Haiti. Em uma passagem muito interessante, o personagem Manuel conta para Annaïse, que nunca saiu para muito longe do vilarejo, como ele aprendeu e criou consciência política e de classe em Cuba:

"Vou te contar uma coisa: no começo, em Cuba, não tínhamos defesa nem resistência; este se achava branco, aquele era negro e havia muito desentendimento entre nós; éramos dispersos como areia e os patrões andavam sobre essa areia. Mas, quando nos reconhecemos, que éramos todos semelhantes, quando nos juntamos para a *huelga*..."

-Que palavra é essa, *huelga*?

-Aqui vocês dizem greve. [...] Pois bem, a greve é isso: um NÃO de milhares de vozes que são uma só, caindo sobre a mesa do patrão com o peso de uma rocha (ROUMAIN, 2020. pp. 95-96).

A entrevistada Marie também comenta a transformação da sua própria percepção de mundo através da mobilidade e o impacto da mobilidade no personagem Manuel:

Quando a gente foi pro exterior e a gente volta, a gente já tem tipo uma visão diferente né, a gente vê as coisas de um jeito diferente. Aquela coisa assim que eu

fazia, por exemplo, eu sempre pego o exemplo de mim mesma: lá no meu país, por causa da cultura na verdade né, quando eu via uma pessoa com uma tatuagem, meu Deus do céu, eu fiquei julgando essas pessoas, quase não fala bom dia e tal, mas assim, na realidade, agora com internet, lá as coisas melhoraram bastante. Na minha época, quando eu deixei, eu deixei com uma mentalidade, não vou dizer que era fechado, mas tipo, que teve relação com a minha cultura, Mas assim eu vejo as coisas de um ângulo bem bem bem diferente né. Eu não julgo mais as pessoas gays, as pessoas trans, você tem um monte de tatuagem é a sua vida né, tipo não são as tatuagens, não é porque você é dessa religião ou você tem essa orientação sexual que vai te definir como pessoa. Essa visão, essa ideologia, mudou literalmente na minha cabeça, eu fiquei muito feliz por isso. Na verdade o Manuel, acho que sim, Cuba mudou o pensamento dele. Talvez se ele não fosse pra Cuba ele teria o mesmo pensamento do que as pessoas da comunidade, mas, só porque ele foi num país diferente, aí ele já tem uma realidade diferente das coisas né, eu acho que isso tem um impacto no pensamento dele (entrevistada Marie, 2021).

Neste sentido, a mobilidade pode ser percebida não apenas como um espaço de alcançar formações e trocas culturais, mas também um espaço de formação pessoal, de projetos e de impulso transformador: por que não aplicar no Haiti aquilo que funciona em outros lugares, como em Cuba ou no Brasil? Manuel com sua experiência política em Cuba percebeu que havia necessidade da população de *Fonds-Rouge* ultrapassar algumas desavenças para que conseguisse sobreviver, assim como a necessidade de educar a população do vilarejo para que não continuasse sofrendo na mão do Estado que não trabalhava a seu favor. Da mesma forma, atualmente, o entrevistado Joseph que é pesquisador na área da Saúde Pública, explica que observa o Sistema de Saúde de outros países e projeta um sistema que seja possível executar no Haiti, já que a saúde pública do país caribenho é precária e ligada aos setores privados. Nas palavras do entrevistado:

É por isso que ideias novas, muitas vezes, podem sair de fora, porque aqui, você de dentro, você acaba se acomodando com a realidade de dentro. Eu já pensei mil vezes no sistema de saúde pública do Haiti, com adaptação cultural, social, econômica, política, tudo. Eu já pensei no sistema me referindo ao SUS, ao sistema cubano e ao sistema inglês. Aí você não pode pegar o SUS do jeito que tá e levar pro Haiti, pode não dar certo, porque tem fatores culturais. Agora você tem que fazer adaptações e eu já pensei, pus isso no papel, eu tenho no papel como vai ser, financiamento, sistema, arrecadação, eu tenho tudo isso, mas se eu tivesse ficado apenas no Haiti você acha que eu teria essa visão, de pensar até no sistema de saúde? (entrevistado Joseph, 2021).

Neste sentido, a reflexão do entrevistado me faz observar a forma como a mobilidade pode ter retorno no Haiti e não apenas em forma financeira, com o apoio do dinheiro internacional no giro econômico do país, mas também como espaço gerador de ideias que pretendem transformar a realidade do Haiti. No entanto, este mesmo

entrevistado Joseph realiza uma reflexão muito interessante no decorrer da entrevista, que condiz na seguinte questão: “ se o Haiti está nessa condição é porque não está tendo uma inclusão da diáspora, a gente não está aprendendo a lição que ‘Senhores do Orvalho’ tá querendo passar, a gente não tá aprendendo essa lição” (entrevistado Joseph, 2021). Segundo as reflexões deste entrevistado, ideias como a dele, de implantação de um sistema de saúde popular no Haiti, não possuem espaço no cenário haitiano, não são ouvidas pelas autoridades políticas e em alguns momentos são rechaçadas. Ele pontua em diversos momentos da entrevista a não inclusão da diáspora (para além da econômica) e que existe uma força governamental que nega a modernização dos serviços públicos e culturais que sejam pensados pela diáspora.

Stuart Hall (2013), salienta a forma como a cultura caribenha, moldada em toda a sua base cultural pela diáspora, é um espaço onde a “impureza” é a regra, que a construção se dá através daquilo que se carrega e do que se perde. Para ele, estas combinações de diferentes culturas trazidas de diferentes espaços geográficos, diferentes influências de todos os ângulos, é aquilo que cria a novidade, que cria o que é novo no mundo: tudo a partir da diáspora.

A cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica. Em termos antropológicos, suas culturas são irremediavelmente “impuras”. Essa impureza, tão frequentemente constituída como carga e perda, é em si mesma uma condição necessária à sua modernidade. Como observou certa vez o romancista Salman Rushdie, “o hibridismo, a impureza, a mistura, a transformação que vem de novas e inusitadas combinações dos seres humanos, culturas, ideias, políticas, filmes, canções” é “como a novidade entra no mundo” (HALL, 2013. pp. 37-38).

Analisando a ideia de Hall com as reflexões do entrevistado Joseph, existe atualmente uma barreira para que essas novidades, trazidas do restante do mundo, tenham espaço dentro do Haiti. O entrevistado comenta ainda que a situação atual do Haiti é uma consequência também da não inclusão da diáspora, dessas ideias que pretendem melhorar o país, e que significa que não aprenderam ainda a lição que Jacques Roumain quer ensinar no “Senhores do Orvalho”.

A concepção de que as ideias da diáspora precisam ficar fora do Haiti é representada na obra literária pela forma como Manuel é reprimido pelo personagem Hilarion que é considerado o policial da região, a maior representação do Estado Haitiano

na obra. Hilarion adverte e ameaça Manuel sobre os discursos que anda realizando para a população de *Fonds-Rouge*:

Diante da sua porta, Hilarion, o agente de polícia rural, jogava três-sete com seu auxiliar.

Desviou os olhos de suas cartas e voltou-se para Manuel.

- Olá - ele disse -, estava mesmo precisando de você, espere um instante, tenho uma coisa para lhe dizer. [...] Então você anda conversando com os camponeses, não é?

Manuel esperava.

- Anda tendo todo tipo de conversa, ao que parece - um clarão de maldade passou por seus olhos franzidos. - Pois bem, as autoridades não estão gostando, são conversas de rebelião.

Abriu suas cartas em leque:

- Depois não diga que eu não avisei (ROUMAIN, 2020. pp. 82-83).

Esta passagem demonstra a ameaça não apenas à figura de Manuel como um diáspora, mas às ideias que trouxe consigo do processo de mobilidade, ideias que poderiam trazer benefícios à população e não ao Estado. No entanto, a população, depois de certa resistência, ouve e se une às ideias de Manuel, alcançando melhores condições de vida. O entrevistado Joseph, nesta crítica, pode estar expressando que já Roumain no período de escrita do romance, percebia a forma como a diáspora não era incorporada a comunidade haitiana, não havendo espaço para a circulação de ideias internacionais, sendo o próprio autor do romance um exemplo de migrante que acaba sendo perseguido e punido pelo estado haitiano pelas suas ideias e atuações ideológicas.

Então Danny Laferrière eu gosto, Frankétienne, eu gosto, é... mas como digo pra você, todos, é o caldeirão do Jacques Roumain, porque no que Jacques Roumain escreve ele mostra que é sempre bom beber de outras fontes. Vai, vai viajando, mas pensando em voltar. Entendeu? Pensando em voltar, porque você vai trazer ideias novas. Eu garanto pra você, se tiver uma inclusão, social, política, econômica da diáspora haitiana no país, o país conhecerá dias melhores. Melhores. É só você ver o apego, de quem tá na diáspora, com o país. Tipo eu vivo entre dois mundos. Eu to estudando aqui mas nada me impede de fazer transferências, não só pra familiares mas pra amigos, assim você acaba ajudando o país a se manter, entendeu? Então essa paixão pelo país, às vezes, você sai com o desejo de nunca mais voltar nesse inferno, mas depois de um mês fora, você tá com uma saudade do nada mano, você quer voltar já, sabe? [...] É por isso que a inclusão da diáspora é fundamental (entrevistado Joseph, 2021).

Outra análise interessante entre a relação da obra literária com esta reflexão do entrevistado Joseph, é que no romance a figura do Estado haitiano é representada por Hilarion, e este sujeito que ameaça Manuel pelas suas ideias como se Manuel fosse perigoso para a população e como se o interesse do agente da polícia rural fosse proteger *Fonds-Rouge*. No entanto, Hilarion está extremamente feliz com as desavenças e com a seca que está maltratando a população de *Fonds-Rouge*, pois assim a população está

indo embora, migrando para tentar a vida em outro lugar e assim Hilarion consegue comprar as suas terras por preços muito baixos e controlar ainda mais a região. Neste sentido, a crítica de Roumain pode ser entendida também ao Estado, que ligado às pessoas de poder econômico do país, negam todas as ideias da diáspora que possam beneficiar a população, pois elas, além de elucidar as pessoas, põe em risco os planos de dominação econômico e político da elite do país. Para o entrevistado Joseph, desta forma, a não inclusão da diáspora é um dos movimentos de silenciamento e de dominação que influenciam nas difíceis condições que o Haiti enfrenta.

Sim, foi de Cuba que Manuel trouxe essas ideias, assim como os entrevistados trazem para o Brasil as ideias do Haiti e dos outros lugares que passaram, assim como pretendem levar todas essas ideias para o Haiti, de alguma forma. A ligação da mobilidade com a identidade e o conhecimento é o que forma a força da diáspora, que continua projetando e tentando transformar as realidades. Este argumento pode ser relacionado também com a ideia de meta-arquipélago elaborada por Antonio Benítez Rojo (1989) já explicada anteriormente, pois como pontua o autor, o Caribe possui uma característica marítima, não linear, um eterno retorno a si mesmo, rotas que não levam a outro lugar se não a si mesmo, como é o mar. Se apreciarmos a questão da circulação de ideias da diáspora nesta perspectiva, podemos observar como ela parte do Caribe, transita e flui por diversos lugares e retorna ao Caribe, estando o Caribe em todo lugar, ultrapassando qualquer barreira territorial fixa, a diáspora aflora a circularidade cultural, intelectual, popular e ideológica caribenha.

3.4 "SENHORES DO ORVALHO" É O HAITI

*“Ao fogo das cidades que ardem
tornou-se mais frágil a ilha
em pesadelo de indecência.”
O apocalipse e depois o nada, Frankétienne*

“Roumain é a cara do Haiti, ‘*Gouverneurs de la Rosée*’ é a cara do Haiti”, disse o entrevistado Alfred (2021). Essa afirmação, mesmo que em outras palavras, percorreu as falas das entrevistas realizadas para a pesquisa. Vale ressaltar que, quando eu pensava neste projeto de pesquisa, não poderia imaginar que as identificações da comunidade haitiana com esta obra literária, eram desta dimensão. A cada diálogo com

os entrevistados, as demonstrações de afetos pela obra literária eram atestadas de diferentes formas, mas o que mais foi evidente, é que a obra ultrapassa para muitos destes sujeitos o espaço de “um livro importante”. A obra e os personagens são uma identificação cultural, identitária, uma forma de olhar para a própria realidade, de conhecer a si, como Haiti e haitiano, e de reconhecer-se como tal.

A obra, em alguma medida, é considerada pelos entrevistados como um retrato haitiano. Um retrato que consegue demonstrar nele todo o potencial positivo do país, consegue transcrever os simples eventos do dia a dia e dar a eles todas as cores, sabores e aromas do café, da “branquinha”, do cachimbo. Consegue evidenciar a importância da religiosidade vodu e da ação dos *loás*, a vibração dos tambores e a secura da terra. As dinâmicas dos relacionamentos entre jovens de famílias que são rivais, as dificuldades da produção campesina, das idas às feiras para vender ou trocar a produção, a falta de acesso, de água, de condições de sobrevivência.

Este momento do texto está direcionado para representar, a partir das falas dos entrevistados, as sensações e identificações entre Haiti e a obra “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain. O entrevistado Alexi nos diz que:

A obra toda. Eu vou te falar, se esse livro que tu tá lendo ali, você não precisa ir pro Haiti, é exatamente isso! Se tu for, tem lugar que tu vai, é exatamente a mesma, a minha cidade por exemplo é assim. A gente, eu, sou da primeira capital, da primeira república negra do mundo, do primeiro país que aboliu a escravidão, que recuperou a humanidade do negro. Eu venho dessa cidade. A gente é uma cidade guerreira, a gente tá sempre quente. Antigamente eu tinha vergonha de falar isso, mas enfim, eu entendi que isso faz parte de nós, a gente é assim, sabe, então eu cresci vendo duas família brigando, um não pode namorar a filha do outro... Claro o Shakespeare também tem, faz uma história também parecida, mas tudo aquilo, quando tu vê a mulher sentar, o homem senta com o cachimbo na boca, a mulher com o café, os cara com os dominós, dançando com os *loás*, tomando aquela cachaça, Annaïse vai lá na cidade no vilarejo, não sei como é que fala, vai vender; aquele primo chato da Annaïse “ah eu vi tu falando com o Manuel”, sabe?! Isso é o Haiti. É a identidade haitiana. É a obra que melhor representa o Haiti (entrevistado Alexi, 2021).

Alexi comenta que “Senhores do Orvalho” é a obra que melhor representa o país e a identidade haitiana nas formas de se relacionar com a sociedade e com o mundo, que ela pode ser a representação literária do Haiti, pois em alguma medida, toda a obra transmite a realidade, cultural e afetiva do país. Esta fala do entrevistado é muito significativa pois ele evidencia que essa obra ocupar os espaços da bagagem de haitianos que vêm para o Brasil tem uma significação identitária com o país que eles

estão deixando, que trazer a obra é trazer um pouco do Haiti. Quando em minha pesquisa anterior de histórias de vida o jovem haitiano disse que trouxe essa obra pois deveria voltar a lê-la sempre, para lembrar de quem ele é, de seu propósito, ele estava referindo-se, provavelmente, a sua identidade haitiana e ao seu propósito que envolvia dar um retorno ao Haiti.

Uma das questões que foi bastante citada pelos entrevistados, referindo-se à obra e o que ela representa, tem ligação com o meio rural haitiano. Os entrevistados que tiveram contato com a realidade mais interiorana falam sobre a similaridade dos detalhes das paisagens, das pessoas, das condições do trabalho e sobre como é uma existência desassistida pelo Estado, uma forma de viver e de organizar-se sem apoios institucionais ou governamentais. Já as pessoas que nasceram e cresceram em espaços urbanos, principalmente na capital Porto Príncipe, relatam como a obra foi também uma forma de conhecer a realidade rural do país. A entrevistada Sarah é uma das pessoas que relata que, antes da obra, não tinha tido contato com o universo interiorano do país:

Quando eu li, foi muito impactante pra mim. Porque eu sou da capital, minha mãe também é da capital, meu pai é do norte do país, só que ele cresceu na capital e a gente nunca foi para o interior. Eu nunca tinha viajado assim, pro interior, pra uma cidade muito rural, então eu diria que foi meu primeiro contato com esse mundo rural, através da leitura desse livro. [...] Então são formas de ter contato com uma realidade do país mas que você não sabia ou que nunca tinha estudado, ou nunca tinha ouvido falar antes, sabe? (entrevistada Sarah, 2021).

A entrevistada salienta como essa experiência de leitura possibilitou que ela conhecesse determinada realidade do seu país que ainda lhe era desconhecida e além de fazer com que pudesse se aproximar da realidade rural, a entrevistada cita que a leitura da obra possibilitou que ela compreendesse melhor as desigualdades do próprio Haiti. Apesar de saber que as desigualdades existem, esse contato com a vivência rural facilitou que ela compreendesse algumas questões que observava na realidade urbana, como o forte preconceito contra as pessoas que vivem nessas regiões, sobre a sua forma de vestir e principalmente, sobre a língua:

É muito comovente, eu me lembro que até chorei quando li, sabe? Eu fiquei dias depois pensando na história falando do livro, falando do que aconteceu, então foi maravilhoso ter lido esse livro. Sabe que entender as próprias, as desigualdades assim, que a gente sabe que existe no Haiti, que a gente vive, mas que a gente vive na capital, e que a gente sabe muito bem que existe também. Não foi nada de outro mundo, por exemplo, as coisas que ele explicava, que ele contava no livro, o jeito dos camponeses, a colheita deles, a venda dessas colheitas, o jeito deles se vestirem. Na própria capital tem muito estereótipo com as pessoas do interior,

então são coisas que realmente são muito bem enraizadas na sociedade haitiana, mas que pelo menos eu nunca tinha vivenciado. [...] ainda persiste essas diferenças que a gente tem entre, entre quem mora na cidade e quem veio do interior, sabe, então “quem veio do interior é ignorante, não sabe falar bem, falam um crioulo não muito ‘afrancesado’, que não tem muitas palavras em francês”, porque tem isso também, você pode muito bem falar crioulo mas quanto mais assim, incorporar nesse teu crioulo palavras em francês ou pronunciar palavras em crioulo como se você estivesse falando em francês, né, você é mais aceito. Mas a pessoa do interior tem todos esses estereótipos sobre ele que não quer dizer, necessariamente, que ela é né, mas são estereótipos (entrevistada Sarah, 2021).

Interessante que apesar da obra ter sido escrita há mais de 77 anos, os traços presentes na obra são lembrados nas entrevistas sempre como muito atuais, como questões que persistem. Além de representar muito bem a realidade rural e cultural haitiana, os entrevistados citam como o romance “Senhores do Orvalho” consegue captar outras características que a tornam muito especial: a identidade haitiana, o potencial haitiano, a característica de não ser facilmente persuadido a entrar em caminhos negativos como o da vingança, e a característica de persistência. O haitiano e a haitiana não desistem.

Aí tem o outro lado também, que o Manuel fala, Manuel faz, que eu digo que é o potencial do haitiano, aquela coisa de não entrar em vingança, porque isso serve tanto para, eu diria, o ser humano em geral, isso é um aspecto universal, pro mundo inteiro. Até eu vejo as vezes que os brasileiros dizem “quem vai fazer vingança prepara dois caixões, um para si e um para o outro”. Ele preferiu morrer, não revelar o nome do cara, o cara que esfaqueou ele, porque ele sabe que isso ia levar a mais uma guerra e que naquela situação não podia ter mais guerra que iam perder a fonte da água.[...] Isso é uma situação. A outra situação de tomar a cachaça, a forma que ele encontrou a Annaïse, é exatamente isso, é real, é isso aí. É a gente. É a forma que encontrou em cima do morro, ela bem tímida, e duas famílias em rixas, não poderiam ter se encontrado essas duas famílias sabe? Essas situações que eu diria românticas, situações culturais, essas coisas, mas aquela situação, aquela força onde o cara não desiste nunca (entrevistado Alexi, 2021).

O entrevistado diz “é a gente”, as características dos personagens e principalmente do herói principal são as características dos haitianos. Os entrevistados se identificam com as situações culturais mas também com a forma como os personagens se posicionam perante os desafios, e o entrevistado Alexi salienta que Roumain conseguiu expressar no Manuel a característica que existe dentro de cada haitiano e haitiana, a vontade de tornar o Haiti um lugar melhor de viver, a persistência nos objetivos apesar de todas as dificuldades, o potencial de garantir com que as interferências na trajetória não façam com que desviem dos seus caminhos.

Este mesmo entrevistado, Alexi, tem uma relação muito interessante com a obra “Senhores do Orvalho”, pois ele leu a obra durante sua adolescência enquanto vivia no Haiti e, atualmente, 20 anos depois, leu novamente, mas desta vez estando no Brasil, e leu a obra em português. O entrevistado cita que desde a primeira leitura ele encontrou nessa obra a inspiração para alcançar tudo que já realizou, e encontrou também na obra a frase que levaria para a sua vida como motivadora: “*L’homme est le boulanger de sa vie*”, ou na tradução, “o homem é o padeiro da vida”.

E é em tudo que eu faço na vida, eu sempre penso nessa frase: “*L’homme est le boulanger de sa vie*”. Porque a história que você está vendo no livro, é tão real esse livro, é tão real, existem tantos Manuéis, tantos, tantos no Haiti, que eu diria que cada haitiano é um Manuel, é um potencial Manuel. Cada haitiano é um potencial Manuel. Tem um Manuel que vive dentro desse haitiano (entrevistado Alexi, 2021).

Todo haitiano é um potencial Manuel. Todo haitiano tem um potencial transformador, persistência. Todo haitiano busca a água que falta no Haiti. Todo haitiano quer que seu povo possa ter uma vida melhor, menos dura, menos seca, possa ter uma vida e não apenas morrer lentamente.

Os entrevistados dizem que no Haiti muitas vezes é ensinada a resignação, que a população é ensinada a aceitar a sua condição como a única realidade possível, de que o sofrimento e o abandono são elementos comuns, devem ser aceitos. O entrevistado Joseph cita essa situação como uma característica das organizações e das estruturas de poder que dominam o Haiti, uma forma de silenciamento, de dominar uma população revolucionária.

E tem coisas no Haiti, tem o que eu chamo de produção de corpos e mentes, eles ensinam o povo a resignação, eles pedem para o povo ser paciente, que o povo deve se designar, o determinismo, assim. “Ah, se você é pobre, é porque deus quer, é porque é assim, e sempre vai ter pobre e rico”[...] mas eles querem colocar na cabeça do sujeito que a pobreza é normal, que viver numa situação onde você precisa negociar a sobrevivência é normal. E não é nada normal. Sobreviver, vida, você não pode negociar sobrevivência, não (entrevistado Joseph, 2021).

Esta tentativa da imposição da resignação citada pelo entrevistado como uma característica aparece na população de *Fonds-Rouge* que já não tem forças para lutar pela sua própria vida e questiona Manuel quando tenta agir de forma transformadora. Na obra, Délira, a mãe de Manuel, realiza falas nesse sentido, como as de que o abandono, tanto pelas divindades quanto das autoridades, é a realidade, e o que resta é apenas

esperar a morte. Manuel, de forma contrária, tentava convencer a mãe de que era necessário buscar por conta própria a saída para as dificuldades:

- Mãe, como vocês vão viver?
- Da graça de Deus - murmurou Délia, e acrescentou com tristeza: - Mas não há misericórdia para os desgraçados.
- Resignação não adianta nada - Manuel meneou a cabeça, impaciente. - A resignação é traiçoeira; é igual ao desalento. Ficamos sem ação, esperando os milagres e a Providência, de rosário na mão, sem fazer nada. Rezamos pela chuva, rezamos pela colheita, recitamos a oração dos santos e dos loás. Mas a Providência, vou te dizer, é a própria vontade do negro de não aceitar a desgraça, de domar a cada dia a má vontade da terra, de submeter o capricho da água a suas necessidades; então a terra o chama de caro patrão, e a água o chama de caro patrão, e não há outra Providência a não ser seu trabalho de camponês sério, não há outro milagre a não ser o fruto de suas mãos (ROUMAIN, 2020. pp. 47-48).

O entrevistado Alexi comenta que ter lido esse livro foi uma forma de compreender essas tentativas de limitação, que se não fosse por esta obra, teria seguido o caminho da resignação, “tipo, seguir todo o rumo da sociedade, eu ia fazer que nem as outras pessoas que falavam pro Manuel: ‘ah, cara, a gente nasce assim, a gente morre assim, porque é a vida, é a vida’ sabe?” (entrevistado Alexi, 2021).

A situação da resignação está atrelada com outra característica citada pelos entrevistados sobre como a obra representa a realidade haitiana: a perseguição aos ativistas. É grande o número de pessoas assassinadas pelas forças repressivas do Estado no país e segundo sociólogo Lautaro Rivara (2021), nas manifestações dos últimos anos o número de assassinatos é alarmante: entre os protestos de 2018 e 2019 teriam sido assassinadas cerca de 133 pessoas que participavam das manifestações contra o presidente Moïse, hoje também assassinado. Rivara também aponta que existe uma constante perseguição aos meios de comunicação da oposição, resultando em assassinatos de jornalistas e pessoas que trabalham com mídias sociais. Segundo dados do *Committee to Protect Journalists*¹⁶, pelo menos 11 jornalistas foram assassinados no país entre os anos de 2000 e 2021, e nos primeiros dois meses de 2022, já foram 3 mortos.

Isso demonstra que a resignação, ou seja, aceitar as características sociais impostas, mesmo que completamente desumanas, não é apenas uma situação que é incentivada e ensinada, mas cobrada das formas mais violentas, punindo com perseguição e morte aqueles que realizam tentativas de mudar esta realidade. “Se você

¹⁶ <https://cpj.org/> Site da organização que tem por finalidade proteger jornalistas por todo o mundo.

está defendendo uma causa, você já está assinando seu contrato de morte” (entrevistado Joseph, 2021) no Haiti, salientam os entrevistados. Após a revolução e independência do país, o grande histórico de ditaduras e instabilidades políticas está também repleto de experiências de fuga, exílio e assassinato de ativistas, políticos e grupos que negaram aceitar as imposições.

Dentro da literatura haitiana o tema de perseguição e exílio é frequente entre as histórias dos e das autoras, que se entrelaçam com as ficções em suas produções. Apenas para citar alguns exemplos, além do próprio Roumain, com histórico já mencionado de perseguição principalmente pela sua oposição a ocupação estadunidense, temos nas décadas seguintes do século XX as produções de Marie Vieux Chauvet, infelizmente sem tradução no Brasil, que denunciam desde as condições da população geradas pelas imposições imperialistas no Haiti, quanto, mais tarde, sobre as violências da ditadura de François Duvalier. Sendo ameaçada e perseguida, a autora e célebre intelectual haitiana acaba vivendo refugiada nos Estados Unidos e parte da sua produção é censurada no Haiti.

Também em relação aos regimes dos Duvalier é a vida e produção de Dany Laferrière, autor já citado, com algumas traduções no Brasil. Laferrière e seu pai, ambos jornalistas, foram perseguidos pela ditadura dos Duvalier no Haiti. Ele diz: “Aos dezenove anos, tornei-me jornalista em plena ditadura dos Duvalier. Meu pai, também jornalista, foi expulso do país por François Duvalier. O filho deste, Jean-Claude, levou-me ao exílio. Pai e filho, presidentes. Pai e filho, exilados. O mesmo destino.” (LAFERRIÈRE, 2018. p.121) Em parte de sua produção considerada autobiográfica, Dany Laferrière descreve como é a vida de um jovem intelectual exilado na ditadura, sobre as dores da saudade e sobre o retorno.

Ainda um exemplo contemporâneo é a produção de Edwidge Danticat que nasce também durante a ditadura dos Duvalier no Haiti e muda aos 12 anos aos Estados Unidos para juntar-se aos pais que já viviam lá, em fuga da ditadura e em busca de melhores condições para a família. A autora relata que durante a infância no Haiti, com tia e avós, havia muitos apagões, falta de energia, e neste momento, eram contadas histórias para as crianças e segundo ela, um dos poucos momentos em que ela via os adultos realmente felizes, contando histórias. Isso a motivou a ser escritora, utilizar a magia de criar histórias que possam trazer algum conforto mesmo em momentos tão duros e

difíceis como de uma ditadura. Em sua produção, Danticat traz muito da beleza sutil do Haiti, mas traz também com gigantesco talento, o sentimento de medo, de violência, de exílio que uma experiência de ativismo pode trazer. Em um conto de sua obra “Krik? Krak!”, traduzido por Daniel Aldo Soares como "Filhos do Mar", ela relata uma correspondência epistolar onde os escritos nunca encontram seu destino, entre um jovem em um barco, em fuga da ditadura no Haiti, e uma jovem, sua namorada, que permanece no país:

Quando nós cantamos, *Beloved Haiti, there is no place like you. I had to leave you before I could understand you*, algumas das mulheres começam a chorar. Às vezes, simplesmente quero parar no meio da canção e chorar eu mesmo. Para esconder minhas lágrimas, finjo que estou tendo outro ataque de náuseas do cheiro do mar. Eu não mais me uni aos cantos.

Você provavelmente não sabe muito sobre isso, porque você sempre tem estado muito proximamente observada pelo seu pai naquela casa bem guardada com sua requintada mãe. Não, eu não estou criticando você por isso. Se alguma coisa, eu sinto ciúmes. Se eu fosse uma menina, talvez estaria em casa e não fora politicando e me colocando em alguma coisa como essa (DANTICAT, 2009. p.145).

Considerando a larga produção, após Roumain, que fala sobre as difíceis situações políticas do Haiti, e sobre o exílio, o que Manuel representa nessa obra de Roumain é, para os entrevistados, reflexos das suas ideias de transformação, da sua não acomodação a realidade imposta, do seu ativismo. Joseph finaliza a sua reflexão dizendo que Manuel morre, Manuel morreu pelas suas ideias:

No Haiti, ativistas morrem todo dia, e é por isso que Manuel morreu. Não é por causa do amor, é por causa do ativismo dele. Talvez o outro cara que gostava da Annaïse, aproveitava da situação precária da Annaïse, num espaço onde não tem água, não tem nada, para conseguir ter o coração da Annaïse. Mas o fato de que o cara chegou com uma outra ideia, ele talvez, o Manuel não morreu porque paquerou, ficou, namorou ou casou com a Annaïse, mas é porque ele tinha essa ideia de trazer a água, e a água chegou, depois da morte do cara. Morreu (entrevistado Joseph, 2021).

Estes elementos trazidos pelos entrevistados expressam que Roumain não apenas representou o Haiti do início do século XX em sua obra, mas questões e situações que perduraram e fazem parte da realidade que os entrevistados vivem e convivem no Haiti atualmente. “Pra mim Roumain é o Haiti de hoje em dia. Nada mudou. Se a gente lê Roumain parece que a gente tá lendo a história do Haiti do século XXI” afirma o entrevistado Alfred (2021), e que também a realidade rural expressa no livro permanece igual:

As ideias dele [Roumain] são cruciais para pensar o que seu personagem estava criticando, ainda hoje existem essas situações no Haiti, principalmente no livro, que a gente está lendo, “Gouverneurs de La Rosée”, esse personagem mostra esse lado rural que era, que não era visto, que ainda é ignorado no Haiti, que as pessoas não tem essa capacidade. Se a gente pensa, a gente traz a história do Roumain para cá parece que ele escreveu o livro no século XXI, porque ainda há falta de água, ainda a água não chega no cano dos outros, ainda a vida é precária (entrevistado Alfred, 2021).

O entrevistado Jorge e a entrevistada Sarah realizam afirmações neste sentido, eles dizem:

Se você leu o livro, vai dizer que o livro foi escrito no começo do século XX, agora a gente tá no século XXI, estamos em 2021, se você leu o texto quando ele foi publicado você vai ter quase a mesma impressão que agora, porque a situação não mudou muito. E é por isso que ainda é real a situação do Haiti no livro (entrevistado Jorge, 2021).

Então são realidades ainda que existem né, que permanecem. Parece que, muita coisa mudou mas muita coisa ainda permanece igual. A situação, quer dizer, não é segredo pra ninguém que o Haiti é um país super pobre, mas a situação assim, do campesinato haitiano, é muito crítico, sabe, é muito crítico (entrevistada Sarah, 2021).

Estas observações realizadas pelos entrevistados, de como a obra “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain consegue retratar a realidade haitiana, a identidade do país nos aspectos culturais, nos cenários, na figura e na luta de Manuel, pode ser um forte indício do por que esta obra ocupa com frequência os espaços das bagagens de haitianos que migram. Carregar esta obra pode simbolizar carregar a própria identidade, carregar aquilo de que eles se orgulham do Haiti. A identificação com uma literatura que retrata tão bem as características que são tão valiosas para essa população. Algumas falas dos entrevistados representam esse sentimento.

A literatura é o, como eu estava dizendo, a literatura é uma área que faz com que nós leitores descubramos o aspecto cultural de outros países, de se identificar. [...] Então o Roumain, o Roumain traz a cara do Haiti. Dany Laferrière, Yanick Lahens, eles trazem. Então a literatura é um meio de permitir, de transmitir esses aspectos culturais e identitários mostrando essas questões [...], um livro que aborda, que transmite, que fala da gente, que transmite uma identidade que nós queremos encontrar. A literatura para mim é isso (entrevistado Alfred, 2021).

Para o entrevistado Alfred, a literatura tem o poder de identificação, de encontrar na expressão literária o que somos e o que queremos lembrar de nós mesmos.

Ele cita que a literatura tem capacidade de informar aquilo que os meios tradicionais não mostram sobre o Haiti, as coisas simples e belas, a cultura rica do Haiti:

Também tem um outro lado, esse lado que a mídia não mostra, que são os escritores que estão mostrando, que Danny Laferrière mostra entre o país real e o país sonhado, nesse país real vemos a questão propriamente, a cultura haitiana, tomando banho num balde. Por isso que aqui eu falo pras pessoas, eu amo tomar banho no balde! Pegando a aguinha e jogando em cima de ti assim, é uma coisa cultural do Haiti, trazer isso para a literatura, isso é incrível. As pessoas não conhecem essa questão. E com esses escritores tu vai descobrir o Haiti que era desconhecido, que era e que é desconhecido. É o Haiti do coração (entrevistado Alfred, 2021).

A identificação e o fato da literatura representar também aquilo que é afeto, que é memória, que é o cotidiano em que essas pessoas se formam culturalmente. Não estando mais nesse contexto, a literatura tem também um papel de acesso à memória e a escrita, passa a ser registro dessa realidade, que segundo o entrevistado Ionel (2021), “tem muitas coisas que os poetas haitianos escrevem que não é uma ficção, é uma realidade, só escrita de forma poética”. Essa realidade é identitária e afetiva.

A obra “Senhores do Orvalho” passa a ter diferentes sentidos a partir do momento em que observada a partir da interpretação e dos sentimentos dos entrevistados. Os sentidos, de Jacques Roumain, são cruzados por leituras contemporâneas, desse grupo de haitianos no Brasil, e que deste conjunto, criam outras formas de vida para essa literatura. Como diz Itamar Vieira Junior:

Uma obra não dispõe de vida apenas por estar escrita ou enquanto está na imaginação de uma única mulher ou um único homem. Uma história ganha vida a partir do contato com o leitor. É um espaço mágico onde a paixão humana se revela por inteiro. [...] Autor e leitor atingem seus objetivos quando conseguem iluminar o espaço entre si por meio de uma história (VIEIRA JUNIOR, 2021a. p.35-36).

Para os entrevistados dessa pesquisa, falar sobre a literatura haitiana e sobre o afeto e identificação, passa necessariamente por falar sobre Roumain. Ele foi um artista e intelectual que influenciou e influencia gerações de escritores, mas também de sujeitos haitianos comuns em busca de seus sonhos. Jacques Roumain foi para algumas pessoas um visionário, um sujeito que conseguiu observar e registrar em sua produção muito mais do que a maioria no seu tempo.

Falar de literatura haitiana, se tu não fala de Jacques Roumain, tu não tá falando de literatura, porque cada um escritor traz Roumain nas suas escritas. Também tu vai entrar no Trouillot, tu vai entrar em outros escritores, mas Roumain é a peça certa. Até Dany Laferrière fala dele, René Depestre também fala dele, os escritores de hoje em dia... Parece que Roumain era um escritor tipo, que

revolucionou a ideia, a visão dos outros escritores, se eu posso dizer assim, porque Roumain antecipou muitas coisas no seu tempo. Então o Roumain é tipo um Machado de Assis, que é muito estudado hoje em dia no Brasil, que antecipava essas coisas. Roumain é tipo um Drummond, antecipando... antecipando não, criando coisas que não... se eu posso dizer, que não cabiam no seu tempo (entrevistado Alfred, 2021).

Roumain é um símbolo que permanece vivo através de sua obra e principalmente através de “Senhores do Orvalho”. Para o entrevistado Joseph (2021), ele foi brilhante e estratégico, escreveu em formato de romance a identidade do Haiti e a força da luta política, para que fosse disseminada a sua ideia de forma mais ampla. Segundo ele, “essa obra de Jacques Roumain resumiria todas as outras obras que são de autores que beberam de fontes diversas de muitos países” e representa a força que tem a diáspora na formação do Haiti.

Por fim, “Senhores do Orvalho” é o Haiti. Os entrevistados, que tiveram acesso à obra em algum momento de sua vida, observam nela diversas relações com a realidade haitiana que deixaram e atualmente, acompanham através da família e amigos que ainda vivem lá e através das mídias. A produção de Jacques Roumain para este grupo de entrevistados é um retrato de si próprios e dessa forma, sua criação é admirada. O entrevistado Alexi, que é também artista, músico e compositor, salienta a importância artística dessa obra para ele como haitiano:

Se tu olha essas coisas, ele tá fazendo a descrição de tal lugar, porque é exatamente isso mesmo que funciona, é essa identidade, é o Manuel, nossa... Sabe, o Jacques Roumain foi muito feliz, eu acho que essa inspiração, como eu sou músico e sou compositor, às vezes vem uma música, eu escrevo a música na hora, em dois, alguns minutos. E às vezes, depois de escrever a música, as pessoas “nossa, como tu consegue pensar numa coisa dessas”, sabe? Eu digo “não, é a conexão, algum lugar, a conexão com o universo, de algum lugar saiu, porque de mim não pode ser”. Não pode sair assim, não sei. Sabe, eu acho que o universo precisava passar uma mensagem pro mundo, então usou o Manuel, o Jacques Roumain, usou o Jacques Roumain como um canal para transmitir essa mensagem. Ele foi muito feliz nessa obra (entrevistado Alexi, 2021).

A mensagem que precisava ser passada, que utilizou Roumain como canal, pode ter diversas interpretações, a depender de quem lê, quando, onde e com que olhos. O próximo capítulo buscará fazer essa relação e observar como que olhos estes entrevistados leem e sentem a obra estando em mobilidade, estando no Brasil.

Manuel é um haitiano que viveu em mobilidade. Manuel é um haitiano ativista. Manuel é um haitiano criado por outro haitiano em mobilidade e ativista. Jacques Roumain

e o Manuel são a cara do Haiti. Manuel está também no Brasil.

4 ESTAR NO BRASIL: A LITERATURA COMO ALICERCE IDENTITÁRIO

“Somente tenho certeza de que essas mulheres e homens que caminham ao acaso pelas estradas possuem uma atitude, uma personalidade própria. Há dois séculos já não acreditam mais nem nos governos e nem nas promessas dos políticos, dos poderes econômicos, dos intelectuais, nem tampouco em mim ou em você. Nas vezes em que acreditaram, rapidamente se decepcionaram. A desconfiança hoje é endêmica, estrutural. E com razão. Faz dois séculos que resolveram avançar sozinhos pela História. Sem ninguém para tomar-lhes a mão e indicar um caminho.[...]

Sua atitude é muito mais do que uma postura, melhor do que uma estratégia; é um saber. [...] Seu postulado inicial é precisamente o de que a esperança não é a única resposta.”

Falhas, Yanick Lahens

Quando a literatura passou a ser debate mais frequente nas experiências com a comunidade migrante haitiana no Brasil, junto com a declamação, escrita poética, música e as referências ao teatro, as expressões artísticas logo transparecem movimentos importantes para a comunidade haitiana como uma ligação com o Haiti, uma forma de manter os laços identitários e culturais com o país, a população e os elementos socioculturais que de alguma forma trazem uma sensação de lar, de estar em casa, para a comunidade diaspórica. Então a arte, como elemento de expressão cultural, é uma característica que se coloca como essencial para a população em mobilidade como uma forma de alicerce identitário, não necessariamente como uma identificação fixa, como uma retratação de uma cultura específica, mas na sua representação e nas formas de identificação com a própria cultura complexa e heterogênea, não-linear, radicante, como as suas.

O Brasil se insere dentro das dinâmicas da mobilidade haitiana no século XXI como uma possibilidade emergencial de garantia de condições básicas de vida quando a realidade política e econômica do país foi agravada com o terremoto de 2010. No entanto, não é possível tratar desse movimento como impensado ou impulsivo, pois as dinâmicas de mobilidade da comunidade haitiana são profundamente estudadas e planejadas pelas famílias haitianas. Como explica Handerson (2015a), são projetos coletivos, caros e burocráticos que são considerados uma necessidade de primeira ordem no Haiti, mas são também e conseqüentemente, um investimento de futuro.

Por uma variada gama de fatores, o Brasil se torna um local que atrai a comunidade haitiana na última década e desde então, nós como brasileiras/os temos o privilégio de conviver e avizinhar-nos um pouco do Haiti e do Caribe através destas pessoas. A literatura haitiana passa a ser para a comunidade migrante uma forma de reencontrar o seu mundo e universo através da escrita poética, e para nós brasileiros, uma forma de conhecer e aproximar-se deste universo vasto e fantástico que é a cultura do Haiti.

No entanto, o Brasil não é um país tão “irmão” quanto muitos destes haitianos acreditam antes de chegar, e as dificuldades enfrentadas pela diáspora haitiana no Brasil são gigantescas, tanto pelas adversidades impostas pelas questões linguísticas e culturais, quanto pela forte questão racial no Brasil, que é onde os entrevistados dizem que conheceram o racismo. De forma surpreendente, a literatura é também um viés e um alicerce para enfrentar as duras realidades no Brasil: Manuel está no Brasil e ele relembra a forma como os haitianos enfrentam as dificuldades, que é com insistência e perseverança, pois em algum lugar está a fonte de água que se busca, em algum lugar está e será possível encontrar aquilo que se busca.

Este capítulo aborda as questões mais profundas que vêm sendo construídas durante a pesquisa e aqui busco trazer, juntamente com as falas dos entrevistados, uma análise da relevância desta obra para estes sujeitos contemporâneos em mobilidade no Brasil. Ao longo da pesquisa já foi possível conhecer mais da história do Haiti, da literatura produzida no Caribe, da importância da mobilidade no cenário caribenho e das formas de aproximação com a poesia, literatura, oralidade e leitura. Agora, busco analisar o espaço desta literatura para a comunidade haitiana em diáspora no Brasil, como ela se relaciona com esse momento histórico, individual e coletivo, e com os outros momentos históricos que a obra literária “Senhores do orvalho” articula para a comunidade haitiana: o passado e o futuro.

Neste capítulo, realizo uma reflexão sobre o Brasil que era conhecido pela comunidade migrante antes de chegar aqui, e o Brasil real que eles encontram, um Brasil não tão feliz, carnavalesco e negro quanto é mostrado no Haiti. A partir deste Brasil real, saliento o que mais vem na bagagem haitiana até aqui, pensando como a presença haitiana e caribenha está evidenciada, muitas vezes, em elementos além do que podemos ver e quais as demandas que essa presença traz consigo. Nas partes finais do

capítulo, busco aprofundar um pouco como a obra literária “Senhores do Orvalho” possui uma ligação com a história e passado do Haiti, de que forma os entrevistados observam este passado na atualidade e se relacionam com ele, como forma de orgulho identitário. Para além disso, a obra e o enredo de Roumain são trazidos pelos entrevistados como um projeto, muito sensível e brilhante do autor, para um futuro melhor ao Haiti, e alguns dos Manuéis de hoje, que podem transformar realidades, estão no Brasil.

O entrevistado Alfred (2021) relata que seu irmão sempre lhe diz “*konn kotew soti e konn kotew vle rive*”, que quer dizer ‘pensa de onde você vem e para onde você quer ir’. Já descobrimos um pouco de onde vem as diferentes questões que se entrelaçam nesta pesquisa - o Haiti, a literatura e a mobilidade - e agora, vamos refletir um pouco para onde a intersecção destes movimentos nos levam, vamos refletir sobre para onde queremos ir.

4.1 O BRASIL SONHADO E O BRASIL REAL

“enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino”
Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo

A comunidade haitiana migra há muito tempo. Como já foi trabalhado anteriormente, a mobilidade está profundamente atrelada ao Caribe como estratégia de sobrevivência e de acesso, uma característica identitária onde os binarismo e as ideias de pureza - os daqui e os de fora - estabelecidas pelas culturas eurocêntricas, não cabe. A noção e o sentimento de pertencimento é muito mais complexa do que o lugar físico no qual o sujeito se encontra: pertencer não está necessariamente relacionada ao território. A identidade caribenha é múltipla e pode se sentir em casa enquanto está em trânsito, como Stuart Hall pontua, os hibridismos relacionados à diáspora caribenha envolvem muito mais do que um lugar que se deixa e outro que se chega, é um movimento cultural. O autor comenta como na contemporaneidade, os movimentos migratórios realizam transformações e polarizações culturais:

Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estado-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia (HALL, 2013. pp. 49-50).

Diante das dinâmicas de mobilidade estabelecidas pelos e pelas haitianas, existem critérios a serem avaliados antes de se planejar uma empreitada para outro país, pois é um investimento caro, que envolve um grupo grande de pessoas - entre familiares, amigos, vizinhos - que colaboram para que a viagem seja possível e que depois também aguardam os retornos positivos dela. A dinâmica desta mobilidade envolve as pessoas que ficam no Haiti assim como as que viajam, é deste deslocamento que muitas vezes se espera um retorno financeiro que poderá tornar possível suprir as necessidades básicas do dia a dia no Haiti.

A decisão (e também a escolha) de quem viaja é pragmática, algumas características do candidato são levadas em conta pelos familiares. A pesquisa sugere, conforme o estatuto da família as decisões migratórias se diferenciam. Por exemplo, alguns parentes residentes *aletranje*¹⁷, para decidir quem vão “mandar buscar” primeiro (na cronologia), levam em conta as condições de possibilidade de inserção rápida do viajante no mercado de trabalho *aletranje* e, também, se este possui um espírito coletivo, de respeitabilidade, para guardar a reputação da família, se é generoso para cumprir com as obrigações com aqueles que ficaram, não deixar de participar da vida ativa familiar, tanto entre os que estão na *diaspora* quanto entre os que ficam no Haiti (HANDERSON, 2015. p. 185).

O Brasil, apesar de ser um destino de alguns imigrantes haitianos já há algumas décadas, nunca havia recebido um considerável contingente de imigrantes em um curto período de tempo como aconteceu na década de 2010. Diversos fatores influenciaram para que este processo ocorresse neste momento histórico e um dos principais está atrelado à questão econômica. O grande objetivo da maioria das correntes migratórias haitianas é a busca de emprego em países que possuam melhores condições econômicas, garantindo melhores pagamentos. O Brasil sempre foi considerado um país emergente economicamente, mas não uma potência se comparada a países europeus ou do norte da América. O Brasil, como país Latino-Americano, não possuía estrutura econômica que atraísse a comunidade migrante.

Poucos anos antes do início da migração haitiana em massa para o Brasil, em 2006, o entrevistado Alexi (2021) já estava vindo para o Brasil e explica como a decisão de vir ao país foi vista como ousada pela sua família e amigos, ele diz que “todo mundo me achava louco naquela época, porque nenhum haitiano via o Brasil como um potencial. Porque geralmente os haitianos vão para os EUA, Canadá, ou França, ou eventualmente República Dominicana, que é mais perto”, mas não para o Brasil, pois a moeda brasileira

¹⁷Denominação dada no Haiti para o que está além-mar, estrangeiro.

não era valorizada e apesar de estar crescendo, era ainda um país com poucas oportunidades.

A situação econômica do Brasil estava em ascensão no início da década seguinte, 2010, com um crescimento das grandes indústrias e também das de menor produção, o que passou a ser midiaticizado como um Brasil gerador de empregos, um país com políticas públicas melhoradas e com moeda mais valorizada. Em reportagem da BBC no início de 2011, é reportado como no ano de 2010 o PIB brasileiro cresceu 7,5%, superando grandes potências internacionais. A reportagem diz que “na comparação com o resultado do PIB de outros países em 2010, a alta do Brasil é superior à dos Estados Unidos, que foi de 2,8%, e da União Europeia, com 1,7%” (BBC NEWS, 2011). A situação econômica favorável do Brasil criou também nas grandes indústrias a demanda por mão de obra barata, aumentando o interesse dos próprios empresários na contratação de estrangeiros.

Somada a essa situação, ocorre no Haiti a precarização das condições de vida, principalmente de emprego, após o terremoto de 2010 que ocorre quando o país passa por grande dificuldade, reflexo das condições de empobrecimento. Com essa união de circunstâncias, a Resolução nº 97 de 12 de janeiro de 2012, do Conselho Nacional de Imigração¹⁸, facilitou a regularização dos imigrantes haitianos no Brasil, acelerando o processo de realização de documentos e tornando o Brasil um lugar que ofertava empregos e que garantia a legalização mais rápida do imigrante haitiano. Essas características colocaram o Brasil como um dos principais destinos dos haitianos na primeira metade da década de 2010, mas isso não significava que as condições em que essa população vivia no Brasil era confortável. O entrevistado Joseph realizou uma pesquisa relacionada a esta área na graduação e trouxe alguns relatos durante a entrevista:

Então o Brasil teve que se abrir também pra receber um monte de migrantes. Força de trabalho barata, porque ia acontecer jogos olímpicos, copa do mundo, precisava de gente pra trabalhar, e também tinha uma alta demanda pra abastecer o mercado internacional em carne bovina, suína, em frango, e eles precisavam de gente, né, o setor financeiro brasileiro precisava de mão de obra mais estável porque, eu diria, que os brasileiros entravam e saíam, não tinha uma reta constante no trabalho, então eles precisavam de gente mais precária, né, eles alojavam essas pessoas e, por consequência, essa mão de obra vai ser constante. É por isso que quando os haitianos vêm, cruzando a fronteira pra chegar no Acre, eles entram e já tem ônibus esperando pra levar pros frigoríficos e já dão lugar pra morar. Na verdade não dão lugar, eles pagam o lugar, a diretoria do frigorífico, né,

¹⁸ Esta resolução foi revogada.

sede o lugar, eles moram ali, então eles sabem que tem essa força de trabalho. Essa força de trabalho vai responder, de certa forma, as altas demandas do mercado nacional e internacional, e são pessoas que estavam vivendo em lugares críticos, né. Dezesete pessoas por um banheiro, segundo a pesquisa que eu fiz. Sabe, eu pessoalmente, eu não cheguei a trabalhar assim, no Brasil, com carteira assinada, mas eu trabalhei, eu dava aulas, essas coisas aí, mas enfim... Então essa decisão de vir pro Brasil é uma decisão que vem das condições estruturais e conjunturais do Haiti (entrevistado Joseph, 2021).

Então as condições estruturais do Haiti no início da década de 2010, geraram uma necessidade de migração para subsistência que fosse o mais imediato possível, e o Brasil, naquele momento, também via interesses na chegada da comunidade migrante.

Para além das questões mais estruturais e econômicas, um outro fator é lembrado pelos entrevistados quando comentam sobre a decisão de vir para o Brasil, que é a questão da “irmandade” que sentem entre os países, do afeto que os haitianos nutrem pelo Brasil através das similaridades: países que, enquanto colonizados, receberam uma quantidade muito grande de população africana escravizada, e que os países, apesar de diferentes os processos históricos, têm uma forte ligação ancestral com o continente africano e os traços culturais que resistiram. A ideia de migrar para um país com essas características parecidas com as do Haiti era confortável, uma possibilidade de se sentir mais próximos de sua própria cultura. Desta forma, a migração haitiana para o Brasil a partir de 2010 está atrelado às questões estruturais e conjunturais do Haiti, às questões econômicas no Brasil e possui, ainda, uma dimensão afetiva, familiar, ancestral. Nas palavras do entrevistado Alexi (2021), “pela aproximação cultural pelo Brasil eu pensei ‘ah, bah, o Brasil, acho que a gente teria um pouco mais a ver com essa herança africana e tal’... e escolhi vir para cá.”

Uma das questões que mais se destaca nas entrevistas quando se fala em Brasil é a dimensão do Brasil que se imagina encontrar, aquele formado no imaginário quando ainda viviam no Haiti, que chamo aqui de Brasil sonhado. O Brasil que os entrevistados relatam que encontram e conhecem quando chegam, quando tocam e vivem a realidade é que chamo aqui de Brasil real.

Para a realização destas nomenclaturas me inspiro na obra “País sem Chapéu”, de Dany Laferrière, que divide o livro em momentos que se passam no País real e no País sonhado, ambos no Haiti, convivendo e ocupando o mesmo espaço. Segundo a pesquisadora e tradutora de Laferrière, Heloisa Moreira, o país real retrata o dia, um registro das atividades que percorrem Porto Príncipe, uma cidade complexa, política,

ativa, um Haiti sem exotização superficial. Nos capítulos do país real, Laferrière porta-se mais como um narrador, sem intenção de explicar a realidade, apenas registrar a sequência de fatos. Já nos capítulos de país sonhado, eles cabem à noite, são os capítulos completos de misticismo, sobre zumbis, as divindades do vodu e a relação íntima que os haitianos possuem com a morte. Quando nas partes do país sonhado, o autor se posiciona mais como um contador de história, como na cultura oral haitiana. Assim, “se o dia é dedicado à sobrevivência, ao presente, à noite é dos zumbis, dos fantasmas: ‘O dia para o Ocidente. A noite para a África’. A África seria o lado mítico, a herança dos antepassados” (LAFERRIÈRE, 2011. p.233-234).

Édouard Glissant também publicou em 1985 uma obra denominada “*Pays rêvé, pays réel*”, do qual também é provável que Laferrière se inspira nas nomenclaturas de sua obra. Glissant fala nesta obra poética sobre as formas de observar a sua realidade caribenha e do seu país, Martinica, nas perspectivas reais, aquelas da realidade dura, complexa, violenta, e da parte sonhada, que se imagina, busca e que está relacionada ao ancestral, com a África. Ele diz: “Este país sonhado é, sem dúvidas, aquele com que todos os homens sonham, em comparação com aquele em que vive. Aqui, neste caso, este país sonhado é a África, com a qual mais um Antilhano sonhou, e este país real, para este poeta, é a Martinica”(GLISSANT, 1985a. p.170)¹⁹.

Neste sentido, utilizo do mesmo jogo de palavras para me referir agora à reflexão realizada pelos entrevistados durante as entrevistas, pois eles referem-se ao Brasil como dois universos distintos, que ocupam o mesmo lugar: um deles é o Brasil que chegava até o Haiti, um Brasil sonhado e imaginado, e o outro Brasil que eles encontram quando chegam, muito diferente daquele, o Brasil real. Essas características não são necessariamente iguais em todas as entrevistas, mas algumas delas percorrem todas as falas e aqui, me atenho a refletir sobre estas.

O Brasil sonhado pela comunidade haitiana vem sempre atrelado a uma característica: o Futebol. O futebol brasileiro é uma das grandes paixões de muitos haitianos e um dos afetos que também influenciou quando o Brasil se tornou um lugar possível de migrar. Na experiência do entrevistado Joseph, desde criança a relação afetiva que possui com o Brasil é mediada pelo futebol:

¹⁹ Tradução minha. No original “Ce pays rêvé est sans doute, celui dont tout homme rêve, par rapport à celui dans lequel il vit. Ici, ce pays rêvé est l’Afrique, dont a rêvé plus d’un Antillais, et ce pays réel, peu ce qui est de ce poète, la Martinique”.

Eu conheci o Brasil pelo futebol. Eu tenho uma relação afetiva com o futebol do Brasil. Eu me lembro, em 1998, eu tava entrando no ensino fundamental, eu fui o primeiro da turma né, de média eu tirei uma média altíssima, eu fui o primeiro, me deram um quadro da seleção brasileira, com o Taffarel como goleiro, naquela época, sabe? E o segundo, deram um quadro da seleção argentina. Aí todo mundo gritava "Brasil é melhor que Argentina, a seleção brasileira". Porque? Porque eu era o primeiro com o quadro brasileiro e o segundo com o quadro argentino, então veio essa ideia. É um povo apaixonadíssimo pelo Brasil (entrevistado Joseph, 2021).

Assim como no Brasil existe uma visão estigmatizada do Haiti (e de muitos países subalternizados), a mesma perspectiva exotizante é recebida no Haiti referente ao Brasil. A ideia do país do futebol, do carnaval e da “pacífica miscigenação racial” são as mais citadas pelos entrevistados. Eles relatam como sofreram choques de realidade ao chegar ao Brasil e como perceberam a imensidão cultural que não sabiam que existia. A entrevistada Michelene fala sobre seu afeto com o futebol brasileiro e sobre a diversidade que encontrou no Brasil:

Eu aprendi sobre o Brasil que é o país do futebol. Lá no Haiti eu gostava de assistir futebol, eu sou muito fã do Brasil. Então era meu primeiro olhar sobre o Brasil. E quando eu cheguei aqui eu vi que tem várias coisas muito interessantes que eu tenho que aprender. Mas é um país bem aberto, tipo, a diversidade cultural que tem aqui e a tolerância também que as pessoas observam um pra outro é muito interessante. E eu vi também que não é somente o país do futebol, mas é muito mais, muito amplo, e me encontrei (entrevistada Michelene, 2021).

Uma fala comum entre a comunidade haitiana que chega no Brasil diretamente na região Sul do país, é sobre o choque ao encontrar temperaturas muito baixas e um contingente muito grande de pessoas brancas, características que não se encaixam com o Brasil sonhado, de praias, calor e pessoas negras. A fala do entrevistado Alexi é bastante impactante neste sentido quando ele diz:

Quando os meus amigos estavam dizendo “ah, você vai pro Brasil pra jogar futebol”. Mas porque o Brasil que era divulgado para nós até então era o país do futebol e do carnaval, mas quando cheguei no Brasil vi que era completamente diferente, porque na verdade eu achei que ia chegar num lugar, mar, pessoas na praia, todo mundo jogando futebol, felizes. Aí eu caí em Porto Alegre num frio de 5 graus. E quase morri, literalmente, porque eu não estava acostumado com o frio. Então, assim foi: eu cheguei, quando eu achava que ia ver um monte de pessoas de pele negras, mestiços. Quando eu cheguei e vi um monte de brancos, o frio eu pensei: “será que eu tô no Brasil mesmo?” Aí foi o primeiro choque que eu levei no Brasil (entrevistado Alexi, 2021).

Quando o entrevistado se questiona se realmente está no Brasil, ele manifesta a forma como a realidade nacional brasileira é desconhecida, assim como a do Haiti é desconhecida no Brasil para além das visões estigmatizadas de miséria. O Brasil,

também pela sua extensão continental, possui uma diversidade cultural imensurável e pouquíssimo conhecida, tanto dentro quanto fora do país. A questão racial é um tópico frequentemente citado pelos entrevistados, o Brasil sonhado é um país negro, miscigenado e também branco, onde essa diversidade racial convive juntos em equidade. O entrevistado Joseph (2021) comenta que decidiu, em diálogo com sua família, migrar para o Brasil, pois o país estava abrindo as portas e sendo visto como um país acolhedor e um país onde a diversidade é respeitada, pois ele diz que “a gente sabia do Brasil pelo carnaval e pelo futebol, o país onde o negro brinca com o branco, onde o negro joga junto com o branco, é o país da felicidade, todo mundo no carnaval, sorriso no rosto”.

Desta forma, o Brasil sonhado pela comunidade haitiana entrevistada, era um Brasil que apesar de não ser uma potência econômica, era um país acolhedor, um país com características culturais parecidas com o Haiti, um país alegre, com democracia racial, carnaval, praia e calor, um país em que apesar da língua completamente diferente, seria possível ver identificações. O Brasil real trouxe surpresas, trouxe uma diversidade linguística e cultural que expandiu muito a ideia de Brasil, viver a realidade do país mudou a perspectiva: ele continua atrelado ao carnaval e ao futebol, mas também atrelado a diversas outras características. O entrevistado Alfred que já morou em dois extremos do país comenta como é interessante também o trânsito dentro do Brasil:

É uma coisa muito bom pra imigrante e pra brasileiro também, quando deixa a sua cidade e vai lá pra outra pra descobrir uma outra cultura, que vê que o Brasil é multicultural, que o Brasil é diverso, que o português é a língua mas quando tu chega em outra cidade tu tem outras gírias pra conversar com o outro (entrevistado Alfred, 2021).

No entanto, o Brasil real trouxe também dores não imaginadas anteriormente, alguns desafios que são enfrentados todos os dias. O Brasil real tem também muitas coisas a serem melhoradas, segundo os entrevistados, assim como o Haiti. A questão racial é uma das que mais chocou o grupo de entrevistados, sendo que alguns acreditavam em um Brasil onde pessoas negras e brancas ocupavam espaços sociais igualitários, com equidade de oportunidades, não havendo discriminação, ou pelo menos, não havendo discriminação da forma que encontraram ao chegar ao Brasil.

O mito da democracia racial no Brasil é uma construção de séculos, iniciando no processo abolicionista brasileiro, no século XIX, com registros de viajantes que

passavam pelo Brasil e relataram que os preconceitos de raça não existiam entre pessoas livres, mas relatos de que os escravizados recebiam tratamentos mais brandos no Brasil é ainda anterior a esta data. A concretização e sistematização da ideia de democracia racial é considerada a obra “Casa-grande & senzala” (1933) de Gilberto Freire. Apesar do autor não utilizar o conceito, a obra cria uma ideia de um Brasil de fábula onde todos convivem harmoniosamente, sem relações de poder baseados na raça, com oportunidades econômicas e sociais para brancos e negros, com as promessas de mobilidade social, onde a oportunidade da população negra ascender economicamente era real:

O mito da democracia racial serviria, por conseguinte, para desarmar uma “bomba étnica”, ao amainar um potencial conflito entre brancos e não-brancos, cegando os indivíduos negros com uma falsa impressão de que faziam parte da comunidade nacional, enquanto a estrutura de privilégios que historicamente os discriminou era mantida (SILVA, 2015. p.16).

Esta ideia de que o Brasil harmonizou de forma pacífica as relações de poder que envolvem as questões raciais e coloniais, continua sendo vendida para o exterior como forma de paraíso racial, o país onde a cor da pele não define ou altera a realidade e as oportunidades. Segundo as reflexões de Kabengele Munanga, esta é uma das formas de que o racismo se forma no Brasil, ao mesmo tempo em que não assume a sua existência:

O mito proclamou no Brasil um paraíso racial, onde as relações entre brancos e negros, brancos e índios etc. são harmoniosas, isto é, sem preconceito e sem discriminação, a não ser de ordem socioeconômica, que atinge todos os brasileiros e não se baseia na cor da pele. Para se consolidar e se tornar cada vez mais forte, o mito manipula alguns fatos evidenciados na realidade da sociedade brasileira, como a mestiçagem, as personalidades míticas e os símbolos da resistência cultural negra no país. Ele vai afirmar que somos um povo mestiço —ou seja, nem branco nem negro e nem índio—, uma nova “raça” brasileira, uma raça mestiça. Quem vai discriminar quem se somos todos mestiços? (MUNANGA, 2019 p.40).

Este mito aparece nas falas dos entrevistados quando relatam o Brasil sonhado, enquanto o Brasil real demonstra que as dificuldades para que negros alcancem locais sociais de prestígio é gigantesca. O entrevistado Alexi comenta sobre a solidão que sente em todos os mais de 15 anos que vive no Brasil, pois não imaginava encontrar essa realidade racial tão forte e desproporcional:

A minha maior motivação pela política [no Brasil] foi a inclusão, inclusão dos negros, porque eu senti muito, até agora eu sinto, muito a falta de negros em tudo que eu vou. Eu vou me formar na faculdade, sempre é o único negro, vai num trabalho tu é o único negro, tu vai fazer isso, tu é o único negro, sabe? Parece que tu é um bicho estranho, de outro planeta, quando você é um negro no Brasil, que se dá bem, que conquista as coisas. [...] No Brasil você não vê uma referência de

pessoa negra com sucesso, todas as referências negras que você tem no Brasil, é desgraça. Um Brasil com 51% de população negra, tu liga a televisão tu só vê branco, tu vai num restaurante bom só vê branco, tu vai numa festa boa tu só vê branco, escola boa só tem branco, gente, cadê os negros? (entrevistado Alexi, 2021).

A realidade racial brasileira impacta a comunidade haitiana que cresce em um universo negro, em um país onde a negritude é identidade central, a negritude que fez Revolução, a identidade haitiana é uma identidade negra. Assim, quando os entrevistados falam sobre a realidade brasileira, eles refletem e comparam com a realidade racial haitiana, que pelo processo de rompimento com a colônia, foi muito diferente do processo brasileiro. O entrevistado Alexi continua sua reflexão dizendo que isso o fez ter ainda maior orgulho do Haiti, da forma como a Revolução “devolveu a humanização” do sujeito negro:

Então, cara, Brasil tem muita coisa boa, mas a gente tem muita coisa boa também. E a vida boa não é só ter um emprego, mas também viver como um ser humano pleno, onde tu se sente orgulhoso. Então eu tenho orgulho para falar para qualquer um que você vai no Haiti, você vai ser discriminado por outra coisa, mas racismo não vai sofrer! Tenho certeza, isso aí, eu tenho absoluta certeza, eu te garanto isso não vai acontecer. Se você ir, não vai ser discriminado pela cor da tua pele, isso é um marco que é só no Haiti que a gente consegue manter isso, sabia? Só no Haiti a gente consegue manter isso porque se tu for ver na República Dominicana, você é discriminado pela cor da sua pele, nos Estados Unidos você é discriminado, no Brasil, qualquer outro país, até Angola... Como Angola e os países africanos que recém saíram da escravidão, ainda tem essa coisa aí. Quando a pele for mais clara, a pessoa é mais bem tratada, tem alguns tipos de emprego. Mas no Haiti não cara, você é você! Nós temos os nossos problemas sim, mas pelo menos a gente vive como ser humano. Se você é racista, no Haiti queima a casa, corta a cabeça e queima casa. E é isso. E cara, tu quer tirar minha humanidade então eu tiro a tua vida. Não é a melhor forma de falar isso, mas o racismo é tão cruel quanto você matar uma pessoa (entrevistado Alexi, 2021).

Viver a realidade de outro lugar é observar aquilo que pode ser transformado para melhor no seu país, mas também reconhecer aquilo que é bom e que pode ser levado também a outros espaços. O entrevistado Ionel (2021) também diz que para ele o “Brasil é um dos países mais grandes do mundo, mas também tem grande desafio. Um deles é esse, chegar no Brasil e descobrir que tem uma realidade racial tão forte, que me faz *enamorar* do meu eu, eu Ionel negro, eu Ionel haitiano, afrodescendente”.

Quando estava comentando sobre a realidade que encontra no Brasil, o entrevistado Alexi realizou uma análise a partir da frase da obra “Senhores do Orvalho” que considera a frase de sua vida. Esta frase, dita pelo personagem Manuel, afirma que cada sujeito pode buscar aquilo que quer da vida se conseguir aproveitar as oportunidades, modelar o seu destino. No entanto, o entrevistado disse que isso não vale

para o negro brasileiro, segundo ele, no Brasil, apenas o branco é dono de seu destino, enquanto o negro é barrado pela estruturas sociais:

Sabe a frase motivadora da minha vida, "*L'homme est le boulanger de sa vie*", na parte onde ele tava procurando a questão da água né, aí chegou um ponto e o Manuel falou: " O homem é o modelador do destino". Isso é o significado do que eu entendi, que é o "*L'homme est le boulanger de sa vie*". [...] O que eu digo, que o homem é o dono do seu destino, mas no Brasil não, cara, o negro não é o dono do seu destino. Porque o sistema, a forma que o sistema foi criado, o sistema criou, foi feito, para um tipo determinado de pessoas sobreviver: o branco. O branco vai trabalhar, vai estudar. O branco planeja a vida e vai dar tudo certo. Mas o negro não consegue, porque tu é barrado em tudo (entrevistado Alexi, 2021).

Nesta análise de Alexi, ele demonstra que a estrutura social e institucional no Brasil tem preceitos raciais, ou seja, não importa realmente qual o tamanho do esforço da população negra no Brasil para alcançar um espaço de melhor qualidade de vida, formação, emprego, etc, pois as estruturas são pensadas para que pessoas brancas obtenham maior sucesso e para que as pessoas negras permaneçam num lugar de subalternidade. Sílvia Almeida (2019) trabalha a constituição do racismo no Brasil e manifesta como as instituições representam e expressam o racismo social, subalternizado a população negra em diferentes categorias:

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019. p.50).

É possível observar a retratação desta realidade em diversas obras literárias brasileiras, principalmente de autoria de escritores/as negros/as. As obras de Conceição Evaristo, por exemplo, denunciam a forma como o racismo no Brasil é ligado às estruturas resultantes do processo de colonização e limita as oportunidades da população negra a espaços sociais subalternizados. Na obra de Evaristo, "Ponciá Vicêncio", a personagem principal, uma mulher negra brasileira, narra a sua trajetória onde independente do espaço em que busca oportunidades, no campo ou na cidade, as estruturas permitem a ela apenas espaços onde trabalha muito e os resultados para si, como melhoria das condições de vida, são mínimos:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os

homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. [...] E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia (EVARISTO, 2017. p.30).

Neste sentido, o entrevistado Alexi (2021) conta que “tem uma música que eu fiz que é, que eu digo que existe morte cerebral, morte natural, morte financeira, profissional, aqui é a morte profissional, tu mata a carreira da pessoa”. Segundo ele, no Brasil, o racismo institucional e estrutural não dá possibilidade da população negra ascender, por isso, ele reflete que “o negro não é o dono do seu destino no Brasil, porque o sistema que é o dono do destino do negro, ele modela o destino do negro”. A comunidade haitiana no Brasil enfrenta essa estrutura racial, sendo negros, além das outras características que os atravessam: estrangeiros, pobres que muito se esforçam para conseguir aprender a língua.

No conto de Itamar Vieira Júnior denominado “Meu mar (fé)”, presente na obra “Doramar ou a Odisséia: Histórias” (2021), a personagem haitiana que vive no Brasil chama-se Dominique, e é quem ajuda a narradora do conto - uma imigrante que acaba de chegar do Senegal em uma viagem “ilegal” terrivelmente violenta - a entender um pouco do Brasil. Dominique alerta a amiga sobre como até mesmo os negros brasileiros sofrem racismo por aqui e que não se pode contar muito com a bondade dos brasileiros:

“Olhe ao seu redor e veja onde estão os brancos e onde estão os pretos”, eu observava então os edifícios e ela continuava dizendo: “olhe à sua volta e veja como estão separados, como eles andam afastados, como as mulheres negras andam atrás das suas patroas, segurando suas crianças. Olhe para as pessoas que tentam trabalhar e vão para a rua vender seus materiais, são quase todas como nós”. Ela andava rápido, mas atenta a todos os passos, “Já observou quem atende os portões dos prédios? Quem guarda os carros nas ruas? Quem dirige os ônibus?”, olhava para mim com os olhos vivos, “Sabia que as empregadas não podem usar os banheiros das patroas? Os engenheiros no Brasil cuidam de fazer um banheiro só para elas”, e concluía com pesar: “Aqui negro é um cidadão de segunda classe. Como nos Estados Unidos. Como na Europa” (VIEIRA JUNIOR, 2021b. pp.104-105).

Apesar dessas dificuldades encontradas no Brasil real, os entrevistados também frisam que o Brasil foi acolhedor em diversas perspectivas e possibilitou para

eles e muitos outros haitianos o que o Haiti, neste momento, infelizmente não está oferecendo: melhores condições de trabalho, estudos, saúde, vida em geral. Então existe um olhar e perspectiva de fora, de quem também já viveu outras realidades, e ela torna possível observar as realidades locais e perceber a si mesmos, como comentado no capítulo anterior. O entrevistado Alfred comenta sobre isso e como é grato por ter descoberto mais sobre ele próprio através das oportunidades que tem no Brasil:

Porque o país [Haiti], não o país mas os dirigentes, não ajudam, não dá essa oportunidade que o Brasil dá pra nós imigrantes. É por isso que eu agradeço muito o Brasil por isso, que abre tantas portas pra mim, até conhecer haitianos que eu não pensava conhecer, principalmente essa escritora que eu conheci, nem pensei que ia, que é a Lahens. Nem sei se eu ia conseguir assistir alguma coisa de Lahens ao vivo, mas eu acabei descobrindo aqui no Brasil e.. é isso, Brasil é um país que acolhe sim, que abre porta para outros, pra imigrantes (entrevistado Alfred, 2021).

Alfred (2021) cita que se descobre no Brasil, que diversas características suas e do Haiti, ele foi capaz de perceber no Brasil, como quando fala do Vodou, ele diz que “eu venho conhecer o vodou no Brasil, olha só... Eu morava no Haiti e eu ouvi falar do vodou no Haiti, mas conhecer pessoalmente, conhecer, não conhecia,” e assim ele comenta como estar no Brasil possibilitou que ele conhecesse a si mesmo como sujeito e identidade haitiana e diaspórica, ou como ele diz “por isso que eu sempre falo que o Brasil é onde eu me descobri”.

A potência dessa afirmação realizada pelo entrevistado demonstra que o processo de conhecimento de si mesmo a partir da convivência e da vivência na realidade do outro, está ocorrendo também no Brasil atualmente com a comunidade haitiana. Conhecer outros lugares através das mídias ou literatura é uma forma de se aproximar delas, mas segundo o entrevistado Ionel, viver a realidade é o que faz você conhecer realmente outro lugar e apaixonar-se por ele:

Porque o contato com uma cultura através da tecnologia, através do livro, não é suficiente, porque falta a convivência. Você conhece o outro quando passa a conviver com ele. Lembra no início eu falei que conheci o Brasil, apaixonei no Brasil na mídia. Quando eu entrei no Brasil conheci outro Brasil. Então a convivência é fundamental, criar um vínculo. Na literatura você pode pegar o livro, vai ler, você tem um vínculo com o livro, mas não com o povo. O que a gente tá fazendo aqui é mais forte que a teoria. [...] Então quando você toca a realidade, você passa a conviver com a realidade, passa a conhecer a realidade, você acabando se *enamorar* com a realidade (entrevistado Ionel, 2021).

O entrevistado comenta nessa passagem sobre como o contato com a realidade cria outra dimensão daquilo que conhecemos através das mídias e da literatura.

Esta fala representa também um pouco do movimento desta pesquisa, que não busca entender o Haiti ou a cultura haitiana apenas a partir de uma análise literária, mas sim de ouvir do sujeito haitiano em mobilidade sobre as suas experiências e da sua ligação, interpretação e crítica sobre uma obra literária, colocando a experiência deste leitor em evidência, como sujeito crítico e transformador.

Este Brasil sonhado e real, elaborado através das experiências da comunidade entrevistada, levanta semelhanças e diferenças entre os países em contato, Brasil-Haiti, e evidencia a atualidade de problemas sociais que são ainda um doloroso reflexo do colonialismo em ambos os países. O Brasil tornou-se também a casa da comunidade diaspórica e ela também necessita ser melhorada, para que todos, brasileiros e estrangeiros, possam ter uma melhor qualidade de vida.

Em relação a obra “Senhores do Orvalho”, um dos entrevistados realiza uma reflexão muito interessante de que ela se assemelha também a realidade brasileira em alguns aspectos, quando fala de uma vida de dificuldades para a população negra, descendente de escravizados, numa região rural e seca. Alexi comenta que a obra pode ser objeto de identificação e inspiração também para parte da população brasileira, principalmente aquela que vive na região nordeste. O entrevistado acredita que a obra pode ser um incentivo a transformar a realidade, um incentivo a não se limitar ao que é imposto:

Esse livro foi traduzido em várias línguas no mundo e eu gostaria que os brasileiros negros lessem isso. Quando falam de seca, no Haiti tem seca de verdade, no nordeste [*do Brasil*] tem seca. Mas quantas pessoas no nordeste não conseguem sair daquela situação porque não ouviram uma pessoa falar “vamos lá, a gente consegue”, e a pessoa fica, se limita naquilo ali? (entrevistado Alexi, 2021).

O Brasil real é uma realidade dura para esta população, ainda tem muito caminho a percorrer para tornar-se um pouco mais parecido com o Brasil sonhado, mas não é necessariamente impossível que ele se torne real. Para o entrevistado Alexi (2021), “nós precisamos de um Manuel, sabe, que realmente quer salvar essa nação, porque o Brasil precisa de um Manuel também”, precisa de incentivo a transformação, de resistência e de luta, que mostre à população o seu potencial a partir da união. Por fim, a obra literária acabou por aparecer nas entrevistas um importante elemento que supera a

identificação nacional, ela pode e deve ter um alcance internacional. O Brasil e o mundo precisam de Manueis, precisam de motivação para continuar na busca de um lugar mais justo, mais humanizado, o nosso mundo sonhado.

4.2 O QUE MAIS VEM NA BAGAGEM? MANUEL ESTÁ NO BRASIL

“Quando somos de um lugar, se nascemos nele, digamos, nativo-natal, pois bem, nós o temos nos olhos, na pele, nas mãos, com a cabeleira de suas árvores, a carne de sua terra, os ossos de suas pedras, o sangue de seus rios, seu céu, seu sabor, seus homens e suas mulheres; é uma presença indelével no coração, como uma mulher que amamos: conhecemos a fonte de seu olhar, o fruto de sua boca, as colinas de seus seios, suas mãos que se defendem e se rendem, seus joelhos sem mistérios, sua força e sua fraqueza, sua voz e seu silêncio.”

Senhores do Orvalho, Jacques Roumain

A bagagem carregada pelos haitianos em diáspora geralmente precisa ser pequena pela grande distância percorrida e as incertezas do caminho. Há processos que ocorrem de avião, de ônibus ou a pé, tudo a depender da trajetória escolhida ou das condições que os sujeitos encontram para realizar a viagem. Cada item que é trazido deve ser escolhido com cautela. Nas entrevistas de história de vida realizadas por mim em outra pesquisa, os itens mais citados foram algumas roupas, alguns objetos pessoais importantes, como fotografias, e algum livro, bíblico ou literário (STAUDT, 2020). A obra de Jacques Roumain ocupou o espaço das malas de alguns destes sujeitos, por algumas identificações que estamos buscando entender melhor nesta pesquisa, e ela continua tendo um grande papel para os entrevistados enquanto estão no Brasil. Mas, não são somente objetos que realizam esta empreitada junto com os migrantes. Viajam também, com e nos diásporas, toda a história do Haiti, as expressões musicais, religiosas, linguísticas, de convivência, de se portar perante a realidade.

Os sujeitos diapóricos carregam consigo todo o arsenal cultural do universo haitiano e realizam no Brasil o compartilhamento destas características. Como explana a entrevistada Michelene, ser haitiana em mobilidade é carregar consigo uma história muito potente, é carregar um orgulho:

A gente nunca esquece a nossa história. Uma pessoa é o que ela é, mesmo não sendo o território que ela nasceu. Eu to aqui no Brasil, eu trago minha história. Quando eu chego em algum lugar e me perguntam "quem é você?" Eu falo com orgulho que eu sou haitiana, e eu sei que quando eu falo que sou haitiana eu trago todas, todas as histórias que o mundo sabe sobre o Haiti. Infelizmente não são histórias boas, não são histórias bem contadas, não são histórias que deixam um sorriso, não, não é isso. Mas isso não impede que eu falo que eu sou haitiana e que eu gosto da literatura haitiana, e que eu gosto, eu amo meu país. (entrevistada Michelene, 2021).

Nas palavras do entrevistado Jorge (2021), "você pode deixar o Haiti, mas o Haiti nunca vai deixar você". O Haiti, representado pela sua cultura que foi compartilhada com a comunidade haitiana que vive hoje no Brasil, está presente nestas pessoas de diversas formas. Alguns exemplos disso são algumas práticas culturais haitianas que os entrevistados citaram que incorporaram a sua realidade no Brasil. A entrevistada Michelene, por exemplo, cita que se orgulha da forma de convivência que existe no Haiti, um apoio muito grande entre as pessoas, familiares, vizinhos e quem precisar de ajuda. Ela comenta que desde que chegou no Brasil mora com alguns amigos também haitianos e que eles mantêm aqui essa relação:

Tem esse respeito de um para o outro, o amor de ajudar o irmão, tipo, mesmo que nós não somos ou não estamos no território, a convivência é a mesma e eu gosto muito disso. Haitianos sempre são irmãos, em todos os lugares, um apoia o outro e eu me orgulho disso. Não é pelo interesse, é pelo amor, de verdade, é quem somos. E a nossa história também eu me orgulho (entrevistada Michelene, 2021).

Os valores aprendidos no Haiti são bastante valorizados na experiência da mobilidade, são motivo de orgulho e de identificação identitária e cultural. Quando os entrevistados falam sobre o que sentem orgulho do Haiti essa questão foi bastante pontuada. Segundo o entrevistado Alexi, não é porque hoje não estão em território haitiano que essa identidade deve ser esquecida, muito pelo contrário, ela deve ser força para encarar os desafios:

Eu tenho muito orgulho da história do Haiti, da literatura haitiana, da música haitiana. Literatura, música, a culinária haitiana e os valores também. Nós temos muitos valores muito bons, bons valores que às vezes, quando eu vejo no Brasil um haitiano tá meio triste, eu falo "cara, que você tá fazendo? Tu é haitiano meu, não é porque tu tá no Brasil que tu tem que perder isso, tu pode vir aqui para trabalhar, mas os valores haitianos, as coisas boas que você tem dentro de você, mantém, por favor", porque o Brasil tá precisando disso, Brasil tá precisando da nossa mão de obra. O Brasil precisa de Manuel também (entrevistado Alexi, 2021).

Estar no Brasil não significa perder a identidade haitiana ou abandonar toda ela

para agora se vincular ao novo lugar. Segundo as análises de Stuart Hall (2015) pensando as identidades no mundo globalizado, ele acredita que nos distanciamos cada vez mais do dilema de que, ou retornamos às raízes, ou desaparecemos através do processo de fusão, assimilação. Ele pontua que em todos os lugares estão surgindo identidades culturais que não são fixas, que vivem em transição, que organizam-se influenciadas por diferentes traduções culturais e que “são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado” (HALL, 2015. p. 52). Apesar de que, com o processo de convivência e sociabilidade no Brasil, também não é possível viver uma cultura plenamente haitiana, pois existem as adequações necessárias, seja na forma de preparar alguma receita ou na forma de olhar e se relacionar com o outro.

Estes movimentos podem ser pensados também nos conceitos trazidos por Bourriaud (2009) de radicante, pois estes sujeitos em um novo espaço necessitam adequar-se ao que possuem: utilizar ao máximo dos elementos e conhecimentos que já carregam e trazem do Haiti, ao mesmo tempo que estão abertos para conhecer e aprender novas características.

A partir do conceito de crioulização de Glissant (2005), Bourriaud (2009) também pensa sobre essa definição, ele diz que “la creolización produce objetos que expresan un trayecto y no un territorio, que dependen a la vez de lo familiar y de lo extranjero” (BOURRIAUD, 2009. p.83), ou seja, o processo de crioulização da cultura é uma expressão cultural de trajetória, que de forma espiral influencia e é influenciado pelos espaços por onde passa, que não é ligada ou fixa a um território. Para a comunidade haitiana que vive no Brasil, não é possível identificar-se apenas com um espaço físico, pois as suas experiências atravessam barreiras territoriais ou nacionais, elas ocorrem no trânsito e a partir dele. Esses movimentos, para os autores, não podem ser observados como “perda” de uma ou mais identidades, mas um processo que também tem criado mudanças importantes, em rumo a transformações positivas.

El mundo se vuelve *creóle* -explica el escritor antillano Édouard Glissant-, es decir que las culturas del mundo puestas en contacto unas con otras de manera fulminante y absolutamente consciente en la actualidad van cambiando e intercambiando a través de choques irremisibles, guerras impiadosas, pero también avances de conciencia y de esperanza (BOURRIAUD, 2009. p. 20).

Trazer ou ter acesso a produção literária haitiana e caribenha é uma forma de ter acesso a cultura e a identidade no qual se identificam. Isso também se encaixa na própria produção de autores e intelectuais diaspóricos, pois como comenta o entrevistado Jorge (2021), “eles [autores] podem estar em outro país, numa mobilidade, eles deixaram o Haiti, mas o Haiti fica nessas pessoas. E você percebe isso no que eles escrevem, no que eles falam, você vê que ainda eles representam o Haiti”. A escrita é uma forma pela qual os intelectuais podem relacionar-se com a realidade haitiana que não são capazes de acessar estando em mobilidade. Da mesma forma, para os leitores em diáspora, ter acesso à literatura produzida por um/a haitiano/a, é uma conexão com a identidade que carregam, com o dia a dia do Haiti, com os elementos culturais, com tudo aquilo que sentem saudade. A entrevistada Marie faz uma fala bastante enfática neste sentido quando diz que:

Vivendo num país diferente, numa cultura diferente, eu acho que a literatura do meu país tem uma importância capital, para eu não esquecer da minha identidade, pra eu sempre lembrar quem eu sou, de onde eu venho, pra saber que eu tenho uma identidade. Eu sou aquela haitiana, é tipo, pra onde eu for eu vou ser aquela haitiana. Aquela como os autores descrevem que era Marabou a gente chama quando eles tão descrevendo a mulher haitiana, aquela mulher de cabelo crespo, de dente branco, forma redonda, assim, eu sempre vou lembrar. A literatura em si é uma identidade, a identidade do país [...] a literatura vai dizer quem é essa pessoa, de onde ela vem, como se fosse uma história, sabe? Então é muito importante pra mim, pra eu sempre me lembrar, “ah, eu sou aquela haitiana né” (entrevistada Marie, 2021).

Lembrar de quem é, lembrar que tem uma identidade. É muito significativo o que a entrevistada relata pois ela afirma que a literatura para sujeitos em diáspora assegura o acesso à própria identidade, para que ela não seja esquecida, para que possa acessar mesmo que de longe, os significados do lugar de onde vem, que continuam sendo importantes mesmo que ela não esteja no território. Neste mesmo sentido a entrevistada Sarah comenta que por ter saído muito jovem do Haiti teve pouco contato com a literatura do país e que atualmente quando começou a buscar e ler literatura de autoria haitiana, percebe a importância e o papel para ela como diáspora:

é uma das formas da gente manter ainda contato de lembrar de coisas de, por exemplo, no livro do “Senhores do Orvalho”, tem bastante coisas em crioulo, mesmo tendo sido escrito em francês, tem muitas expressões em crioulo, [...] conta a história de outro ponto de vista, é outro ambiente, sabe? Então é o Haiti, ele tá contando sobre o Haiti. Então ler sobre a literatura haitiana, estando fora do Haiti, é uma forma de manter contato com o Haiti, com as coisas que a pessoa provavelmente viveu, de lugares que a pessoa provavelmente já visitou, já esteve, então é sim, é uma forma de manter, de certa forma, uma identidade haitiana

(entrevistada Sarah, 2021).

A literatura e a identidade possuem uma ligação estreita durante a mobilidade. Entre os entrevistados, alguns passaram a ter maior interesse pela literatura haitiana no Brasil, com o incentivo que receberam nas universidades que frequentam, como é o exemplo do entrevistado Alfred. Ele comenta durante a entrevista sobre sentir falta de conteúdos voltados pro Haiti no curso de Letras português-francês que realiza, e que foram outros projetos que incentivaram e abriram o caminho para a intelectualidade caribenha. Para ele, ter se avizinado da escrita destes intelectuais estando em mobilidade, só alimentou o seu orgulho pela sua identidade:

A literatura caribenha não tem uma disciplina pra isso, não tem uma matéria, mas tem projeto²⁰. Eu participo em dois projetos de pesquisa, o primeiro projeto trabalha negritude, o projeto é Estudos Raciais na America Latina e no Caribe, é com ele que eu comecei trabalhar o Laferrière, pensando essa questão de negritude. Com isso eu acabo encontrando outros escritores, Senghor, Aimé Césaire, acabo abrangendo, lendo mais, abrindo meus horizontes sobre essa questão de orgulho de ser negro, orgulho de ser haitiano, orgulho de ser migrante, porque todos esses escritores eram estudantes, foram estudar em um país longe do seu país natal, como Laferrière, mas Laferrière já havia se formado, já era jornalista no Haiti, mas ele se descobriu mais no Canadá. Então esses escritores que me motivaram mais (entrevistado Alfred, 2021).

A identidade que está em constante movimento, durante o processo de mobilidade, alia-se aos elementos que identifica como seus, como parte de sua formação. Alfred, assim como os outros entrevistados, utilizam, então, da literatura como um alicerce no Brasil, uma forma de identificação, de lembrar quem se é, de onde veio, da força e da beleza do Haiti e deles próprios. O caminho da literatura é trazer e ter acesso a um pouco do Haiti estando no Brasil, de conexão com a sua identidade e uma forma de abrir caminhos, como ressalta o entrevistado Alfred (2021) a literatura tornou-se uma forma de ver o mundo e “eu to me apaixonando muito porque tudo que eu faço na universidade é sobre literatura e a literatura abre novos caminhos pra mim. É a literatura que se torna intérprete, com a literatura eu acredito que eu consegui ensinar várias pessoas”. A leitura de sujeitos que também viveram em diáspora, que poetizam e teorizam suas experiências são para ele uma inspiração: “então, com essas poesias, tem essa questão de migrante e tem essa questão de negritude, porque todas essas questões me levam a me apaixonar mais pela literatura” (Alfred, 2021).

²⁰Importante salientar que esta afirmação é do entrevistado referente a grade curricular que ele tem acesso. Em algumas universidades brasileiras são ofertadas sim disciplinas de literatura caribenha, como exemplos a UFF e a Unila.

Estando no Brasil, os entrevistados trazem consigo essas características haitianas que são, de certa forma, uma maneira de se sentir mais próximos de casa. A ligação afetiva com a cultura em que crescemos pode significar muito, principalmente quando é necessário deixá-la por necessidades. Deixar o Haiti não aparece nas entrevistas como um movimento realizado por não gostar de viver no país ou não se identificar, mas sim, uma necessidade estrutural. Assim, os sentimentos de identificação com a literatura são uma ligação identitária com o país que deixaram de viver neste momento, mas não deixaram de amá-lo ou de pensar em formas de torná-lo melhor para quem lá vive.

Neste movimento a obra de Jacques Roumain, “Senhores do orvalho”, aparece como uma das obras de maior circulação, afeto e identificação. Estando no Brasil, a obra passa a ter diferentes significados para os haitianos, pois envolve novas identificações decorrentes dos contatos culturais e processos de sociabilização que necessitam realizar. Como comentado no capítulo anterior, a mobilidade é uma característica caribenha que gera diferentes percepções de mundo e também de si mesmos. A obra é considerada pelos entrevistados uma retratação do Haiti, uma expressão da realidade, tanto econômica, política e principalmente cultural. No Brasil, estando em mobilidade, o olhar dos entrevistados sobre a obra possui uma identificação diferente: agora que eles também estão provando a experiência da mobilidade, assim como Manuel, o herói é uma grande inspiração para enfrentar as dificuldades que se apresentam no dia a dia.

O entrevistado Alexi possui uma relação muito interessante com a obra literária “Senhores do orvalho”, pois como já comentei anteriormente, ele leu a obra muito jovem no Haiti e identificou-se completamente, e leu a obra cerca de vinte anos depois, no Brasil e em português. O entrevistado relata que na primeira leitura, prevaleceram as suas interpretações e identificações com o Haiti, e que nesta segunda leitura, ele passou a identificar-se com o Manuel como um sujeito diaspórico, que experimentou outra realidade e as dificuldades que elas trazem:

Então, eu comecei a entender muito mais coisas porque eu entendo quando ele fala “como essa gente lá em Cuba me tratam”, o racismo que ele sofreu lá em Cuba. [...] Eu consegui entender as dificuldades que ele falou que passou lá em Cuba. Eu consegui entender esse sentimento de quando ele decidiu voltar para lá [Haiti], por que, apesar de tudo, é melhor estar ali, naquele lugar, naquele meio seco, porque tem coisas boas lá também. Eu consigo entender esse sentimento. Mas no Haiti, eu confesso, no Haiti eu achava que o racismo era coisa de fábula, eu achava que era coisa só de literatura, não existe. Eu posso te dizer com toda absoluta certeza, naquela época o racismo não existia pra mim. Então pra mim, eu

achava que alguém não ia tratar uma outra pessoa mal por ser negra, porque é uma coisa do passado, que já passou, entendeu? Aí quando vi, eu consegui sentir o sentimento de quando ele descrevia algumas situações lá em Cuba, sentimento do Manuel em relação a Cuba. E aquele, quando ele falava saudade, sabe, quando para ele era mais importante estar perto da mãe, do pai, do que ganhando dinheiro lá em Cuba. Aí eu senti aquele sentimento de saudade. Eu senti e disse nossa, é isso! (entrevistado Alexi, 2021).

Duas questões muito sensíveis são trazidas pelo entrevistado neste trecho: o racismo e a saudade. Lendo a obra novamente, desta vez estando no Brasil, Alexi identifica-se com Manuel através da dor de sofrer discriminação racial em outro país, violência que ele não havia sentido estando no Haiti. O que o entrevistado acreditava ser coisa só de histórias mais antigas, que haviam ficado no passado, passam a fazer parte de suas experiências e agora, lendo a obra, ele observou e identificou-se de forma diferente do que quando leu a obra pela primeira vez. Ele sentiu no Brasil essa dor que Manuel sentiu em Cuba.

A saudade é outro tema muito emocionante que o entrevistado reconhece nesta leitura mais recente. Desta vez, ele entende porque Manuel deixou seu trabalho em Cuba e voltou ao Haiti, mesmo que fosse um Haiti seco, pobre, quase sem vida. Ele entendeu a saudade e como ela pode se sobrepor às outras questões, como estar em outro país ganhando dinheiro. Manuel sentiu a dor da saudade em Cuba assim como o entrevistado Alexi sente no Brasil. Essa sensibilidade que a literatura é capaz de acessar, a identificação, a sensação de lar e de não se sentir sozinho em uma experiência que pode ser muito dolorosa, é o que torna essa relação entre sujeitos em mobilidade com essa obra de Roumain tão preciosa. Manuel deixa de ser um personagem e torna-se sujeito, todos estes sujeitos haitianos em suas experiências diaspóricas pelo mundo, buscando um pouco de aprendizado, de dinheiro, de trabalho, de vida digna e de um dia, quem sabe, retorno.

Manuel torna-se inspiração. Manuel é cada sujeito haitiano no Brasil. O entrevistado Alexi continua suas reflexões com a identificação que sente com Manuel e como a obra e o herói, além de identificar, inspiram e dão força para que ele possa enfrentar as dificuldades que encontra atualmente no Brasil:

Eu me inspiro muito no Manuel, eu sou o Manuel. Porque quando eu cheguei no Brasil, cara, como negro, tudo sempre foi difícil, cara. Às vezes tu vê que não tem saída e tu diz "não, não tem o que fazer". E é aquele facão do Manuel, ele vai capinando, cortando as árvores, e essas árvores que ele estava cortando são as

dificuldades. Quando a pessoa fala “ah mas você é haitiano, que você vem fazer aqui no Brasil?”, “Ah, haitiano não pode ser engenheiro” sabe? “volta para o teu país”. Aquela árvore, aquelas coisas quando tu chega lá, sabe quando ele cortava né, tu sabe, usava o facão [para abrir caminho]. Quando o cara manda currículo para pedir o estágio, a pessoa não te dá o estágio porque tu é haitiano, tu fica abalado com isso, porque isso é morte profissional. [...] Tem muita gente que desiste, tem muitos negros que desistem no Brasil. [...] Aí, como o Manuel, o que que eu faço? [faz sinal do facão cortando] pego esses 400 currículos, coloco de lado e vamos procurar a luz, vamos procurar a fonte da água, porque a água tá em algum lugar (entrevistado Alexi, 2021).

Manuel quando retorna de Cuba e percebe a grande dificuldade que a comunidade está vivendo por falta de água, utiliza seu facão como instrumento para entrar nas matas que restam em busca de fontes de água. A fonte é a única possível salvação de todas as pessoas que vivem em *Fonds-Rouge*, e o herói não se abala com as dificuldades, não desiste ou pede por milagres para as divindades como os outros da comunidade. Manuel insiste pois sabe que é o único caminho, ele sabe que uma fonte está em algum lugar, que a salvação está por perto. O entrevistado utiliza desta mesma determinação para enfrentar as dificuldades no Brasil: mesmo quando a situação está muito difícil, quando as oportunidades não aparecem, ele persiste na busca, pois sabe que em algum lugar está a fonte da água, a salvação, aquilo que necessita. Ele é o Manuel. Itamar Vieira Junior comenta sobre esse poder da literatura, de que o leitor -e o escritor- possam trocar de papéis, possam se reconhecer nos personagens pois com a literatura, são capazes de conhecer o seu íntimo, a sua humanidade:

A literatura tem o condão de nos permitir a troca de papéis, um acordo que pactuamos na condição de escritores e leitores. Ao lermos - ou escrevermos-, vivemos as vidas dos personagens, conhecemos os seus mais insondáveis segredos e nos reconhecemos na imensidão de nossa humanidade (VIEIRA JUNIOR, 2021a. pp. 33-34).

A afirmação de que ele, Alexi, é o Manuel, é uma afirmação identitária, como haitiano. O entrevistado diz que “cada haitiano tem um potencial do Manuel, tem um Manuel dentro de si, aquele cara que não desiste nunca” (entrevistado Alexi, 2021), ou seja, Manuel representa também uma identidade de sujeito, indivíduo haitiano, que persiste nos seus planos e sonhos, que enfrenta os desafios. Um haitiano estando em outro país, conseqüentemente, Manuel também está. O entrevistado utiliza como exemplo a história de uma mulher haitiana, que ele presenciou:

Eu lembrei de uma situação de uma imigrante que chegou do Haiti, tava com tudo na mão, tudo, achou que o sonho brasileiro, que ia chegar no Brasil e o que acabou acontecendo é que ela não sabia falar português e acabou que o taxista

pegou ela e ela tinha que ir pra uma cidade, Bento, e o taxista tinha entendido que era numa rua Bento, uma avenida. O taxista percebeu que ela não falava português, pegou a mala dela, roubou a mala, deixou ela só com passaporte, e ela foi parar num abrigo. Quando me chamaram para ajudar aquela mulher, bah, aquela mulher estava triste, mas sempre com aquela força. Daí eu falei "nossa, tu quer voltar pro Haiti?" e ela falou "não, vou ficar aqui, vai dar tudo certo". Seis meses depois essa mulher tá ótima na vida, vida boa, sabe, não desiste, essa questão de não desistir, sabe? (entrevistado Alexi, 2021).

O Manuel é também esta mulher, para o entrevistado, assim como todo haitiano tem esse potencial dentro de si. A identidade que Roumain cria para Manuel nesta obra é uma forma de identificação com toda a comunidade haitiana, que está ligada à força, persistência e luta pelos objetivos, o que provavelmente também está atrelado a história do Haiti como um país revolucionário e guerreiro. As situações que a comunidade migrante haitiana enfrenta no Brasil são muitas vezes dolorosas e complicadas, por uma diversidade de fatores, e o entrevistado Alexi acredita que só é possível passar por essas experiências por causa desta força haitiana, que é representada no personagem Manuel.

Manuel também escolheu o caminho do diálogo, da união e do perdão. Perdoou seu assassino e aqueles que tentaram impedi-lo de seguir seu plano. Sem essa atitude, provavelmente as disputas marcadas com sangue e morte continuariam afetando o vilarejo e desta forma, não poderiam seguir, não alcançariam a água, não alcançariam a vida. O entrevistado ressalta então que isso também é uma inspiração para ele hoje no Brasil:

Por isso que eu sempre escolho o caminho do perdão. Eu me inspiro no Manuel, nisso. Por isso, por exemplo, no Brasil, eu nunca... nossa, se eu fosse pra processar gente, eu ia morar no fórum. Eu nunca entro em vingança porque eu sei o caminho. Claro, injustiça não, não aceito injustiça, quando é pra me posicionar me posiciono, mas eu sei que às vezes é muito difícil de se controlar, de não levar para a vingança, sabe? (entrevistado Alexi, 2021).

Desta forma, através das reflexões do entrevistado é possível observar que a obra "Senhores do Orvalho", para além de trazer uma identificação com a realidade haitiana, com o que a comunidade diaspórica identifica-se culturalmente mesmo estando longe, através do personagem Manuel, a obra pode ser também uma forma de observar a si e as formas como reage de acordo com as situações que ocorrem na experiência da mobilidade. Estando no Brasil e utilizando Manuel como inspiração para lidar com as dificuldades diárias, para lembrar do potencial do haitiano, de ser um sujeito descendente de revolucionários e aplicar neste contexto o que Manuel realizou. Aprender na

mobilidade, sentir a violência e a saudade estando longe, mas sem esquecer de onde vem e quem se é.

Apesar da reflexão, nessas palavras, ter sido realizada pelo entrevistado Alexi, de alguma forma, todas as entrevistas comentam sobre essa identidade haitiana, sobre a força que trazem em si. Não pretendo aqui generalizar esta experiência ou essa interpretação, apenas ouvir e dialogar com essas interessantes falas realizadas pelo entrevistado, que tem uma relação muito próxima e íntima com a obra “Senhores do Orvalho”. Para elucidar sobre essa relação íntima que é estabelecida através da leitura, trago novamente Itamar Vieira Júnior, autor que fala com sensibilidade, potência e precisão:

O prazer da leitura abre um leque de possibilidades que permite interpretações e reinterpretações sobre um mesmo texto. Por ser afetado, o leitor é a chave dessa engrenagem, na experiência pessoal e intransferível da leitura, ainda que de maneira distinta. Por ser fruição, sem nenhum demérito, é que a literatura tem seu alcance expandido e se torna instrumento de conhecimento do mundo-tempo em que vivemos (VIEIRA JUNIOR, 2021a. p.38).

Assim, a comunidade haitiana que está hoje no Brasil não se limita à experiência que possuem aqui ou às características que podemos ver. Ela carrega consigo a carga histórica do Haiti, a potência e força da sua ancestralidade, sua cultura, trajetória, sua carga afetiva, psicológica, social e moral. Ler a obra novamente no Brasil, para o entrevistado Alexi, foi uma redescoberta da obra literária, pois pode sentir e perceber elementos completamente diferentes, mas uma descoberta também como sujeito, como haitiano, como orgulho de ser quem é, como uma pessoa que não se acomodou, como um Manuel que veio buscar um pouco da sua transformação no Brasil:

Foi uma redescoberta [reler a obra] porque a vinte anos atrás eu tinha uma visão dele, de um Manuel guerreiro, peguei aquela frase, nossa... “*L’homme est le boulanger de sa vie*”. Quando eu li de novo, quando eu tava lendo eu fiquei imaginando o haitiano que tá no Brasil, como o Manuel, que tá encontrando todas essas dificuldades, tá encontrando, mas tá na busca, sabe? Não desiste. Aí eu voltei ter mais vontade de voltar com a literatura haitiana, porque tem muito mais outras coisas que eu tinha lido e no Haiti a gente tem tantas coisas boas. Eu falo, tipo, pros haitianos “a gente tem tantas coisas boas, não deixa isso ser apagado por causa de fome ou por causa de um emprego”, sabe? E o Manuel morreu como herói, mas ele poderia ter sobrevivido como mais um daqueles que estavam lá, é aquela pessoa que se acomoda com a situação. Isso me dá muito mais motivação pra falar “olha, eu sou haitiano, cara”. Eu sou haitiano, tenho muita história, a minha vida não se resume a minha estadia no Brasil (entrevistado Alexi, 2021).

Motivação para continuar a busca da água, da fonte da vida. Na passagem em

que Manuel diz que os habitantes de *Fonds-Rouge* não estão vivendo, apenas morrendo lentamente, é possível fazer uma relação com essa sensível e profunda análise do entrevistado Alexi: ele e outros/as haitianos/as no Brasil não estão morrendo lentamente, não estão acomodados, estão enfrentando uma série de dificuldades, mas estão vivos, pois carregam consigo muita história, carregam consigo um pouco do Caribe e do Haiti e estão em busca daquilo que acreditam ser a fonte de água, a vida, a salvação deles, dos seus e quem sabe, do Haiti.

Para finalizar este momento de reflexão, uma fala do entrevistado Joseph que ressalta que Manuel existe, é atual, está vivo, no Brasil e pensando de alguma maneira, numa forma de colaborar com o Haiti:

O Manuel é atual pra mim porque talvez eu seja um Manuel. O Manuel viveu em Cuba, aprendeu as lutas dos trabalhadores, aprendeu que a terra consegue nutrir os seus viventes, os seus habitantes. O Manuel, óbvio que no livro ele faleceu, mas ele está presente em mim e em muitos outros, que querem ver a esperança no rosto de um povo empobrecido. Não digo um povo pobre, não nasceu pobre, um povo empobrecido. Então o Manuel está presente em mim e em muitos países. Os amigos que estão no Brasil se fortalecendo através do estudo, nos amigos que já se formaram aqui, que tem uma ideia de longe ou de perto, para colaborar com o país, é um dever moral, pra ajudar o país, mesmo de longe. [...] Então eu sinto o Manuel dentro de mim (entrevistado Joseph, 2021).

Muitos Manueis estão no Brasil, aprendendo e buscando um Haiti real que seja um pouco mais próximo daquele que é sonhado.

4.3 LITERATURA COMO FORMA DE RELAÇÃO COM A HISTÓRIA

A literatura possui esse enorme poder de nos proporcionar, mais do que qualquer explicação e informação, o sabor do mundo.

Falhas, Yanick Lahens

Vamos lembrar o que a gente é, vamos sentar, sabe, e conversar. A gente é haitiano cara, a gente tem que salvar essa história que o mundo ocidental tá tentando apagar.

Entrevistado Alexi

A história - ou a história escrita, historiografia - e a literatura possuem trajetórias que em diversos momentos se unem, e em outros, se repelem. A construção da historiografia que foi inicialmente muito ligada a escrita mais narrativa, mais próxima da

literatura, acabou se afastando desta característica com o processo de cientificização da história, no século XIX. A busca por uma verdade dos fatos, verdade irreal e inalcançável, criou um espaço de ausência entre a história e a literatura. Atualmente, essa relação tumultuosa vem sendo repensada dentro das ciências sociais e principalmente da historiografia, como uma possibilidade - ou necessidade - de reconciliação.

O historiador Ivan Jablonka (2016) escreveu recentemente um manifesto, que é também uma obra muito densa e elaborada, sobre a importância da historiografia e das ciências sociais em geral, aproximar-se da literatura em sua forma, e de como a escrita historiográfica, fechada em sua estrutura científica, afasta as pessoas da leitura da história, tornando a circularidade desta produção restrita ao espaço acadêmico. Como uma história, em termos, conceitos e estrutura científica, vai ser uma leitura para pessoas que não estão na academia? E de que outra forma é possível que as pessoas se aproximem da História, para entender a si mesmas e seu local na sociedade? Já na introdução de seu livro, Jablonka diz que:

las ciencias sociales pueden ser literarias. La historia no es ficción, la sociología no es novela, la antropología no es exotismo, y las tres obedecen a exigencias de método. Dentro de ese marco, nada impide que el investigador escriba. Huyendo de la erudición que se vierte en un no-texto, puede encarnar un razonamiento en un texto, elaborar una forma al servicio de su demostración. Conciliar ciencias sociales y creación literaria es intentar escribir de manera más libre, más justa, más original, más reflexiva, no para relajar la científicidad de la investigación sino, al contrario, para fortalecerla (JABLONKA, 2016. p. 11).

A historiografia utiliza da literatura como fonte histórica, material que é fruto de seu tempo e das influências da sociedade em que seu autor relacionou-se. Mas a ligação entre estas formas de escrita e narrativas pode ser muito mais estreita: a literatura tem o poder da narrativa de identificação, da identidade, e da alteridade, como já comentei aqui. Este poder, utilizado na historiografia (sem deixar de responsabilizar-se pela sua função científica), pode alcançar um espaço que é muito caro à História: o da formação de sujeitos críticos, com consciência do seu potencial como sujeitos históricos, transformadores da realidade.

Realizo essa reflexão ao iniciar este subtítulo pois acredito que a relação que a comunidade haitiana possui com a obra “Senhores do Orvalho” tem também um significado histórico. A narrativa ficcional de Roumain não possui a intenção de ser lida

como um texto histórico, apesar de no entanto, na interpretação dos entrevistados, carregar elementos de diferentes momentos históricos do Haiti, que vão desde o processo de Revolução até o futuro, ainda em construção. Pontua também essa característica da escrita historiográfica ou das ciências sociais como mais livre, justa e original, como diz Jablonka, pois assumo muito desta perspectiva ao dialogar com a literatura e os entrevistados: contar a história de uma relação afetiva, necessita de uma escrita que, pelo menos em tentativa, seja sensibilizada nos sentidos de alteridade, de troca, de ouvir e de aprender.

Outra perspectiva importante de ser ressaltada é que no caso haitiano, como pontua Trouillot (2016), a historiografia produzida pelos próprios haitianos é um movimento bastante tardio se consideradas as produções exteriores, principalmente no que se refere à própria Revolução e o papel dela no cenário mundial referente a colonização e escravização. O autor disserta sobre essa produção - ou falta dela - estar atrelada às questões estruturais do país após a Independência e que o papel da literatura, referente a estes processos históricos, foi e ainda é, uma exaltação à história e aos heróis:

a historiografia da Revolução Haitiana encontra-se atualmente prejudicada por duas tendências infelizes. Por um lado, a maior parte da literatura produzida no Haiti segue sendo respeitosa – respeitosa demais, eu diria – diante dos líderes revolucionários que conduziram as massas de antigos escravos à liberdade e à independência (TROUILLOT, 2016. p.170).

O fato histórico da Revolução Haitiana é marcante não só para a população do país, mas um marco universal que afetou diretamente um momento histórico, um espaço geográfico e aparatos intelectuais. Contextualizo no item 2.1 deste trabalho um pouco do processo histórico que ocorre no Haiti primeiramente, pois acredito que conhecer a história deste país esta diretamente ligado com conhecer a população haitiana que migra atualmente para o Brasil e porque o evento da Revolução Haitiana possui um impacto gigantesco na atualidade do país e da população haitiana, estando ela fora ou dentro do território. Também saliento a forte presença da Revolução Haitiana nesta pesquisa como um ato político e intelectual, considerando as diversas maneiras que o colonialismo e outras estruturas brancas de poder, fez silenciar este grande ato revolucionário, que nas palavras do entrevistado Alexi, devolveu ao negro a sua liberdade, devolveu a

humanidade à população africana e afrodescendente, e quem devolveu esta liberdade foram os próprios negros, munidos de suas crenças, língua, cultura e força. O próprio entrevistado Ionel comenta durante a entrevista sobre a importância e a necessidade de se conhecer a história do Haiti para entender qualquer aspecto ligado ao país atualmente, pois:

o que tem a ver com sócio-histórico, é fundamental, porque a história haitiana... todo país tem uma [história] única. A forma como o Haiti tomou a independência é fundamental. Para qualquer pesquisa, para qualquer curso, a história haitiana. [...] Um: tem que falar sobre a descolonização, pode ser mental, pode ser histórico. Outro aspecto que é fundamental também, tem que entrar, se pensa do Haiti, não dá pra conhecer o Haiti só pelo ponto de vista sócio-histórico-político, tem que entrar no sócio-cultural, porque a cultura haitiana, não é só diferente do Brasil, mas o fato de que o Haiti é um país composto por vários países africanos, que tem uma influência França-estadunidense que vive no Caribe, a cultura é muito rica (entrevistado Ionel, 2021).

Outro fator importante de trazer informações sobre a Revolução Haitiana é que durante as entrevistas, mesmo que não houvesse no questionário nenhuma menção à história do país ou ao evento da Revolução, elas aparecem constantemente, de forma transversal, durante diálogos sobre diferentes temas.

Uma das propostas desta pesquisa foi também destacar alguns pontos que orgulham a população haitiana, com o intuito de desviar das perspectivas estigmatizadas que existem sobre o país e dar visibilidade, neste espaço, para questões que são valorosas para eles. Uma das perguntas do questionário foi então sobre as características do Haiti que lhe geram maior orgulho. As respostas foram diversas, envolvendo geralmente a culinária, a cultura e as dinâmicas de convivência, mas em todas as entrevistas, de alguma maneira, foi citado o orgulho pela história do Haiti, da Revolução Haitiana e dos símbolos que estão ligados a esse momento, como a bandeira²¹ e sopa de abóbora²².

²¹O dia da bandeira haitiana é comemorada no dia 18 de maio e é um dos dias mais importantes para o país. O motivo da celebração seria pois neste dia, no ano de 1803, o líder revolucionário Jean-Jacques Dessalines teria rasgado ao meio a bandeira francesa no Congresso de Arcahaie e depois unindo as partes vermelha e azul, simbolizando a união de negros e mulatos na construção de um novo país. Mais tarde, foram incorporadas nela o brasão que traz as armas, a palmeira real e o lema "*Lé L'Fait La Union Force*" ou "A união faz a força". Este lema pode ser relacionado também à obra de Jacques Roumain, que leva como maior clamor a união do povo haitiano e o autor pode estar referindo-se também a esse símbolo da revolução que é a bandeira do país.

²²A sopa de abóbora, elemento tradicional da culinária, é também um Patrimônio Cultural do Haiti. Ela faz parte do simbolismo da Revolução pois acredita-se que durante o período colonial, este prato era servido aos colonizadores e proibido aos escravizados, apesar de eles cultivarem o fruto. No dia 1º de janeiro de 1804, quando é proclamada a Independência no Haiti, toda a população foi libertada e conseqüentemente,

O que mais me orgulho? Me orgulho da minha história, uma história linda, vitoriosa, inspiradora, é um orgulho pra mim, né, isso sim, e sempre vai ficar um orgulho pra mim, sendo uma pessoa negra e sendo uma haitiana de pai haitiano de mãe haitiana, isso me dá muito orgulho. (Entrevistada Marie, 2021).

Carregar essa vitória não é uma herança histórica com pouco valor ou peso. A Revolução Haitiana formou um país com uma constituição cultural, política e econômica diferente do restante da América e tornou-se assim o único país negro do continente, independente, através de uma luta organizada pela população escravizada. Este marco de liberdade, ato político de grande organização estratégica e um dos primeiros eventos de abolição da América (e o único de auto-abolição do mundo) é elemento central para pensar a identidade do Haiti como nação e dos sujeitos como haitianos, já que é o evento histórico que influenciou todos os momentos históricos e sociais do país desde então. A população negra, ao qual foi negada sua humanidade, resgatou-a não apenas com bravura e coragem de enfrentar todo um sistema de opressão, mas com uma organização estratégica brilhante.

A escrita sobre esta história, como afirma Trouillot (2016), foi atravessada por diversos interesses: uma revolução que não cabia no imaginário ocidental (impensável), foi sendo esvaziada e colocada em segundo plano, de forma que falar da Revolução era apenas um meio de falar sobre outro tema:

O tratamento da Revolução Haitiana na história escrita fora do Haiti explicita duas famílias terminológicas, que são, em termos formais (retóricos), idênticas a figuras de discurso do final do século XVIII. O primeiro tipo terminológico são fórmulas que tendem a apagar diretamente o fato da revolução. Para resumir, chamá-las-ei de fórmulas de rasura. O segundo tipo tende a esvaziar uma série de eventos singulares de seu conteúdo revolucionário, de modo que a série completa dos fatos, corroída por todos os lados, acabe trivializada. Chamá-las-ei fórmulas de banalização (TROUILLOT, 2016. p.156).

Com a história da América sendo retratada pelos colonizadores e o domínio do vaticano sobre as escolas haitianas, segundo o entrevistado Joseph (2021), “os livros de História no Haiti têm a marca "FIC" que é Freires da Instrução Cristã, que são os freires católicos, os católicos que escrevem a história do país, pra gente estudar”. O ensino e a história formal carregam muitas das perspectivas que dão a revolução tons colonizados

não era mais proibido tomar a sopa de abóbora. A partir deste momento, é tradicional a comunidade haitiana, estando dentro ou fora do território, tomar a sopa no primeiro dia do ano como ato de lembrar a sua liberdade e a importância da Revolução.

que constroem a narrativa: “na história do Haiti tem espaços que eles colocam coisa mas era outra coisa, essa coisa acontecia, mas de uma outra forma. Então eles não querem contar a história do jeito que estava para não formar pessoas conscientes” (entrevistado Joseph, 2021). No entanto, existem estratégias e outras formas de observar e ensinar a Revolução, tanto em espaços formais como nos informais e no dia a dia, muitos relacionados com a oralidade, como já mencionado no item 2.4.

a história que vem sendo contada no boca a boca, sabe, a história das pessoas, e, por incrível que pareça, você pode ir no interior, uma pessoa que nunca frequentou a escola, uma pessoa que nunca teve acesso a uma palestra, um encontro acadêmico, nada, e essa pessoa vai te contando uma história. Como essa pessoa te conta a história? Porque os pais contavam, porque os antepassados contavam. Assim a história permanece. Então, esses pesquisadores empíricos, eles acabam reproduzindo a história (entrevistado Joseph, 2021).

As disputas pelas narrativas em torno da Revolução são presentes e sempre voltam a debate, pois o presente influencia na forma em que olhamos para o passado, e o movimento de sempre lembrar da revolução está relacionado com o importante movimento de não esquecer: o perigo de esquecer que o branco europeu colonizou, de que o negro foi desumanizado, escravizado e violentado, abre brechas e possibilidades que novas estratégias de silenciamento e violência ocorram ou perpetuem. Vale para a reflexão trazer aqui um trecho de texto do antropólogo Handerson Joseph:

A mesma intolerância mostrava-se com o africano trazido à força, atirado numa diáspora dolorosa, tendo os laços afetivos e culturais partidos, interrompidos, numa clara tentativa de apagamento da herança cultural de cada tribo ou nação. Jogava-se cada ser, homem ou mulher, jovem ou adulto à afasia social, ao silenciamento de sua cultura tribal, à incomunicabilidade, à impossibilidade de reavivar as marcas de pertença, assim violentamente desenraizado. Com estratégica crueldade e rude pretensão, procurava-se condenar o negro à dúvida da origem, assim como à ignorância do ponto de chegada, buscando fazer do escravo uma tábula rasa. Um ser sem memória, sem afetividade, sem laços de família, sem vínculos de pertencimento, sem história a ser partilhada. Eis o projeto escravagista em sua face cruel, pois significava negar ao escravizado a sua humanidade.

É desnecessário falar da extrema violência sobre a alma e o corpo do negro tornado escravo? Não, pois para se compreender as lutas pela independência do Haiti, é importante se ter em mente os motivos que levaram todo um povo a se rebelar, enfrentando o poderio militar do colonizador, sem medo de confrontar-se com o poder colonial e desejando dele libertar-se pelo uso da força (HANDERSON, 2015b. pp. 543-544).

A revolução é uma das formas de lembrar que a população negra é intelectualmente capaz de organizar-se, rebelar-se e governar-se, diferente do que grupos

de poder continuam tentando impor ao Haiti com formas de dominação exterior.

Me orgulho da História do Haiti. Uma história que a gente deveria fazer tudo que a gente puder pra não deixar essa história passar como uma coisa que não aconteceu de verdade, porque os comportamentos do presente podem impactar sobre os discursos da história, então do passado, acho que isso é importante, é a História (entrevistado Jorge, 2021).

Considerando toda essa disputa de narrativa em torno da Revolução, os haitianos necessitam reforçar a sua História silenciada, continuar lembrando constantemente que realizaram esse grande movimento histórico de Revolução. Assim, é muito importante que se forme essa consciência desde muito cedo e por isso, segundo o entrevistado Alfred (2021) "desde criança a gente aprende a história do Haiti, a Revolução Haitiana, a história dos presidentes. [...] Isso, porque crescemos sabendo disso, na nossa própria história", e da importância que ela carrega para eles próprios, haitianos, e para o restante do mundo.

Assim, frequentando ou não os locais de ensino formal, a Revolução Haitiana é conhecida e repassada para a população do país, é lembrada como o orgulho, aquilo que formou o país liberto, que abriu caminhos e possibilidades para milhares de outros sujeitos escravizados, país que foi pioneiro e ajudou muitos outros, a partir da revolução negra. A entrevistada Sarah, que é historiadora, comenta como o conhecimento em torno da revolução ocupa todos os espaços sociais do Haiti, como motivo de orgulho, de símbolo de uma população libertadora:

a própria Revolução Haitiana é a coisa que mais me orgulha e o motivo também de orgulho de, eu acho que posso dizer sim, de todos os haitianos. A pessoa pode, por exemplo, nunca ter ido na escola e tal, mas sabe dessa história, sabe do processo de independência, sabe muito bem, entende muito bem do período colonial ou sabe do apoio, por exemplo, que o Haiti deu pra Venezuela, pro Bolívar né, mais especificamente. Então, são coisas muito recorrentes nas conversas do dia a dia, são coisas muito bem conhecidas, muito faladas, muito comentadas. Nas manifestações, por exemplo, é muito comum ouvir expressões assim, que "a gente não tá mais no período colonial, não, acabou, desde 1804", né, então acho que o maior orgulho assim, do haitiano mesmo, e essa história, é a própria revolução, sabe? (entrevistada Sarah, 2021).

A Revolução pode ser considerada então, um orgulho de toda a população haitiana. Este movimento comentado pelos entrevistados de que a Revolução está presente no dia a dia, em diversos espaços, representa também como a Revolução está diretamente ligada com a identidade nacional haitiana como uma característica que

representa e une todos que nascem no país. A entrevistada Sarah continua sua reflexão dizendo que:

acho que a maioria das coisas que representa a identidade, está muito, muito atrelada ao evento da independência, sabe? Então, a própria data é uma data muito importante pra nós, que é o 18 de maio, que é o dia da bandeira, por exemplo, que é feriado no Haiti. Tem o 18 de novembro também, que é a última batalha, então, são essas coisas. E mesmo estando fora do Haiti você sempre vai se lembrar, hoje é 18 de maio, cara, é o dia da bandeira, sabe, mesmo que por alguns segundos, alguns minutos ter alguma discussão sobre a situação do país, sabe? (entrevistada Sarah, 2021).

Seguindo esta reflexão, os eventos relacionados com a Revolução e o processo de Independência do Haiti são elementos centrais na identidade nacional e mesmo quando não estão no Haiti, são elementos que a comunidade diaspórica carrega consigo como traços identitários e de identificação.

A literatura haitiana tem também esse comprometimento com o país, de mostrar e lembrar a força e resistência da população haitiana, de um país que já enfrentou uma sequência de diversidades de opressões, e que continua em busca de melhorar a sua terra da liberdade, como salienta a entrevistada Marie:

a literatura haitiana, mesmo hoje em dia, tem essa parte comprometida, mesmo que não é do mesmo jeito que era antes, tipo, eu falo pra defender minha terra, minha pátria, pra, tipo, falar de sangue, mas a gente pode ver que por meio da nossa literatura tem essa glória também de mostrar nosso passado, quem somos, e tá ligado com a nossa terra, mesmo em romances, mesmos que são histórias diferentes, mas é a mesma realidade, a mesma ligação, é o mesmo interesse, o mesmo ideal que a gente está defendendo (entrevistada Marie, 2021).

Se a identidade haitiana é representada na sua literatura, é imprescindível que essas narrativas defendam os posicionamentos da população haitiana sobre os momentos históricos, sobre seu país e sobre si. De acordo com a história e as questões que estão postas, a produção literária manifesta-se. Muita produção poética haitiana está relacionada com momentos pós-revolução e os diferentes modos de controle e opressão política e econômica que o país enfrentou.

Outro momento histórico que influenciou escritores principalmente do início do século XX, como o próprio Jacques Roumain, foi a ocupação estadunidense no país, evento traumático com a presença do exército e controle político do Haiti por cerca de 15 anos, como já elaborado anteriormente. Frankétienne, um dos escritores e intelectuais

contemporâneos mais prestigiado no Haiti, nasceu de um ato de violência pois um estadunidense estuprou sua mãe, uma moça haitiana camponesa. Diferente da maioria dos escritores haitianos comentados aqui, ele não saiu do Haiti, não migrou, sendo um sobrevivente de várias ditaduras. O entrevistado Joseph, quando comenta sobre o autor, conta um pouco de sua história e de seu posicionamento em não migrar:

Frankétienne, ele tá vivo ainda, ele é fruto de estupro, no momento o Haiti tinha uma ocupação e estupraram a mãe dele, é por isso que ele saiu com a pele mais clara, e recentemente eu participei de uma palestra dele, tinha a MINUSTAH no Haiti, e pediram pra ele “porque você decidiu ficar no Haiti?” Aí ele falou “não, não vou sair, porque eles podem desenterrar a minha mãe e estuprar ela de novo”. A mãe dele já faleceu, aí ele falou que “eles podem desenterrar a minha mãe, eu tenho respeito aos ossos da minha mãe, é por isso que eu não posso sair do país, eu tenho apego a terra também”. Ele tem a possibilidade de ir em muitos lugares do mundo, viver, morar, sei lá, passear, mas ele permanece no país, ele deu essa resposta pesada quando perguntaram pra ele porque ele decidiu permanecer. Então é uma história assim, é uma história de opressão, de humilhação, desde há muito tempo, só pelo que o Haiti é, pelo que o Haiti representa, entendeu? Essa história é por isso, então, eu sempre carrego comigo literatura, eu carrego isso dentro de mim (entrevistado Joseph).

A fala do autor, citada pelo entrevistado, não apenas relaciona-se com o passado opressor, como denuncia as formas como no presente, as presenças militares internacionais continuam impondo controle e violentando a população haitiana, neste caso, com a MINUSTAH²³. Essa passagem muito impactante, pela denúncia de Frankétienne trazida pelo entrevistado, traz uma reflexão muito valiosa: o Haiti vive, desde sua insurreição, uma história de opressão, apagamento, silenciamento, executado em diferentes formas de violência, e a literatura, tanto mais antiga como atual, carrega o compromisso de demonstrar e lembrar o haitiano de sua força, de sua história gloriosa de libertação, de que é capaz de autogerir-se, de que é uma população negra que não sucumbiu à escravidão e enfrentou o sistema de opressão mais violento da história da humanidade. Essas condições fazem com que o entrevistado se relacione com a literatura e carregue os livros na sua mobilidade, carregue a lembrança da força em forma de livro, na bagagem, e também dentro de si.

²³A Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti - MINUSTAH, foi uma missão militar formada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU) que foi justificada pela instabilidade política e econômica no Haiti. Essa missão, que teve como uma das frentes o poderio militar brasileiro, ocorreu entre os anos 2004 e 2017 e é considerada mais uma das ocupações militares internacionais que tem por objetivo controlar o país. É possível entender um pouco mais sobre a missão e as denúncias de violação sexual que envolvem os militares no país no texto: SOUZA, Karoline Silva de. Violações sexuais contra civis cometidas por capacetes azuis: o caso da minustah. 2020. 32 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2020.

O entrevistado Ionel também nos lembra que a literatura haitiana tem um modo singular de expressar-se, que é um caminho sem volta, apaixonante, mas que não é somente poética, é também uma manifestação política:

Na literatura, nós temos um modo de expressar, poeticamente. Se você vai pegar grandes autores como Danny Laferrière e Lyonel Trouillot, são poetas que você vai mergulhar, vai acabar *enamorar* do Haiti e não vai querer sair, é uma entrada sem saída da cultura haitiana, poeticamente falando. E nossa literatura não é somente uma coisa romântica, também é política (entrevistado Ionel, 2021).

Jacques Roumain e a obra “Senhores do Orvalho” não ficam de fora desta análise histórica realizada pelos entrevistados. O próprio entrevistado Ionel (2021) na continuidade da sua reflexão diz que quando Jacques Roumain “escreve ‘*Gouverneurs de la Rosée*’, não só ele estava escrevendo como um poeta, mas é um ato político”, é uma manifestação que relaciona diferentes momentos históricos do Haiti e que culminam em uma forma de enfrentar as opressões. Já comentei durante o item 2 deste trabalho a forma com que o autor Jacques Roumain relaciona-se politicamente com o seu momento histórico e de que forma a obra denuncia questões relacionadas ao seu presente na primeira metade do século XX. No entanto, a obra “Senhores do Orvalho” alcança em seus simbolismos momentos relacionados à história mais antiga do Haiti, alusivos ao processo de revolução e independência haitiana.

Roumain cria nesta obra um personagem que, não há dúvidas, é um herói, e uma das questões mais interessantes na narrativa é o movimento de construção do personagem Manuel: o homem que migrou e conheceu muito do mundo, voltou instruído politicamente e com uma força imensa de transformação. O narrador da obra acompanha Manuel após a sua chegada no vilarejo e a construção do herói e liderança se forma lentamente, de acordo com que o personagem interage com o espaço.

Algumas características são fundamentais para a heroicização de Manuel na trama, como a inteligência e astúcia. Manuel é um homem iletrado, sem nenhuma instrução escolar, no entanto em vários momentos sua extrema inteligência e capacidade discursiva é elogiada pelas pessoas com quem conversa:

Ela o olhou com fervor:
- Jesus-Virgem Maria, como você é sábio, e todas essas ideias vêm da sua cabeça? – ela se pôs a rir. -Às vezes não sente dor de cabeça? (ROUMAIN, 2020. p. 127).

- Estou com você, chefe. A reconciliação é a única maneira de sair desta situação. E os outros vão aceitar também, se você falar com eles conforme convém, e nunca vi um negro de língua mais hábil do que a sua, isso sim. (ROUMAIN, 2020. p.141).

Manuel recebeu uma formação política oral de companheiros em Cuba e a aplicação desta forma discursiva, acessível e combativa, acabou por gerar admiração e cativara aliados em seu plano revolucionário. Mas nem todos sucumbiam aos seus discursos, e outra característica que cria o papel de herói em Manuel é o surgimento de inimigos, pessoas que não compreendiam e não aceitavam sua forma de agir. Este papel, personalizado em Gervilen Gervilis, sustenta a condição de herói e vilão que é construída na trama.

O personagem principal é líder que forma e organiza a população do povoado para alcançar um objetivo que beneficia a todos. Em diversos momentos, a falta de instrução intelectual do povoado é citada como uma de suas fraquezas e Manuel é a cabeça pensante que organiza esta massa para sua salvação. É no final da trama que o herói se concretiza: o grande inimigo ataca e espanca o revolucionário e sonhador Manuel que morre, mas deixa como legado a água, a salvação para o seu povo e os frutos para um futuro melhor, mesmo sem sua presença.

Manuel é também a personificação do movimento que configura a libertação e a salvação para seu povo. A construção do herói, realizada por Roumain, é muito interessante e se assemelha à construção de outros heróis haitianos em diferentes narrativas. Os heróis dentro da história haitiana são diretamente relacionados aos revolucionários que organizaram estrategicamente e militarmente a revolução. O principal nome do momento das batalhas é Toussaint L'Ouverture, que segundo o entrevistado Ionel (2021) "foi ele que iniciou a independência no Haiti" e tem uma história comovente. Nascido em 1743, o entrevistado o apresenta como "filho dum escravo, aí ele vendo seu pai trabalhando como escravo e a mãe trabalhava também na casa, maltratada, e ele começou a escrever, ele falou que 'eu devo mudar a história', e falou e foi feito assim".

Toussaint foi grande intelectual e militar haitiano, mas também deixou registros escritos e para o entrevistado Ionel, uma obra de Toussaint é seu segundo passaporte, já viajou com ele por diversos lugares do mundo e em todos esses lugares, lembrou-o o de

quem é e gostaria que, quando morresse, esse livro continuasse a acompanhá-lo.

Eu tenho um livro aqui esse livro, é o meu segundo passaporte que tenho, porque para mim é um livro que volta mais a política, mas também tem todo aspecto cultural. Aí está, esse livro que o autor que faleceu, você conhece, se chama Toussaint L'Ouverture [mostra o livro "*Lettres à la France: idées pour la libération du peuple noir d'Haïti -1794-1798*"]. Esse livro, é a maioria das falas que faço, tem base nesse livro. [...] Eu gostaria que, quando morrer, que fosse comigo também no caixão (entrevistado Ionel, 2021).

C.L.R. James, autor da obra "Os Jacobinos Negros", lançada em 1938, descreve detalhadamente as movimentações que levaram à Revolução Haitiana, pois, segundo ele, até aquele momento, não havia obra que oferecia merecida atenção a este grande evento: "Os livros sobre a revolução no Haiti que eu tinha lido até então não possuíam um sério rigor histórico" (JAMES, 2010. p.11). Faltava, para James, uma narrativa que pudesse expressar (e provar) a merecida menção às massas organizadas e o seu líder Toussaint L'Ouverture, esquecido (silenciado) por aqueles que já haviam contado esta história. Nesta obra, James também se preocupa em narrar de forma minuciosa a vida e participação de Toussaint no processo de Revolução e assim, construindo nele esse papel de herói da Revolução, um sujeito inteligente e que cativou a união entre a população para alcançar a revolução.

James e Roumain possuem parecidas trajetórias, são caribenhos que vão à Europa estudar no início do século XX e buscam em sua produção representar aquilo que os europeus não fazem: dar devido valor à população negra caribenha e a sua capacidade política, militar e intelectual. No livro de James, Toussaint, o herói da Revolução, possui características muito próximas as de Manuel e ambos os heróis, negros, haitianos, alcançam a redenção de seu povo.

James e Roumain, buscaram em seus estilos de escrita propor uma ideia de necessária união, pois sem ela nenhuma das revoluções seria possível. No entanto, clama-se a figura de uma liderança heroica que proporciona, a partir de seu discurso, inteligência e coragem, que a organização e revolução ocorra. Em certa medida, ambos os autores se propuseram a descrever uma narrativa na qual existe um sujeito capaz de unir o povo através de seu discurso, acessível e didático. Unir em ideias uma população negra, rural, ex-escravizada ou descendente desta, que não foi frequentemente citada nas organizações socialistas/comunistas do início do século XX na Europa, que mobilizou o

sindicalismo industrial e no qual ambos os autores tiveram formação. Neste sentido, para além de provar que estas populações possuem a capacidade de se organizar a ponto de realizar grandes transformações sociais coletivas, há entre estes, pessoas que possuem a capacidade militar e de liderança, tanto quanto na Europa. Quem sabe, houve uma intenção dos autores de provar que não é necessário que se mantenha uma estrutura onde os povos negros sejam tutelados ou liderados politicamente por pessoas brancas ou outros estados imperialistas.

Se colocarmos esta análise no contexto de escrita das obras, voltamos ao fato da ocupação e ditadura estadunidense (1915-1934) que aterrorizou a população haitiana com políticas de dominação e controle total sobre os vetos do país. Roumain, como já citado, foi um dos nomes de atuação na resistência, principalmente nos anos finais do regime. A construção das narrativas, podem ser também um movimento de mostrar, ou melhor, “relembrar” a população haitiana de sua força revolucionária contra a dominação e que as lideranças para organizar um local digno para viver estão no país, são pessoas comuns, que amam e dariam a vida pelo país e pela população, como Manuel e Toussaint.

Além do contexto de dominação que ocorria no Haiti, havia também a necessidade de demonstrar o potencial silenciado nas narrativas que eram (são) predominantes sobre a população haitiana e caribenha. Os estigmas sociais que silenciam e diminuem intelectualmente a população haitiana podem ser vistos como parte de um projeto colonial que pretende abafar as possibilidades de sociedade que não se encaixam dentro das estruturas daquelas imperialistas ou das revoluções que escondiam a exploração. Estas massas presentes nas narrativas podem simbolizar o poder popular da população negra, enquanto os heróis são as personificações de toda a humanidade que se pretende silenciar: que estas populações negras são humanas, com potencial intelectual, militar e afetivo. Manuel e Toussaint são acima de tudo sujeitos do povo, humanos que lutam, que amam e que morrem. Que tem memória. Que têm pais e sobrinhos. Família. Inimigos. Súditos. Sonhos. Tudo aquilo que se tentou apagar para justificar os séculos de escravidão.

O entrevistado Alexi também realiza menções referentes a outro herói da

Revolução, Jean Jacques Dessalines, que foi o líder que proclamou a independência do país em janeiro de 1804 e como os protagonismos destes sujeitos são importantes ainda para pensar a identidade haitiana do presente e as ações e posturas morais mesmo que em situações do dia a dia:

Um dia o Dessalines falou “qualquer um que é escravo”, o Dessalines mandou carta para todos os outros países com escravos e disse “oh, eu vou comprar os escravos, a dois dólares e cinquenta. Pelo amor de deus, manda eles pra mim”. Ele disse que “se você é um escravo, em qualquer lugar do mundo, pega um barco, foge e quando tu chegar no Haiti, vamos pagar a tua passagem. E assim que você colocou teu pé no Haiti você é livre, porque Haiti é a mãe da liberdade”. Isso é o meu orgulho. Haiti é a mãe da liberdade sabe, a gente recuperar a liberdade do negro [...] A gente é desviado do nosso foco como haitiano, sabe? Eu quando penso, isso me irrita, vendo o Dessalines, o papai Dessalines, a gente fala, o imperador, lutou para a gente fazer uma história no mundo, mostrando que a gente é um povo unido, onde que Haiti é a mãe da liberdade, sabe? Igualdade e fraternidade. A gente tá perdendo esses nossos valores de irmandade e fraternidade. Tu vai no Haiti, onde que o haitiano se ele come, todo mundo come, sabe? Tu nunca vai ver pessoas dormindo na rua, no Haiti. Sabe por que? Se a pessoa dorme na rua no Haiti, é porque a pessoa tem problema mental, mas se a pessoa é lúcida e consegue decidir, sempre tem uma pessoa que vai botar ele dentro de casa, por mais que conheça ou não (entrevistado Alexi, 2021).

A identificação dos entrevistados com o Manuel, personagem de Roumain, como um sujeito que existe dentro de cada haitiano, com seu potencial de transformação, pode ser então uma forma de ligar-se e sentir-se identificado diretamente com os heróis da revolução, aqueles antepassados que bravamente libertaram a população negra da violência escravista no Haiti e tornaram-se independentes. Manuel é um desses haitianos como Toussaint ou Dessalines, que utilizou daquilo que conhece para melhorar o Haiti. Manuel, um sujeito camponês e iletrado também é capaz de realizar grandes feitos e pode ser, para os sujeitos leitores atuais, um personagem mais fácil de identificar-se, mais próximo de sua realidade. Manuel pode ser então, para estes leitores, uma forma de identificação com grandes heróis, como Toussaint L'Ouverture e Jean-Jacques Dessalines.

É cativante a maneira como os entrevistados realizam interpretações da obra “Senhores do orvalho”, de Jacques Roumain, de forma que conseguem relacionar-se e identificar-se nela de diversas maneiras, com o passado e com o presente:

[o romance] nos dá uma lembrança de tudo que já passou, e o pior é que ainda, ao mesmo tempo que a gente está lendo esse livro, a gente está vivendo a realidade também. A história se repete, mas somente com outras palavras. [...] eu estou chorando quando estou lendo esse livro, essas histórias, dói muito (entrevistada Michelene, 2021).

A obra representa, a partir das entrevistas, o Haiti, uma realidade de desafios do passado e do presente, representa a cultura, religião, língua e oralidade, representa a repressão política e o potencial de resistência haitiana, representa a força da diáspora como transformadora, necessidade e forma de acessar conhecimentos. Atualmente, estando no Brasil, estando e convivendo fora, ela pode ter um poder especial de ligar todas essas características. Como escreve Itamar Vieira Junior:

Toda leitura, toda escrita, toda literatura são no fundo formas de educação como princípio transformador, dotadas de uma capacidade única de apreensão. [...] Educação vem do latim *educere*, que significa “ir para fora”. Diz mais sobre nossa capacidade de aprendizagem, também observada em outras espécies não-humanas. Refere-se não só à habilidade de aprender, mas também à de se abrir ao mundo, ao outro, de exercitar a alteridade (VIEIRA JUNIOR, 2021a. p.39).

Os haitianos atualmente no Brasil identificam-se com as características que relacionam-se com o passado, com os heróis e com a revolução. Identificam-se com a obra no presente, como sujeitos diaspóricos que querem retornar e melhorar o Haiti, um Haiti que continua muito parecido com aquele retratado por Jacques Roumain. Por fim, “Senhores do Orvalho” é ainda para a comunidade migrante uma fonte de esperança, um caminho a ser seguido, um Haiti que se quer para o futuro.

4.4 FONDS-ROUGE COMO UM PROJETO DE HAITI

*“Amanhã fazendo as vezes desse tempo de cão
Cada um poderá ser rei de suas raízes
Cada um reinará ao sol de seus neurônios
Todos juntos sobre a terra vamos colocar
A existência e suas loucuras enfim no lugar”
Um tempo de cão, René Depestre*

O entrevistado Alexi faz uma releitura do trecho da obra de Roumain, apontando o que seriam atualmente as problemáticas apontadas por Manueis, como ele. O rosto da população, a miséria, a não perspectiva da juventude. Para o entrevistado, basta olhar para ver como é atual a situação retratada na obra e a necessidade de que ocorram mudanças, de que realmente se veja com crítica a situação do Haiti. Para ele, a experiência, a vivência e o conhecimento, assim como para Manuel, ainda são ferramentas importantes para futuras melhorias no país, ainda são as bengalas dos

cegos:

Veja a cor da planície - ele disse -, parece palha na boca de um forno aceso. A colheita morreu, já não há esperança. Como vocês vivem? Seria um milagre se vivessem, mas vocês estão morrendo lentamente. O que fazem contra isso? [...] A experiência é a bengala dos cegos, e aprendi que o que importa, já que você perguntou, é a rebelião e o conhecimento de que o homem é o padeiro da vida (ROUMAIN, 2020. p. 93).

No início do parágrafo “veja a cor da planície” ele diz, “parece palha na boca de um forno aceso”. E eu diria “olha a cara do povo, olha a miséria”, sabe? A pobreza, a desesperança dos jovens, da juventude. “A colheita morreu”, a esperança morreu, “já não há esperança”, “como vocês vivem? Seria um milagre se vivessem, vocês estão morrendo lentamente”. A juventude está perdendo confiança em si lentamente, a pessoa está morrendo humanamente, socialmente, profissionalmente, psicologicamente. [...] A pessoa desiste, desiste da vida, dos seus sonhos, sabe? E no final da frase “a esperança é a bengala dos cegos” [...] tipo, a experiência é uma ferramenta a mais, é a ferramenta mais fundamental né, mais importante (entrevistado Alexi, 2021).

Diversos entrevistados fazem relações diretas com o enredo de “Senhores do Orvalho” e o Haiti, como já vimos anteriormente, relacionando o Haiti do passado e demonstrando como a obra ainda é atual com a realidade do país. A entrevistada Michelene comenta como essa reflexão é triste, pois significa que desde a escrita da obra, o país enfrenta dificuldades que persistem ou se repetem. Mas, em contrapartida, a obra de Jacques Roumain não apenas lembra de alguns problemas reais no Haiti, ele também indica caminhos possíveis a serem percorridos para transformar essa realidade:

Eu to falando aqui com o coração aberto, eu gostaria de dizer “não, a gente não está no mesmo nível”, eu gostaria de dizer que “a gente deu um passo em frente, a gente já conseguiu lidar com tudo isso”, mas infelizmente não. Essa história tem vários locais no Haiti, que essa história se repete, essa história não morre. Está viva ainda e é nossa realidade. Mas o que ele deixou como exemplo que a gente pode usar pra poder achar o nosso caminho é a perseverança e a *invitação* de nos unir mesmo, para acharmos juntos nosso caminho para melhorar as coisas (entrevistada Michelene, 2021).

Essa perspectiva, de que a obra de Roumain sinaliza possíveis caminhos para enfrentar os problemas do Haiti, é uma ideia que já foi pensada em outros momentos pela comunidade migrante haitiana no Brasil. Um exemplo concreto dessa reflexão é o trabalho de Jean Dieumette, intitulado “Donos do Orvalho de Jacques Roumain: Um projeto social para o Haiti Pós-terremoto”, de 2015. Nesta pesquisa na área de Letras, o autor realiza o movimento de pensar no enredo da obra de “Donos do Orvalho”²⁴ como

²⁴Neste caso, o autor utiliza a tradução de 1954, traduzida por Emmo Duarte.

uma forma de enfrentar a situação no pós-terremoto de 2010, evento que impactou profundamente todas as instâncias estruturais do país. Para o autor, a obra simboliza um “projeto social para sempre”:

A leitura atualizante do romance *Donos do Orvalho* de Jacques Roumain apresenta uma dupla relevância para o Haiti pós-terremoto. De um lado, ela pode servir de base para uma tomada de consciência por parte do povo, que não se mostra ter nenhum compromisso com o meio ambiente. Aos políticos, ela pode incentivá-los a pensar e construir programas de desenvolvimento social que envolve ao mesmo tempo a agricultura, o ambiente e a educação da população rural. Com efeito, precisamos no Haiti um líder que se põe à altura de Manuel, herói do romance, que imaginara e executara programas de desenvolvimento social, de proteção do meio ambiente. Este líder da mesma forma do herói Manuel deveria levar em conta as identidades distintas, os interesses distintos de todos os haitianos. Em segundo lugar, a leitura atualizante desse romance pode servir como fio condutor para formar sujeito responsável diante do meio ambiente, consciente e autônomo (DIEUMETTRE, 2015. p.54).

O entrevistado Joseph (2021) também salienta que, em sua dissertação de mestrado que estava em fase de defesa na época da entrevista, utilizou da obra como uma solução dos problemas que moveram sua pesquisa na área de saúde, pensando as condições de trabalhadores haitianos na República Dominicana. Ele diz que “inclusive usei na minha dissertação, como uma saída, depois das considerações finais eu coloquei uma proposta de saída, aí eu usei Jacques Roumain, *Gouverneurs de la Rosée*, “Senhores do Orvalho”.

É possível perceber então, através destes exemplos e das entrevistas, que a interpretação da comunidade haitiana no Brasil vê o enredo da obra também como perspectiva de futuro: conseguir realizar no Haiti as movimentações, a união e a mudança que ocorreu em *Fonds-Rouge*. A entrevistada Marie, por exemplo, analisa que a união representada na obra pelas duas comunidades que estavam em disputa, é o que o Haiti atual precisa, unindo diáspora e os que vivem no país, para conseguir acabar com a sede que está maltratando a população haitiana, uma sede de estabilidade, de políticas públicas, de mudanças:

Então, essas coisas que estão acontecendo no momento, de instabilidade, cada um no seu lado, cada um vê o seu interesse, tipo, pessoas infelizmente no momento não vêem o interesse comum, que é fundamental, eu diria que essa obra de Jacques Roumain é uma referência da união. É porque lá na comunidade não havia água por muito tempo, daí as comunidades, as duas, tiveram que se unir para trabalhar juntas para fazer com que a água volte, uma comunidade não podia fazer sozinha, tinha que ser a união das duas comunidades. Então nesse mundo, nesse, essas coisas que estão acontecendo atualmente, é a união que falta. Os haitianos que estão vivendo lá, até os haitianos da diáspora, nós precisamos nos unir para trazer essa água, essa sede que o Haiti tem, essa sede, tipo, de liberdade, de estabilidade política, essa sede de segurança, essa sede de

mudança no pensamento, na educação, temos que unirmos pra trazer essa água no Haiti. Eu acho, na minha opinião, que essa obra é uma referência disso (entrevistada Marie, 2021).

Esta reflexão profunda realizada pela entrevistada reforça o simbolismo da água como um elemento que pode representar diversas “faltas” no Haiti, diversas questões que são essenciais à vida e que neste momento, estão em falta. Entre estas, estão presentes de forma emergente as políticas públicas, condições que garantem a população, principalmente mais vulnerável, às condições de vida digna. O entrevistado Jorge também relaciona a água encontrada pelo Manuel com estas políticas e com o plano econômico atual:

tem muito a ver com a situação do Haiti que a gente poderia ver nessa palavra do protagonista, uma semelhança com a situação política do Haiti, que dizia para os haitianos que o mais importante é a reconciliação e que o Haiti volte a ter a vida que merece. A água seria as políticas públicas, escolas, a possibilidade de melhorar a saúde das pessoas, a vida das pessoas no plano econômico, criando empregos também. Eu estou vendo isso fazendo um paralelo com a situação política do Haiti (entrevistado Jorge, 2021).

A entrevistada Michelene (2021) também diz que a obra “nos convida a olhar de outro jeito a nossa realidade”, traz uma determinada esperança e perseverança e a possibilidade de pensar estratégias de alcançar uma união entre a população, pois ela é um caminho para as melhorias no país:

O que eu gosto é a coragem do Manuel. Ele voltou de Cuba e aí viu a pobreza, a miséria que tinha no país, falta de água, de comida, onde as pessoas tinham que passar fome, necessitava trabalhar a terra para poder produzir alimentos, para poder sustentar a família. Mas ele, ele depois de chegar, ele traz esperança pra comunidade, ele ajudou que a água voltasse na região e ali, os habitantes, tiveram que trabalhar a terra, foi possível. O que eu gosto muito é a perseverança. É tipo, ele, através desta história nos mostra que sim, que se a gente se une mesmo, de verdade, a gente pode dar um outro passo, um outro passo para chegar até o progresso. Sim, se a gente parar de ver somente “ah, eu tenho que trabalhar pra sair dessa situação e não me importa o que o outro tá fazendo”. Se a gente fica com esse modelo nunca a gente vai poder ir em frente. Então essa história nos mostra mesmo que a gente tem que olhar pra dentro de nós, nos olhar com os nossos próprios olhos, e não deixar que sejam os outros que nos mostram o que nós somos (entrevistada Michelene, 2021).

O chamado de união de Roumain não ficou estatizado na metade do século XX, ele continua presente. Nas interpretações das pessoas entrevistadas, as ideias referentes ao futuro do Haiti, de união e trabalho coletivo para a mudança, é possível observar o legado deixado por Roumain através de Manuel e da história de *Fonds-Rouge*, essa cidade fictícia que pode ser lida como o próprio Haiti. O entrevistado Alexi também

trouxe reflexões que pensavam a disputa entre as famílias, interpretando que na atualidade do Haiti elas podem ser vistas como os grupos políticos haitianos, que ao não se unirem ou dialogarem, perdem a chance de realizar políticas que beneficiem todos:

Sabe aquelas duas famílias que estavam brigando entre si? É a classe política haitiana. Aquela fonte é a salvação do Haiti. O bem estar do haitiano. Aquela fonte ali que o Manuel [encontrou], eu escrevi isso numa música minha, é o diálogo que a gente tá precisando. Aquele diálogo, aquele sentimento patriótico. [...] Essa fonte que o Manuel estava procurando, esse diálogo, é que o Haiti tá precisando, essa classe política, esquerda, direita, eu falei numa música minha: fazem duzentos anos, fazem mais de duzentos anos que a gente tá brigando, isso não nos leva a nada (entrevistado Alexi, 2021).

“Senhores do Orvalho” atravessa afetivamente cada uma das pessoas entrevistadas nesta pesquisa de forma muito profunda, pois carrega a sua carga histórica, a sua cultura, a sua terra, seus *loás*, seu café, seus heróis. Carrega *Fonds-Rouge* e um plano de ação para um Haiti que todo haitiano e haitiana busca. Pela análise de Alexi é hora de decidir se o país vai andar junto em busca da fonte, em busca da vida:

É o momento de sentarmos e repensar para dizer: "a gente quer a fonte ou a gente quer morrer na seca?". A seca representa a miséria que o Haiti está vivendo agora. A seca é a fome. A seca é a juventude haitiana que não tá conseguindo trabalho. A chuva que não cai é a comida que não tá no prato do haitiano. A chuva que não cai é o emprego que não tem pro jovem haitiano. Manuel saiu de lá porque estava seca a terra, e é por isso os haitianos estão saindo, porque o Haiti tá seco. Não tem emprego, tá faltando a vida. É a vida, entendeu? (entrevistado Alexi, 2021).

Jacques Roumain é considerado por alguns entrevistados como uma pessoa que viu muito além do que a maioria das pessoas de seu tempo, que conseguiu, apesar de uma vida curta, deixar um legado social e político que ainda inspira. Como cita o entrevistado Ionel (2021), “se você na questão política hoje, meu deus, o cara falava já a muito tempo mas continua sendo uma novidade”. Para ele, autores como Roumain precisam ser revistos, olhar para trás para que se possa olhar para a frente: “quando a gente pensa numa política como o Haiti, a causa que está tendo sociopolítica no Haiti, eu acredito que a maioria deveria voltar nos autores que escreveram antes para ver como eles resolveram naquela época e tomar isso como se fosse uma luz pra iluminar”.

Manuel é descrito por Roumain como este sujeito que dialoga, que não busca o conflito, mas uma busca do que pode ser o melhor para toda *Fonds-Rouge*, aquilo que devolva a vida para as pessoas que ali morriam lentamente. O entrevistado Joseph (2021) fala desse legado que a história representa como o que o Manuel deixa de lição, ele diz:

“eu pensei no testamento do Manuel, o que ele deixa, sabe? Essa questão de união, precisamos de uma união, que a gente tá tendo uma exclusão da gente mesmo”. O entrevistado chama de testamento, como se a lição da união fosse o bem imaterial que Manuel deixa com a sua experiência. Para o entrevistado, o futuro do país, a melhoria das condições de vida no Haiti já foram expostas pelo Roumain no século passado com essa obra: é preciso ouvir e acolher a diáspora.

Quando você lê “Senhores do Orvalho” você vê que não é deus que nos abandona, é nós que abandonamos a terra, somos nós que abandonamos a terra, então a pessoa vai pensar “putz, então a terra pode produzir”. Lendo isso, você pode ver como a diáspora pode ser inclusa, pode ter uma inclusão da diáspora, e isso pode voltar, o Haiti pode propiciar, o país pode propiciar o bem-estar do seus habitantes. Então são textos como esse que você acaba pensando, você pensa e você fala “ah, então ele, o protagonista, né, ele que mora lá fora, ele chegou com ideias novas, coisas que ele vivia lá, ah, então se a gente fizer a inclusão da diáspora eles podem ver uma coisa boa em outro país e querer implantar lá, só com adaptações culturais, adaptações do meio”, então a pessoa vai ter a consciência de que a diáspora pode ser uma saída. [...] É porque esse sujeito [Roumain], desde quando? Desde 1944 já mostrou a importância da diáspora no tecido social haitiano. O boom de ter uma visão de mundo, de sair do seu conforto pra conhecer o outro, e voltar pra casa pra fazer alguma coisa. Mas até agora não aprendemos a lição (entrevistado Joseph, 2021).

O entrevistado Joseph realiza essa reflexão de que Roumain constrói o personagem Manuel como diaspórico já com o intuito de representar o poder da diáspora, de conhecer o outro, e que o Haiti ainda não conseguiu colocar em prática o acolhimento dessas ideias, ou que talvez, seja porque existam forças planejadas para que nada dê certo no Haiti: “tipo o Haiti é um território condenado a não ter um bem-estar social, tipo, é programado para não dar nada certo” (entrevistado Joseph, 2021). Mas ele também acredita que ainda existe tempo e possibilidade de colocar em prática essa dinâmica e melhorar a condição do país.

É interessante perceber que a análise do entrevistado é atravessada por diversas questões: ele acredita que a literatura, a obra “Senhores do Orvalho” seja um alerta da importância da mobilidade para o Haiti e que talvez desse ensinamento o país possa conhecer dias melhores. Esta reflexão é provavelmente também fruto da sua mobilidade e de voltar a ter acesso à obra literária enquanto fora do Haiti, percebendo como suas ideias não estão sendo acolhidas plenamente pelo país que deseja ajudar. A análise de Joseph é atravessada pelo passado, presente e futuro, ao mesmo tempo em que relaciona a literatura e a diáspora.

A importância da obra de Roumain para a comunidade em mobilidade no Brasil

passa também pela perspectiva do futuro, e é para o futuro que se anda, é pelo futuro que se luta. Manuel é fictício, mas é completamente real e é cada haitiano e haitiana que participou dessa pesquisa e é ainda, provavelmente, todos os outros que trazem em sua bagagem todo essa beleza histórica, natural e cultural do Haiti, e que pretendem levar para lá, Haiti, todas as belezas que encontram por aqui e pelos outros lugares por onde passam.

Hoje, Manuel está também no Brasil. Hoje, Manuel, como Alexi, tem um sonho para o futuro do Haiti, mas tem também um sonho e uma mensagem para nós brasileiros e brasileiras:

O Brasil precisa do Manuel. O brasileiro precisa conhecer o Manuel. Por isso eu tenho muito orgulho quando eu falo do Manuel. O Manuel poderia ser mais um cara da família, vai no facão, vou na vingança, sabe? Não, vamos procurar o caminho do diálogo, da água, sabe? O Brasil precisa entender a história do Manuel. O Brasil precisa repetir o tempo todo, eu falo sempre no ouvido do brasileiro: "Haiti é a mãe da liberdade", então Brasil também precisa ser, precisa ser livre para os brasileiros, brasileiro precisa se sentir em casa. Tem brasileiros que não se sentem bem no Brasil, porque não existe nenhum sentimento pior quando você vive num lugar que você não se sente bem naquele lugar, e pior, eu sempre falo isso nas entrevistas, eu como haitiano, se eu não me sinto bem no Brasil, eu vou embora. Mas e o brasileiro? Nós precisamos ter um Brasil bom pro brasileiro. Por que o Brasil é do brasileiro. [...] Mas a gente tem conhecimento, a gente tem cabeça pra dizer "oh, podemos!" Que nem o Manuel, podemos! E vamos lá, vamos lá gente. Não vamos desistir, sabe, não vamos desistir. (entrevistado Alexi, 2021).

Assim como a última parte da obra de Jacques Roumain é denominada "o fim e o começo", esta obra, que simbolizou um fim para seu autor - a sua última obra escrita em vida - simboliza também um grande começo. A vida, que neste trecho final, é descoberta na barriga de Annaïse como um legado de Manuel - assim como a vida provinda da água que encontrou- é o começo de uma grande trajetória de inspirações. O começo deixado por Roumain é o da esperança, do sonho de uma vida digna, de uma vida, para a população haitiana, dentro ou fora de seu país. O fim deixa para trás uma história de dificuldades, mas o começo, mesmo que diferente, nunca deixa de carregar a história em si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Os camponeses surgiam do morro, correndo, jogavam seus chapéus para o alto, dançavam, se abraçavam.
-Mãe - disse Annaïse, com voz estranhamente fraca. -Aí está a água.
Uma fina lâmina de prata avançava pela planície e os camponeses a acompanhavam gritando e cantando.
Antoine andava à sua frente batendo seu tambor com orgulho.
- Oh Manuel, Manuel, Manuel, por que você morreu?- gemeu Délira.
-Não - disse Annaïse, e sorriu através das lágrimas-, ele não morreu.
Tomou a mão da velha e apertou-a de leve contra seu ventre, onde se agitava a vida nova.”
Senhores do Orvalho, Jacques Roumain*

Um pouco sobre o percurso percorrido: as limitações e as expansões

Concebo estas considerações como finais e como começos. Esta pesquisa está marcada por muitas trajetórias que se cruzam com uma ligação tão bonita e significativa em torno da literatura. As vozes que constroem esta pesquisa, acompanhada da minha, que organiza e reflete sobre elas, formaram como que um canto, um ritmo. Deram a minha escrita movimento, gestos, rostos, rastros. Em contrapartida, houve também muitos desafios nessa caminhada e considero importante refletir sobre eles pois, por ser um final, já tenho um olhar sobre minha própria caminhada, e é um começo para pensar possibilidades de pesquisas futuras.

Uma das características que foi apontada desde o início por outras pessoas, era que eu não poderia ler a obra literária no original, já que não tenho a necessária capacidade com o francês, e que isso dificultaria a execução deste trabalho ou até mesmo inviabilizaria. Neste momento, parto em defesa dos trabalhos de tradução como trabalhos sérios, reais e extremamente necessários, pois graças a elas que essa pesquisa foi possível, tanto nos textos literários como acadêmicos. Saliento que sim, o acesso a alguns textos que estão em francês ou em crioulo, teriam possibilitado, quem sabe, algumas reflexões diferentes e mais profundas. No entanto, as traduções no Brasil em relação ao Caribe vem aumentando consideravelmente nos últimos anos e, assim espero, continuarão. Estas traduções, como as de Monica Stahel, Heloisa Moreira, Henrique

Provinzano Amaral, Estela dos Santos Abreu, entre tantas outras, possibilitam acessos a mundos, de forma mais acessível e democrática. As traduções foram o suficiente para que eu, como pesquisadora, conseguisse acessar memórias, afetos e sentimentos que ligam o Brasil e o Haiti, a parte sul do continente e o caribe, um mar que leva e que traz, um universo formado por vários outros.

Trabalhar com literatura e entrevistas também foi um desafio que, por alguns momentos, me fizeram refletir se realmente essa metodologia cumpriria com os objetivos colocados aqui. Nesta fase, foi a minha não tão longa, mas importante, experiência com a História Oral que me fez seguir com mais tranquilidade nesta trilha, pois eu já tinha, nos trabalhos anteriores, uma boa ideia de *onde* essas entrevistas podem levar. Realizar uma entrevista para entender uma relação, seja migratória, seja poética, seja afetiva, seja social, seja histórica, sempre vai surpreender: supor e entender uma relação a partir de elementos teóricos é muito importante, mas a vida e o movimento imprevisível de partir das entrevistas de pessoas comuns, com experiências únicas e tão distintas como semelhantes, é uma adrenalina que move as minhas pesquisas e nesta, não foi diferente. Como o entrevistado Ionel disse em algum momento da entrevista, é preciso tocar para conhecer, é preciso compartilhar, ousar conhecer e ser conhecido: o movimento que realizamos aqui, eu e os e as entrevistadas, foi muito potente a partir da escuta e da troca.

Foi essencial para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados, a utilização da metodologia de História Oral. A História Oral é uma metodologia que pratica a escuta e a alteridade, sem perder o seu rigor científico e de investigação. Por estas características, acredito que, quem sabe, a metodologia seja um meio de aproximar as ciências sociais da própria literatura: a forma com que a metodologia ouve e compartilha a narrativa de pessoas, com diferentes histórias que têm muito a dizer, tem também o intuito de gerar aproximações, identificações, olhar para o outro como seres humanos, como pessoas que refletem o tempo, espaço e as condições em que vivem.

A História Oral como método de pesquisa permite uma maneira de fazer ciência que reclame por meios de superação da conformada crise que assola o campo científico, por valorizar a razão como saber intelectual e sensível, pois é necessário ao pesquisador e ao entrevistado acessarem a subjetividade tanto para narrar, interpretar e se apropriarem daquilo que foi narrado, ouvido, sentido no campo da pesquisa (SALGADO; FRANCISCATTI, 2014. p.308).

A metodologia de História Oral é, sem dúvida, um dos caminhos mais importantes da caminhada de pesquisa e que possibilitou que ela fosse possível, inclusive com as adversidades que também cruzaram esta pesquisa, como a pandemia do COVID-19 e suas diversas variantes. Estão atravessados, de início ao fim deste trabalho, o pavor globalizado e luto coletivo que ainda vivemos. Está o isolamento social, que também nos feriu de diversas formas. Essa pesquisa passou também pela emoção da primeira dose de vacinação, depois da segunda e agora da terceira. E como humana e pesquisadora, referente a este momento histórico, ousou afirmar: a literatura salva vidas. Como disse recentemente Djamilia Ribeiro (2021, p.50): “Ler me retira de mim mesma quando a realidade é insuportável. E, quando eu volto, percebo que é possível não só suportar como transcender”.

Em meio ao terror, houve a necessidade de repensar alguns aspectos do projeto de pesquisa. Volto a salientar que a realização das entrevistas on-line - que envolve uma rede gigantesca de ações - foi um dos aspectos mais desafiadores e também mais cansativo. Contatar, explicar, marcar, conversar, gravar, pausar, gravar, finalizar, agradecer, enviar documento, receber documento, assinar documentos, transcrever, solicitar dúvidas das transcrições...Tudo através de telas, câmeras e microfones e fones que poucas vezes funcionam sem falha. Mas, em contrapartida, depois de cada entrevista, um universo de interpretações e afeições entre a literatura, Manuel e os entrevistados estava dada a mim. Depois de cada entrevista, um sentido novo entre a comunidade haitiana no Brasil e a obra “Senhores do Orvalho” era revelado. Depois de cada entrevista, eu havia conhecido um novo autor ou autora haitiana, havia descoberto um detalhe em Roumain, e ficava cada vez um pouco mais fácil de perceber porque esta obra literária acompanha tantos destes diáspora em sua mobilidade.

O grupo de entrevistados e entrevistadas, em consequência da pandemia, ficou bastante restrito à membros da academia, pessoas com determinado acesso à leitura, escolaridade e literatura. Inicialmente, temia que essa característica pudesse ser muito limitante, no sentido de busca de pluralidade de experiências e relações com o romance. Agora, busco observar essa característica não como um efeito adverso, mas como uma identidade do grupo ao qual pude acessar neste momento.

As entrevistas cumpriram seu papel de demonstrar os aspectos da obra literária que afetam e impulsionam a comunidade haitiana no Brasil, e o grupo de entrevistados deu a essas informações uma fonte de um determinado grupo. Apesar de entre os entrevistados a obra ter essa relevância, não tento aqui impor que sejam sentimentos que representem toda a comunidade haitiana em mobilidade no Brasil ou no mundo. As informações que trago aqui expressam aquilo que a Sarah, Marie, Michelene, Alfred, Jorge, Alexi, Ionel e Joseph interpretam da literatura e do mundo, este trabalho carrega as suas marcas, foram eles e elas que deram os caminhos e rumos que segue nesta escrita e é deles também os resultados.

Neste sentido, quero também salientar que o movimento metodológico realizado aqui coloca estes entrevistados e interlocutores no papel de críticos literários considerando que, quando o livro encontra o leitor, ele também realiza uma interpretação crítica desta obra. Historicamente, essa função de crítica literária está diretamente ligada à academia, no que diz respeito à quem pode falar e interpretar a literatura. No entanto, busco trazer aqui a perspectiva dos entrevistados sobre a obra de forma que, além de ler e sentir, tem a capacidade de formar uma interpretação e uma análise desta, dentro de determinados contextos. Diferente, também, do que ocorria nos movimentos do século XIX que pretendiam levar ao leitor a crítica em relação à identidade nacional, neste caso, é o leitor quem fala e que é ouvido referente ao texto: é ele que em sua subjetividade dá sentido ao texto que lê.

Localizo esta pesquisa dentro da área interdisciplinar do conhecimento, no qual utilizo de metodologias, fontes e bibliografias de diversas áreas da ciência para que elas em conjunto pudessem atingir de forma mais próxima os objetivos desta pesquisa que é entender a relevância da obra “Senhores do Orvalho” para a comunidade haitiana migrante, que está atualmente no Brasil. Saliento como centrais as áreas da história, sociologia, antropologia, geopolítica e literatura. Pontuo também como parte importante desta pesquisa, o objetivo de escrever e dialogar, tanto com a teoria, a literatura e os entrevistados, de forma mais livre, ensaística, literária. Desde o início desta escrita saliento o afeto que percorre ela, a sensibilidade que caminha de mão dadas com o que é científico. O universo místico, maravilhoso, não é necessariamente separado daquilo que

é palpável e científico. Como salienta Laferrière sobre o País Sonhado e o País Real, são duas faces da mesma moeda.

As descobertas: ligações temporais e afetivas da literatura

Quando nos abrimos às descobertas do mundo, universos desconhecidos vem à tona e universos conhecidos se desfazem em pó. Quando se pensa um projeto de pesquisa, ele precisa de alguma forma supor algumas possíveis respostas para que se possa, minimamente, avaliar os caminhos a seguir e se os caminhos podem levar a algum lugar. Quando passei a observar que a obra “Senhores do Orvalho” teria algum significado importante para comunidade haitiana que migrou e vive hoje no Brasil, realizei algumas suposições - nem tão equivocadas, se observo hoje -, mas que era apenas o início de um longo caminho que agora percebo, não posso dizer que termina aqui. Este é um fim e um começo.

Ao longo do ano de 2021, além das entrevistas, realizei o projeto de extensão em forma de estágio: o Clube Leia-Haiti foi uma experiência não apenas importante como pesquisadora, mas como uma pessoa com um afeto muito grande por literatura e pelo Haiti. Esses dois movimentos - entrevistas e clube - foram demonstrando aos poucos que a literatura de forma geral é um grande orgulho para uma população com um arsenal artístico e cultural gigantesco, mas ainda muito desvalorizado. A literatura é um orgulho, eles dizem, a literatura mostra para o mundo um pouco daquilo que é o Haiti, do que ele tem a oferecer para o mundo, do que ele quer mostrar para o mundo. A literatura, ousado dizer, vai dizendo em poesias, vozes e letras maiúsculas aquilo que o silenciamento quer que fique apenas em sussurros. A literatura é um meio de acesso ao orgulho de si, daquilo que se fez, daquilo que se quer fazer.

Busco durante este trabalho passar um pouco também do que eu aprendi enquanto conversava, lia e sentia. Por isso, a importância que tem, na minha perspectiva, iniciar com uma contextualização histórica para depois mostrar a forma como se formam estes leitores que falaram comigo e com quem lê. O papel da oralidade e das histórias que se contam nas noites sem energia elétrica, nos finais de semana com os mais velhos, sobre a história deles próprios. Como a entrevistada Michelene diz, a poesia, a literatura haitiana iniciam sempre pela oralidade, para apenas depois, talvez, tomarem a forma escrita. Contextualizo também a educação e o papel dela para o acesso a escrita e as

línguas: a oralidade para o crioulo e a escrita para o francês. Antes de expôr as críticas, trago a formação de cada um nestes espaços para salientar principalmente a necessidade de democratização do acesso à educação e, conseqüentemente, aos livros. O entrevistado Alexi comenta em alguns momentos que sem ter lido “*Gouverneurs de la Rosée*”, provavelmente teria aceitado as condições e as verdades que tentaram lhe impor. A democratização do acesso a educação e aos livros é a esperança de que se formem Manueis que se unam na construção de uma *Fonds-Rouge* no Haiti.

A mobilidade se mostrou um elo muito forte: ela liga a experiência de Manuel à experiência dos entrevistados, mas liga também a intelectualidade, a produção literária e a circulação de conhecimento do Caribe. Confesso que esta interpretação não foi, de forma nenhuma, prevista antes das entrevistas. Foi durante o processo de escuta e de diálogo, que a mobilidade entrou nessa pesquisa muito além das experiências destes que falaram diretamente: retornamos às experiências de grandes nomes caribenhos do século XIX e XX para perceber que a mudança parte de fora, mas parte também a partir do reconhecimento de si perante o outro.

Jacques Roumain com a obra “Senhores do Orvalho” criou Manuel. Manuel, este herói, demonstrou ser muito mais do que um personagem, como foi possível observar durante as entrevistas. Muito além disso, este personagem e esta obra, na crítica dos interlocutores, revela a identidade haitiana em suas profundezas e em sua superfície, salienta as suas belezas e as suas fraquezas, transparece uma história que sempre foi ligada a violência e a imposição, ao mesmo tempo que relembra que sempre existiu uma real resistência, uma resistência que queima, que revoluciona.

Manuel demonstrou ser uma relação com o passado, na medida em que lembra que os heróis no Haiti sempre foram pessoas simples, sem necessariamente escolaridade formal ou grandes conhecimentos em línguas estrangeiras. Ele relembra que na Revolução que, pelas palavras de Alexi, devolveu a humanidade e a liberdade ao povo negro, foram os próprios negros, pobres, com as armas que tinham, que transformaram a realidade. Manuel é um elo com o passado heróico do Haiti, mas também um personagem capaz de criar em seus leitores, uma determinada consciência crítica e noção de que todos podem transformar realidades, de que são sujeitos históricos, de que o papel de cada sujeito é relevante, apesar das tentativas incansáveis de um sistema que barra, violenta e silencia.

“Senhores do Orvalho” é o Haiti do presente. No presente, pude identificar dois significados principais da obra para os entrevistados. O primeiro deles está ligado ao enredo da obra, à realidade que Jacques Roumain descreve ser o Haiti, o cotidiano. As entrevistas revelam que, apesar do tempo que passou desde a escrita do autor, em 1944, a realidade permanece muito parecida. Isso representa para os leitores uma face brutal da sua própria realidade: um país com tanto a mostrar e oferecer para o mundo, que vive paralisado, controlado e silenciado há muito tempo. No presente, o enredo da obra é também um alerta a situação geopolítica do país que permanece muito parecido - principalmente nos pontos negativos relacionados à pobreza, seca e falta de políticas públicas - simplesmente pelo que simboliza, como diz o entrevistado Joseph, simplesmente pelo que fez, pelo sistema que enfrentou, pelas lutas que ganhou.

O segundo elemento que torna a obra tão relevante no presente é a mobilidade em que se encontram os entrevistados: Manuel migrou, aprendeu e com isso, conseguiu de alguma forma ajudar os seus, aqueles que deixou quando foi trabalhar em Cuba. Os entrevistados estão, neste momento, em mobilidade, em busca de aprender, e demonstram que têm sonhos e objetivos de alcançar um pouco daquilo que Manuel conseguiu: uma vida menos seca para os seus, para aqueles que ficaram e que possibilitaram que eles saíssem. O elemento da mobilidade no personagem de Manuel tem um significado muito potente: ele migrou, conheceu o racismo, conheceu movimentos sociais, conheceu mais do outro e mais de si, conheceu a saudade. Alexi diz que entende agora o que são esses sentimentos e sabem porque eles são tão importantes nas formações de sujeitos transformadores como Manuel e como ele.

O passado e o presente dialogam na literatura interpretada por estas oito vozes, e nelas ecoa o futuro. Jacques Roumain, com essa obra, realizou um feito extraordinário de unir tempos em um só. *Fonds-Rouge* é uma cidade fictícia, apesar de muitas pessoas relatarem que já vagaram pelas zonas rurais do Haiti, buscando encontrar o lugar que teria inspirado Roumain a criar o vilarejo. As vozes que ecoam aqui dizem que *Fonds-Rouge* é na verdade o futuro, é o Haiti que precisa ser construído, é o país sonhado, que, se bem observadas as dicas que deixou Roumain, pode ser um país real. A obra sinaliza um caminho de mudanças que parte da união, parte da necessidade de buscar vida, representada pela água, para matar a sede que mata tantos no Haiti. Existe nas interpretações dos entrevistados, um Haiti que pode ser alcançado, se os Manueis do

mundo fizerem a sua parte. Ao mesmo tempo em que os planos são para a mobilidade, de continuar conhecendo o mundo e a si, existe o sonho de trazer um retorno ao Haiti, mesmo que não estando lá fisicamente.

A obra “Senhores do Orvalho” vem na bagagem da comunidade haitiana que migra para o Brasil. Ela vem porque Jacques Roumain é um clássico, aprendido na escola, um autor que deixou muito orgulho, que saiu e voltou ao Haiti com ideias que transformaram um pouco daquele universo. Mas além da forma física, a comunidade haitiana traz na bagagem o arsenal fantástico da literatura, da poesia e da resistência. Traz o Caribe, traz a Revolução. Traz em si o ritmo do crioulo, os tambores, as divindades do vodu, o banho de balde, a sopa de abóbora. Traz em seu corpo e em sua memória a lembrança da história que não pode ser esquecida e apagada. Traz sonhos de um país melhor, de países melhores para viver. Traz, acima de tudo, um Manuel. Mas assim como o mar que cerca o Haiti, o movimento é sempre um retorno a si mesmo, e além de tudo que é trazido, há tudo aquilo que se retorna. Como reflete Manuel, “o fruto apodrece na terra e alimenta a esperança da árvore nova”, é preciso que um ciclo termine, para que outro comece. É preciso que a terra brote. É preciso que o mar balance. Um mar que leva. Um mar que traz. Um mar que cerca. Um mar que expande. Um fim e um começo.

Perguntas que são deixadas para o futuro: o fim e o começo

O fim de Manuel, sua morte, simbolizou um começo de vida: agora o vilarejo e as pessoas que amam têm a possibilidade de voltar a viver. Seu filho ou sua filha no ventre de Annaïse simbolizam também o começo de uma vida nova, do seu legado e da vida propriamente dita, desta vez com a certeza de que haverá água, de que a fonte da vida está ali provendo aquilo que se necessita.

Da mesma forma que chego ao fim desta reflexão, sei que nunca é possível esgotar ponderações como estas: sempre haverá mais a ser dito (ainda bem!). Deixo aqui considerações de uma pesquisa que andou por metodologias, áreas do conhecimento e que ouviu oito vozes (sem contar todas as outras fora das entrevistas) que proporcionaram estas reflexões que trago, com muito respeito e afeto a comunidade migrante haitiana que vive no Brasil, assim como o Haiti e sua produção literária de forma geral. Novamente vou afirmar que ler Roumain, Laferrière, Depestre, Frankétienne,

Lahens, Danticat, Marie-Célie Agnant, Évelyne Trouillot, James Noël e outros, aproximam o Haiti e o Caribe de quem lê de uma forma que não é possível acessar a partir de outros textos pois são as paisagens, os sentimentos e as línguas que contam as histórias. Estes autores e autoras me fizeram conhecer mais do Haiti, e, como pesquisadora e leitora, me fizeram também repensar a mim mesma e o meu espaço.

A partir disso, trago aqui ao final algumas reflexões sobre pesquisas que podem ser realizadas e pensadas a partir desta, tanto em fatores metodológicos quanto em temáticas. Inicialmente, acredito que a ligação entre a literatura e seus críticos leitores é um movimento não só possível, mas que pode revelar universos, contradições, identidades, sentimentos. Ouvir sujeitos que leem como sujeitos que para além disso, interpretam, sentem, criticam, observam possibilidades, assimilam a realidade, é uma forma, quem sabe, de tornar mais democrática a arte produzida na literatura, e também, quem sabe, uma forma de influenciar mais pessoas a escreverem, a poetizar. Ainda sobre metodologias, ressalto a importância da realização de projetos como o Clube de leitura Leia-Haiti, que apesar de on-line e novamente envolver acessibilidade, é uma possibilidade de debater e conhecer, compartilhar, trilhar. Conversar sobre literatura, além de ler a literatura, não podem ser vistos como pertencentes a determinados grupos privilegiados: o espaço da literatura necessita ser cada vez mais pluralizado, acessível e democrático, tanto a leitura, quanto a escrita e o poder de falar sobre elas.

Acredito que diferentes percepções sobre a literatura e relação com ela teriam sido assinalados se tivessem sido realizadas entrevistas com grupos com características diferentes. Esta é uma das possibilidades e dos questionamentos que continuam e que não foram respondidas aqui: qual é o contato da comunidade haitiana que vive no Brasil fora do universo acadêmico com a literatura? Quais seriam as perspectivas sobre o enredo de "Senhores do Orvalho" para trabalhadores de indústrias no Brasil? Teria algum significado a mobilidade e o sindicalismo de Manuel? Eles e elas se considerariam Manueis? Para além deste, outros grupos podem relacionar-se de forma diferente com esta e outras literaturas e são caminhos de pesquisas possíveis.

Outro começo possível que fica nessas considerações finais, é pensar sobre a produção literária da comunidade haitiana que vive no Brasil. Com as entrevistas foi

possível perceber que muitos destes imigrantes realizam alguma forma de produção literária escrita - e quem sabe, oral? -, apesar de muitos não compartilharem seus textos. Já existe uma considerável produção da comunidade haitiana no Brasil, como os exemplos das poesias que citei no item 3.2. Uma possibilidade muito interessante de pesquisa futura seria localizar essas produções, observar seus temas, conversar com seus autores e refletir sobre essa produção diaspórica que está acontecendo atualmente em território brasileiro. A escrita, como ressaltam os teóricos que trabalhei aqui, provavelmente carregam raízes caribenhas ao mesmo tempo em que se desenvolvem no trajeto, nos nossos espaços, no Brasil.

Outro questionamento possível seria pensar em outras obras literárias e como seria, nesse contato com o leitor, as suas interpretações. Ressalto que, para estas entrevistas, não foi um pré-requisito que os entrevistados tivessem lido a obra e, no entanto, a maioria havia lido e todos conheciam a obra e alguma informação sobre o autor. Com outra obra literária, teriam sido estes também os índices? Como seria com autores contemporâneos, autores em diáspora como Laferrière e Danticat, e autores que permaneceram no território, como Frankétienne e Lahens?

“Senhores do Orvalho” não se encerra, como Jacques Roumain pontua. Seria muita pretensão colocar neste trabalho a intenção de semente, de que ele tenha, efetivamente, alguma relevância para a comunidade haitiana no Brasil no movimento de valorização da sua produção literária e intelectual, na produção de vozes contra o silenciamento, no apoio aos movimento de aproximar o Brasil e o Haiti. No entanto, Roumain também ensina que são movimentos realizados por pessoas simples, de forma sincera, que podem gerar transformações. Como Alexi pontua, Manuel, apesar de ser haitiano, não pode ser um exemplo só para eles. O mundo precisa de Manueis, precisa de semestres que cresçam e que brotem vida. O mundo precisa de água, de esperança e de união. Cada sujeito tem um papel na história, história que precisa ser gritada, por ser pouco ouvida. Manuel está em todos os lugares e *Fonds-Rouge* é, quem sabe, um projeto mais amplo, um projeto sonhado, de um mundo real.

Gostaria de, por fim, trazer neste texto algo que para mim, como pesquisadora, é não somente gratificante, mas é o alimento, é a água, é o que dá a vida a pesquisa e

que é possível graças a História Oral. Trago aqui trechos de entrevistas, as palavras dos e das entrevistadas, que, mesmo sem serem questionados/as sobre isso, comentam sobre seus sentimentos durante a entrevista, sobre falar e sobre ser ouvidos/as, sobre compartilhar sobre aquilo que é tão significativo para eles e para elas. Falo sobre afeto, falo sobre sentimento e sobre emoção. Como pesquisadora, preocupada com como uma pesquisa vai afetar aqueles/as que dela participam, acho necessário compartilhar estes trechos que, durante um momento tão difícil ao qual todos passavam (pela pandemia do COVID), deram uma esperança, um respiro, um sopro, um sorriso de canto, tanto para eles e elas quando para mim.

Em contato - e em afeto - com a comunidade haitiana no Brasil eu decidi que pesquisaria, desta vez, algo que dá orgulho, algo que gere sorrisos, que traga memórias e emoções, que pudesse transparecer um pouco da sensibilidade e beleza destes amigos e amigas que hoje vivem no Brasil. Considero, profundamente, que estas passagens simbolizam que este trabalho alcançou seus objetivos, abriu caminhos, expandiu mares, brotou sementes. Mais uma vez e para encerrar, as palavras e vozes delas e deles:

Micheline, 2021: “Eu que agradeço por me dar essa oportunidade de falar sobre esse livro que me marcou bastante e ainda eu tenho interesse de ler a versão em português, tá? Porque é muito interessante mesmo falar da nossa realidade e nos convida a olhar de um outro jeito nossa história, nossa realidade. E saber mesmo o caminho que a gente tem que ir, tem que pegar. Então eu quero te dar todos os meus parabéns por ter escolhido essa obra pra fazer o seu trabalho, é muito interessante, eu sinto que sim, a abertura está crescendo mais, têm outras pessoas que tem interesse na nossa história, na nossa literatura, e eu espero que continue a ser assim, porque são essas ações que vão poder complementar ou que vão conseguir dar e mostrar a verdade, a beleza da nossa história, da nossa cultura ao mundo todo, são essas ações que você está fazendo, que eu estou fazendo e que os outros estão fazendo, e juntos a gente vai poder conseguir. Então, é isso.”

Ionel, 2021: “Eu acho fundamental, porque a literatura, tudo que vem escrito fica gravado né, fica registrado num arquivo, numa biblioteca, é bom para quem faz pesquisa, mas tem

um certo momento também que é bom matar a saudade. Enquanto você estava falando lá eu tava me lembrando inconscientemente da minha trajetória no Haiti, quantas coisas boas que vivi naquele momento, são coisas que você vai lembrar. Você despertou uma coisa em mim.”

Jorge, 2021: “Foi muito bom pra mim porque como eu falei eu participei de várias pesquisas e é sempre bom participar, saber que tem pessoas interessadas em compreender, em trabalhar sobre o Haiti, pra mim é muito importante. Quando uma pessoa solicita a minha ajuda eu vou sempre falar que tô disponível porque eu aprendi bastante coisa também durante a nossa conversa e é muito importante. “

Sarah, 2021: “As pessoas acham que somos de um país africano, mesmo dizendo literalmente “não, sou do Haiti”, a pessoa acha que é um país africano. Então a pessoa não sabe se que a gente é do Caribe ou da América Latina, sabe? Eu acho que tem muita coisa a ser feita, tá? A ser pesquisadas sobre o Haiti, sobre o próprio Caribe e como agora tem essa migração de haitianos aqui no Brasil né, muitos deles estão estudando, estão pesquisando. Então acho que isso é pra mudar, eu espero assim, pro pessoal produzir mais coisas sobre seu próprio país e dar visibilidade a isso. E outras pessoas, né, como você, de outras nacionalidades e tal, se interessar, e pesquisar mais sobre e dar visibilidade.”

Alfred, 2021: “O que eu posso dizer é muito obrigada por me chamar pra compartilhar tudo que eu adquiri nesse período de amadurecimento, de crescimento contigo. Porque estou aprendendo e ainda estou aprendendo mais. Hoje tu me fez pensar em certas situações, em certas questões que não tinha pensado então isso é muito importante, e agradeço por isso.”

Joseph, 2021: “Então o que eu queria mencionar é esse aspecto lindo, esse aspecto interessante de ver pessoas de outros países pesquisando sobre autores haitianos, pesquisando... na verdade muitas pesquisadores, muitos pesquisadores já vem fazendo isso, mas é sempre bom que haja continuidade, e não só pesquisar, mas é interessante que tenha uma identificação com o tema de estudo.”

Marie, 2021: “Posso dizer que eu gostei bastante da conversa, né, quando eu to falando com você isso mexe bastante comigo, faz eu sentir uma emoção, sobretudo que estamos vivendo uma realidade péssima lá, mas esse assunto me faz, tipo, me faz... sei lá, eu me sinto... Eu tenho muito a ver com a situação lá do meu país, isso tá me deixando muito frustrada, mas infelizmente eu tenho que aceitar, eu tenho que contribuir pra mudança das coisas, né, porque as coisas não podem ficar assim, as coisas estão ruins lá faz tempo, né, e temos que... eu tenho que fazer uma coisa, eu tenho que colocar a mão na massa pra fazer alguma coisa. Eu gostei bastante da sua conversa comigo, né. Também me lembrando da minha pessoa, de quem eu sou, da minha cultura, né, aí eu espero que as minhas respostas estão satisfatórias, que você tire bastante coisa que poderia ser útil na sua pesquisa. Eu espero ter contribuído bastante na sua pesquisa.”

Alexi, 2021: “E eu, cada, detalhe, sabe, cada partezinha, eu tenho tanto prazer em falar sobre isso. E eu nunca pensei, obrigada viu, porque eu nunca pensei que no Brasil, em 2021, eu ia encontrar alguém que ia querer ouvir sobre “Gouverneurs de la Rosée”, sabe? Mais que especial, sabe? [...] Só quero te agradecer né, por essa oportunidade, de ter uma pessoa no Brasil que eu consiga falar sobre o Jacques Roumain. Que é uma raridade sabe, e eu vou te desejar boa sorte na tua caminhada, sei que não deve ser tão fácil, mas continua fazendo isso. Eu te agradeço também por eu ser haitiano, por você ter escolhido conhecer o Haiti. Eu acho que através de você muitos brasileiros vão ter a oportunidade de ler.”

REFERÊNCIAS

- ABREU, Tathiana Gonzaga de Lacerda; FERREIRA, Alice Maria de Araújo. Para uma crítica e tradução que considerem as poéticas do devir: traduzindo contos de Edwidge Danticat. In: **ENCONTRO DE CRÍTICA E TRADUÇÃO DO EXÍLIO**. 2016, Goiânia-GO. Comunicações. p. 1-10.
- ALBERTI, Verena. **Fontes orais**: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2004. 236 p.
- ALBERTI, Verena. Análise de entrevistas: reflexões em torno de um exemplo. In: II CONGRESSO PAN-AMAZÔNICO e VIII ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA ORAL, 2013, Rio Branco. Conferência de encerramento. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2013.p. 1-13.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMARAL, Henrique Provinzano (org.). **Estilhaços**: antologia de poesia haitiana contemporânea. São Paulo: Selo Demônio Negro, 2020. 78 p.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. Tradução de Denise Bottman.
- ANTOINE, Dominique; AMARAL, Wagner R.. Política social e acesso ao ensino fundamental no Haiti em debate. **Contextos Educacionais: Formação, Linguagens e Desafios**: XVIII SEDU - I Congresso internacional de educação, Londrina, p.1-16, dez. 2019. Disponível em: <https://bityli.com/WtxFr>. Acesso em: 06 ago. 2021.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010. 370 p. Tradução de Paloma Vidal.
- BARROS, Pedro Gomes de Souza. Paz, questões raciais e a construção de fronteira: outras perspectivas sobre a MINUSTAH. **Conjuntura Global**, Curitiba, v. 6, n. 2, p.267-288, ago. 2017.
- BBC NEWS (Brasil). **PIB do Brasil cresce 7,5% em 2010 e tem maior alta em 24 anos**. 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/03/110303_pib_2010_rp. Acesso em: 05 fev. 2022.
- BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. **Resolução normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012**. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. Brasília: 2012. Disponível em: <https://www legisweb.com.br/legislacao/?id=116083#:~:text=1%C2%BA%20Ao%20nacional%20do%20Haiti,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico>. Acesso em: 09/01/2022.

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2009. Traduzido por: Michèle Guillermont.

CARMO, Rodrigo Reis do. **Romances do Povo**: A política cultural do PCB e a negação da esfera pública popular. 2007. 89 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CARPENTIER, Alejo. **El reino de este mundo**. México: Compañía General de Ediciones, S.A., 1973. 52 p. Digitalizado por Chimango. Disponível em: <https://pt.br1lib.org/dl/979256/2e4a74>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Anísio Garcez (trad.). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010, 1ª reimpressão.

CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIANT, Raphaël. Elogio da Crioulidade. In: BEIRA, Dyhorrani da Silva. **L'éloge de la créolité**: para uma tradução crioula. 2017. 189 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Letras Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. p. 101-156.

DALEMBERT, Louis-Philippe. **O Lápis do bom Deus não tem borracha**. 1ª ed. Campo Grande, MS. Letra Livre Editora, 2010.

DANTICAT, Edwidge. Filhos do Mar. In: SOARES, Daniel Aldo. **Crítica e tradução, do discurso ao interdiscurso**: a tradução do conto "Children of The Sea" de Edwidge Danticat. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras: Literatura e Crítica Literária, Tradução e Crítica Textual, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <http://localhost:8080/tede/handle/tede/3284>. Acesso em: 26 jan. 2022.

DANTICAT, Edwidge. **Clara da luz do mar**. São Paulo: Todavia, 2021. 221 p. Tradução de Ana Ban.

DANTICAT, Edwidge. Marie Micheline: uma vida no Haiti. In: DEUS, Zélia Amador de (org.). **Uma outra história**: textos contemporâneos. Porto Alegre: Tag - Experiências Literárias, 2021. p. 55-84.

DIAS, Waldson de Almeida. **Migração, oralidade e literatura na experiência com estudantes do Haiti na tríplice-fronteira**. 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Latino-Americanos, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

DUARTE, Pedro. O ensaio como narrativa. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 188-199, 19 jan. 2016. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação - UFF. Disponível em: <http://revistaviso.com.br/article/213>. Acesso em: 26 jan. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008. 194 p.

FAZENDA, Ivani C. A. Revisão histórico-crítica dos estudos sobre interdisciplinaridade. In FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 18. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p. 13-35.

FAZENDA, Ivani (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. 202 p.

FIGUEIREDO, Eurídice. O Haiti: história, literatura, cultura. **Revista Brasileira do Caribe**, Goiânia, v. 7, n. 12, p. 371-395, jan-jun 2006. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/7567/4640>. Acesso em: 26 jan. 2022.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Uffj, 2005. 176 p. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha.

GLISSANT, Édouard. Pays Rêvé, Pays Reel. **Présence Africaine**, N/C, n. 136, 4e TRIMESTRE, p. 170-172, jan. 1985a. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i24348004?refreqid=excelsior%3Afed77137eaa9eeb93d0a7949cd44f6d7>. Acesso em: 05 mar. 2021.

GLISSANT, Édouard. **Pays Rêvé, Pays Réel: suivi de Fastes et de Les Grands Chaos**. França: Éditions Gallimard, 1985b. 205 p. Collection Poésie. Edição impressa em 2011.

GORENDER, Jacob. O épico e o trágico na história do Haiti. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 295-302, abr. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9988>. Acesso em: 01 jun. 2021.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2013. Organização de: Liv Sovik. Tradução de: Adelaide La Guardia Resende.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora**. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 2015a. 430 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

HANDERSON, Joseph. Diásporas negras no contexto pós-colonial: dialogando com intelectuais haitianos. **Educere Et Educare: Revista de Educação**, Cascavel Pr, v. 10, n. 20, p.5377-548, dez. 2015b. Semestral. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/12595/9009>. Acesso em: 20 set. 2019.

HANDERSON, Joseph. Haiti: uma história de lutas silenciadas que podem ser ainda sufocadas na pandemia. [Entrevista concedida a] João Vitor Santos. Instituto Humanitas, Unisinos. Maio, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/599187-haiti-uma-historia-de-lutas-silen>

[ciadas-que-podem-ser-ainda-sufocadas-na-pandemia-entrevista-especial-com-handerson-joseph](#). Acesso em: 15/07/2021

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti- Candomblé no Brasil**: Identidades culturais e sistemas religiosos como concepção de mundo afro-latino-americano. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

HILAIRE, Johny; JUSTE, Wesner Saint. **JepyePyeje - Fulano Fulano**. Campinas: SAE/Unicamp, 2014. 103 p.

JABLONKA, Ivan. **La historia es una literatura contemporánea**: manifiesto por las ciencias sociales. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016. Tradução de Horacio Pons.

JAMES, C. L. R.. **Os jacobinos negros**: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010. 396 p. Tradução Afonso Teixeira Filho.

JEAN, Dieumettre. A figuração do sociopolítico-cultural em Donos do Orvalho, de Jacques Roumain. In: SANTOS, Amanda Basilio; MACHADO, Juliana Porto; COLVERO, Ronaldo Bernardino (Org.). **Interdisciplinaridade nas Ciências Humanas**: Caminhos da Pesquisa Contemporânea. Jaguarão: Claec, 2017. p. 601-616.

JEAN, Dieumettre. **Donos do Orvalho de Jacques Roumain**: Um projeto social para o Haiti Pós-terremoto. 2015. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Português, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, 2015.

JOINT, Louis Auguste. Sistema educacional e desigualdades sociais no Haiti: o caso das escolas católicas. **Pro-Posições**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 181-191, ago. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73072008000200013>.

JOSEPH, Rose-Myrlië; HANDERSON, Joseph. As Relações de Gênero, de Classe e de Raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre As Américas**, Brasília - DF, v. 9, n. 2, p.1-33, 11 dez. 2015. Anual.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. Tradução de Jess Oliveira.

LAFERRIÈRE, Dany. **País sem chapéu**. São Paulo: 34, 2011. 240 p. Tradução e posfácio de Heloisa Moreira.

LAHENS, Yanick. **Falhas**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 123 p. Tradução de: Sérgio Duarte.

MABANCKOU, Alain. Elogios das fronteiras. In: DEUS, Zélia Amador de (org.). **Uma outra história**: textos contemporâneos. Porto Alegre: Tag - Experiências Literárias, 2021. p. 121-136.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. **A imigração haitiana em Santa Catarina**: perfil

sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti. 2017. 355 f. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. O Haiti é Aqui: Análise das informações preliminares sobre os imigrantes haitianos em Santa Catarina - Brasil. In: **VI Congresso da Associação Latino-Americana de população**, 6., 2014, Lima- Peru. Lima – Peru, 2014. 28 p.

MARQUES, Pâmela Marconatto. Outras Estórias Haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos. **Rebela: Revista brasileira de estudos latino-americanos**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.99-112, jun. 2012. Disponível em: <<https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/download/85/156>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

MATIJASCIC, Vanessa Braga. Haiti: Uma história de instabilidade política. Anais do **XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**, Franca, p.1-16, set. 2010. Anual. Disponível em: http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CDXXEncontro/PDF/Autores_e_Artigos/VanessaBragaMatijascic.pdf. Acesso em: 22/03/2018.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi (org.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 33-44.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-130. Disponível em: encurtador.com.br/ituAM Acesso em: 12 set. 2019.

RAMÍREZ, Clinton; NORIEGA, Iveth. Negritud, cumbite y socialismo en Gobernadores del rocío, de Jacques Roumain. **Cuadernos de Literatura**, [S.L.], n. 25, p. 75-92, 5 jan. 2017. Universidad Del Atlantico. <http://dx.doi.org/10.15648/cl.25.2017.5>.

RIBEIRO, Djamila. As descobertas da escrita. In: DEUS, Zélia Amador de (org.). **Uma outra história: textos contemporâneos**. Porto Alegre: Tag - Experiências Literárias, 2021. p. 43-54.

RIVARA, Lautaro. **Haiti está a beira da consolidação de um golpe de Estado**. 2021. Traduzido por Luiza Mançano e Vivian Fernandes. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/02/06/artigo-haiti-esta-a-beira-da-consolidacao-de-um-golpe-de-estado>. Acesso em: 01 mar. 2022.

ROCHA, Vanessa Massoni da. "É necessário sair da ilha para ver a ilha": deslocamentos simbólicos na literatura (pós)colonial caribenha. In: NOGUEIRA, Luciana Persice (org.). **Literaturas Francófonas I: o século xx em debate**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2017. p. 217-233.

ROCHA, Vanessa Massoni da. "O Haiti (não) é aqui"?: silêncios, regateios e estilhaços

nos diálogos Haiti-Brasil. **Terra Roxa e outras terras**: Revista de Estudos Literários, Londrina, v. 39, p. 81-92, dez. 2020. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/40846>. Acesso em: 24 jan. 2022.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, Crioulo e Vodun**: a relação entre língua e religião no Haiti. 2008. 268 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Neolatinas, Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ROJO, Antonio Benítez. **La isla que se repite**: el Caribe y la perspectiva posmoderna. Hanover: Ediciones del Norte, 1989.

ROUMAIN, Jacques. **Donos do Orvalho**. Rio de Janeiro: Vitória Ltda, 1954. 226 p. Coletânea Romances do Povo.

ROUMAIN, Jacques. **Gobernadores del rocío y otros textos**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004.

ROUMAIN, Jacques. **Senhores do Orvalho**. São Paulo: Carambaia, 2020. 239 p. Tradução de Monica Stahel; Posfácio de Eurídice Figueiredo.

SALGADO, Mara; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. A análise dos dados da História Oral: fundamentos para uma psicologia crítica. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 304-319, abr. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/10469/8323>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SARAMAGO, José. **O conto da Ilha desconhecida**. Alfragide: Editorial Caminho, 1980.

SANTANA, Márcio Antônio de. **Literatura e construção da comunidade imaginada haitiana**: uma leitura de Jacques Stephen Alexis e Jacques Roumain (1915-1971). 2003. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, 299 p.

SCHIAVINI, Karina. **Mawonaj Fanm**: mulheres haitianas estudantes da unila. 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de PPG Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos, Estudos Latino-Americanos, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/3652>. Acesso em: 01 fev. 2022.

SILVA, Mateus Lôbo de Aquino Moura e. Casa-Grande & senzala e o mito da democracia racial. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 39., 2015, Caxambu Mg. **Anais**. Caxambu MG, 2015. p. 1-24. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt28/9704-casa-grande-e-senzala-e-o-mito-da-democracia-racial/file>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ST VIL, Christopher Rive. O sufocante lugar de fala de quem não tem voz. In: **Parem as máquinas!** Poesia - outros textos. Olga Yamashiro; Ovídio Poli Junior (org). Paraty: Selo Off Flip, p. 204, 2020.

STAUDT, Taíse. O romance político haitiano que perpassa décadas: uma resenha de "Senhores do Orvalho" de Jacques Roumain. **Em Tempo de Histórias**, [S.L.], v. 1, n. 38, p. 334-338, 25 jun. 2021. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/36522>. Acesso em: 11 ago. 2021.

STAUDT, Taíse. **Sou diáspora**: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil. Chapecó: Ed. do Autor, 2020. 147 p.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Curitiba: huya, 2016. Tradução de. Sebastião Nascimento.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a Odisseia**: histórias. São Paulo: Todavia, 2021b. 160 p.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Ler, escrever, voltar para casa. In: DEUS, Zélia Amador de (org.). **Uma outra história**: textos contemporâneos. Porto Alegre: Tag - Experiências Literárias, 2021a. p. 21-42.

WALTER, Roland. Literatura e Teoria da Diáspora Negra das Américas: entre tempos e lugares em busca de lares. **Literafro**, Belo Horizonte, p. 1-14, 02 jun. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/rolandwalterartigo/literaturaeteoriadadisporanegradasamricas.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO BASE DE PERGUNTAS²⁵

A) Aproximação - vida pessoal

1. Me fale um pouco sobre você, se apresente.
2. Me fale um pouco sobre seus estudos no Haiti:
 - 2.1 Estudou em escola pública ou privada quando criança?
3. Como era a região que você morava:
 - 3.1 Urbana, rural?
4. Como foi a decisão de sair do Haiti?
5. Qual a importância, para você, de ter tido a possibilidade de migrar? Era algo que você planejava?
6. Há quanto tempo você está no Brasil?
7. Onde você mora atualmente?
8. Morou em outras cidades ou países antes?
9. Você gosta de morar na sua cidade atual? Como está sendo a experiência pra você?

B) Formação e Brasil

1. Você teve alguma formação acadêmica antes de vir ao Brasil?

Se a resposta anterior for sim:

- 1.1 Qual foi a formação? Em que área?
- 1.2 Foi concluída?
- 1.3 O certificado/diploma colaborou com a sua vida no Brasil?

Se a resposta à pergunta anterior for não:

- 1.4 Como se sente em relação a isso?
- 1.5 Você acredita que ter vindo para o Brasil com um diploma de Nível Superior poderia ter facilitado sua jornada por trabalho?

2. Você estuda/estudou atualmente no Brasil?

²⁵O roteiro é uma estrutura essencial para as metodologias que envolvem realização de entrevistas, no entanto, ele deve ser para a História Oral apenas uma linha condutora e não necessariamente seguido à risca. Desta forma, apesar deste roteiro base, as entrevistas levaram a caminhos distintos de acordo com as temáticas que foram sendo abordadas e priorizadas pelos/as entrevistados/as.

Se a resposta for sim:

- 2.1. Em que universidade e curso?
- 2.2. Como foi o processo de entrada na universidade? Fácil, concorrido, difícil?
- 2.3. Você acha que faltam pesquisas relacionadas a literaturas caribenhas? E sobre literaturas caribenhas francófonas? E sobre literaturas haitianas?
- 2.4. Quais debates voltados ao Haiti e o Caribe mais acontecem na universidade?
- 2.5. Quais temas voltados ao Haiti e ao Caribe você acredita que deveriam ser mais debatidos dentro da Universidade?

Quando estudante da Unila:

1. Como se sente estudando na UNILA?
2. Você participa de grupos de estudos na UNILA? algum deles é voltado para literatura?

Trabalho:

3. Você **trabalhou** no Haiti? Se sim, em que ramo?
4. Você trabalhou ou trabalha atualmente no Brasil? Se sim, em que área?
5. Como foi a busca por emprego no Brasil (se houver)?
6. A sua formação anterior/emprego anterior (se tiver) colaborou na sua busca de empregos no Brasil?
7. A sua formação anterior (se tiver) foi na área que você trabalha ou trabalhou no Brasil?
8. Você conhece algum haitiano ou haitiana que não teve algum diploma reconhecido no Brasil?
9. Você conhece haitianos e haitianas que mesmo com formação acadêmica, tem dificuldades de encontrar empregos na sua área de formação no Brasil?

c) *Infância e Adolescência, escola e ligações com a leitura*

1. Você lia quando era criança? Lia apenas na escola ou em casa também?
2. Que lembranças você tem sobre o que você lia? (Nomes de livros e autores)
3. Em que línguas você lia quando criança?
4. Como costumava ser esse momento para você? (Prazeroso? Obrigação?)
5. Como era a relação da escola com a leitura?

6. Você costumava ler na adolescência? Do que você lembra?
7. Você teve autores favoritos? Mudou o estilo dos livros que lia?
8. Você se identificava com o que lia?

d) Leitura - Haiti

1. Você costumava frequentar bibliotecas no Haiti?
2. Como você tinha acesso aos livros?
3. Você lia que autores Haitianos? (fora dos ambientes escolares)
4. Que autores estrangeiros?
5. Em qual língua você costumava ler?
6. Costumava ler literaturas em Crioulo?
7. Quando você pensa em Literatura haitiana, o que lhe vem a mente?
8. Que literatas haitianos e haitianas você conhece?
9. Quais obras literárias haitianas são mais conhecidas no Haiti?
10. Você teve acesso a outras formas de literatura no Haiti? Como declamações de poesias, histórias contadas de maneira oral...?

e) Leitura e Brasil:

1. Como você descreveria seus hábitos de leitura no Brasil?
2. Você tem acesso a materiais de leitura/literaturas haitianas?
3. Como você vê a relação dos brasileiros com a leitura e literatura? E dos haitianos que vivem no Brasil?
4. Você trouxe algum livro? Se sim, qual e porquê?
5. Qual a importância da literatura haitiana para você como imigrante no Brasil?

f) Roumain

1. Você conhece o escritor Jacques Roumain?
2. Já leu alguma obra do escritor?
3. Já leu a obra *Gouverneurs de la Rosée* (traduzida como Os Donos do Orvalho)?

Se a resposta à pergunta anterior for não:

- 3.1 Já ouviu falar na obra em algum lugar? Sabe o que as pessoas acham dela?

Se a resposta for sim:

- 3.2 Quando você leu a obra? Foi por indicação, escola, amigos?
- 3.3 Você gostou da obra?
- 3.4 O que você lembra que mais gostou nela?
- 3.5 Teve algo que não gostou?
- 3.6 Você acha que ela tem alguma aproximação com a realidade do Haiti da época em que foi escrita (1944)?
- 3.7 Ela teve algum simbolismo pra você?
- 3.8 Você considera a obra famosa no Haiti?
- 3.9 Você acredita que ela tenha alguma aproximação com o Haiti atual?

g) Identidade

1. Quais são as coisas que você mais se orgulha do seu país?
2. Quais as características da população e cultura haitiana (de forma geral) que você acha mais interessantes?
3. O que você acha que representa a identidade nacional do Haiti?
4. Você acha que tem alguma literatura haitiana que pode ser considerada um símbolo de identidade nacional?
5. Quem são os intelectuais, estudiosos que você acredita que representem o Haiti?
6. Você acha que a literatura haitiana é reconhecida como deveria fora do Haiti? É motivo de orgulho?
7. Como você vê os escritores haitianos que vivem fora do Haiti, em mobilidade? Eles continuam representando a identidade do seu país?

APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO APLICADO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este termo visa preservar os direitos dos entrevistados e a ética na pesquisa.

Taíse Staudt, mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, localizada na cidade de Foz do Iguaçu -PR, está desenvolvendo a pesquisa de dissertação no âmbito da literatura na mobilidade a partir de uma obra literária denominada “Senhores do Orvalho” de Jacques Roumain. Direcionada a pensar aspectos culturais e identitários haitianos, a pesquisa objetiva entrevistar a comunidade haitiana presente no Brasil de forma a relacionar os aspectos ligados à literatura durante o processo de diáspora e mobilidade, neste caso, ao Brasil. Orientada pela Professora Doutora Lívia Santos de Souza, as entrevistas serão realizadas pela mestranda Taíse em ambiente virtual (em decorrência da pandemia do COVID-19) por plataformas a serem definidas pelos participantes. As entrevistas serão gravadas com a intenção de utilização das gravações na transcrição das entrevistas para uso posterior na pesquisa.

Eu sou convidado (a) a participar deste estudo. Eu sei que a participação neste estudo é absolutamente voluntária. Eu tenho o direito de recusar-me a participar ou desistir em qualquer ponto deste estudo.

Por intermédio deste termo eu autorizo o uso da minha entrevista e declaro que me foram garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa.

Declaro estar ciente das informações constantes neste 'Termo de Consentimento Livre e Esclarecido', e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com a realizadora da pesquisa, Taíse Staudt.

_____, ____ de _____ de 2021.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____